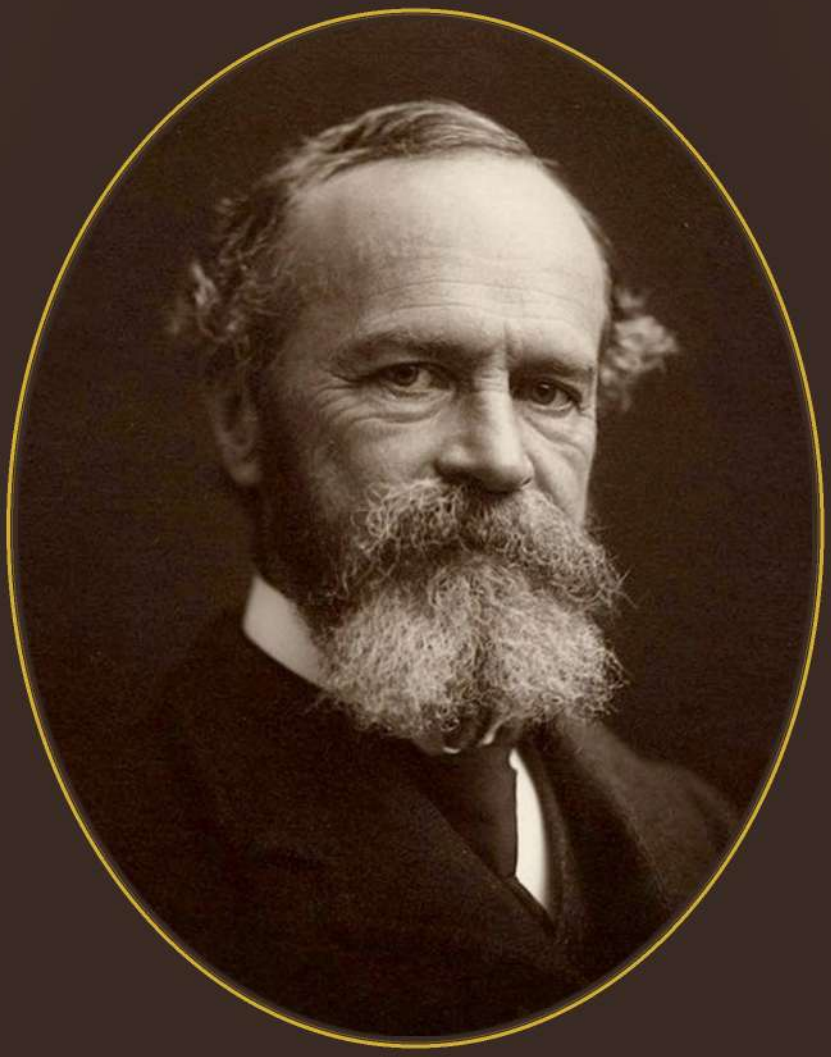

DIÁRIO PÓS-MORTE DE UM FILÓSOFO AMERICANO

JANE ROBERTS

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

DIÁRIO PÓS-MORTE DE UM FILÓSOFO AMERICANO

WILLIAM JAMES

INTRODUÇÃO

1

PESSOAS DA PORTA DA FRENTE, PESSOAS DA PORTA DAS TRASEIRAS E VISÕES DO MUNDO

Encontro-me com mais um manuscrito pouco convencional, deixado à porta das traseiras da minha mente. As páginas foram caindo na minha consciência, uma a uma, como se deixadas por algum ardina invisível, dia após dia; os capítulos mais recentes numa linha contínua de comunicações que parecem vir de terras estranhas.

Sem pintar esta analogia em cores demasiado vivas, gostaria de salientar a minha sensação de que a mente consciente é como uma casa de consciência, com uma elegante porta da frente pela qual recebemos as visitas e as mensagens habituais. («Olá. Como está? Diga o seu nome e ao que vem.») Esta entrada principal está varrida e bem tratada; ao seu umbral chegam todas as revistas e jornais oficiais. Os arbustos das nossas crenças estão aparados e podados, e o carteiro habitual, assobiando alegremente, deixa o correio nas horas próprias, previstas. Janelas com cortinas arrumadas dão para as ruas bem organizadas do mundo, e dizem-nos que todas as mensagens têm de chegar até nós por essa porta da frente; a única entrada — ou saída.

Mas, não importa o que nos digam todos os funcionários e autoridades, parecemos lembrar-nos de uma porta secreta nas traseiras desde os tempos da infância; uma entrada «mágica» que descobrimos quando ficávamos sozinhos, talvez em tardes de chuva — uma porta que se abria para outros mundos. Vagamente poderemos recordar tê-la encontrado e aberto em inúmeras ocasiões quase esquecidas. Podemos ter pressentido mensageiros a ir e vir; uma ou duas vezes podemos até ter encontrado embrulhos ou papéis estranhos no degrau da porta das traseiras, molhados da chuva como se estivessem ali à nossa espera há muito tempo. Mas, da vez seguinte que

olhamos, a porta é invisível. A parede da consciência é lisa, e vemos apenas as paredes caiadas que nos ensinaram a esperar.

Alguns de nós são teimosos e curiosos demais para ignorar esses acontecimentos não oficiais e, portanto, falando simbolicamente pelo menos, embora mantenha a minha porta da frente bem tratada, aprendi a vigiar a porta das traseiras da minha mente. De vez em quando fico no alpendre de trás da mente e, por vezes, dou alguns passos hesitantes por veredas oficiosas que levam a territórios psicológicos inexplorados que bem podem correlacionar-se com outras realidades além daquela que conhecemos.

O *Diário Pós-Morte de um Filósofo Americano* foi, então, automaticamente entregue nesse umbral mental das traseiras; os capítulos aparecendo dia após dia, enquanto eu tratava da minha vida, o inverno dava lugar à primavera, e as revistas e jornais habituais trazidos pelo carteiro me mantinham a par do mundo oficial.

Essas publicações lêem-se com facilidade. São escritas para as pessoas da porta da frente. Mas todos nós somos tanto pessoas da porta da frente como pessoas da porta das traseiras, quer o saibamos quer não. O problema é que sabemos ler as notícias importantes que nos chegam através do mundo exterior, mas muitas vezes simplesmente não sabemos o que fazer com as mensagens igualmente válidas que chegam pela via oficiosa de trás.

Para começar, as mensagens deixadas pela inspiração ou pelas intuições são altamente pessoais, íntimas; deixadas no nosso degrau de trás e em mais nenhum, e têm de ser lidas pela parte da mente particularmente talhada para a sua tradução. Podem tratar de símbolos, por exemplo, em vez das letras claras a que estamos habituados. Por vezes as suas mensagens podem até parecer contradizer as notícias que entram pela porta da frente e, não só não podemos confirmar os dados com os vizinhos, como temos de reestruturar o nosso próprio pensamento antes de conseguirmos aceitá-los nós mesmos.

Assim, ao princípio, também não soube como interpretar este manuscrito. Devia ser tomado à letra ou simbolicamente? Procurei juntar o meu conhecimento da realidade tal como me chega através de fontes oficiais e oficiosas de informação, e usar todas as minhas capacidades intelectuais e intuitivas para encontrar a resposta.

A nossa consciência habitual está sintonizada com os visitantes da porta da frente e, quando os nossos sentidos físicos são estimulados, toca a campainha da porta da frente e respondemos a quem ou ao que queira a nossa atenção. Normalmente estamos tão ocupados a responder a essas mensagens que, se toca a campainha de trás, não damos por isso. Aprendi a sintonizar a minha consciência para a parte de trás da casa mental e a manter sempre uma parcela da atenção focada nessa direção.

Por assim dizer, tenho o meu próprio mensageiro vindouro desses reinos psicológicos desconhecidos.

Como muitas pessoas, o meu marido, o Rob, e eu temos um pequeno quintal nas traseiras da nossa casa; mas, para além dele, há colinas e florestas. Na minha analogia, estas representam as zonas oficiosas da psique, cujos taludes naturais incultos descem por onde correm ventos de outros céus psicológicos e mensagens aos tropeções, como pequenas pedras exóticas malhadas.

A minha personalidade em transe, Seth, entra na minha consciência a partir dessas outras paisagens interiores. Duas vezes por semana ele entra pela porta de trás da minha mente e toma um lugar de honra na nossa sala de estar. Eu entro em transe e ele começa a falar, enquanto o Rob toma notas. O Seth escreve os seus próprios livros desta forma, explicando os domínios mais amplos da consciência que existem fora das nossas acolhedoras aldeias da mente.

Foi a meio de uma dessas sessões (a 717.ª, de 4 de novembro de 1974) que me «familiarizei» pela primeira vez com William James, o conhecido psicólogo e filósofo americano que morreu em 1910. Foi isto que aconteceu: mentalmente, vi um pequeno livro de bolso, aberto a meio, e soube que tinha o título As Variedades de Estados Religiosos. Primeiro o livro era em miniatura, mas cresceu, de modo que eu o pude ler com nitidez, frase a frase. Ao mesmo tempo, soube que, de algum modo, o livro fora escrito por William James.

Já estava familiarizada com o nome de James, pois alguns anos antes eu tinha folheado parcialmente as suas Variedades da Experiência Religiosa — um livro de que o Rob gostou bastante, embora eu, em particular, não. A reputação de James como psicólogo também surgia de vez em quando nas

nossas leituras. Expliquei ao Rob o que se passava. Depois, enquanto ele tomava notas, li em voz alta as páginas que via.

Ambos aceitámos como certo que a imagem do livro no olho da minha mente era simbólica, mas a mensagem que li era bastante literal — e literária. Achei James pessoalmente mais simpático a partir dessas passagens do que a partir do seu verdadeiro livro que eu lera. Mais do que isso, senti que a própria cópia também continha as emoções e os sentimentos de James, que eram de algum modo «reproduzidos» quando se liam as palavras.

E não foi só isto. Como descrevi no meu próprio livro Política Psíquica, durante essa mesma sessão surgiu também outro material — supostamente de outro psicólogo falecido, Carl Jung. Intrigou-me a prosa pitoresca e algo elegante de James, e deixou-me algo desconcertada a exuberância irregular com que o material de Jung se apresentou. Sobretudo, a minha mente da porta da frente ficou surpreendida com as implicações de todo o caso. Assim, deixámos simplesmente que tudo passasse.

O Seth não. Ele iniciou de imediato uma série de sessões sobre «visões do mundo». Resumidamente, Seth diz que os sentimentos e as experiências de cada pessoa continuam a existir após a morte e que estes podem ser percebidos em certas condições. Por outras palavras, cada um de nós tem uma versão única da realidade que compõe a nossa visão do mundo privada. Isto não é apenas uma perceção passiva de propriedades multidimensionais, mas um fenómeno ativo e volátil que interage a muitos níveis com outras visões do mundo e com elas se combina.

As pessoas que leem o The New York Times têm primeiro de ter interesse nesse jornal em particular e, depois, dar certos passos para o comprar ou para o receber em casa. É provável que também tenham alguns interesses e características em comum com outras pessoas que leem o mesmo jornal. Assim, de acordo com Seth, certas visões do mundo são percecionadas por pessoas cujos interesses, desejos ou características, de algum modo, se enquadram na mesma área geral da visão do mundo em causa.

Ainda assim, achei difícil aceitar toda a questão de mensagens de famosos falecidos, visões do mundo ou não. Enquanto Seth continuava a ditar o seu livro A «Realidade» Desconhecida, terminei o meu Política Psíquica e comecei uma sequela do meu romance *A Educação de Oversoul Seven*.

Depois, mais uma vez, aconteceu o inesperado, e desta vez foi desencadeado por um acontecimento doméstico. Perguntei ao Rob o que queria para o Natal de 1975. Ele respondeu: «Um livro sobre Cézanne» (referindo-se a Paul Cézanne, o artista francês que morreu no início do século). Duas manhãs depois, incapaz de dormir, levantei-me e fui à máquina de escrever. Para dizer o mínimo, os sinais começaram a voar. A partir daquela madrugada, «recebi» um manuscrito inteiro, A Visão do Mundo de Paul Cézanne, que foi publicado pela Prentice-Hall em 1977.

Neste caso, o meu amor pelo Rob e o meu desejo de lhe dar o que queria fundiu-se com o meu conhecimento dos recursos mais amplos da mente. Enviei a minha mensagem inconsciente e sintonizei-me precisamente com o que queria — e, no entanto, nunca estive conscientemente ciente de fazer tais esforços. O que foi entregue à porta de trás da minha mente foi uma visão do mundo vista pelos olhos de um artista e Cézanne, pelo menos tal como surge no manuscrito, não se importava com muito mais além de pintar. O livro era dedicado ao significado da arte, às suas maiores implicações e à técnica.

O «meu» Cézanne não queria saber do que acontecera ao mundo desde o seu tempo. Não disse nada sobre a vida após a morte. O seu foco era inflexível, único, e trazia o cunho indelével da sua personalidade.

Quando Cézanne ficou concluído, voltei ao trabalho em mãos, a minha sequela de Seven. Tinha posto o episódio de James fora da mente. Então, numa tarde de maio de 1976, pensamentos sobre James começaram subitamente a intrometer-se enquanto eu trabalhava no meu próprio livro. Dei comigo a sentir ligações emocionais muito definidas com James, como se — Deus me livre — estivéssemos ligados reencarnacionalmente ou tivéssemos algum passado em comum.

Digo «Deus me livre» porque a reencarnação é um daqueles assuntos com que concordo em teoria (com certas alterações, como a existência de tempo simultâneo), mas com que tenho dificuldades em termos práticos. Abanei a cabeça, franzindo o sobrolho comigo própria: a ideia era demasiado certinha, demasiado óbvia, um cliché psíquico; por isso, pus os meus sentimentos de lado e voltei à escrita.

Mas, de novo, Seth não me deixou escapar. Nessa noite, na nossa sessão habitual, em vez de ditar o seu próprio livro, Seth apresentou algum

excelente material sobre a natureza da consciência — e o Rob, conhecendo a minha atitude, sorriu muitas vezes ao olhar para mim enquanto Seth falava da minha relação com William James.

As implicações dessa sessão são, contudo, fascinantes e importantes para todos nós, enquanto Seth traça os padrões sempre mutáveis da consciência e do desejo humanos. Era uma noite quente e húmida; a casa e a vizinhança estavam imóveis quando Seth começou a falar. Como de costume, o Rob tomou notas. O que se segue é um relato textual dessa sessão até então inédita.

INTRODUÇÃO

2

Seth sobre William James e as Afiliações da Consciência

Sessão 775 — 10 de maio de 1976

(«Sinto o Seth por perto», disse a Jane às 9:33. Riu-se. «Sobre o William James, infelizmente. Acabei de ter um vislumbre do que o Seth vai dizer e pensei: "E agora, como é que vais dar sentido a isso?"»)

(A reação da Jane surgiu porque, mais cedo nesta noite, deu por si a pensar que podia estar relacionada reencarnacionalmente com James — uma ideia que rejeitou de imediato. Ainda assim, lá estava o seu material sobre a visão do mundo de James. Sugeri-lhe então que simplesmente se esquecesse disso e visse o que o Seth tinha a dizer. Não que esperássemos que ela viesse a estar ligada a James — a ideia era coincidência a mais para o nosso gosto —, mas seria interessante saber por que motivo se apanhara a pensar nesses termos para começar.)

(O Seth refere-se sempre à Jane como Ruburt e a mim como Joseph — os nossos nomes de entidade.)

Boa noite.

(Boa noite, Seth.)

Ruburt pode atestar a sua própria identidade. Em termos correntes, ele considera que a sua identidade começa no momento do seu nascimento, em 1929, e vê-a como se estendendo até ao presente. Nesses termos, tem uma

história temporal, com cartas, recordações, fotografias e por aí fora a prová-lo.

Encontrou-te num certo ponto no espaço e no tempo. Ambos estão de acordo quanto a isto e quanto à continuidade das vossas duas identidades; assim, Ruburt pode atestar que é ele próprio.

A verdadeira história da consciência não foi escrita, pois ela escapará sempre, na essência, a tal descrição. Nas nossas primeiras sessões falei o mais simplesmente possível e, no entanto, essas sessões contêm, à sua maneira, os germes de muito do que apareceu depois e do que ainda não apareceu. No início, usei o termo «personalidade-fragmento» apenas para vos transmitir a ideia de que a identidade não era uma unidade que pudesse ser facilmente definida.

O nosso material posterior afastou-se ainda mais da noção de um eu facilmente definível. Toda a consciência está inter-relacionada. Flui em correntes, sobe e desce, forma redemoinhos e ruturas, mistura-se e funde-se. Contudo, nesse grande jogo de interações, cada identidade, por mais breve que seja em termos habituais, nunca é aniquilada. É, de facto, inviolável. Por outro lado, também pode formar afiliações com outras identidades, pois existem formações psíquicas tal como existem formações físicas. O mundo tem uma estrutura física que configura os seus conteúdos. Há um banco de elementos físicos.

Em termos mais amplos, a experiência de cada pessoa — embora privada, sua — torna-se também parte do banco psíquico, pertencendo à espécie como um todo, contendo em si capacidades, atitudes, propósitos e planos. Estes formam uma herança da qual cada pessoa pode extrair. Essa extração ocorre não só antes do nascimento, mas também em qualquer momento da vida. Podem mudar, em vida, muito mais do que suspeitam, mantendo ainda assim a identidade que é vossa.

Em alguns casos, mudam tanto que pessoas que vos conheçam em momentos diferentes pareceriam conhecer e descrever pessoas inteiramente distintas. A teoria da reencarnação é uma tentativa de ver o eu básico, inviolável e, ainda assim, multifacetado, em termos que possam ser compreendidos e que se ajustem a conceitos populares de tempo. Como tu próprio, Joseph, ocasionalmente percebeste, estás de facto «reencarnado» muitas vezes numa só vida.

Saltas por cima das tuas próprias identidades, mal reparando, vezes sem conta. Não há fronteiras nem limitações para o eu, exceto as que aceitas. O milagre das tuas transformações escapa às tuas definições grosseiras. (Mais alto e com diversão:) Não falo das tuas definições grosseiras; uso a palavra em geral.

(«Percebo. Obrigado.»)

Há, frequentemente, grandes desafios aos quais respondes. Escolhe-los pelas tuas próprias razões. Ao fazê-lo, muitas vezes mudas de afiliações. Em termos convencionais, Ruburt não foi William James — mas, através de Ruburt, certos desafios e propósitos que ficaram por satisfazer em James foram retomados por Ruburt; e, nessa medida, uma porção da consciência de William James funde-se com a de Ruburt.

Repetindo: a identidade de Ruburt é a sua; mas poucos ousaram olhar para os verdadeiros componentes da identidade. Essas perguntas sem resposta de James coincidiram, por acaso, com as perguntas do próprio Ruburt num certo momento da vida atual de Ruburt — que, nessa altura, se viu atraído por esse banco de herança — procurando, por assim dizer, alguém com interesses semelhantes, apoiados por uma vida inteira de experiência. (Para mim:) Tu percebeste cedo as possibilidades de uma tal ligação, sendo atraído por James muito antes dos interesses de Ruburt.

Os vossos impulsos, desejos, planos e propósitos, embora exclusivamente vossos, pertencem também, à sua maneira, à espécie como um todo. São transmitidos, por assim dizer, àqueles que lhes estão sintonizados. Vocês passam-nos adiante. James, em certa medida, agora, vê as suas perguntas sem resposta peneiradas através de outra consciência única, de modo a serem-lhes dadas inclinações diferentes. A consciência, a consciência individual, é multifacetada e, nesse sentido, uma porção da consciência de James reflete-se através de Ruburt.

Ruburt recebe então o conhecimento de James referente a essas questões, como material de origem, fornecendo referências que ele próprio não possuiria normalmente. A consciência forma-se e reforma-se, sempre em novas combinações, mas, nos vossos termos, nada do que foi antes se perde.

(Uma pausa de um minuto.) Existe, de facto, uma «arqueologia» do eu, na qual a consciência do passado e do presente se funde, mas trata-se de um

arranjo muito mais democrático, pois, nos vossos termos, o futuro também está envolvido, de modo que, nesses termos, consciências e identidades futuras estão já agora a ser formadas a partir da herança dos vossos próprios propósitos e desejos.

Como não captam transformações importantes que ocorrem na vossa própria vida, ao mesmo tempo que, mantendo a vossa identidade, ainda assim «saltam» — também isto ponham entre aspas — «de eu para eu», não compreendem como os componentes interiores da consciência mudam as suas «formas e figuras», tal como os elementos naturais da terra moldam o seu rosto sempre mutável.

(Longa pausa.) Deem-nos um momento… De certa maneira, e usando uma analogia, a consciência de qualquer nação tem uma forma e configuração tão definidas quanto os contornos da terra física sobre a qual reside. Nesses termos, durante as vossas vidas, um continente mantém a sua forma: embora as árvores sobre ele cresçam e tombem, rochas e pedras sejam arrastadas para os oceanos, gerações nasçam e morram, governos se alterem, ainda assim, um homem, no seu tempo de vida, achará o continente geralmente familiar e intacto.

Agora, na vossa vida, mudais do mesmo modo que o continente muda, continuando, em geral, a encontrar-vos familiares e intactos. A vossa identidade, embora vossa, é ainda um gestalt de consciências que, nos vossos termos, vieram antes ou virão no futuro. Essas outras identidades, refletidas através de vós, tornam-se únicas e invioláveis. Assim também, porém, a vossa consciência e identidade se refletem em todas as outras.

Façam uma pausa.

Como sempre, advirto-vos de que estas questões são das mais difíceis de explicar.

A consciência forma padrões de identidades. Movem-se mais depressa do que a velocidade da luz. Podem estar em mais do que um lugar ao mesmo tempo. Podem operar de forma livre e espontânea, como identidades em si, ou como «partículas psicológicas».

Também podem operar de modo ondulatório, fluindo através de outras tais partículas. Podem agregar-se em combinações infinitas e intermináveis, formando gestalts psicológicos. Certas porções desses gestalts podem então

operar como partículas psicológicas no tempo e no espaço, enquanto outras porções operam de modo ondulatório fora do tempo ou do espaço.

Isto representa os elementos inconscientes da psique, que se tornam «particulados» na existência física.

(Longa pausa.) Os vossos próprios propósitos, intenções e desejos atraem para vós, por assim dizer, esses outros «fragmentos» de consciência que se misturam e combinam para formar o vosso ser psicológico, tal como, por exemplo, átomos e moléculas se misturam e fundem para formar o vosso ser físico. O vosso corpo é vosso, marcado pelos vossos próprios propósitos e intenções. Não têm consciência das transformações moleculares envolvidas enquanto o padrão global permanecer familiar e relativamente intacto.

Do mesmo modo, enquanto os contornos da vossa consciência permanecerem relativamente familiares, não interrogam a sua composição. Não estão conscientes das mudanças que ocorrem. Em certos termos, então, a vossa identidade é um padrão de identificação, a vossa marca gravada eternamente no universo — uma forma que reconhecem, mas que está repleta de atividade, alteração e mudança inumeráveis — tudo o que, em geral, decorre abaixo do vosso limiar de atenção.

Nesses termos, blocos da vossa própria consciência há muito caíram e foram usados por outros, enquanto vós ainda retendes a vossa identidade, tal como rochas são arrastadas de um continente para o oceano e, ainda assim, o continente mantém a sua forma. No tempo próprio da Terra, até o continente mudará, desabando sob as águas ou unindo-se a outro, mantendo ainda assim algumas das suas características, e, nesses termos, levando consigo a sua coloração prévia. Assim, cada um de vós, vivo, muda de modo semelhante, mas traz a marca da sua identidade, e essa é inviolável.

Pedaços das vossas consciências, Joseph e Ruburt, saem através destes livros. Não falo simbolicamente. Essas porções misturar-se-ão com as consciências de outros. Porções da vossa intenção e propósito tornam-se deles.

A minha realidade psicológica própria não está particulada. A minha identidade inclui as identidades de muitos outros. Cada um deles opera à sua maneira. Nesses termos, eu sou uma formação ondulatória. Mais especificamente, porém, e em menor grau, cada pessoa física opera

parcialmente como um ser particulado e parcialmente em termos de onda. Mas a identidade, sendo em si inviolável, é, por outro lado, sempre mutável — e, no sistema mais amplo da realidade, não há contradição.

Os grandes homens e mulheres, historicamente falando, servem de modelos psíquicos, lançando no domínio físico explosões de desejos, propósitos, capacidades, planos e intenções que não podem ser satisfeitos por qualquer pessoa numa única vida, por mais heroica que seja a sua atuação. Estes, então, servem de impulsos para outros, mas nenhum desejo e nenhuma intenção existem por si sós, apenas em virtude da identidade que os sustém; assim, uma identidade explode para fora de si mesma em todas as direções, a espalhar partes de si que são usadas por outros assim atraídos.

Cada identidade é ela própria e nenhuma outra; e, no entanto, é composta por miríades de fragmentos de outras identidades. Façam uma pausa. Agora: a consciência de James é, até certo ponto, então, refletida através da de Ruburt, brilhando com um tom diferente e, doravante, formando uma nova combinação — uma que é original e representa uma nova visão criativa do mundo. Nesta combinação ou gestalt, a identidade de Ruburt predomina, de modo que James fornece a Ruburt mais um foco através do qual ver a realidade. Noutros níveis, James, enquanto ele mesmo, predomina noutro tipo de existência. No vosso mundo, os vossos desejos e intenções bem conscientes atraem os componentes da vossa consciência.

Nunca existe, por exemplo, qualquer tipo de invasão ou possessão em termos convencionais. É, na verdade, impossível que uma consciência possua outra. Cada identidade possui uma integridade que não permitirá qualquer afiliação de que não aprove. Usando uma analogia, os anticorpos psicológicos são muito mais potentes do que os físicos. O eu ou identidade fecha, literalmente, os seus limites a quaisquer forças que não sigam os seus próprios propósitos e intenções. Não há exceções. Essa integridade permite à identidade manter sempre o seu próprio padrão ou marca, permitindo dentro das suas periferias apenas as afiliações que sirvam os seus propósitos únicos.

Nesses termos, o eu ou identidade não pode ser conspurcado. Aqui gostaria de acrescentar uma breve nota lateral relativa a casos de aparente «lavagem ao cérebro», em tempos de guerra, por exemplo. Vocês formam a vossa própria realidade. Os que são capturados em tais confrontos, portanto, são-no porque já operam num sistema de crenças que se adequa aos seus

propósitos mais amplos. Este assunto é altamente complexo. Talvez um dia o possamos prosseguir.

Mas, em qualquer caso, a chamada lavagem ao cérebro serve os propósitos dos que são assim tratados. Isto não significa que não se lhes deva conceder simpatia. Uma análise realmente minuciosa das suas crenças e propósitos conscientes, contudo, mostraria uma aquiescência e aceitação de tal experiência e uma necessidade de que ela ocorra. Fim da sessão. Despeço-me com votos de uma boa noite. («Obrigado, Seth. Igualmente.» 00h10.)

Como Aconteceu Este Livro e as Teias da Consciência

A sessão de Seth sobre James e a consciência realizou-se em maio de 1976. O Rob arquivou-a juntamente com outras sessões diversas que não faziam parte dos livros de Seth, e eu quase a esqueci. Por um lado, não tinha intenção de tentar sintonizar-me com a visão do mundo de James — e, além disso, todo o assunto passou para o pano de fundo psicológico enquanto eu trabalhava noutros manuscritos.

Tirei um tempo para ajudar o Rob a preparar o Volume 1 de A Realidade "Desconhecida", de Seth, para publicação; estava a dactilografar o livro concluído de Cézanne; e Seth começara a ditar o seguinte, *A Natureza da Psique.* Ainda assim, Seth devia saber o que ia acontecer, de um modo ou de outro, porque mais de seis meses depois, em janeiro de 1977, acordei uma manhã com o título deste livro presente na mente. Apenas o título, nada mais. Não pensei muito nisso; por vezes já me tinham surgido títulos e, por vezes, até esquemas inteiros de livros — às vezes «pegam», e outras acabam apenas como notas de rodapé noutros livros.

Depois do pequeno-almoço, porém, sentia-me irrequieta; e, em vez de trabalhar na grande mesa da sala, onde eu escrevera durante meses, fui até ao pequeno estúdio junto à cozinha. Era o mesmo quarto, lembrei-me depois, em que eu tinha iniciado o manuscrito de Cézanne. Na altura, não fiz a ligação. O Rob e eu lemos sempre durante as refeições. Estava a pensar vagamente num artigo que lera ao pequeno-almoço, e a sorver café, quando, no momento seguinte, todo o primeiro parágrafo de *O Diário Pós-Morte de um Filósofo Americano* encheu subitamente a minha mente.

Creio que murmurei algo como: «Eh lá, que é isto!» e comecei a registar as palavras na máquina de escrever o mais depressa que pude. Embora soubesse de imediato que o «filósofo americano» do título era William

James, no início fui um pouco cautelosa quanto a isso. Afinal, pensei, o nome de James não era mencionado no título e não aparecia no resto do material que chegou tão depressa quanto eu conseguia dactilografar durante o resto da manhã. E, enquanto escrevia, as perguntas habituais importunavam-me como um enxame de abelhas a zumbir.

Era este manuscrito suposto provir do histórico William James? Seria o material a minha versão criativa do homem, em vez disso, ou estaria a acontecer outra coisa — alguma mistura de consciências em que conhecimento válido de níveis oficiosos da realidade se exprimia numa forma que eu podia compreender?

Embora estas perguntas atravessassem uma parte da minha mente, de modo algum perturbaram o fluxo de palavras, que vinham rápida e fluentemente. Podemos questionar o que se passa num ecrã de TV enquanto o vemos, e, do mesmo modo, eu podia interrogar-me acerca dos acontecimentos que ocorriam nesse outro ecrã oficioso da minha mente. Na verdade, faço-o quase sempre. E eu continuava a pensar: estranho.

Nada, nas nossas vidas imediatas, tinha desencadeado este súbito novo manuscrito e, pelo facto de o título ter sido dado e pelo sentir das palavras, eu podia dizer que alguém — James? — estava claramente a iniciar algo que tencionava terminar. Pensei nas poucas páginas do *Variedades da Experiência Religiosa* de James que eu vira na mente um ano e meio antes e senti alguma perplexidade. Não era esse livro. E, algo beliscada, pensei que os médiuns estavam sempre a «apanhar» o James. Este último pensamento era o que mais me incomodava, e assim foi desde que vi o pequeno livro de bolso de James na minha visão mental. Quase me tinha esquecido das afirmações de Seth sobre James; se me lembrasse delas, ter-me-ia sentido melhor.

Desde as primeiras palavras deste manuscrito, porém, outra coisa me incomodava: James, obviamente, estava a comentar o nosso mundo de um modo que Cézanne não fizera. Isto implicava um James responsivo, a continuar o interesse na nossa realidade. De novo, se me tivesse lembrado daquela [775.ª] sessão de Seth de maio passado, teria estado melhor preparada para a vivacidade de James a esse respeito e para as numerosas interações entre nós que aconteceram à medida que o manuscrito prosseguiu. A entrega do manuscrito desenvolveu, pelo caminho, o seu próprio conjunto de convenções. A maior parte foi escrita

automaticamente, rascunho primeiro e final diretamente na máquina (excetuando, claro, a cópia para o editor, que tinha de estar mais limpa).

Muito dele, porém, chegava de forma surpreendente quando eu estava a desenhar e pensava ter terminado a escrita do dia. Como resultado, os meus pequenos blocos de esboços ficaram cheios de páginas e páginas de material de James rabiscado, que eu passava a limpo no dia seguinte; e, muitas vezes, enquanto o fazia, James recomeçava com novo material.

Finalmente, com a aproximação da primavera e quando eu saía para o alpendre da frente para desenhar, ia prevenido com dois cadernos — um para o James e outro para mim. Mas havia algo de bastante agradável, íntimo e quase acolhedor em receber o James manuscrito; e creio, pelo menos, que ele gostava mais deste procedimento. Em ocasiões demais para recordar, a dicção começava de súbito enquanto eu lavava a loiça ou tratava de outras tarefas domésticas — e várias vezes durante o almoço.

Acrescentei algumas notas minhas ao longo do manuscrito de James para assinalar quando senti alguma interação emocional entre James e mim, porque isso me surpreendia sempre. Com Cézanne, sentia-me mais como uma secretária, enquanto com James tive uma relação de trabalho mais pessoal. Curiosamente, James parecia ciente dos meus desenhos e, como verás, comentou-os por vezes. Cézanne, contudo, ou não podia ter-se importado menos com as minhas tentativas amadoras, ou simplesmente as considerava abaixo da sua consideração. Suspeito que Cézanne não estava ciente da minha realidade com grande intensidade; apenas da sua própria.

James também entrou nos meus sonhos várias vezes, e tive duas visões nítidas que explicavam certas passagens do seu texto. Estas também são descritas nas minhas notas, juntamente com a data e a hora de cada entrada. O manuscrito chegou claramente como um livro com o seu próprio título e estrutura.

Tudo o que fiz foi acrescentar cabeçalhos de capítulo. James começa por discutir a parapsicologia, a evolução e a religião no seu tempo e no nosso, sublinhando áreas em que considera que a sua visão não foi suficientemente ousada. Traça o desenvolvimento de tais ideias à medida que se relacionam com a democracia e com o crescimento dos Estados Unidos e enfatiza as ligações entre a imagem que o homem tem de si, de Deus e dos governos.

Depois começa uma discussão fascinante das suas próprias experiências de vida após a morte. Certas passagens, em particular, estão cheias de humor e brilhantismo, quando James, o psicólogo e filósofo, se vê numa «escola para filósofos» onde é claramente um membro júnior. Em qualquer caso, aqui vemos uma personalidade definida, com os seus próprios interesses e características, a passar de um nível de realidade para outro. Como, um dia, todos nós passaremos. Senti por James — e por mim — enquanto tomava nota da sua descrição das dúvidas, esperanças e surtos de melancolia que tinham caracterizado a sua vida.

Era impossível não pensar em todas essas pessoas, presas entre fé e dúvida, experiência interior e exterior — impossível não me identificar com as ideias fortemente conflitantes de James acerca da humanidade. Ainda assim, foi a «luz do saber» e a «presença atmosférica» de James, encontradas após a morte, que mais me cativaram — e confortaram; a sua «psicologia divina» e a sua intenção de partilhar o novo conhecimento, de ensinar enquanto aprende. Enquanto aprende?

Estaria eu a supor que um William James, uma pessoa desencarnada, se sentava algures a uma secretária celeste, a ditar através de um equipamento ditafone mentalmente sofisticado — nomeadamente eu? Não, não, não. Há lugares no manuscrito em que James descreve a sua parte no nosso arranjo algo bizarro e houve vários momentos em que fiquei tão apanhada pelas suas emoções que, por um instante, os seus propósitos se fundiram com os meus, ou os meus com os dele, de modo que ambos falámos ao mesmo tempo — sincronizados, unidos, cada um a partir da sua própria posição no tempo e no espaço.

Este livro não envolve qualquer posição literária, mas uma posição tomada pela própria consciência; não é uma comunicação de William James no sentido convencionalmente entendido de médiuns e espíritos, mas uma situação em que uma consciência adota a posição de outra e observa a realidade a partir desse ponto de vista.

Há diferenças nítidas nas minhas experiências com visões do mundo até agora. Quando sou eu própria a inspirar-me, o entusiasmo emocional apodera-se de mim consoante o impacto das ideias e sentimentos que me são apresentados. Excetuando os casos de envolvimento emocional com James há pouco referidos, porém, com as visões do mundo eu não fico enredada na escrita em si. Ela simplesmente… chega. Eu respondo-lhe,

mas não é «minha». Percebo que, noutros níveis, devo estar a traduzir a perceção da outra consciência para o meu próprio vocabulário até certo ponto, e que o material deve misturar-se com os conteúdos da minha própria mente; mas não tenho consciência disso.

Também não estou em transe como a palavra é hoje entendida. De certo modo, é como ter dois focos mentais ou psicológicos em vez de um. Posso estar a fazer tarefas, bastante ocupada com os meus próprios pensamentos, por exemplo, quando me surgem novas linhas vindas de outras fontes. São intrusivas no sentido de eu as reconhecer como não sendo minhas. Por outro lado, posso encerrá-las à vontade se quiser, pelo que nunca há qualquer compulsão envolvida.

E se os pensamentos deste manuscrito fossem meus, então por que razão vesti-los à maneira de James? Decerto não por razões financeiras; o grande público preferiria um bom romance de catástrofe. Nem por razões criativas; nesse aspeto, posso escrever os meus próprios livros. Poderia ter escrito os pensamentos de James como meus. E, no entanto, embora partilhe a maioria das suas opiniões e concorde de bom grado com as suas opiniões sobre o freudianismo e o darwinismo, algumas das suas opiniões (sobre a idade, por exemplo) não são de todo as minhas. Mais do que isso, o manuscrito reflete as ideias de um homem; talvez demasiado autocrático, apesar das suas declarações sobre a igualdade humana, talvez demasiado «elegante» para a camaradagem democrática que apregoava.

Tanto A Visão do Mundo de Paul Cézanne como *O Diário Pós-Morte* foram escritos enquanto Seth estava a ditar o seu próprio livro A natureza da Psique: A Sua Expressão Humana, e não creio que haja aí qualquer coincidência. Em vez disso, ambos os manuscritos de visão do mundo ilustram as formas pelas quais a psique individual pode ir além de si mesma para outras realidades psíquicas e psicológicas.

Ambos os manuscritos ilustram a afirmação de Seth de que a nossa consciência, embora individual, pode estabelecer muitos tipos de alianças; de que o seu conhecimento não se limita à informação física apenas; e de que a sua mobilidade e dotes ultrapassam em muito as nossas psicologias atuais. Explico todo o caso a mim mesma do seguinte modo: a realidade de James continua a existir. Pode ser sintonizada. Como somos o tipo de criaturas que somos, quando isso acontece a informação ganha vida através de nós, mistura-se com os conteúdos das nossas mentes e interage com

eles, de tal modo que se forma uma nova realidade, uma nova síntese criativa.

Por outras palavras, quando o nosso tipo de consciência «sintoniza» a consciência ainda presente de alguém como James (que está morto nos nossos termos), a combinação encaixa automaticamente, formando uma personalidade real que combina os conjuntos separados de traços — uma transpersonalidade viável que representa aquilo que nós somos e aquilo que é a outra realidade. A personalidade que sinto como James é uma construção, creio; formada inconscientemente como um processo automático quando a minha consciência se sintoniza com a realidade dele — e ela representa aquilo que a «realidade de James» realmente é agora.

A diferença é importante, pois várias vezes senti uma figura que julguei ser James a passear para trás e para a frente no chão da sala de estar; braços cruzados; profundamente pensativo — e ciente de mim. Custou-me a crer que um James espiritualizado existisse dessa forma particular, embora acreditasse que James continuava a existir. Questão discutível, talvez. Mas continuo a pensar que, quando fazemos tais suposições, muitas vezes apenas projetamos as nossas ideias limitadas sobre a personalidade para um além. Por vezes, por exemplo, ouvi mentalmente James a comentar os meus esboços, e penso que, em tais situações, acabamos com a criação de uma personalidade bastante real, capaz de originar ação, responsiva; neste caso, a «prole psíquica» Jane/James; capaz de operar entre o seu mundo e o nosso.

A minha própria experiência mostra-me que os limites do eu têm uma natureza mais estranha do que se supõe. Eles deslocam-se, abrindo outras áreas de pensamento e fantasia subjetivos; como se qualquer personalidade, seguindo uma jornada pela sua própria realidade, viesse a encontrar outros eus igualmente válidos, cada um com a sua existência, e descobrisse, em última análise, dentro dessa vasta estrutura psicológica, o reflexo, pelo menos, de cada outra pessoa viva no nosso planeta, neste ou noutro tempo qualquer.

Acredito que a realidade privada de cada pessoa, plenamente explorada, acabaria por levá-la ao contacto com todos os outros indivíduos a nível subjetivo; que cada pessoa se reflete em cada outra; e que, através dos processos criativos, podemos e muitas vezes abrimos portas que conduzem a experiências que «não são nossas»; escrevendo de um ponto de vista que

é o de outra pessoa, viva ou morta, e observando a realidade a partir de um ponto de vista completamente diferente.

Por causa das minhas próprias experiências, pergunto-me quantos escritores terão maquilhado o seu material, reescrito a partir do seu próprio foco, mudado nomes e referências a fim de enquadrar o seu trabalho no contexto cultural, científico ou religioso do seu tempo. Esse tipo de fingimento é contra a minha natureza, mas tem as suas vantagens, e estive, pelo menos, tentada a apresentar tudo, a partir de *O Material Seth*, dessa forma. Uma tal versão disfarçada seria aceite por si só, sem que eu tivesse de explicar o estatuto do autor ou, mais difícil, explicar que o autor era um composto da minha própria consciência e de uma consciência noutro nível — ou da minha consciência e da consciência de «outrem» noutro nível.

O problema é que as nossas teorias psicológicas são demasiado pequenas para conter a nossa realidade. Certamente não explicam a natureza da nossa criatividade ou das artes. Assim, *O Diário Pós-Morte* colocou-me questões consideráveis e dilemas filosóficos. De novo: eu desconfiava de manuscritos supostamente provenientes de famosos falecidos; e agora tinha dois deles.

Eu podia encarar Seth como uma espécie de superpsique, já que ele parecia não estar preso a nenhum período histórico. Cézanne, porém, era um artista famoso. Creio que foi o meu desejo de agradar ao Rob que deixou esse manuscrito passar, pelo menos em grande parte — isso e a minha própria curiosidade, que é aparentemente inesgotável e mais exuberante do que as minhas tentativas de explicar o que ela descobre. E, ao longo dos anos, o Rob mencionou William James, embora tenha lido apenas um dos seus livros; há muitos outros autores, vivos e mortos, de que ele fala muito mais. Então porquê James? Eu, na verdade, não «queria» James sob um certo prisma — porque outros guiões automáticos estão supostamente associados à sua autoria.

Ainda assim, apesar de todas as minhas apreensões, desde o primeiro momento em que vi aquele pequeno livro nos olhos da minha mente, apaixonei-me por James a um nível pessoal; pela sua maneira de pensar e de se exprimir algo antiquada, e pela tensão que sofreu entre as suas crenças emocionais e intelectuais durante a vida. Penso que me identifiquei com essa tensão, pois, tal como James, estou continuamente ciente das

diferentes conclusões a que muitas vezes chegam as emoções e o intelecto. E, muito provavelmente, como Seth afirma, essa identificação foi a chave.

Reconheci que os sentimentos de James refletiam os meus, pelo menos em certas áreas; e que essa coincidência abriu as ligações mentais e psicológicas necessárias entre nós. Eu, também, ficava incomodada com os adereços vistosos do campo psíquico; a mistura desconfortável de pseudociência e pseudoespiritualidade. Também eu, ficava escandalizada com alguns cientistas de pensamento turvo com «inclinações psíquicas», com médiuns que vestem as suas previsões lúgubres com roupagens científicas e com a qualidade, em geral, pobre de periódicos e revistas que tratam de fenómenos psíquicos. Em suma, como James, desaprovei muitas vezes.

Ainda assim, de novo como James, eu esperava — e continuo a esperar. Como James e como muitos dos meus leitores, encontrava-me dividida entre a imagem idealista da humanidade e a atuação prática do homem. Mas James tem um ponto de vista diferente do meu ou do teu. James pode «olhar para trás» e colocar-se na nossa posição e depois, a partir da sua nova realidade, apontar direções que cada um de nós pode seguir em seu benefício.

O seu material sobre fé biológica intriga-me e conforta-me particularmente e, à medida que desloca a sua discussão das experiências em vida para as posteriores, partilha intuições profundas que oferecem um fim à melancolia para os mais inclinados a ela e uma filosofia que nos permite ver o melhor do ser humano, evitando atitudes de ingenuidade perante o seu comportamento por vezes censurável.

Mais ainda, porém, James oferece fé àqueles que sentem que também têm de manter uma certa independência relativamente a quaisquer crenças religiosas específicas; e descreve uma psicologia divina de um modo que inspira tanto as emoções como o intelecto.

Os botânicos colecionam espécies exóticas de plantas e flores. Outras pessoas colecionam pedras. Os cientistas observam as propriedades estranhas da matéria física. Eu coleciono as minhas próprias experiências subjetivas invulgares, observo o encontro clássico da psique com conhecimento e dados que não são seus, a abertura da psique a ambientes subjetivos aparentemente alheios.

Depois tento examinar o que encontrei e colocá-lo num contexto de criatividade mais vasto do que as categorias prontas e arrumadinhas já preparadas pela nossa sociedade, religiões ou psicologias. Portanto, acho que faço viagens de campo subjetivas através da psique e depois trago o que posso para o laboratório da minha própria mente, perguntando: «O que temos aqui?» e tentando descobrir como é que as espécies aparentemente exóticas de eventos psíquicos se encaixam no quadro inteiro da realidade.

A conceção de consciência de Seth corrobora certamente a minha própria experiência, e penso que, de quando em quando, cada um de nós encontra bocados e pedaços de «outra consciência» nas nossas mentes, ali pousados como pedrinhas estranhas e brilhantes nas margens da nossa consciência.

Em crianças, podemos ter reagido com deleite e espanto, virando tais pensamentos e revirando-os nas mãos mentais, brincando com eles como bolas de brincar que ressaltavam contra as nossas próprias imaginações. Mas, adultos, estamos tão preocupados em defender as nossas identidades, tão ciosos dos seus limites, que fugimos ao primeiro vislumbre de um sentimento ou pensamento que não conseguimos categorizar; qualquer ideia que consideremos pouco característica; qualquer esperança errante que possa, no fim de contas, desiludir-nos.

Assim, reduzimos a nossa realidade psicológica à medida, permitindo que «filmes estrangeiros» passem nos ecrãs das nossas mentes apenas em sonhos, onde não temos de os reconhecer — ou de prestar contas deles. Ignoramos as nossas fantasias, desesperadamente receosos de as testar contra a realidade, porque as nossas definições de realidade poderiam então ter de mudar. Podemos descobrir que as fantasias proporcionam uma dimensão rica à vida que tem faltado, vedada pela «verdade provada».

Podemos descobrir que, a longo prazo, os sonhos são mais práticos do que os factos, e que surpresa tremenda será essa! Podemos descobrir que só a imaginação consegue vislumbrar essas dimensões maiores do nosso ser em que as nossas vidas se acolhem. Podemos morrer de tédio embora as nossas barrigas estejam cheias de pão saudável, e verificar que a nutrição é, de facto, mais do que aquilo que comemos. Podemos descobrir que a ficção pode estar mais próxima da verdade do que os factos, e que os factos provados são meramente as ficções que autenticámos — a nossa ficção oficial, por assim dizer.

Talvez, ao exigir experiências previsíveis — isto é, experiências que produzam sempre os mesmos resultados —, a ciência faça um curto-circuito a si própria e a nós; porque não somos previsíveis e não há dois de nós verdadeiramente iguais. Assim, embora o meu tempo e o tempo de James distem décadas, e, nos nossos termos, eu esteja viva e ele morto, até certo ponto falamos ambos a uma só voz. Porque ele tinha grandes esperanças, o James; para a psicologia e para as ciências; e, desde o seu tempo, elas têm ficado muito aquém das suas promessas. Portanto, se James pudesse falar com a sua própria voz, era isto que diria.

INTRODUÇÃO GERAL AOS MEUS INTERESSES E TEMPOS

Este livro consistirá de uma série de "preleções" tidas no teatro da mente imaginativa, por ser nessa dimensão mais ampla da experiência que tenho agora a minha existência. Não mais me endereçarei aos meus colegas nos reverenciados salões académicos, por aí ter perdido todas as credenciais que certa vez me trouxeram tal respeito, já que a própria condição da minha existência agora faria de mim um proscrito de tais reuniões convencionais.

No mundo em que tão alegremente certa vez ocupei o meu lugar, os mortos possuem muito poucos direitos por a sua existência passar ignorada, e nenhuma psicologia os preparar para as transições que têm lugar à medida que a alma passa para domínios para os quais nenhuma educação terrena pode prepará-la.

Apesar de ter sido dado a uma mente melancólica, frequentemente antecipei a minha própria morte, e dei lugar a tais pressentimentos extremados quanto à dissolução e decadência que de facto a morte veio como uma revelação académica e emocional num grau indescritível, cujo brilho atenuou todos os outros acontecimentos da minha vida, de tal modo que por contraste a minha morte se tornou na coroação da realização da minha vida.

Porém, não terá precisado ser esse o caso, porquanto tivesse eu compreendido e seguido os contornos naturais da mente, e teria permitido aos aspetos não convencionais do meu coração e mente uma liberdade maior em igual medida; e teria percebido por entre os tumultuosos detalhes

da minha vida, aqueles vastos contornos da emoção e da força natural sobre os quais a nossa existência terrena infalivelmente assentam.

O meu mundo foi um mundo animado que assistiu ao nascimento da psicologia, sem perceber que estava envolvido na placenta de velhas crenças religiosas e ainda imerso em antigos preconceitos. O meu foi um tempo de técnicas, quando os académicos e cientistas e os líderes mundiais todos estavam convencidos de que determinadas técnicas - de governo ou de psicologia ou religião - poderiam produzir uma era de prosperidade, de paz e de contentamento, e subjugar o mundo natural, o qual incluía as inclinações naturais do homem e o ambiente físico.

Um espírito de elevado porém, falso otimismo prevalecera certa vez, à medida que uma a uma novas técnicas eram aplicadas e fracassavam, de modo que na minha própria vida privada eu vacilava entre os sublimes sentimentos da esperança e da fé, e as obscuras profundezas da desilusão e do desespero.

A melancolia furtava-me a paz de espírito. Sempre que abordava colegas e estudantes quanto aos aspetos mais vastos da mente e da alma, questionava constantemente os meus próprios discursos e criticava os resultados das minhas próprias investigações; e quando falava de forma mais retumbante acerca das oportunidades da democracia, questionava-me das qualidades do indivíduo sobre o qual a democracia deve basicamente assentar.

Eu era a um só tempo excessivamente crédulo e exageradamente crítico, de modo que as minhas emoções e intelecto raramente se encontravam enquanto amigos em qualquer terreno comum, mas antes enquanto adversários direcionados para o combate, cada qual munido dos seus argumentos e defesas. A minha melancolia então negou-me até mesmo o conteúdo animal dotado dos seus dias de modo que fui ficando impertinente até para comigo próprio. Contudo, notei igualmente em mim próprio e nos outros os mais elevados potenciais de satisfação e de realização, e interrogava-me qual o véu psicológico invisível nos separava pelo menos de uma realização parcial das nossas mais caras esperanças.

Liberto pela morte das molduras convencionais do pensamento e da crença que me rodeava, obtive na morte intuições e compreensão da máxima consequência. Ironicamente, interrogo-me da razão porque elas não vieram a mim durante a vida física, onde certamente poderia ter-lhes dado um bom

uso - em particular quando é óbvio que estavam tanto ao dispor em vida quanto na morte - e estou convencido de que somente certas crenças e atitudes mentais terão tornado tais intuições psicologicamente invisíveis.

Essas crenças e atitudes da mente vêm igualmente da psicologia e da religião, que se encontram qual noivo e noiva num casamento forçado: de bom grado, e dando à luz uma descendência da qual cada parente secretamente se envergonha. o noivo, a psicologia, aceita a importância das emoções somente de modo que estas possam ser intelectualmente categorizadas e arrumadas em compartimentos sem vida, isoladas das faculdades da mente racional. A religião, por outro lado, oferece firmemente dádivas de esperança e de intuição, de exultação e de criatividade, enquanto se intimida nervosamente de todo exame crítico que possa revelar falhas nos diamantes emocionais que são exibidos, jamais utilizados, mas embalados como antigas prendas de casamento.

Estes serão porventura comentários injustos, mas enquanto alguém que se tenha interessado tanto pela religião como pela psicologia e tentado formar a partir de cada uma filosofia unificada, sinto-me a certo respeito responsável por aquelas intuições que possa ter acrescentado a tais questões - no entanto não acrescentei.

Dou por mim determinado a ceder toda a luz que conseguir a tais matérias, em particular desde que a minha experiência do tempo é agora tão luxuriosa que me possibilita acesso aos processos do pensamento, sem obstrução por parte dos compromissos com as necessidades da vida. Ao mesmo tempo, encontro-me igualmente hesitante, ao perceber que talvez os mortos não devessem ter quaisquer direitos no mundo dos vivos, já que os mortos tiveram o seu tempo de ação a esse respeito: a ribalta pertenceu-lhes certa vez, e somente um ator ávido e excessivamente egoísta regressa à cena quando a sua deixa foi cortada.

Tão pouco posso eu, enquanto eu próprio, intrometer-me diretamente, por esse preciso foco de intenção, mente e visão não me pertencer mais e os componentes psíquicos da minha personalidade agora formarem um matiz diferente e refletirem outras experiências que por si só impedem qualquer interferência de nota no vosso próprio mundo. Por isso, em vez disso, à semelhança de um ator experiente e envelhecido que não mais toma parte nas tragédias, nas farsas, ou nas peças morais mas ainda possui uma amor

nostálgico pelo palco da vida, eu profiro umas linhas a partir do vasto teatro em que as peças da vida têm são montadas, e apontam o que aprendi das tramas e adereços da vida.

Mesmo assim, preciso adotar meios não convencionais que me permitam falar por entre as linhas; proferir as minhas palavras por entre as frases pronunciadas pelos demais; fazer os meus acenos por entre aqueles formais que se acham redigidos no guião da vida dos "atores." Devo, por conseguinte, lançar os meus pensamentos na mente de outro, alguém que atualmente está a atuar, nivelada entre o meio da vida; alguém disposto a atender ás solicitações que parecem vir de fontes estranhas.

Fontes estranhas de verdade! Eu próprio em vida estudei e sondei os estranhos e informais elementos da mente e da alma, tentando seguir uma linha cuidadosa entre os princípios da ciência e da religião, e buscado os cantos distantes ocultos dentro dos dogmas de cada uma. Procurei os laboratórios científicos e os salões de sessões, o instruído e o ignorante, o humilde e o orgulhoso, num esforço por rastrear "estranhas fontes" a partir das quais invenções científicas ou conversões religiosas pudessem emergir em igualdade de circunstâncias.

Em quase todos os casos, quer o intelecto quer as emoções foram ofendidas. O que me exaltou emocionalmente só me trouxe embaraço intelectual, não somente da parte dos colegas, mas dos juízos da minha mente manifestamente esgotada; mas aquelas teorias que me levaram o intelecto à cambalear de prazer e entusiasmo deixaram-me subsequentemente as emoções secas e desarmadas, como se esse fogo intelectual queimasse com uma chama fria e branca - e cegasse ao invés de conceder vida.

Dou por mim, a esse respeito pelo menos, mais animado na morte do que estive antes - um tanto uma pena poe essa vida completamente seca que levei poder ter usado uma tal lareira saudável e natural quanto somente mais tarde vim a descobrir. Espero, pois, que as intuições que tenho a compartilhar contribuam para a riqueza emocional dos tempos dos meus leitores, de modo que a vida seja sentida em toda a sua calidez natural. Uma vida no castelo da alma não constitui qualquer bênção caso esse castelo seja escuro, frio, húmido, ou repleto de crenças bolorentas de velhas histórias; enquanto uma cabana da alma, aconchegante, pode ser mais

agradável e fornecer à pessoa uma agradável estalagem no caminho que torne mesmo as longas jornadas aprazíveis e arrojadas.

Assim, eu transformei-me de investigador de "estranhas fontes" num perfeito exemplo do tipo de fenómeno que em vida teria rastreado - coberto de esperanças e ceticismo e carregado o meu próprio saco de crenças invisivelmente comigo, tanto uma parte da minha ornamentação psicológica quanto as minhas calças e colete representavam para o meu vestuário externo. Por na vida estarem sempre rodeados por uma comédia de costumes; convenções sociais que por vezes são fáceis de divisar embora mais difíceis de romper e um conjunto interno de maneiras psicológicas ou de minúcias psíquicas que passam ignoradas.

Ao me intrometer assim no vosso mundo e ao adotar um método tão pouco académico de expressão, esto pois a repudiar sob o meu aviso algumas convenções psicológicas dignas de nota. "As crianças deviam ser vistas e não escutadas." Espera-se que os mortos, segundo parece, permaneçam não vistos e despercebidos, educados o suficiente para não se intrometerem nas conversas dos vivos - que só fingirão não ouvir, ou quanto muito tentarão encontrar outra explicação "mais lógica."

A esse respeito, eu poderei ser acusado de ter falta de modos, ainda que espiritualmente. Por outro lado, há quem somente escutará de bom grado qualquer voz que lhe pareça ser um mensageiro dos mortos, que lhe prescreva a mais inocente das batidas à porta ou evidência do poder das forças dos mortos, que sejam dotados a seu jeito de um dogma e conjunto de convenções tão rígidas quanto aquelas de qualquer "cientista pragmático." No entanto, as tendências e as características desses grupos aparentemente contrários representam os fragmentos indecisos da alma humana presas entre a dúvida e a fé, a lógica e a intuição, e equilibradas entre os dramas alternados do viver diário e os sonhos.

Decerto que me pareceu a mim em vida que o alvorecer da manhã e a meia-noite eram repartidos por um desígnio que também faziam ecoar a mente e o coração do homem, em que as intuições e o intelecto reinavam separados um do outro, cada um a governar mundos diferentes que dominavam fragmentos opostos da alma. Por toda a parte me via eu rodeado pelas rotas diurnas excitantes da indústria, do galopante crescimento do poder governamental dotado dos seus emblemas resplandecentes, do despertar da

arqueologia com a sua tempestuosa exploração do passado adormecido. A enorme energia viril das pessoas avolumavam em rajadas energéticas de um *fazer* objetivo e um estridente otimismo varria diante dele de modo que parecia que cada segredo da natureza e do coração humano ficaria em breve quedar-se desnudado.

Porque os meus últimos anos foram os últimos da inocência da nação, antes que a exuberância se tornasse frenética, quando pareceu que qualquer problema poderia ser resolvido se ao menos o prazer apropriado fosse aplicado; as técnicas apropriadas ao estilo Americano aprovado. Contudo, esse período já tinha obscurecido com sombras psicológicas que se lançaram sobre o passado da Europa, e essa geração legou-nos tanto um Freud quanto um Myers.

O país seguiu Freud e descobriu as porções internas da alma detestáveis; contendo relíquias de desejos e paixões desenfreadas, impulsos primários primitivos que destruiriam, caso não fossem arrancados pela raiz, a estrutura objetiva do mundo. E essas forças pareciam passivas, obstinadas, "femininas" - e invencíveis. Quando muito poderiam ser evacuados, jogados no animado ar do trabalho de todos os dias, zombados; de modo que a exalação da natureza pudesse dissipá-las no novo fumo libertado dos milhares de fábricas que brotaram do triunfo irascível da tecnologia.

Contudo, que barulho mais indisciplinado, igualado quase com um fervor missionário por parte dos psicólogos que apontava para desviar da alma do homem todas aquelas inconsistências e paixões que lá se encontravam enterradas; e para as atar também em função das esplêndidas atividades do progresso, da indústria, e da manipulação física da natureza para utilização do homem. Assim, em termos energéticos definimos sondar a mente, a vontade - determinados a minar todos os nossos recursos; e alguns de nós, entre os quais eu me achava incluído, achamos oculto nas potencialidades mais mundanas do homem indícios de poderes que mais do que igualavam a promessa da tecnologia.

Descobrimos a existência da clarividência, da precognição, da telepatia - como metais preciosos que jaziam meio obscurecidos pelos processos do pensamento mais grosseiros da mente dos homens. Mais, pressentimos no íntimo do mais comum dos homens e mulheres a energia adormecida do motivo que podia a qualquer altura de repente despertar, e transformar a

vida do indivíduo e trazer a um primeiro plano habilidades, faculdades e energias que antes não se encontrava neles.

Seguramente, do quadro respeitável social e intelectual da minha ocupação, eu "interessava-me" de forma bastante séria por essas questões, fazendo uso do meu intelecto como um tapete resistente para manter os meus pés acima do solo mental enlameado - e comecei a peneirar e apesar aqueles exemplos de aparente habilidades paranormais que encontrava. Um negócio quase sempre confuso, porém, um em que quase sempre havia uma possibilidade de descobrirmos um talento de enorme mérito, um relato em que se verificasse precisão científica, um sonho que alcançava vida com tal similaridade em relação ao original que a sua natureza precognitiva *devia forçosamente* ser aceite enquanto facto científico.

Juntámo-nos a sociedades instruídas, deixamos os salões académicos, contudo a envergar os nossos adornos profissionais; bengalas ou guarda-chuvas a tocar inteligentemente os passeios, com os chapéus corretamente inclinados, as luvas adequadamente colocadas; qualquer entardecer ou noite poderia encontrar-nos a vagabundear de forma grandiosa salão de renda da médium, onde os soluços dos recém-enlutados abafavam os alegres gorjeios dos pardais lá fora.

"Mais perto, meu Deus, de Ti" era o favorito dos muitos hinos tocados, geralmente numa piano desafinado ou entoados por uma soprano de olhos tristes, enquanto diziam ao enlutado para concentrar os pensamentos no ente amado, recentemente falecido, ou num membro da família presumivelmente ausente - por esse membro na verdade poder achar-se presente numa forma diferente; consciente, embora com um outro tipo de perceção; era função do médium servir de centelha de ligação das realidades enroladas dos vivos e dos mortos. Uma tarefa das contas?

Talvez o cientista, inocente em relação às superstições inocentes ou obscuras, pudesse discernir a verdade e descobrir mesmo na mais precária das sessões aquela prova irrefutável que libertaria o homem do seu antigo temor da morte e da aniquilação.

Caso o médium de forma tenazmente se opusesse à luz, insistindo que as suas condições necessitavam do escuro, não poderia, pensávamos nós, cerrar a luz da mente intelectual e cientificamente ajustada; e essa iluminação estávamos nós decididos a usar de forma incessante. Na altura,

eu considerava ser um explorador algo ousado, muita vez arriscando o meio psicológico manchado do ignorante e do iletrado, do supersticioso e do sem princípios e pisar águas psicológicas não salutares quando necessário, a fim de conquistar continentes interiores da mente tão seguramente quantos homens noutros campos e formas de persuasão tinham conquistado territórios.

Tomávamos notas de todos os procedimentos, por mais ridículos que fossem, que parecessem oferecer uma promessa. Investigávamos, entrevistávamos e testávamos, e muitas vezes éramos alvo de zombaria (de forma mansa e por trás das nossas costas) - outras vezes de forma manifesta, pelos próprios médiuns. Contudo da nossa parte, insisto em que havia integridade de intenção, e se fôssemos dados à leitura, e facilmente enganados vez por outra, ou mesmo cegados pelos nossos sublimes princípios, ou se aproveitassem de nós por causa deles, ainda assim não éramos inteiramente seduzidos pelos aspetos mais superficiais da democracia e da tecnologia, mas estávamos determinados a levá-los a uma fruição mais profunda e mais amadurecida examinando a mente ou a alma que as trazia à existência.

"O Poder da Mente," "o eu subliminar" - essas frases deixavam-nos agitados até às profundezas, porque enquanto fazedores éramos positivos com respeito ao facto de que a democracia poderia desenvolver de verdade o indivíduo, elevar as suas capacidades ao grau N, e tirar proveito delas para o bem de Deus, do homem, e da sociedade.

Embora procurássemos cartografar as dimensões da alma, nós procurávamos alinhar-nos profissionalmente pelo intelecto, com um Protestantismo esclarecido e um otimismo viril que podia, achávamos nós, proteger-nos do atoleiro do emocionalismo, do fanatismo, e da completa idiotice que por vezes rodeava a questão que tínhamos em mãos. Eu próprio padeci da mais sombria das melancolias durante grande parte da minha vida, e fui particularmente atingido pelo facto das conversões religiosas, por exemplo, conquanto libertassem poder e energia nos indivíduos, também podiam exagerar algumas das suas menos favoráveis características, aprofundar os seus preconceitos e aumentar a paranoia que anteriormente estaria apenas latente.

Para cúmulo da minha preocupação, parecia não haver qualquer prova científica da sobrevivência dos mortos. Até mesmo exemplos irrefutáveis de aparições do que tinham partido podiam ser explicadas por outras formas - como erros de percepção, alucinações, ou mesmo como interpretações de informação telepática então reconstruídas imaginariamente pelo sujeito que percebia. Contudo, eu sentia profundamente que uma investigação e uma exploração da alma do homem deveria acompanhar em paralelo o seu desenvolvimento mecanicista, e estava convencido de que tais estudos deviam ter lugar sob as respeitáveis insígnias da ciência e da comunidade académica.

Buscávamos em particular os relatos de cidadãos de confiança, consequentemente gente inocente em termos de duplicidade, conhecida nas suas comunidades; e rapidamente descobrimos que a precognição e a telepatia - essas peculiaridades pouco convencionais da mente - eram experimentadas pelos cidadãos, que contrariamente não eram imaginativos, mas devotados ao seu trabalho e família, e de forma nenhuma diferentes dos seus pares.

No entanto a informação dependia de conversas do passado, ou de notas rabiscadas nas costas de envelopes; e a própria natureza do estado do sonho, queria dizer, evidentemente, que poucas testemunhas estavam presentes quando e caso um sonhador espantado acordasse e deixasse escapar um sonho clarividente suficientemente vívido para o abalar no seu sono. Com tudo isso, porém, a comprovação que tínhamos era suficiente para me convencer de que tais elementos informais da mente existiam, e que ignoravam as leis conhecidas da ciência.

Era então impossível não devanear acerca da existência futura de uma tecnologia da mente, mais esplêndida do que os triunfos mecânicos da indústria ou da ciência, uma tecnologia porventura capaz de utilizar energias mais fortes do que aquelas disponíveis de outro modo, e era impensável, pelo menos a mim parecia-me, que os poderes da mente pudessem realmente contradizer as leis da ciência: eles deveriam simplesmente apontar novas direções para a ciência seguir, e ajudá-la a evitar as limitações causadas pelas suas próprias crenças.

Os experimentos de laboratório são previsíveis, mas, infelizmente, a mente constitui o fenómeno menos previsível no mundo. As emoções, que

varriam sobre a ampla extensão da mente, muita vez pareciam distorcer informação fiável, e parecia-me a mim que as minhas emoções me causavam mais problemas do que os sentimentos davam à maioria dos homens. Por um lado, eu receava que as minhas emoções contaminassem as minhas investigações, ao perceber que os médiuns por vezes eram bons psicólogos, e se dispunham bastante a atribuir aos espíritos as intuições obtidas da prática de um uso perspicaz do senso comum.

Assim resolvi não revelar o que sentia; a reservar-me na expressão, até mesmo nas expressões faciais em tais exemplos, assim como nas posturas corporais que adotava. Mas essa reticência da minha parte era instantaneamente interpretada por alguns médiuns como um pomposo saco de segredos a ser mexido, investigado e acossado com um contentamento exuberante.

Eu era modesto e reservado nos meus modos. Esforcei-me por ter modos sem exagerar o protocolo, e aventureiro, sem acusar os outros de indevida timidez. Com os meus colegas e nos salões académicos podia dar largas à minha criatividade; quer dizer, atrevia-me a falar de questões como a do misticismo e da consciência cósmica. Fiz alguns discursos inspiradores que despertaram nos meus ouvintes aquelas emoções de aspiração e de fé e esperança; e ao falar sentia fé e esperança.

Porém, concedia a mim próprio tal luxo emocional somente por me ver rodeado de uma economia emocional e aridez que automaticamente me temperariam o entusiasmo. Mas ao falar, a minha conduta sempre se mostrava razoável, no sentido de não conceder a tais sentimentos a possibilidade de me afetar as ações de tal forma que me pudessem causar embaraço. A minha pronúncia era tão correcta, por exemplo, que a própria precisão servia para reprimir qualquer permissividade que as palavras emocionalmente tingidas pudessem caso contrário - e de modo bastante natural - sugerir.

Profissionalmente, eu era visto como avant-garde, como um vanguardista à minha maneira, por dar voz a temas que eram evitados por outros, e por tentar, embora de forma cautelosa, introduzir questões do foro da alma na especulação científica.

Na sala de sessões, a minha modéstia natural via-se ofendida pela exuberante e por vezes irresistível criatividade que lá encontrava; a quase

excessiva alegria em termos de um poder energético. Ao mesmo tempo, eu encontrava-me frequentemente num estado de reverência, como é costume ficarmos quando confrontados com a pura vitalidade exibida pelos muito jovens - indisciplinados, inalterados, injustificados pelos padrões do costume, mas que sugeriam um tal poder em estado bruto que o adulto fica admirado com a energia esquecida da sua própria juventude.

É bastante possível que os meus modos indisciplinados provocassem uma tal resposta da parte das médiuns em particular, por eu ter uma reputação de uma objetividade científica a manter. Não podia permitir que nenhum truque de mãos ou estratagema emotivo me pudessem maçar o juízo; nenhum cenário religioso nem lágrimas sentimentais de piedade me fariam esquecer a por vezes astuta duplicidade com a qual alguns das mais aparentemente sinceras médiuns podiam enganar o investigador psíquico.

Algumas dessas médiuns não passavam de meras fraudes psicológicas, que se entregavam ao seu comércio; ainda assim prestavam ao seu modo um serviço, por a essas humildes salas de estar, mobiladas com emblemas religiosos e imagens do Cristo e dos santos, acorrerem os pobres e os confundidos, as pobres matronas, esposas de vendedores de sorvetes ou de trabalhadores de fábricas. Essa gente era alheia ao mundo da psicologia, e jamais visitavam o estúdio do psicólogo, nem alguma vez seriam bem-vindos ao sofá do Freud na Europa.

O psicólogo teórico nada tinha que ver com esse segmento da sociedade. Frequentes vezes, a própria existência de tal gente parecia apresentar uma bofetada na face da democracia e da psicologia de modo idêntico. Por envolver a liga dos insatisfeitos com a democracia, interessados nos resultados que a democracia prometia mas não podia produzir por atacado. E por *tudo* isso, nessa época, era a produção da felicidade por junto que conferia à democracia o encanto que tinha.

O objetivo não é um que qualquer governo possa fornecer. A segurança pode ser legitimamente esperada da parte de qualquer governo bom, e a livre oportunidade do desenvolvimento das capacidades do indivíduo, do criativo uso dos recursos, e a existência de um emprego digno. Porém, a felicidade em si mesma é mais esquiva e provém de fontes que não se encontram sob a alçada da legislação.

Muitas senhoras de todas as idades e posição obtinham bagatelas como médiuns, rainhas de mau gosto de tristes vizinhanças, ofereciam um conselho e recomendações necessárias, algumas das quais bastante sagazes e judiciosas, para quantos se vissem - devido à pobreza, à falta de educação ou a imperfeições pessoais - proscritos da corrente principal da vida Americana. Essa gente causava do mesmo modo um embaraço para as religiões, os governos e os psicólogos.

A face frontal do Protestantismo era pragmática. Deus ajudava aqueles que se ajudavam a si mesmos. Todo o negativismo deveria ser posto de parte. Se o homem possuía uma alma - pois bem, que os espiritualistas a produzissem, sem todo um monte de teoria sem sentido. Que os espíritos dos mortos fizessem um bom sentido e provassem ter razão, sem termos que andar por aí a esconder-nos em vestes fantasmagóricas pelas salas de estar das traseiras da Srª. Chowder.

Contudo, era precisamente para as salas de estar de trás da Srª Chowder que eu era frequentemente conduzido, de chapéu hesitante na mão, de olhos céticos educadamente baixados, já que inicialmente eu espiava o terreno - por ser difícil ver como os milagres do espírito podiam emergir de tais cenários desmazelados: lambris lascados, portas sujas, quartos completamente saturados dos odores misturados de incenso, candelabros de velas, cozeduras de cebolas, tomates ou de carne pouco persuasivos, alhos, poções para a tosse e outras especiarias ou óleos dotados de propriedades bolorentas mas por outro lado misteriosas.

Poderia a receita para o conforto da alma ser misturada em tais cozinhas? Melhor seria manter-nos no nosso cachecol, enrolá-lo em volta da cara para manter os odores perniciosos de fora, sentar-nos e entrar no negócio, e deixar tais questões e patetices para uma altura de maior conforto. Por o nosso trabalho estar mais intimamente interessado com a parafernália caseira do que os nossos documentos científicos poderiam revelar, mas também ligado a caminhos bem tortuosos com a passagem das estações.

Por exemplo, as nossas investigações eram duplamente mais complicadas no inverno, devido a razões divertidas não evidentes inicialmente; em particular em Boston, onde a humidade tinha um efeito frio de gelar os ossos que até mesmo os ensolarados sentiam de forma aguda. Consequentemente, as senhoras andavam completamente enfeitadas, até

mesmo em suas casas, com camadas sobre camadas de peças de lã e musselinas por debaixo das saias, para não falar dos xailes, das blusas, capas e aventais que usavam por cima.

O inverno fornecia, pois, uma desculpa legítima para o uso de roupa interior volumosa que habitualmente era usada não tanto para encobrir magnetos (com que faziam mexer as mesas) nozes (chocalhadas para provocar o ruído dos golpes secos) e as mensagens rabiscadas em pedaços de papel e posteriormente materializadas como se recentemente redigidas pelos mortos (uma peça semelhante de papel em branco que teria sido inicialmente colocado na mesa, e mais tarde rapidamente substituído pelo que tinha escondido).

Requeria-se a maior das coragens, a tosse mais delicada, o mais delicado, contudo exigente, dos olhares de relance dirigidos ao investigador em tais circunstâncias a sugerir que a roupa da boa mulher podia esconder mais do que ancas ou seios largos, e daqueles homens suficientemente corajosos - em tais situações - para pedir permissão para examinar os fundamentos da senhora, por se ser acusado de se ter mais do que interesses científicos em mente.

Nesse clima nortenho gelado, porém, e à noite, quando muitas das sessões tinham lugar, reinava um certo chame; talvez - quem sabe? - uma esperança suficientemente inocente que, de encontro ao profundo inverno da alma, aqui tais ingredientes caseiros pudessem inflamar aqueles elementos necessários do coração que - caso algum pudesse - unir os vivos e os mortos. O cientista estava bem ciente de carecer de todo o ímpeto emocional que fosse necessário para lastimar as circunstâncias conforme pudesse, mas ele também sentia ser um forasteiro, um observador, que observava a centelha que as emoções dos outros podiam fornecer, que pudesse usar.

Infelizmente éramos habitualmente enganados - mas ainda assim, conforme explicarei mais tarde, não o éramos mas eram-nos ensinadas lições mais profundas do que as que conhecíamos. Eu estava familiarizado com os rudimentos da hipnose, tanto quanto muitos dos meus colegas; e conquanto falássemos sobre projeção do nosso lado, jamais chegou realmente a ocorrer-nos que muitas dessas mulheres iletradas fossem de longe melhores hipnotistas do que nós; que tivessem a prendido técnicas mais eficazes,

mais rápido, e habitualmente mais agradáveis do que as nossas; ou que de facto elas entendessem melhor do que nós os ditames, as necessidades e os anseios do coração humano.

As lições geralmente escapavam-nos. Recordo a frequência com que me exasperava e encolerizava, e saía irado como um furação pelo alpendre escurecido fora para a carruagem que me aguardava; a escarnecer em voz baixa mas num tom ardente os truques transparentes de certas mulheres que apanhava em fraude. Eu tinha de facto percebido enganos - "ectoplasmas" feitos de algodão, todo um volume certa vez arrastado em meio a uma sessão pelo gato da família, - porém os presentes que deveriam ter ficado irritados imputavam-me a sua ira em vez de o fazerem em quem perpetrava tal engano.

"Pobre gente ignorante," pensava eu abanando a cabeça, e deixando escapar por completo um aspeto importante: o excelente uso que a médium fazia da hipnose era tal que mesmo em face da revelação, os presentes escutavam unicamente a penas a sua voz, os seus argumentos; e ela tinha-os convencido, *a despeito de toda a evidência em contrário*, que tinham sido visitados pelos falecidos.

De certo modo, isso constituía uma representação tão extraordinária quanto uma visita legítima feita pelos mortos, por os presentes acreditarem naquilo que viam sob a sugestão da médium até mesmo quando os adereços tinham sido revelados como um engano - e o fantasma acabava por ser a irmã mais nova da médium, que perambulava pela sala escura em chinelos; ou o lamento queixoso: "Mamã," provava não passar da filha da vizinha, escondida atrás da cortina, a quem pagava uma moeda por cada deixa como a de "Mamã" que proferia.

Um dos nossos erros dizia respeito ao intelecto isoladamente ter a capacidade de discernir, e de ser o árbitro final dos acontecimentos. Sentimentos e sensações podem ser usadas, e também deveriam ser usados, por as emoções também procederem aos próprios juízos da realidade e ser contra essas opiniões mais voláteis que em última análise avaliávamos os nossos atos. Ou seja, as emoções também providenciam um quadro legítimo, embora diferente, com que testar os resultados de qualquer evento, paranormal ou não, e a verdade das emoções pode responder a uma realidade interior objetiva que possua as suas próprias regras e valores que

não são misteriosos nem ocultos mas percetíveis, caso usemos o mecanismo de aferição adequado.

Uma tal proposição é amplamente difícil de defender intelectualmente, no entanto há algumas analogias a descobrir. Um romance pode ser verdadeiro no mais profundo dos sentidos, por exemplo, embora os detalhes que apresenta possam ser "falsos" em termos científicos, caso as pessoas e locais mencionados não existam "de facto."

O cientista, ao julgar um tal trabalho pelas regras da sua própria disciplina somente, poderá na verdade perder por completo tais trabalhos como estando abaixo de qualquer consideração séria de adulto. Os eventos ficcionais do romance são declarações simbólicas que visam realidades emocionais interiores que possuem uma profunda validade. Existe uma correspondência definida entre tais eventos imaginários e o mundo objetivo.

O problema está, evidentemente, em que tal correspondência não é medida nos termos habituais. Descartá-la por tal razão, porém, seria furtar o mundo à sua valiosíssima herança e realização artística. Conquanto eu tenha ficado, em vida, cada vez mais dececionado com os resultados das investigações paranormais, com o tempo tornei-me cada vez mais convencido de que os eventos "ficcionados" de muitos dos salões de sessões - todos aqueles dramas assustadores formavam as esperanças desesperadas, delírios emocionais, fabricações criativas e dramatizações subconscientes; essas peças morais em miniatura que ocorriam em bairro após bairro - valiam por realidades interiores. Simbolizavam factos internos, se preferirem, até mesmo quando assentavam na fraude, e tinham a mesma correspondência com eventos após a morte que os romances convencionais ou as peças de teatro têm com a vida diária.

Podíamos comparar os trabalhos de arte com os eventos que simbolizavam, mas a realidade do pós-vida não nos apresenta em vida nenhum padrão com que medir que verdades dos factos internos têm lugar na sessão, ou outros eventos psicológicos. Contudo, a sessão constitui um evento social pelo facto de ter participantes e frequentemente uma audiência, e nós vemo-nos a enfrentar os mesmos problemas que as testemunhas fornecem quando delas se espera que indique com clareza os factos nus e crus da sua experiência.

São de tal modo os poderes da imaginação criativa que tais participantes poderão *de facto* - quer dizer, fisicamente - perceber os eventos ficcionados; pode na realidade ver uma aparição sob a sugestão da médium num drama psicológico em que a própria médium está convencida do surgimento da aparição - por, à semelhança do cientista, porventura, confiar na evidência dos seus sentidos. E esses sentidos poderão de facto mostrar-lhe a imagem sombria de uma pessoa - o morto, claramente posicionada. Ela pode ouvir palavras que repete para a pessoa presente. Tomando como certo que nenhuma fraude tenha lugar em tal hipotético caso, que poderemos dizer? Devemos dizer que não entendemos a própria perceção. Foi o que eu fiz a mim próprio. Mais sobre isto posteriormente.

Mas se observarmos a sessão como um evento dramático psicológico criativo, poderemos pelo menos compará-la a outros dramas mais convencionais, tais como as produções ou cerimónias religiosas e artísticas. Temos, por exemplo, um conjunto de convenções e um folgado elenco de personagens - os guias Índios, doutores, filósofos, poetas e outros personagens que tal - ou seja, os habitantes dos mortos, que servem de "controladores" ou mediadores entre a médium e o falecido.

Talvez essas sejam produções artificiais; personagens ficcionados que ganham vida por assim dizer por meio dos gestos da médium, voz ou atos, em vez de aparecerem simplesmente na página impressa como o personagem principal da arte do romancista. Ou talvez isso também represente um tipo de síntese criativa com a qual geralmente não estamos familiarizados, uma reconversão psicológica que permita à médium sintonizar com um meio de perceção diferente, que é por sua vez interpretado em termos que nós compreendemos.

De novo assim disse a mim próprio.

Eu imaginava: Se as produções teatrais do mundo dos atores representavam uma realidade objetiva, então, que será que está por detrás do drama criativo das sessões? Será a experiência que a médium traz do desempenho simbólico do papel, indaguei eu, que tenta retratar por meio da personificação uma alteração definitiva da consciência que com efeito ocorre após a morte? Devo confessar que essas sessões a que assisti em vida estavam longe da qualidade das produções artísticas, porém, e aquele desempenho que surgia sob o pretexto da arte - tal como a escrita

automática - pouca evidência demonstravam de mérito criativo. Achei a arte primitiva encantadora, mas tal procura primitiva através da palavra escrita deixavam-me embaraçado até ao âmago. Pelo menos, tal era a reação que tinha em relação a tais manuscritos que me chegavam até à atenção.

Contudo, havia igualmente as senhoras mais cultas, de ambientes mais abrigados que tinham as suas sessões elegantes nos salões prósperos, por entre ricas tapeçarias de parede, com criadas a ser vir chá e biscoitos: salões visitados por homens de letras muito educados - mulheres de honestidade e sinceridade livres de toda dúvida. Aqui, as situações eram mais apropriadas e a relação entre a médium e o investigador era muito mais confortável.

Notícias correntes e mexericos podiam ser discutidas antes das cortinas serem corridas, mas na ânsia que tinham por provar os seus casos, tais senhoras muitas vezes só produziam uma versão dos acontecimentos mais pomposa com que os investigadores já se achavam familiarizados; uma embalagem porventura mais cultivada, mas sem qualquer outro conteúdo.

Essas senhoras mais respeitáveis regulavam as suas próprias entoações emocionais, talvez de forma automática, em resposta à suspeita que o investigador revelava em relação ao sentimento, tentando ser ainda mais razoáveis, mais lógicas, de modo que os resultados dos seus experimentos intuitivos funcionassem contra quaisquer habilidades que as senhoras possuíssem.

Porém, os acontecimentos paranormais tinham sido rotulados de tal modo, muita vez pelos próprios psicólogos, que a sua incidência carregavam quando muito o matiz da respeitabilidade - e, na pior das hipóteses, implicavam na mais perigosa forma de histeria. Os experimentos feitos pelos psicólogos em hipnose aprofundavam tais ligações ao produzirem, por meio da sugestão que atuava sobre o hipnotizador do mesmo modo que sobre o sujeito, os resultados esperados.

As chamadas cisões da personalidade eram fabricadas psicologicamente por tais galanteios, adaptados para encaixarem os preconceitos do hipnotista. Um bom hipnotizador hipnotiza-se a ele automaticamente antes de começar a trabalhar as sugestões que impõe à mente do outro - um facto nem um pouco compreendido então como agora.

Nem o verdadeiro cientista se atrevia a permitir-se experimentar os acontecimentos paranormais, em termos gerais, porquanto fazê-lo colocá-lo-ia sob a mesma situação comprometedora; traria à evidência aquelas qualidades da objetividade, da discriminação intelectual, e do equilíbrio emocional que ele acreditava que o separavam do seu objeto de estudo. Quanto mais um homem desses procurasse dispensar as suas emoções, e manter uma posição objetiva, mais as suas necessidades se adensavam sob a trela académica; e quanto mais fascinava ficava com os elementos emocionais que estavam sob investigação, maiores os ricos de perder a sua virgindade psicológica ele corria.

A exploração das fronteiras da mente representava mais do que uma metáfora; a marcha otimista, agressiva e democrática iria estender-se não só por todo o continente como à própria alma da nação. Infelizmente, as técnicas que fomentavam a indústria e as tecnologias emergentes não eram aquelas que melhor encorajavam a pesquisa da mente do homem. Por um lado, a mente precisava ser aproveitada, dirigida, focada para poder ajudar o homem na batalha que travava contra a natureza, e contra aquilo que ele via como sem razão, os impulsos selvagens da sua própria natureza.

Ao mesmo tempo, os ideais mais elevados da democracia eram muita vez perseguidos com uma indiferença hostil para com as necessidades dos outros; com desprezo pelo sentimento exceto quando ele satisfazia as necessidades nacionais ou patrióticas. Tais necessidades eram em larga medida entendidas nos termos do Protestantismo, e interpretadas de acordo com os interesses Americanos: A piedade significava trabalhos sociais, só que numa forma destituída galanteios, e Deus ajudava aqueles que se ajudavam a si próprios.

Para tal fim, o psicólogo procurava reter um modo encrespado, um otimismo nítido, uma posição científica que de todo em todo não representava qualquer absurdo -- exceto, claro está, o perpetuado em nome da psicologia.

Nessa atmosfera generalizada, parecia-me mais seguro a mim concentrar os meus esforços na teoria em vez da prática; e servir de mensageiro entre os que trabalhavam nesse campo por assim dizer, e os seus colegas das universidades. Também me decidi sobre certos outros requintes, certamente ditados pelas características do meu próprio temperamento.

Conquanto tal temperamento fosse atraído pela barafunda, pela impetuosidade do seu tempo, pelo espírito democrático em ação, era igualmente aristocrático, arredio, poder-se-ia dizer enjoados pela excessiva dieta da camaradagem democrática -- mas igualmente tingidos por uma quase constante melancolia.

Para um cientista, eu era demasiado consciente dos meus próprios estados de espírito, e preocupava-me excessivamente com os meus humores, contudo demasiadamente adaptado em termos críticos, demasiado cético em relação às emoções para lhes dar poder de influência, pelo que me faltava a energia emocional dos artistas. Não era, pois, coincidência nenhuma que eu me decidisse por uma análise crítica dos estados de espírito; a investigação intelectual das inspirações religiosas; as por vezes sombrias buscas do espírito triunfante do homem na morte, já que em vida tal triunfo me iludia de forma constante.

Tivesse eu ligado ambas essas minhas características juntas, e teria sido capaz de dominar o poder das emoções por estados de espírito mais elevados de criatividade - pelo menos pelo melhor da minha capacidade -- e ao mesmo tempo teria conferido ao meu intelecto uma liberdade criativa; formando uma síntese que agora sei deveria ser o meu estado natural da psique do homem.

Numa compreensão das forças criativas do homem e da tensão existente entre intelecto e emoções, poder-se-ão encontrar aquelas pistas até agora mais elusivas para os poderes da psique que com efeito permitem que prossiga em existência após a morte, embora num estado alterado de consciência, e num ambiente que carrega o mesmo relacionamento com a vida física que a vida física tem com a produção teatral - enquanto combina os elementos mais criativos de cada.

DEPRESSÃO, PRECOGNIÇÃO

E AS DINÂMICAS DA CRIATIVIDADE

Na vida as dinâmicas da criatividade acham-se ocultas de nós de uma forma que os processos do pensamento lógico não estão. Uma esplêndida cena natural, a melodia de uma simples música, ou a contemplação de um grande quadro habitualmente agitam-nos as emoções de uma forma

aparentemente miraculosa, de modo que de repente, toda a personalidade global do indivíduo se vê alterada: a fé substitui a dúvida, a saúde vibrante ressoa pelo corpo, faculdades intelectuais anteriormente constrangidas pela ansiedade são estimuladas, aguçadas - mas ainda assim repletas de um novo poder, ao alcançar uma substância adicional ou densidade de conteúdo.

Tais experiências surgem de maneira insignificante ou grandiosa em cada vida; por vezes tão aparentemente insignificante que quase passam despercebidas, talvez sem nos alterarem porventura os planos que temos para o dia, embora alterem o projeto daqueles acontecimentos da mais dócil e afável das formas; ou ocorrem como revelações que reescrevem por completo o roteiro de todas as ações futuras de uma vida.

Não podemos explicar tais experiências intelectualmente, por a mesma cena que inexplicavelmente nos incendeia as emoções e nos desperta o espanto podem ser uma que tenhamos passado incontáveis vezes, sem sermos afetado: o quadro poderá ter-nos impressionado anteriormente como muito mundano; podemos ter ouvido essa particular música tantas vezes no passado que automaticamente tenhamos deixado de a escutar com fins práticos.

O contrário pode evidentemente ocorrer, onde uma cena inócua nos impressiona com uma súbita desolação acentuada; a visão de uma obra de arte mergulha-nos numa profunda depressão; ou as melodias de uma peça de música familiar inexplicavelmente dão início a uma melancolia tanto mais desesperada por se afeiçoar tão desproporcionada em relação ao evento que a tenha desencadeado.

Eu costumava pensar que a paisagem melancólica de New England era, até certo ponto, responsável pela minha própria melancolia, por a sensação da consciência que por vezes tinha espelhar na perfeição a tristeza fria e grisalha do mundo exterior ao meu estúdio acolhedor. Os navios que aportavam, soavam como uma nota triste em particular ao crepúsculo, como se os mortos dolorosos fizessem um anel, de braços entrelaçados, a olhar para terra num desespero nostálgico, a encher o ar de o soar do seu hino fúnebre - um som que se fundia com o bramido do oceano, os apitos a vapor dos navios, e os assobios e ruídos estridentes das ondas frias.

Fantasias desajeitadas, românticas e sentimentais! O meu intelecto sustentou-me no desprezo delas, mas eu não o confessaria a ninguém. Recordando-me com firmeza a enérgica azáfama que se travava no porto, eu imaginava as luzes, tumultos e os brados dos marinheiros. Eu tentava cheirar o odor da apanha do dia, ouvir o troar dos pés que retornavam na madeira escorregadia das docas, e ver os barris de água fria atiradas às redes a brilhar de peixe - por tudo isto eu ter experimentado com habitualidade em longas passeios, e eu sempre achei todo o assunto muito refrescante.

No entanto, quando essa fantasia particular me subjugava, eu era mentalmente atingido em vez disso pela visão dos olhos cegos do peixe e olhar para cima, das rochas viscosas, da calorosa, contudo, agora desagradável indiferença que os pescadores evidenciavam em relação à captura em contorção por baixo dos seus pés calçados com botas.

Seria pela desolação desordenada dos sentidos, essa negação glutona da vida das outras criaturas por que os mortos suspiravam? Eu interrogava-me com tais ânimos sobre o que na vida poderia atrair os mortos, que se encontravam depurados de tais violências triviais, que eram absolvidos de um clamor de desejos contraditórios em que a vitória de um representava o desespero para outro. Pois que, enquanto eu ansiava pela camaradagem e achava a conversa social a mais viva das atividades civilizadas, noutras ocasiões sentia-me mal em relação ao mesmo tipo de discurso e aos mesmos companheiros que, noutras alturas, me traziam a mais profunda das satisfações.

Assim, porquê a minha fantasia acerca do lamento dos mortos? Durante tais ataques de desolação, eu sentia enfado para com a vida, e mesmo ultraje pelas condições que apresenta, e a tendência para uma vida de contemplação - no entanto tal contemplação, arrazoava eu, só aprofundaria a minha angústia. E bastante em linha com os meus sentimentos (em vez da atitude que tinha para com eles) do nada emergiria uma barragem de imagens medonhas, reunidas com rapidez de relâmpago de toda a minha experiência - eventos trágicos da minha vida ou de novelas que tenha lido ou de dramas que tenha visto, imagens instantaneamente trazidas à vida sombria, porém, brilhante, que só instantes antes tinham sido enterradas na minha memória.

As minhas sensações tinham literalmente conjurado essas imagens numa fresca existência pesquisada através de toda a informação importante e trivial com que sempre me preocupara desde a nascença, e que me apresentava isso com uma organização inestimável que conscientemente deveria situar-se bem para lá dos meus meios, caso me fosse pedido para elaborar uma tal lista de associações. A extensão dessas imagens parecia interminável, e proporcionava uma estável procissão de mini dramas trágicos, cada um dos quais me aprofundavam o atoleiro até por fim simplesmente recusar entretê-los mais e voltar à força a minha atenção para outra parte.

Que convidados indesejados do inconsciente, que companhia demoníaca não solicitada! Assim, disse a mim próprio, não admitindo qualquer responsabilidade pela sua vinda e insistindo em vez disso que eu tinha sido explorado pelos ditames de um temperamento melancólico que me pertencia, mas não eu.

Fui igualmente indevidamente fascinado com o progresso das gerações no seu duplo estilo; por cada geração seguir a anterior na vida assim como na morte, como alguma estranha sereia a erguer-se acima da superfície das ondas mas sem nunca perder as barbatanas da sua verdadeira espécie; e caindo para trás nas profundezas do oceano após um breve vislumbre da terra. Porque certamente, argumentei para comigo, nós estaríamos mortos por mais tempo do que o que teríamos vivido, e como poderia a breve luz iridescente da vida derramar qualquer verdadeira iluminação nessas vastas trevas que rodeavam a vida por todos os lados?

Quão estranho, pensara eu, que o foco concentrado da vida fosse tão repleto de conflitos, tumultos, divisões e de questões que pareciam pela sua própria natureza possuir, na vida, nenhuma possibilidade de resolução. Teria uma vida suficiente estímulo para satisfazer os mortos por incontável número de séculos? Refletiriam os mortos na sua experiência de vida, remoeriam mentalmente os ossos da própria contenda (argumentação)?

Assemelhar-se-ia a vida a um qualquer problema indescritivelmente complicado da matemática emocional, para que cada alma recebesse uma, para depois ser enviada de volta para os reinos do não ser onde a concentração se expandiria num qualquer igualmente inexplicável modo? Mas para que fim? Assim, todos estes pensamentos me assaltavam à

medida que eu escutava os barcos a chegar ao porto – numa direta contradição com a experiência consciente que tivera nas docas, e a despeito do meu animado apreço da dilatada diligência dos pescadores quando com efeito lá fui em visita. E se os mortos possuíssem alguns segredos, se a ponderação mental nos acontecimentos da sua vida que faziam lhes trouxesse alguma solução, nenhuma decerto terá surgido nas sessões que eu frequentava, nem tão pouco alguma das investigações que eu fizera sobre tais assuntos me trouxera conforto.

A existência de sonhos de natureza telepática e clarividente era uma outra matéria, e embora nenhuma evidência real pudesse ser determinada, na minha opinião não restava dúvida de que a mente do homem podia e que com efeito rivalizava com a mente de outro; e podia por vezes perceber o objetivo do futuro. Impressionava-me, além disso, dos relatórios de sonhos que coletávamos, que os eventos dos sonhos surgiam juntos ou eram conjurados da mesma forma que as minhas fantasias negras do estado de vigília.

Onde as minhas imagens se confinavam a eventos do passado ou do presente da minha própria experiência, contudo, tais imagens oníricas alcançavam acontecimentos futuros e muitas vezes envolviam experiências que não tinham cariz pessoal. A esse respeito a mente do sonhador procurava no campo interpessoal dos relacionamentos aquelas imagens que moldavam o sonho, mas organizava-as de acordo com algum propósito interior oculto. Os acontecimentos oníricos pareciam encaixar juntos, assim como as minhas fantasias, organizadas com uma facilidade interior muito além dos meios normais conscientes e utilizando um campo muito mais vasto de informação do que aquele normalmente disponível.

Ocorreu-me que os sonhos fossem fatores de mudança de humor notórios, quer os eventos oníricos se provassem ou não “verdadeiros.” Quer dizer, os efeitos dos sonhos eram frequentemente inegáveis, e levavam a mudanças de comportamento definitivas, ainda que os eventos oníricos não fossem de cariz precognitiva. Eu raciocinava, pois, que aqueles que fossem dotados, como eu, de temperamento melancólico – mas também mais dotados – poderiam sonhar as suas fantasias desesperadas mas somente com uma muito mais reviravolta criativa extra, de modo que os detalhes inconscientemente eleitos viessem não do passado privado nem da experiência presente, mas fossem o resultado de uma muito maior deteção

em que o futuro servisse igualmente. O sentido privado de desastre, acreditava eu, podia obter tal intensidade, a antecipação do perigo ser tão aguda, que algumas pessoas num estado acelerado de criatividade onírica procuravam essa informação no futuro, envolvendo outros que não elas próprias; elementos proféticos coligidos; e eventos sonhados que estavam para suceder no mundo objetivo.

Porém, com que propósito? Porque seguramente que sonhos precognitivos de desastres devem conduzir a sentimentos de desamparo e de confusão. Como prevenir os passageiros desconhecidos de um comboio que nos carris mais à frente os espera uma certa colisão? Em que profundidade de incerteza e de ansiedade deverá o sonhador de tal tragédia mergulhar; apanhado a imaginar e a ver se o desastre irá ou não ocorrer? Imaginem tal homem ou mulher cheios de preocupação a sondar os jornais em busca de tais reportagens, e a questionar se o sonho poderia de algum modo ser responsável pelos eventos resultantes caso ocorram… Que valor psicológico poderiam tais sonhos proporcionar?

Encontrei algumas respostas, mais tarde na vida, por meio do exame das minhas próprias fantasias lúgubres, embora elas fossem despertas e não precognitivas. Alguns de nós mais do que outros, parece, somos assaltados por um sentido da vulnerabilidade da vida, e embora possamos aprender a maneira calorosa de todos os dias dos nossos mais vociferantes vizinhos, nós encolhemo-nos e vacilamos e protestamos contra as características da vida que outros tomam como certas.

Um pássaro com uma asa quebrada; um peixe apanhado, mudo de boca aberta; o gatinho de casa a arrastar o rato morto, espirrado de sangue, contudo protegido do crime pela própria inocência; e os ataques da doença com que as crianças muitas vezes se veem afligidas – essas injustiças para sempre nos captam a observação. Quanto não invejamos a mãe atarefada que reage de um modo prático, certa de que amanhã a criança estará ao ar livre a brincar – enquanto vemos o funeral na nossa mente e imaginamos os familiares chorosos. Em qualquer caso há aqueles de nós que na vida esperam o pior das reviravoltas dos acontecimentos; cujo próprio sangue parece ter um matiz cinza fosco; cujos pensamentos mais frescos são tingidos por remorsos e excesso de consciência.

Tal é a certeza do desastre que num dado dia, se nenhum for descoberto, a pressão aumenta, pois que, de que via oculta poderá vir a retribuição da vida? Qualquer desculpa para vincular tal sensação será melhor que nenhuma. Fantasias servirão. Se a pessoa melancólica esconder tal ansiedade de si própria, e prontamente com retidão moral repudiar tais sentimentos como indignos, então talvez durante o sono essa necessidade desencadeia uma criatividade a tal ponto que o sonhador chegue ao futuro em busca de um acontecimento em que possa fixar a ansiedade que sente, e consequentemente, expressá-la.

Se o acontecimento previsto envolver outros, que não ele próprio, que sensação de alívio – desastre, sim, também: o sonhador tinha razão e os seus sentimentos foram justificados, enquanto em si mesmo ele fora salvo. A catástrofe prevista também fornece um drama contínuo à medida que os acontecimentos antecipados são nervosamente aguardados, de modo que a sensação melancólica de que o indivíduo se envergonha podem encontrar um portador que retenha o seu conteúdo.

O artisticamente dotado poderá em vez disso pintar uma paisagem escura de nuvens de tempestade em rodopio, ou de desastre no mar, ou de um outro quadro cujas profundas sombras de aspeto sério sugiram paixões de desespero. O poeta poderá redigir um verso sombrio, um hino fúnebre, ou uma ode à morte. Mas os poderes criativos ocultos encontram-se por baixo dessas realizações, a despeito do seu conteúdo, método ou forma final. E por detrás dos poderes criativos estão as majestosas energias das emoções: aquelas mesmas emoções que eu envejara noutros durante a minha vida, enquanto eu as tratava como enteados psicológicos em mim próprio, a menos que desfilassem nas suas melhores vestes de Domingo.

Foi somente após a morte que compreendi o pleno alcance da vida; apreciei e encantador objetivo da consciência ajustado de modo tão preciso e triunfante com um lugar e tempo, e senti o poder da vida dimensional terrena como em vida jamais a tinha conhecido. Em resultado, cheguei a um acordo com o meu próprio espírito e concedi-lhe a sua liberdade enquanto em vida o sobrecarreguei, acreditando que era mal servido pela experiência da mortalidade

É a fim de comentar a vida terrena que eu agora dou forma mais uma vez aos componentes da minha consciência no seu elenco geral que eles certa

vez possuíram, e adoto em certa medida a tendência característica do pensamento por que os meus trabalhos foram conhecidos. Para tal fim irei pelo menos sugerir aqueles aspetos criativos da personalidade que jazem por baixo de cada vida e permitir que se estenda a dimensões para além das suas, a partir da força e do poder do próprio desígnio.

Em via tive, evidentemente, consciência daqueles que eram dotados de temperamento animado, cujos sentimentos naturais, por si só, eram otimistas; aqueles que pareciam genuinamente contentes; e invejava-os mesmo quando suspeitava que fossem mente rasa, dados a emoções frívolas enquanto cegos para as paixões – ou então romantizava com respeito a eles noutras ocasiões como o Homem Natural, humano, mas tão inocente do desafio moral quanto o gatinho ou o tigre.

A ideia da força da vida intrigava-me e eu conseguia imaginá-la no Homem ou na Mulher ou na Criança ou no Indivíduo, mas tinha a maior das dificuldades em perceber a sua existência em qualquer pessoa; e conquanto teorizasse com relação à sua força eu sentia em mim próprio somente a necessidade de sondagem de sentir esse poder que imaginava que qualquer simples animal possuía.

Procurava por isso pela evidência dela nos outros e na experiência de experiências de eventos paranormais conforme eles me eram reportados e amplamente ignorava o impulso da minha própria vida emocional, que me assaltava então como um impedimento do sentimento contra o qual precisava exercer toda a minha energia, vontade e intelecto.

Eu queria examinar as emoções sem as sentir; estudar a natureza da criatividade enquanto me mantinha distante do seu pleno domínio; explorar a força da vida mantendo-me aparte num isolamento altivo; promover a fraternidade do homem democrático enquanto confinava as minhas relações pessoais ao acadêmico; e acima de tudo, descobrir evidência científica para a crença em Deus ao manter assídua posição objetiva contra a crença emocional que tinha que podia prejudicar o quadro da descrença que tornava a própria busca respeitável.

Parte desse postulado intelectual surgia em resposta aos tempos, contudo, por mais fraco que fosse, eu moldava por sua vez os tempos, marcando-os com um carimbo do temperamento e crença, tal como cada um dos meus contemporâneos fazia. Além disso, até certo ponto essas características

dificilmente refletiam a geração que viera antes, que crera na fé, nas boas obras, na mão do destino de Deus – no entanto, em face dos tumultuosos eventos industriais crescentes, não me atrevia a criticar a experiência diária nacional que a sua fé tinha forjado.

Se Deus estivesse no céu e tudo estivesse bem no mundo, e se a democracia fosse a forma de governo favorecida que divinamente protegesse os direitos e liberdades dos homens; se o livre empreendedorismo e a competição fossem a resposta à pobreza e ao sistema de classes da herança Europeia, então que dizer do trabalho infantil e das condições de má fama das fábricas e lojas clandestinas? Assim, víamo-nos muitas vezes dilacerados entre a fé e a dúvida, entre o fascínio pela tecnologia e a romantização alternativa da natureza, apreensivos entre a excessiva posição sentimental e a excessiva posição crítica.

No meu estúdio, isolado, com livros coo companheiros de confiança, eu teorizava facilmente e com prontidão acerca da fraternidade do homem; enquanto encontros pessoais muitas vezes me deixavam irritado e desesperado, e me levavam a questionar esses princípios morais a que eu obedecia na minha mente, mas que achava tão difícil experimentar quando me deparava cara a cara com os meus semelhantes.

De facto, tentei provar do doce produto das minhas intuições conforme me surgiam na minha imaginação criativa, por tais “intimações da imortalidade” na verdade me transportar acima do solo seco do meu intelecto, ao me proporcionarem conceitos altaneiros e emoções que me libertavam momentaneamente dos meus padrões habituais do sentimento e do pensamento. Mas assim que procurasse provar as intimações interiores pela comprovação e dedução, assim que tentava trazê-las até ao domínio da ciência, eu dava início a uma tarefa ingrata, por nem as intuições nem o intelecto alguma vez chegarem a satisfazer-se.

Tornei-me crítico do alcance emocional da compreensão ou dos do despertar dos voos da fantasia que eu sabia que não podiam ser objetivamente provados, quando antes tinha dado à minha imaginação plena liberdade sem pensar que tais exortações imortais pudessem ter uma base factual, mas mantinha tais sentimentos religiosos acima de tais tipos de escrutínio que dera a outros assuntos mais mundanos. Por conseguinte, o meu conhecimento interior poético mantinha a sua validade quando o

julgava no seu próprio âmbito, mas assim que o lançava à luz da ciência, os conflitos tinham início. Não mais conseguia, pois, aceitar o conforto das minhas intuições, por uma crença religiosa ou espiritual se tornar somente numa premissa na sua tradução intelectual, e o rico drama da alma desmoronava quando recomposto na geometria da mente. Por essa geometria requerer uma definida série de passos e de métodos antes de dar o seu QED *(NT: Frase do latim, Quod erat demonstrantum, que quer dizer "como se queira demonstrar")* a hipóteses para as quais a intuição não carecia de tal síntese classificada.

Na verdade, a estrutura interna de tais títulos (valores) intuitivos, embora fortemente sentidos, pareciam dissolver-se na totalidade quando fossem adulterados pelo intelecto, como se fossem compostos pelos mais requintados ainda que mais frágeis dos materiais senão por ingredientes suficientemente sólidos nos seus domínios nativos, que, no entanto, não conseguiam ser transferidos para o mundo físico.

Uma parte de mim pensava: "Claro que a fé não pode suportar a luz da razão. O cientista precisa manter as suas crenças separadas do seu mundo dos factos e não procurar provar, quer no laboratório ou noutra parte qualquer, essas improváveis intimações da alma. Que elas sejam relegadas à arte ou à religião ou à filosofia – disciplinas que não precisam definir as suas teorias com tal rigor."

Por outro lado, sentia-me compelido a verificar as compreensões da fé e a trazer todos os aspetos ocultos da consciência à luz democrática do dia, ao novo mundo de progresso e de tecnologia, onde eu esperava que o conhecimento comprovado do espírito poderia então ser usado enquanto ímpeto extra na busca objetiva que o homem empreendia por respostas para a realidade – e também servia para temperar o inescrupuloso uso do próprio conhecimento, para um ganho egoísta.

Pois que, se podíamos minar os recursos da Terra, cavar fundo no núcleo do planeta e trazer à superfície minérios e minerais, porque não haveríamos igualmente de minar os recursos da alma do mesmo modo, e trazer à superfície da mente do homem aquelas gemas preciosas da fé e da esperança que jazem, pensava eu, abaixo da superfície da mente?

Comecei a procurar tais conhecimentos intuitivos e intimações espirituais por onde quer que pudessem achar-se – nas Igrejas e nas salas de sessão,

nos relatos de sonhadores – em busca das histórias tanto de gente respeitável como de excêntrica. No entanto, a integridade das minhas próprias compreensões intelectuais sofreu, e não mais consegui auferir de conforto com base nelas. Além disso, as minhas intuições mostravam-se escandalizadas com a descoberta o seu conhecimento criticado pelas frequentes atividades espalhafatosas de muitas salas de sessão – a fé reduzida a truques de mágicos e roucas persuasões sussurradas sob a forma de aparições que desfilavam em vestes diáfanas.

Como poderia o túmulo de um homem e as mais elevadas propostas espirituais chegar a tal destino a ponto de a sua validade ser considerada dependente de tal sentimentalismo choraminga e balbucios? Como poderiam aqueles cintilantes prismas da fé transformar-se naquelas bolinhas baratas sob a investigação da lógica e da disciplina do controlo?

O poeta podia regozijar-se com as suas revelações intuitivas e dar-lhes vestes duradouras (e protetoras) nos seus versos; intuição e intelecto neste caso unidos num sacramente simbólico; intimações sem palavras corporificadas na cadência do verso – de modo que o poeta, qual banqueteiro espiritual podia ter o seu bolo poético e comê-lo também. Ninguém lhe pergunta pela receita nem pelos ingredientes. Mas lancem os mesmos dados nos termos do raciocínio usual e o bolo derrete, o glacé fica uma confusão pegajosa, e tudo quanto os convidados impacientes conseguem será uma mão cheia de desilusão.

Que fé, pois, constituirá uma tal mistura tênue que se desmorona ao mais ligeiro toque? Abre a porta para o inconsciente onde os deliciosos pães do sustento interior cozem – e eis que se consegue apenas o mais barato dos alimentos, encharcado e pouco apetitoso. Muitas vezes achei ser esse o caso, e assim a melancolia que sentia crescia, ao examinar os produtos que se dizia procederem do fogo criativo.

Não até depois da minha morte percebi eu tais doses inconscientes tomavam a forma da psique em que eram cozidas; que não obstante os ingredientes se apresentarem mexidos ou terem sido frescos originalmente, eles afluíram aos contornos de cada psique individual – e tal como o pão pudessem crescer, também deviam voltar decrescer para se encaixarem na mente do recipiente.

Mas esse recipiente estava longe de ser puro ou descontaminado mas apresentava igualmente o resíduo invisível de todas as refeições mais prosaicas da mente; confusas misturas em que mesmo a mais refinada das especiarias se perderiam e se subjugariam. A analogia não está muito longe da verdade com as suas conotações de gosto e de falta de gosto, porquanto mesmo uma excelente pintura enquadrada de forma chamativa é a pior de todas. Será, porventura miraculoso em si mesmo que os produtos das intuições se continuem a manifestar a despeito dos recipientes de má qualidade que os homens provisionam para o seu armazenamento e exibição.

Eu disse a mim próprio que a busca de mérito extraordinário ou da revelação ou prova da validade superior do homem, era, a seu jeito, antidemocrática, e que difamava o "homem comum," dado que em lugar algum por entre os meus companheiros conseguia eu perceber um vislumbre sequer de tal qualidade duradoura; nem quando eu me encontrava de tal humor, servia a condição objetiva do mundo para me tranquilizar. Estaria, pois, eu cego para uma espiritualidade e um calibre superior que era tão constante fluentemente falada por outros, a qual eu mesmo só adulara? Por mais inconcebível que isso parecesse, dei ao assunto uma considerável importância.

No mundo em geral, em condições sociais como na experiência privada, eu reconhecera uma grande energia e procurei ter prazer de que eu era demasiado discriminativo e reprovador; acreditando porventura que a inocência de outros se acharia distorcida à luz da minha própria melancolia, e sentindo conforto na ideia de que a excelência da mente e do espírito existiam embora o meu próprio temperamento a ocultasse dos meus olhos.

Assim, pensei perceber, mesmo no mais inferior dos desempenhos aquele vislumbre de espírito elevado e de virtude criativa que deviam achar-se contidas dentro. Contudo, durante o tempo todo sentia-me insatisfeito, sem perceber que somente a mistura adequada de intuições e de intelecto poderiam proporcionar uma verdadeira visão ou compreensão, ou esperança para agir como uma lente por meio da qual o homem pudesse refletir os fogos interiores que proporcionavam a vida contínua do mundo.

As faculdades criativas, conforme me é dado saber agora, forneciam a evidência mais viável dessas qualidades que absolvem o homem das suas

deficiências e que intrinsecamente o elevam acima mesmo da sua própria experiência de si mesmo numa validade espiritual que sobrevive à sua vida e morte do mesmo jeito.

Tais faculdades representam o equivalente mental da inocência primordial do animal, e ao mesmo tempo são projetadas à luz das características de maior conta de Deus – a Sua criatividade – de que todos os undos emergem. O termo "Deus" é o mais simples que se pode aqui usar, embora seja permutável por muitos outros, todos quantos referem um ponto no nosso pensar em que a compreensão de detém: não podemos nem mentalmente verbalizar mais aquilo que sentimos.

O termo, pois, sugere aquela fonte de que as intuições e o intelecto brotam; e em que se acham de tal modo invisíveis, segura e intimamente escondidos que eles e a sua fonte se acham separadas e unidas a um só tempo. Tais faculdades criativas, no seu melhor desempenho, erguem o homem do seu contexto limitado de intelecto ou emoção somente, e forjam ambos numa faculdade superior em que a experiência é mais comprovativa do que qualquer facto demonstrável; e em que os próprios factos são encarados como ervas daninhas presas unicamente nas areias em constante movimento das enseadas da eternidade.

Também consideraria certos atos de valentia e de ousadia como criativos no mais elevado dos sentidos, por durante tais momentos o homem transcender – antes de mais imaginativamente – ideias de limitações básicas e ir além da sua habitual experiência de realidade. Ao fazê-lo, na verdade por esse instante ele cria esse mundo superior com as suas condições observáveis. Refiro-me a eventos em que em situações de crise o corpo desempenha por formas que, pelo menos por momentos, contradizem as crenças pessoais ou de massas sobre os seus limites e possíveis realizações; quando ele se supera e consequentemente através do seu desempenho ele bate velhos recordes que tinham anteriormente sido obtidos enquanto representação do máximo possível em termos de realização corporal.

Tais atos têm lugar antes de mais na imaginação, em surtos de perceção corpórea que podem atacar com a mesma força que qualquer revelação; e sob o súbito ímpeto da mente, o corpo reage miraculosamente – e trás à arena física uma nova ideia do que seja prático ou possível. É a tensão

provocada entre a busca de realização ou perfeição e o atual desempenho possível no mundo físico que promove atos de cariz criativa conforme são entendidos. Porque a verdadeira criatividade sempre destrói limitações e aumenta áreas da expressão mentais, espirituais, psíquicas ou físicas abertas ao homem.

A expressão Grega da mente sã em corpo são tem importância neste contexto; contudo, o ideal finalmente desintegrado numa fútil busca de uma perfeição sombria, mental e física estereotipada cujas bordas modeladas ofusquem a vitalidade de quaisquer variantes individuais. Contudo, vejo como estes princípios podem de uma forma alterada ser aplicados a uma sociedade democrática moderna, enquanto retêm a sua persistência original numa elevada aspiração e realização individual.

Em certos sonhos, inspirações e revelações, no desempenho das atividades artísticas assim como de certas conquistas atléticas, o homem exibe, pois, capacidades que batem recordes; o que define novos padrões e destrói limitações passadas quer do corpo ou da mente, e consequentemente trazem à atenção consciente novas áreas de ação, contemplação e criatividade. Sonhos ou perceções telepáticas podem igualmente destruir por momentos as barreiras usuais que separam uma mente de outra e zombar dos conceitos da ciência que digam respeito ao espaço, ao tempo, assim como à natureza da espécie.

Tais incidentes sugerem a existência imortal de pelo menos alguma porção da consciência do homem ao exibir tais características e habilidades que revelam que o seu conhecimento não devem ser sujeitas às leis que antes pareceram restringi-lo. Prefiro alistar todas essas atividades, paranormais ou não, sob o cabeçalho de artes altamente criativas; por cada uma ser criativa pelo facto de abrir novas áreas de ação ou de pensamento, e expande a capacidade que o homem tem de pensar ou de se comportar de novas maneiras.

Tendo tido início no meu tempo e prosseguindo no vosso, contudo, certos equívocos da parte da psicologia reduziram grandemente as oportunidades de expressão das pessoas e de criatividade ao passarem padrões médios que supostamente regem o comportamento do indivíduo, além dos quais a pessoa normal não se deve aventurar. Por isso, no meu tempo, o surgimento da psicologia surgiu como uma divisão artificial a fim de incluir atividades

que não de natureza normal; um recipiente para todas aquelas experiências que não se tenham enquadrado nos pressupostos estreitos como o montante da realidade psicológica do homem.

O conhecimento Europeu que Freud tinha e o experimento que a Americano fez com a democracia foram cada um parcialmente responsável por tais equívocos e pelos seus infelizes resultados. Numa democracia, sem um governo autoritário rígido; numa estrutura política em que ao indivíduo seja dada uma maior liberdade de atuação, medidas autoritárias internas são definidas a fim de proteger a sociedade contra aquilo que considera os próprios perigos da ação individual que a sua Constituição diz querer promover.

A psicologia foi promovida quando a nova sociedade experimentava as suas asas; e o seu pai, Freud, com a sua herança autoritária, simbolizou para a América a sua própria posição: precisa manter claras linhas de ação conscientes, enquanto tenta dar vazão a todos os impulsos inconscientes "primitivos" de tal modo que sejam libertados – mas não tem permissão para prejudicar a vida normal.

Ao indivíduo devia ser ensinado que os seus mais profundos impulsos são suspeitos, de forma que a autodisciplina pudesse substituir o governo autoritário. Certos sentimentos, ações e atitudes eram consideradas normais e outros não. Ao indivíduo era dado um livro de regras a seguir desde o berço até à sepultura, em que o inconsciente substituía tanto o diabo como o governo severo, forçando a obediência por meio do medo do eu natural.

Tal padronização foi depois prontamente aplicada aos cidadãos não homogéneos da democracia ao contrário. Esperava-se que Italianos, Irlandeses, Ingleses Espanhóis, Holandeses – homens e mulheres de todas as heranças raciais – seguissem as normas individuais que facultariam à pessoa uma liberdade política e social que ele seria psicologicamente incapaz de usar indevidamente. Numa mistura dessas, constrangimentos internos serviriam para substituir um governo paternal.

O aventureirismo, a criatividade e a energia, seria tudo dirigido para os objetivos coletivos da sociedade – para o triunfo físico sobre a terra, e o empreendimento industrial. Tudo constituía uma tentativa para usar e ainda assim refrear a fantástica energia de uma população que procedia de todo o fundo concebível e herança nacional.

A vida interior do indivíduo Americano tornou-se normalizada, contudo, despojada dos velhos simbolismos ricos da religião, ainda que tenha recebido novos, para o referir em termos construtivos. Freud traduziu os demónios da religião por impulsos instintivos, retendo-os enquanto jogava de lado os maiores símbolos de um Deus heróico (e autoritário). Precisamente por causa da sua própria experiência, Freud por vezes sentiu insuportáveis expansões de intuições e de informação telepática; surtos de criatividade e as mais profundas condições emocionais não disciplinadas, que só lhe intensificaram a incerteza de que a vida interna do homem era fonte de perigo, e que ele estava condenado pela própria herança inicial que recebera.

Freud percebeu e experimentou a força criativa como de natureza principalmente sexual – de uma forma mais ampla do que o geralmente suposto – mas também no sentido Germânico do termo: uma sexualidade que era profunda e obscuramente apaixonada, com implicações de rendição e de triunfo, e com implicações avançadas de conflito e de guerra. A sua psicologia estandardizou e explicou os sentimentos de homens e de mulheres de uma forma tal que não lhes deixou qualquer interpretação pessoal que importasse. A psicanálise podia surgir com episódios individuais de cariz pessoal da mais íntima das naturezas, só que isso surgia em resposta a uma explicação já dada, em que os sentimentos individuais existiam numa base normalizada.

Uma vez mais, as artes criativas não são padronizadas. Elas quebram recordes. Não são previsíveis. A criatividade, pois, tornou-se suspeita. Freud tentou liga-la aos mais temíveis dos temores: acorrentá-la às repressões em vez de a acorrentarem às aspirações ou à realização. Aquelas características que promoviam a criatividade eram suspeitas, fora do padrão, as mesmas que se devia exorcizar. Perceções de cariz intuitivo eram, pois, atribuídas a comportamentos histéricos – mas histeria segundo que critérios? A devoção pela contemplação ou pelo pensamento solitário ou pelas artes, em particular no caso do masculino, tornou-se no maior fator de suspeição de todos; e aqueles que não canalizassem os seus impulsos criativos para os objetivos seguros e materialistas da sociedade democrática sentiram a ira da sociedade.

Contra tal contexto, sessões tipo faça-você-mesmo brotaram por toda a nação, juntamente com sociedades religiosas e diversas pseudo religiões. A

Ciência Cristã em particular tentou equilibrar os pratos da balança, ao plicar um pensamento positivo com mão pesada tal como Freud tinha aplicado a repressão. As pessoas sentiram que seria mais seguro não explorar o subconsciente descrito por Freud, e na realidade, o homem comum não se podia dar ao luxo de o fazer. Ele ficou efetivamente com um inferno psicológico em vez de um teológico, menos um compensador céu, e deixado atemorizado das próprias faculdades criativas que teriam sido capazes de o libertar – e à sociedade. Também apareceram algumas contra tendências, como com o transcendentalismo, mas essas não eram parte do homem comum, mas dos intelectuais.

As capacidades criativas são comuns no género humano, mas incomuns na sua expressão individual e trazem distinções e padrões que estendem as capacidades e padrões da ação e da realização individual. Quando um indivíduo age mais como ele próprio, mais individualmente e menos como os outros, ele exibe um comportamento criativo e aponta aos outras possibilidades de conquista anteriormente despercebidas – rejeitando-as como novas aspirações para o indivíduo e a sociedade. Espero mostrar que tais habilidades devem ser encorajadas por qualquer nação democrata que deseje sobreviver como tal.

Primeiro, um exame das faculdades criativas coloca-se na ordem; uma vez mais, refiro-me a um ato criativo que inclua um desempenho telepático e clarividente, que eu encaro como extensão da criatividade normal – considerada paranormal unicamente por causa da padronização aplicada na própria psicologia. Que características ou condições promovem a criatividade? E de que modo a cção criativa contribuirá para a vitalidade da ordem social?

FREUD, JUNG E O PROTESTANTISMO

Diverti-me a mim próprio após a morte a imaginar que diferente tipo de visão Jung poderia ter apresentado caso Freud não tivesse sido seu professor, ou caso ele, em vez de Freud, tivesse sido o mais velho. O emocionalismo de Freud causou-me preocupação por eu o considerar um religioso um tanto fanático, a operar fora do contexto convencional da religião. Em muitos aspetos ele era um xamane que nascera na nação "errada," duplamente mais ciumento das próprias "características

masculinas" por sentir no íntimo inclinações psíquicas e surtos intuitivos que temia e que cria podiam minar a autoridade pessoal do ego e a autoridade coletiva do estado.

Em muitos aspetos as teorias de Freud também representavam os aspetos obscuros do Protestantismo retirados da crença convencional num Deus omnipotente, livre das ascensões otimistas ao céu – um inferno que vinha substituir o teológico anterior, em que os demónios ocupavam o lugar de impulsos primitivos que são estampados na psique durante a infância.

Desse modo os elementos mais pessimistas do Protestantismo receberam um novo rosto científico e uma justificação sofisticada – numa altura em que o Protestantismo organizado embarcava numa nova aventura na América, e realçava os aspetos ativos, agressivos e promissores da personalidade que haveriam de testar as capacidades do indivíduo no governo da sua própria sociedade com um governo baseado não no medo mas em restrições livremente aceites adaptadas ao serviço das mais elevadas aspirações do homem.

Assim, o Protestantismo tornou-se esquizofrénico; a sua vertente mais erma foi expressada de uma forma mascarada através das teorias de Freud, o trajeto rumo à salvação aliou-se das igrejas convencionais da democracia. Esse trajeto rumo à salvação, expressado ao nível da nação, foi traduzido por salvação pelo triunfo sobre a pobreza, sobre o sistema de classes da Europa, e sobre a própria terra, com a ajuda da crescente tecnologia. Nada deveria intrometer-se nesse caminho. Os profundos medos e hesitações da democracia mais as implícitas suspeitas de que os seus ideais pudessem ser demasiado elevados, foram expressados nos avisos hipnóticos de que o lado natural do ser não merecia confiança.

O inconsciente de Freud representava o passado do indivíduo; e para os Americanos também representava as novas raízes da democracia enquanto herança Europeia complicada. Freud na verdade concedeu ao Puritanismo uma nova base, já que lhe forneceu um novo enquadramento em que a natureza do homem era vista basicamente como indigna de confiança, carente de constante escrutínio em que até mesmo os atos aparentemente mais elevados do homem podiam ter motivos obscuros por trás. A Psicanálise substituiu a confissão Católica. O psicanalista tornou-se no novo sacerdote, numa manobra de um profundo significado por meio da

qual Freud retribuía ao Protestantismo os elementos descartados por Lutero, e reintegrou um recurso intermediário que separava o homem de Deus – só que desta vez tal intermediário era o psicólogo, que tomava o lugar entre os elementos consciente e subconsciente do homem.

O indivíduo não mais necessitava que um padre interpretasse as palavras de Deus ou a Bíblia, mas em vez disso requeria um intérprete na compreensão do inconsciente e dos aspetos repugnantes da própria identidade psicológica – por *aí* ter perdido a sua autoridade. Tivesse tal manobra sido conseguido através da política de um movimento religioso claramente definido, e teria surgido um novo Lutero, a aclamar uma vez mais o direito do indivíduo de interpretar a própria realidade religiosa. Ou se Freud tivesse estado menos convencido da natureza malevolente do subconsciente, as suas próprias qualidades xamânicas teriam irrompido numa grandiosa visão da salvação, que fornecesse uma versão verdadeiramente significativa da redenção psicológica em vez das técnicas restritivas da psicanálise que na verdade resultaram.

Tentativas desse género surgiram no comportamento que Freud teve com Jung; por essa altura, porém, a vida de Freud tinha sido amplamente gasta na conceção de teorias que refletiam as suas próprias organizações e estruturas psíquicas. Alterar tais teorias teria envolvido muito mais do que proceder a maiores ou menores ajustamentos ao trabalho de uma vida, mas necessitaria o nascer de um novo homem interior. Para Freud, Jung representava literalmente esse homem, em termos psicológicos, um messias que brotava da experiência do pai (Freud) e foi a essa luz que Freud se viu a si mesmo com relação a Jung.

Com admiração, ciúme e o mais forte fascínio, Freud viu-o a superá-lo; e independentemente do que Freud dissesse ou fizesse, ele sabia que as interações entre ele e Jung proporcionavam exatamente o tipo de tensão que contribuíam para o crescimento de Jung. Quando as teorias de Jung amadureceram, encontravam-se num novo campo da psicologia; ele era o Lutero da psicologia. De certo modo, claro está, o Lutero da psicologia representava a perda da religião, por o Protestantismo ter permanecido esquizofrénico, e mesmo no vosso tempo ainda não chegou a um acordo com os aspetos do bem e do mal do homem em relação a Deus ou à natureza. Tal fracasso conduziu diretamente ao nascimento da

parapsicologia, que procurou abordar os elementos da alma que a religião recusou examinar.

Deram-se, naturalmente, sobreposições nesses processos. Anteriormente, por exemplo, Myers constituiu um exemplo muito mais benéfico do homem imerso em questões da alma e da personalidade, com inclinações religiosas e científicas fundidas de forma vantajosa; contudo ele não deu voz ou expressão àqueles elementos obscuros que tinham submergido (que se tornaram evidentes depois das cortinas Vitorianas fechadas e terem aberto) aquelas tendências que a democracia necessitava para compreender e usar, mas que em vez disso negava de forma convencional.

Em resultado de tais questões, as sessões Americanas ilustravam maravilhosamente e por vezes de forma hilariante as idiossincrasias da religião e da ciência tanto na adaptação princípios Freudianos à experiência religiosa ou conduta mística. Enquanto a democracia fez brotar slogans patriotas acerca da capacidade que o indivíduo tinha de se agrupar numa sociedade de governo autônomo, por sua vez, o Freudianismo deixou que a alma resvalar para o desaparecimento, despida dos seus poderes, que eram delegados a uma reação mecânica de impulsos instintivos que podia ser enumerada e esquematizada numa abreviação emocional turva. A alma desaparecera, tornando-se ao invés numa câmara de horrores psicológica que requeria o mais dotado do guia, por exteriormente haver espelhos distorcidos que podiam mostrar aos incautos num clarão as bases grotescas para as maiores conquistas e as mais tristes falhas.

Parecia pura idiotice buscar aí qualquer característica redentora que o homem pudesse ter, por o altruísmo do mesmo modo que a ganância eram encaradas como o resultado de processos psicológicos repetitivos e mecânicos que levavam o homem a agir ed uma dada forma. A predestinação recebeu novas vestes biológicas e científicas. Num tal quadro, o homem não podia obter crédito pelas suas realizações nem ser responsabilizado pelos seus erros, e a autodeterminação foi severamente minada. Tais ideias colidiam com todos os ideais declarados pela democracia, no entanto eram equiparados a eles.

Muitos dessas questões escaparam-me amplamente em vida, no entanto eu devia ter percebido a sua forma com mais clareza. Tivesse eu sido mais aventuroso e poderia ter ajudado a fazer pender a balança, ou pelo menos

poderia ter apontado as contradições patentes entre essas duas áreas opostas do pensamento e da filosofia. Para o efeito dou agora voz à parte que me cabe, por as atitudes que emergiram finalmente na corrente principal da vida Americana influenciaram fortemente a maneira como os indivíduos se viam a si mesmos e à sua criatividade.

Não só o homem se viu furtado da verdadeira satisfação com o trabalho criativo, como foi levado a preservar as próprias dúvidas e tormentos, já que eles eram vistos como responsáveis pela realização da arte: a produção artística achava-se atada a um nascimento neurótico, e o artista em qualquer campo que fosse, começava por aprovisionar conflitos, imaginando que fossem a fonte da sua criatividade.

A morte tem os seus próprios prazeres, e permite-lhes comentar no lazer o nosso próprio tempo, e ver o que veio antes e depois, e julgar quantos desses futuros desenvolvimentos teremos visto ou compreendido na sua forma embrionária.

Se no passado, o génio e a loucura foram considerados aliados, ambos foram vistos à luz de um heroísmo, pelas ligações que tinham um com o outro. E se o génio por vezes fora tingido de loucura, também a insanidade era tingida pelo génio.

Porém, se os cúmulos e as profundezas da alma do homem foram cada um vistos por Freud, como o resultado de padrões de comportamentos infantis que rigidamente controlavam o homem para toda a sua vida – as mais grandiosas dimensões da experiência eram reduzidas a um determinismo psicológico do qual apenas a mais profunda autoanálise poderia trazer redenção; uma jornada psicológica que ninguém poderia seguramente encetar sozinho, e uma jornada em que o indivíduo provavelmente interpretaria mal a direção das próprias inclinações, ao ser educado no escrutínio preciso daquelas aprendizagens espontâneas destinadas a servir como sinais direcionais psicológicos.

A criatividade tornou-se nada mais do que uma insanidade iluminada; e a insanidade tornou-se numa criatividade distorcida. Ambas eram vistas como os resultados inevitáveis do condicionamento e de ânsias neuróticas, sobre as quais o indivíduo tinha pouco controlo.

O Protestantismo baseava-se no direito que o homem tinha de interpretar a verdade para si mesmo numa base pessoal, desse modo desafiando diretamente a autoridade da Igreja Católica Romana enquanto único agente capaz de tal discriminação; e com base na tentativa, colocar o indivíduo numa relação personalizada com Deus e o universo. De certa forma, isso significava uma aventura "pagã," o reviver de antigas características da religião que tinham sido enterradas mas não perdidas quando, por exemplo, o génio xamânico foi utilizado em prole do bem da comunidade ou da tribo. Freud, contudo, roubou esse direito do Protestantismo: O indivíduo era visto como incapaz de conhecer os próprios motivos, e muito menos capaz de interpretar o próprio relacionamento que tinha com a natureza ou a alma. O Freudianismo estava, pois, baseado nos conceitos menos afortunados do Protestantismo, ao descascá-lo das suas qualidades heroicas.

Em parte nenhuma a busca da verdade era considerada componente natural da personalidade. O pénis substituiu a cruz; desse modo, metade da espécie – a mais intuitivamente inclinada - via-lhe negada a redenção. E enquanto em muitos aspetos a cruz fosse em si mesmo encarada como um símbolo religioso caluniado, ele propunha salvação tanto ao homem como à mulher; por detrás dela o pecador ainda retinha a sua dignidade enquanto indivíduo capaz de uma ação livre, por ter apenas escolhido mal. Mas o Freudianismo substituiu o santo do mesmo modo que o pecador por um homem mecânico e psicológico, programado desde a infância para fracassar ou ser bem-sucedido; e atou os grandiosos símbolos do homem à sua menos benéfica manifestação.

Se a religião conforme corporificada no Protestantismo tinha em larga medida fracassado, as suas múltiplas denominações deram lugar a diversas interpretações: a salvação por intermédio dos bons pensamentos, da oração ou das boas obras, através da contemplação privada ou da conquista pública, da revelação pessoal ou da estrita referência Bíblica. O educado e o analfabeto ambos podiam encontrar um lugar; assim como a mãe, a prostituta, o erudito, o trabalhador, a criança e o adulto. O ajuste do indivíduo no enquadramento seria porventura pobre em certas alturas, mas existia mobilidade psíquica, e o pecador podia tornar-se no santo.

Presumivelmente, a superficialidade dominava. A pessoa decente usava roupas decentes e modelava um semblante alegre, mas a democracia

esperava prover aquelas oportunidades por meio das quais os indigentes pudessem arranjar emprego. No Freudianismo, porém, o pobre não podia evitar ser pobre, devido ao condicionamento neurótico originado na infância, ver os seus impulsos cristalizados para todo o sempre, imobilizados de modo a ver-se furtado, em teoria pelo menos, da autodeterminação permitida aos outros – conforme as mulheres eram; por todos os seus impulsos serem atribuídos a uma inveja sexual do masculino de que não podia escapar.

O efeito de tudo isso estava na redução da importância da criatividade individual, mas também em colocá-la sob uma luz mais suspeita do que antes; e pior, em encorajar o artista a manter o desconforto de que padecesse, qualquer que fosse, abandonar a compreensão – para que, junto com os seus tormentos, ele não perdesse a sua criatividade. Já que os poderes da criatividade sempre buscam a consecução, e têm uma curiosidade inata com relação à pessoa e a todos os aspetos da sua realidade, o artista era colocado numa posição em que procurava usar a criatividade que tinha e não a usar ao mesmo tempo, para que os clarões da intuição não o conduzissem à fonte da sua criatividade por uma dependência infantil e depois se desintegrassem à luz da compreensão.

Como ninguém merecia confiança para conhecer os motivos das suas próprias ações, e dado que a democracia estava a libertar o indivíduo da forte autoridade governamental a um novo nível, a psicologia definida os seus próprios padrões, e fornecia a "norma", nivelava os picos da experiência enquanto oferecia à sociedade a segurança de um comportamento mais ou menos previsível. Num quadro desses, a exuberância, a energia e a criatividade eram aceitáveis quando canalizadas para a arena da competição dos interesses nacionais. Aos ricos, por exemplo, absolvia-se com respeito ao "comportamento normal" e era concedida uma atividade artística excêntrica por os seus interesses financeiros serem considerados um investimento prático na vida nacional.

Contudo, a própria área social e dos negócios eram imprevisíveis. Um pobre imigrante poderia ser um milionário do futuro; e em tal ambiente psicológico, não se podia contar com as velhas regras do protocolo social baseadas no sistema de classes Europeu, enquanto pontes regulares de comunicação. A teoria do indivíduo independente governava; e justamente por causa da liberdade da nação e da imprevisibilidade do clima social e

económico, as teorias contrárias das normas psicológicas adotaram um cunho pragmático.

Os pais deviam ser culpados pelas deficiências de carácter da prole, do mesmo modo que qualquer dos problemas da América eram encarados como resultantes da herança negra parental da Europa; contudo, a democracia ainda invejava o rico passado do Velho Mundo, pelo que acorria às teorias de Freud que ligavam a criatividade à neurose, e projetava todos os seus presentes tumultos numa fonte em decadência Europeia.

O Americano via-se a si próprio como "ardente precursor." Os seus antepassados imediatos tinham aberto o continente. Agora a nova fronteira era a tecnologia u o negócio, a gestão dos recursos da nação e a conquista da riqueza – e com tanto menos controlo por parte do governo quanto possível. Barões salteadores surgiram sob o disfarce do bom burguês Protestante. Não mais a religião temia que a retribuição de Deus tivesse influência nas mentes do homem – pelo menos não de forma tão forte que recomendasse cautela; e a psicologia afastava a culpa ou justificava o seu ferrão. A culpa tinha pouco que ver com os valores básicos, pelo que justificava crimes cometidos em nome da competição, já que o homem era considerado uma mistura confusa de instintos e necessidades primitivas; contudo tais instintos precisavam ser controlados e dirigidos para os objetivos da sociedade.

Em tudo isso, a contemplação da alma tinha pouco lugar. As teorias relativas ao eu subliminal de Myers, após terem feito umas incursões, desvaneceram-se da corrente principal da vida académica e filosófica. Tal conceito, que realçava a independência das mentes individuais e a disponibilidade do conhecimento íntimo superior poderia ter sido usado para incrementar os princípios básicos da democracia como uma muito maior vantagem; salientando a individualidade enquanto reforçava a sua responsabilidade e poder de realização, e enfatizando a relação que tinha com o entrelaçado das arenas naturais e sociais da atividade.

Parte do pensamento de Myers foi incorporado nas escolas e cultos do pensamento positivo. Essas e as do Freudianismo - teorias que se contradiziam mutuamente – mostravam os polos opostos do sentimento Americano; e ambas tinham raízes que se estendiam até ao passado da Europa. Myers começou com a hipótese de que o homem fosse possuidor

de um eu interno dotado de uma elevada criatividade e organização – o corolário psicológico que mais se aproximava da alma. As suas orientações podiam ser mal interpretadas; a sua linguagem era simbólica; mas era dotado de boas intenções.

O conceito Freudiano do eu carecia de qualquer boa intenção; quer dizer, via-se despido do altruísmo sob qualquer forma fiável ou propositada que fosse. Era o único tipo de eu que poderia logicamente sobreviver às teorias de Darwin conforme popularmente entendidas, o resultado final de um organismo que sobrevivia ao triunfar sobre as pequenas formas numa batalha interminável pela vida. A "virtude" do eu estava em sobreviver, e se perdeu a intuição que tinha em relação à natureza no processo – bom, isso deveria ser culpa da natureza.

Altruísmo, exibições de valor, a própria filosofia, ou a criatividade em termos de artes – isso só era possível por causa das qualidades do serviço que rendem ao próprio, mas por baixo do seu delicado disfarce encontra-se a determinação infantil selvagem para existirem e o instinto masculino para destruir o pai para o suplantar na batalha da vida. As suas teorias despiram a personalidade do homem de toda grandiosidade e negaram a possibilidade da ação heroica que não se achava ligada aos mais malvados motivos interiores.

Por em todos os distintos periódicos preciosos da academia, cada um especializado, os campos de conhecimento se sobreporem. Tais conceitos esparrinharam-se sobre a arqueologia, a história, a biologia, e foram tingir as artes e as ciências do mesmo modo. Tão pouco o passado escapou: grandiosos artistas de séculos passados tornaram-se excentricidades isoladas, o seu génio produzido por disfunções hormonais ou deficiência sexual, e a história foi reescrita para servir.

Os dogmas da Evolução tornaram-se na justificação Freudiana. Se a luta animal pelo domínio resultou na "sobrevivência dos mais aptos," então de certeza que o homem enquanto o mais poderoso vencedor dessa saga deveria emergir portador dos instintos básicos mais adequados para assegurar a continuidade da espécie. A jovem democracia podia assim justificar as infelizes circunstâncias de uma competição por vezes implacável – era cada um por si.

Contudo num mundo desses não deveria existir ordem, uma questão que até o mais competitivo rapidamente inferia; por isso o raciocínio de Freud, muito resumidamente, dizia o seguinte: Somos basicamente amorais, primitivos, e interesseiros. Tais qualidades asseguram-nos a sobrevivência, porém, precisam ser artificialmente forçadas numa moralidade que nos protegerá contra nós próprios, e consequentemente promover a nossa sobrevivência num contexto social e governamental.

Os resultados de tudo isso eram mistos. Freud pintou um quadro do subconsciente do homem tão medonho, e limitou a "salvação" a tão reduzido número de pessoas, que a espontaneidade não foi promovida mas ao invés reduzida e restrita a campos de competição, onde era tolerada. O eu espontâneo, a porção impulsiva da natureza do homem tornou-se suspeita, por em tais atos espontâneos o homem poder involuntariamente revelar não uma bondade básica mas a falsidade oculta dos seus motivos.

A própria busca da virtude tornou-se na mais grosseira forma de pose moral – uma hipocrisia emocional. O barão salteador pelo menos era mais sincero na sua desonestidade, ou assim não parecesse. A compaixão e a simpatia não só saíram de moda como a sua expressão foi considerada evidência de duplicidade como uma negação otimista da natureza do homem. Uma espécie não podia subir sobre a outra enquanto sentisse simpatia pelo seu predecessor, nem os membros de qualquer espécie permitir a pena pelos seus companheiros menos vigorosos.

Contudo, a alma Americana era cautelosamente idealista mesmo por baixo de tais teorias conflituantes, e era a seu modo inocente. Caso, conforme os psicólogos alegavam, o homem fosse quando muito amoral – o resultado final uma evolução biológica mortal: um misturador grosseiro rumo ao topo da pilha – aí por fim, na nova democracia, se ele empurrasse e atropelasse com força suficiente um homem podia conseguir o bastante para comer. Podia mesmo chegar a conseguir o seu próprio negócio.

Os seus filhos poderiam obter uma educação. Aqui a escada social ainda estava em formação. Um homem podia saltar de um ramo de negócios para outro, mais elevado, em copas de árvores onde cérebros e trabalho duro podiam tomar o lugar da família das árvores Europeias que tiveram, no passado, dado proteção e sombra a gerações de eleitos.

Aqui o homem comum podia ser igual soba lei, mesmo que a tirania da sua natureza ditasse uma amoralidade básica que lamentava cada homem em comparação com o seu vizinho. Ele podia, apenas por meio da força de vontade, chegar mesmo a alcançar um tipo de vitória moral através do uso de alguma repressão. Daí que a sugestão: "Estou a melhorar todos os dias, em todos os sentidos" fosse, com alguma sorte, estabelecida contra o determinismo Freudiano. Alguns dos mais ambiciosos, evidentemente, usavam essa sugestão para implementarem a sua luta no domínio da competição (a batalha evolutiva transferida para a área da economia). Cada vez melhor significava: "Estou a ficar mais esperto e mais astuto que os meus competidores."

Os negócios tornaram-se então no elemento mais criativo na sociedade Americana, com as ciências tecnológicas a aproximar-se rapidamente. Por fim ambas tornaram-se de tal modo aliadas que as fronteiras desbotaram, até no vosso tempo se tornar bastante óbvio à medida que os negócios e a tecnologia progrediam juntos, que chegaram a intumescer uma vertigem de uma confiança excessiva num estímulo excessivo que culminou nas experiências de guerra Americanas do século vinte.

Encorajada pelas crenças e Freud, e ainda a operar sob os equívocos da evolução, a civilização ocidental viu-se confrontada com uma situação temática em que nenhum indivíduo era considerado fiável mas biologicamente orientado para empreender qualquer curso que assegurasse a sobrevivência. O mesmo se aplicava a todas as nações. Na Segunda Grande guerra, os Japoneses foram retratados como caricaturas de seres humanos, obviamente lá no "fundo da escala evolutiva" e como tal, não aptos para sobreviver. As guerras eram justificadas diferentemente por muitos homens inteligentes como a versão humana dos processos evolutivos inconscientes da natureza, e a velha máxima "Manda quem pode," alcançou um novo poder.

A psicologia e a ciência estavam simplesmente a ocupar o que as velhas religiões convencionais tinham deixado de fora – ao fornecerem uma justificativa mais moderna para políticas de governo há muito mantidas na Europa. Eu vislumbrei algumas dessas formas do futuro com alguma repugnância e fascínio, poderia acrescentar – por ter antevisto a possibilidade de juntas, todas as ciências – psicologia, biologia, arqueologia, paleontologia – poderem formar uma força que passou

irreconhecível enquanto uma religião e no entanto fornecia uma unidade e uma estrutura filosófica global tão forte como aquela da Igreja Católica Romana na Idade Média.

Eu não pensei que essa fosse uma forte possibilidade dado que subestimei amplamente a aliança que se formou entre os negócios, e a tecnologia e a ciência; parecia-me a mim no meu tempo que a ciência carecia do grude económico que tinha mantido a Igreja Católica junta. As ciências, contudo, formaram mesmo essa estrutura, e a filosofia que sustentaram unificou as artes e os negócios e as organizações sociais. As perspetivas gerais do Freudianismo e da evolução fundiram-se e correram qual regato escuro e ameaçador ao longo de todas as ciências e artes, negócios e estruturas sociais; de modo que todos os demais aspetos da vida, passados, presentes e futuros, passaram a ser vistos pelo que se constituiu como a lúgubre mas hipnotizadora luz de um novo dogma.

As universidades, fundações, e a própria família - todos esses elementos da vida Americana alteraram os pontos de vista que defendiam de forma drástica. Embora as mudanças se começassem a efetivar no meu período e venham a terminar no vosso, não por muitos anos a partir daí será visto que o século vinte do mundo Ocidental estava tão unido na filosofia científica quanto a Europa da Idade Média estava na rigidez religiosa.

O Freudianismo, o evolucionismo e a tecnologia tornaram-se na nova inspiração para as artes, e o governo Americano patrocinou aquelas fundações que promoviam essas crenças. A ficção científica também representou muitas vezes a projeção das teorias evolucionárias para o espaço - o animal humano a dispersar os seus genes superiores com o uso da tecnologia.

Outras teorias filosóficas foram sustentadas, mas não floresceram ou não alcançaram a corrente principal da vida Americana. As pessoas não eram geralmente presas por sustentarem crenças opostas, embora algumas fossem. A liberdade de expressão Americana foi pelo menos respeitada em grande parte, mas as definições da normalidade impostas ao cidadão comum foram aquelas que suportavam as teorias que acabamos de descrever.

Essas eram quando muito limitativas. No mínimo, prestavam-se à alienação do homem da sua fonte privada de energia e vigor, e para o furtar da

própria autoconfiança que a democracia idealisticamente fomentava. Por a nação não ter abandonado dos ideais que tinha. O homem comum agarrou-se a eles com uma determinação desesperada e uma esperança lustrada; com um otimismo e aplicação ao trabalho árduo que viu milhões de crianças em andrajos tornar-se cidadãos extenuados, aturdidos mas bem vestidos - que passaram a buscar as religiões, as artes e as chamadas coisas finas da vida em busca de uma resposta para a questão não mencionada: Do que teremos aberto mão para chegarmos onde estamos?

Ao longo do percurso, as religiões juntaram-se em larga escala aos interesses dos negócios e decidiram-se pelas boas obras ignorando questões tais como a da existência da alma; pois onde poderia esse fenómeno não científico e improvável enquadrar-se no quadro dos aparentes factos da evolução, em particular com a versão popularmente entendida da origem do homem assente no macaco? De que dispunha a religião para contrariar as demonstrações científicas de laboratório?

A religião defrontava-se com um bom caso de constrangimento social e obstipação espiritual. Muitas das suas antigas doutrinas não mais obtinham a crença da parte de quem tivesse senso comum - e com uma boa razão. A religião não tinha arrumado a própria casa e a ciência esperneava e quase rebentava com a estrutura de palha.

Toda religião constitui uma proteção de crenças, de atitudes e de hábitos, reunidos a partir de diversas fontes que juntos formam uma estrutura temática e de proteção. Alguns dos vários elementos que a compõem não pareciam, sozinhos ou em separado, ter cabimento no domínio da religião em absoluto. Geralmente as religiões coletavam pedaços de história, ciência, psicologia, retirando-os do contexto e usando-os para fortalecer outras crenças antigas que já tinham atingido o seu auge - crenças que deixaram buracos temáticos que odiam enfraquecer a estrutura o suficiente para permitir um dilúvio de chuva de crenças contrárias.

Uma dada religião pode ter como pilar central apoio na história, na Bíblia, num dado profeta, ou numa filosofia básica não religiosa na sua origem, em termos convencionais. O seu pilar central pode ser o da ciência ou da pseudociência, a da predestinação, a da salvação, ou qualquer das inúmeras hipóteses que outras. A partir desse centro, sairão raios giratórios, cada um dos quais estará ligado ao pilar central e de algum modo dependente dele.

Enquanto a nova democracia professava não abraçar qualquer religião oficial, o seu pilar principal assentava no Cristianismo, com o Protestantismo como alça. Tanto a democracia como o Protestantismo expressavam crença nos direitos e capacidades do indivíduo. A autoconfiança, a melhoria espiritual e social, a importância das boas obras - tudo isso constituíam nervuras de suporte num quadro temático robusto que era amplo o suficiente para incluir muitas variantes.

Os Americanos, não obstante as persuasões religiosas formais que tenham agarraram-se firmemente ao pilar central, ao esposarem os direitos e capacidades do cidadão individual. O Freudianismo enfraqueceu tal pilar central ao minar a integridade básica da pessoa privada em que toda a estrutura se encontrava pendurada.

A religião poderia ter-se reforçado rapidamente pelo reviver da importância da alma; pela enfatização da sua base subjetiva; e pela tentativa de reexaminar e redefinir da alma à luz do novo conhecimento. Podia ter descartado a sua antiga insistência na fé cega não suportada por nenhuma espécie de razão; podia ter aguentado a sua base contra o Freudianismo enquanto aceitava da psicologia o convite para explorar a natureza do homem com uma mente aberta.

Em vez disso, a proteção foi cindida. Os intelectuais decidiram arriscar a tempestade sem a proteção da religião. A ciência e a religião tornaram-se dois cidadãos encharcados, na rua em plena tempestade de chuva, cada um com meio guarda-chuva, e cada qual fingindo estar inteiramente seco. As religiões fundamentalistas foram deixadas com uma metade hirsuta - os raios da alma, enfiados no tecido dogmático enfraquecido - a cambalear na base da fé cega que tinha perdido o seu pilar central.

Por ambas as fações dispensarem a crença básica na bondade inata do homem ou no potencial da ação heroica caracterizada por uma ação moral. Cada uma acreditava que deviam aplicar o controlo, e nem a natureza pecadora dos fundamentalistas nem a natureza selvagem e instintiva do Freudianismo eram objeto de liberdade. Contudo, alcançar tal liberdade era objetivo nacional, cruzada idealista com que a nação se comprometia antes do mundo.

O dilema era básico, e a solução passava pela transferência da salvação de uma arena religiosa para uma arena social e económica - onde pelo menos

os resultados da graça podiam ser julgados - e depender da tecnologia para instilar medo nos corações dos homens, dado que o temor a Deus não mais oferecia qualquer proteção. De certo modo, a vossa corrida armamentista e engenhos nucleares destrutivos tornaram-se necessários uma vez que o homem acreditou pertencer a uma espécie que matava para sobreviver; nesse contexto, nenhuma pessoa ou nação podiam ser objeto da confiança de cumprir com as minúcias da civilização sem a iniciativa do medo.

Deve ser imputada à religião a vergonha por ter anteriormente permitido que o conceito da natureza pecadora superasse o da natureza heroica da alma, por no passado a religião pelo menos ter providenciado dispositivos psicológicos pelos quais o homem comum podia aliar-se das boas intenções que tivesse, mas o Freudianismo mais o seu selvagem inconsciente, jamais forneceram uma esperança adequada de salvação pessoal. Não havia esperança; Deus fora abandonado. O homem tinha-o superado. Quando muito Ele não passava de um símbolo do somente demasiado falível pai humano. E como poderia o homem comum fiar-se num ser cujos instintos careciam agora da graça natural dos animais, enquanto mantinha uma bestialidade manifestamente exagerada, projetada como a sua?

O mundo natural era igualmente visto a essa nova luz. A religião tinha insistido na superioridade do homem sobre os animais, mas mesmo então professava colocar o homem na posição de seu guardião meigo. Contudo, quando os conceitos evolucionistas e Freudianos o encurralaram no mundo natural, então o ambiente e todos os seus detalhes vivos se tornaram jogo limpo; e numa época em que a tecnologia estava a afastar o homem do relacionamento natural e pratico que tinha com os animais e a terra.

O naturalismo inicial (e o romanticismo) do meu século rapidamente começou a desvanecer-se. Contudo a própria alma da terra permaneceu e não morreu. A sua natureza virgem refletia-se taciturnamente nos quadros dos artistas, tanto Americanos como visitantes Europeus, e a beleza resplandecente reprovou letrados e analfabetos à mesma; como se a sua presença obstinada para contradizer essa mistura negra, curiosa e astuta de psicologia Europeia e Protestantismo que tinha brotado tão ameaçadoramente no solo Americano.

Contudo, aqueles que aqui vieram por causa de uma determinação e uma esperança – uma fé, caso não em Deus ou no homem, pelo menos nas

circunstâncias – uma crença numa terra dotada de uma inocência histórica, em que uma cidade não era construída com base numa correspondente cujo passado chegasse aos tempos de Roma; uma terra ainda não povoada com fantasmas. Aqueles que aqui vieram, independentemente dos seus erros e independentemente dos fantasmas que trouxeram consigo, trabalharam de forma heroica com aquilo de que dispunham e formaram uma sociedade que nunca chegou a satisfazer os seus ideais por os sonhos que tinha serem tão ousados em face das crenças e das teorias que minavam a própria autoconfiança que assim esperavam promover.

Em qualquer sociedade relativamente aberta em que a desenvoltura ou o desembaraço e o vigor sejam pré-requisitos, as mulheres emergem como parceiros iguais dos homens, porém, os conceitos de Freud enfraqueceram a independência ganha pela pioneira Americana ao reforçar a posição privilegiada do homem, uma posição justificada igualmente pelo Protestantismo. As qualidades que ajudaram a conquistar o Oeste – a autoconfiança, o expediente, a coragem – foram em retrospetiva vistas como masculinas. A sua própria presença numa mulher agora aspergiam calúnia na sua feminilidade.

Para tornar as coisas piores, as qualidades que há muito eram admiradas nas mulheres, eram agora encaradas com desdém. Essas características, que geralmente se prendiam com as áreas intuitivas da simpatia e do sentimento no qual as mulheres se destacavam por mais nenhuma via de expressão se lhes achar aberta - essas eram agora encaradas como tendências histéricas inferiores.

O Freudianismo não conseguia tolerar as capacidades intuitivas por elas não merecerem confiança encrostada nos seus olhos como se fossem desejos libidinosos. E na América, tais qualidades não tinham lugar nas fábricas onde só provariam ser desordenadas e perturbadoras.

Considerei-me um homem de ciência - uma cientista Americano - no entanto queria sondar a mente do homem, a experiência e o comportamento do indivíduo, a fim de descobrir evidência da alma esquiva; não só para atenuar o receio que o homem tem da morte, mas para descobrir na pessoa comum aquelas qualidades heroicas que poderiam fazer com que a democracia funcionasse. Lutei por desenterrar no homem comum aquelas características incomuns, aquele dinamismo da alma, que demonstrasse a

capacidade do indivíduo de se governar por um direito divino concedido a todo o cidadão, ao invés da coroa de um príncipe ou ditador. De certo modo, suponho que tentei substituir a realeza do indivíduo pela realeza dos governos Europeus. Nessa medida, claro está, eu fui excessivamente romântico.

Daí as dificuldades com que me deparei, que a seu modo espelharam as situações psíquicas de outros homens com pretensões de inteligência para além de mim. Continuamos a ter inclinação para os pensadores Americanos de peculiar inocência, Emerson e Whitman, por exemplo, por os seus trabalhos conterem aspirações Americanas e mais nenhuma. Contudo também fomos conduzidos de volta às "realidades da época" - o abuso da indústria, a economia galopante e a desilusão para com a natureza do próprio homem. Cada vez mais nos deparávamos com teorias pessimistas ou fatalistas que começavam, e cada vez mais forte, a emergir.

Foi referido que Freud pelo menos abrira o assunto do eu interno à pesquisa científica, banira a insistência excessivamente severa que a religião atribuíra à culpa ao situá-la no subconsciente pessoal (na compreensão distorcida que a criança tem doa acontecimentos libidinosos) e que apontara os efeitos desastrosos do condicionamento inicial. De facto não alimento qualquer conflito com o homem. O seu triunfo esteve no facto dele perceber a própria natureza, e em certa medida, a dos seus contemporâneos Germânicos - e isso requeria uma extrema ousadia.

Mas teoricamente pelo menos, se ele tivesse ido mais longe Freud teria começado a perceber aqueles mananciais da criatividade que a sua própria obsessão lhe ocultou tão bem; e ele poderia ter percebido que as suas próprias teorias constituíam idealizações intuitivas e não deduções intelectuais, e que elas o levariam a outro lugar não tivesse ele reprimido o processo, ao formalizar o que era unicamente o começo de uma longa busca. Jung, é verdade, seguiu-o em certa medida, no entanto também foi contaminado pelos conceitos Freudianos - e assim, foi dominado pelo homem, Freud, e a relação que se seguiu - para por último não conseguir libertar-se o suficiente para dar os saltos que se requeria.

Numa altura em que o homem tentava de verdade livrar-se dos grilhões das crenças mais mesquinhas da religião, Freud em nome da ciência deu-lhes uma nova e perigosa fundação. Muitos intelectuais jogaram fora a ideia da

alma junto com o insípido céu cristão e o inferno de Dante. Na volta deram consigo circunscritos a um eu capaz da mais cruel selvageria, mas incapaz dos menores atos de comportamento heroico; viu-se negado no acesso à alma por meio de cujos ditames o homem pode chegar a endireitar-se - e equipado ao invés com paixões instintivas e com o autoengano que nenhum homem por si só poderia chegar a compreender.

Como poderia tal criatura governar-se a si mesmas, ou atrever-se a experimentar uma sociedade em que nenhuma classe autocrática governasse e mantivesse a ordem, com base num interesse próprio que pelo menos mantivesse a estabilidade? A resposta engenhosa estava em tentar tornar cada homem num proprietário de terra, ou pelo menos num proprietário de uma casa, de modo que a sua própria ganância pudesse ser controlada, as suas necessidades satisfeitas, a selvageria animalesca dentro dele acalmada.

Esse era o ideal apregoado. Tornou-se óbvio que, mesmo com igualdade de oportunidades, os homens permaneceriam desiguais em determinados aspetos práticos. Alguns lutariam para abrir caminho até ao topo, e seriam verdadeiros para com o seu "destino evolutivo," enquanto outros cairiam pelo caminho. Portanto, de que modo seria o homem igual? Igual a quê? E como seriam os direitos do indivíduo protegidos na luta pela sobrevivência em que apenas os "superiores" sairiam vitoriosos?

As respostas não estavam acessíveis. Foram feitos e refeitos ajustamentos sem que se encontrasse qualquer solução para o problema básico, embora elas efetivamente existissem, ao se acharem implícitas no trabalho de Myers -- e porventura mesmo no meu trabalho, embora nos meus próprios trabalhos as respostas fossem tão obscuras que até mesmo eu as vislumbrei quando li nas entrelinhas do que eu próprio escrevera.

Por cada um ser igual aos demais unicamente quando reconhece em cada um a presença de uma força não devassada e eminentemente preciosa de identidade e de sentido que possui a própria dignidade inata. Tal dignidade existe para além das nossas ideias de superioridade e inferioridade em qualquer época da história, e o espírito dentro do indivíduo é igual a todos os graus ao espírito que se acha dentro de toda as pessoas. Uma sociedade sã e benevolente é aquela que dará a esse potencial interior igual oportunidade de se realizar de acordo com as próprias orientações e

intenções. O espírito interior precisa ser compreendido, pois, para que haja boas intenções. O indivíduo pode não agir sempre de modo benéfico mas a intenção do eu básico deve ser percebida como boa, em vez de má ou neutra. E o Freudianismo, de uma forma mais drástica ainda do que muitas religiões, furtou o homem das suas boas intenções do ser.

Alguns de nós, envergonhados mas preocupados, prosseguimos com o nosso trabalho em face da crescente desilusão: buscar a boa intenção no homem, procurar as qualidades da alma, trazer a alma à respeitabilidade científica buscando a prova da sua existência através dos próprios instrumentos da ciência como o objetivismo, e isolar de forma previsível tais características que possa mostrar até mesmo ao mais cético a exatidão das nossas hipóteses.

Somos cuidadosos no apontar que consideramos tal alma como uma hipótese, e não a rotulamos de crença, e em particular procuramos provas da perceção extrassensorial que situasse a consciência num contexto que a elevasse acima dos impulsos instintivos apenas. Se o eu interno pudesse transcender as regras da realidade aclamadas com tanto orgulho pela comunidade científica, então seguramente, raciocinamos nós, os cientistas devem ficar impressionados com os poderes do ser e teriam que conceder ao mecanismo do homem algum mecanismo maior, alguma maquinaria espiritual que os atraísse para fora do seu isolacionismo.

Nessa busca recebemos muito pouca ajuda da parte das igrejas estabelecidas ou das ciências e assim, com bastante desconforto, demos por nós a procurar manter o nosso profissionalismo, as nossas credenciais científicas, enquanto ao mesmo tempo explorávamos as vias do pensamento do pensamento não convencional que receávamos pudesse desviar-nos ainda mais da corrente principal da vida Americana. Eu, pelo menos, perseverei a esse respeito, ao forçar sobre os meus colegas dissertações quer as quisessem ouvir ou não, fortalecendo a minha atitude para com os seus limites senatoriais e tornando-me quase tão asfixiante na minha conduta quanto esperava ser livre e aberto nos meus pensamentos. Mas por tal forma garanti que as minhas ideias fossem escutadas.

Contudo a nação suportou. O otimismo Americano conseguiu dar passos de gigante mesmo sobre a mais tenebrosa das teorias. A nova nação triunfaria sobre a própria natureza repugnante do homem, prevaleceria sobre as raízes

retorcidas das espécies, e caso o domínio sobre as áreas suspeitas do ser fosse impossível, o domínio sobre a terra não o era. A nação era materialmente rica e podia ser minada. Podia suportar uma população. Cada um podia ter o suficiente para as suas necessidades, e por conseguinte ter muito pouca razão para roubar o vizinho.

Os ideais sempre precisam ser considerados à luz da sua praticabilidade. O Freudianismo e os aspetos desabrigados do Puritanismo fundiram-se para dar aos Americanos um verdadeiro complexo de inferioridade por um lado, e por outro, uma determinação compensadora para ser bem-sucedida enquanto nação.

QUE QUERERÁ A VERDADE DIZER?

CIÊNCIA E RELIGIÃO

Os animais não têm formas de governo, possivelmente por não terem posses como os homens, ou instrumentos para se defenderem. Na natureza o animal constitui a sua própria posse, e o seu corpo é à uma a sua vida e o seu instrumento de proteção dela. Os homens consideram as posses como extensões deles próprios, de modo que nenhuma posse é neutra mas um símbolo do seu dono, e tal princípio foi adotado com tal vigor que a propriedade é muita vez tratada de acordo com a lei como sendo igual em valor à própria vida.

Os governos baseiam-se nas atitudes que os homens têm para com três coisas principais: o conceito que faz do indivíduo, o valor da sua vida e o valor da sua propriedade. Embora a religião oficial possa ser separada da sede do governo, as ideias e as crenças que o homem tem sobre a sua mente e a sua alma não. Fisicamente, uma nação representa uma "propriedade conjunta" da sua população, pelo menos em termos políticos ou legais.

Máximas do tipo: "a sobrevivência dos mais fortes" ou "o direito do mais forte," enfatizam os exemplos mais óbvios da aparente desigualdade existente entre os homens, justificam a mais feroz competição em todas as áreas da vida privada e pública e entre as nações, e visualizam o governo como a extensão humana natural da "cruel" erradicação dos processos da sua própria natureza conforme percebidos através do dogma da evolução. Sinais da cooperação animal e de graciosidade biológica são ignorados ou

minimizados; no entanto, quando o homem rebaixa os animais ou os deuses, ele minimiza as dimensões da sua própria consciência, já que a sua existência assenta obviamente entre a estrutura temática desses aparentes opostos.

Em séculos passados, o relacionamento que o homem tinha com os animais envolviam-no numa prática de um intercâmbio com as outras espécies. O homem e os animais trabalharam a terra juntos, e a vida diária do homem achava-se intimamente ligada à das outras criaturas. Agora, no vosso tempo desenvolveu-se tal fosso que com respeito às populações urbanas nas zonas industriais pelo mundo fora os animais tornaram-se ausentes, quase como espécies teóricas; tão afastadas da terra e da vida diária quanto a hipotética existência dos deuses.

Assim, outras espécies perdem a iminência prática que têm e foram sujeitas a discussões hipotéticas e teoréticas. Tornam-se "menos reais" para o homem. A sua existência pode ser cientificamente investigada, os seus hábitos explorados e os seus antros expostos, mas esse tipo de investigação objetiva ele próprio destrói o sentido da inter-relação objetiva existente entre as espécies.

Uma tal abordagem resulta na obtenção de informação mas numa perda de conhecimento, no acúmulo de detalhes particulares e na diminuição do retracto geral vivo em que as condições específicas existem. Se o homem não tiver uma relação com o mundo natural e as suas criaturas, então a informação que tem que lhe diz respeito torna-se numa desinformação pelo facto de embora apresente factos, também envolve uma estrutura em que tais factos se tornam em última análise destituídos de valor.

Não é coincidência nenhuma que as teorias da evolução tenham emergido numa floração plena justamente quando o homem estava a perder a harmonia emocional que tinha com as outras espécies e começou a substituí-la pelo acúmulo objetivo de factos; por outras palavras, ele começou a examinar os animais como se eles fossem objetos primordiais.

Representou um enorme proponente da investigação científica e advogou a libertação da imaginação e da curiosidade do homem dos velhos ditamos da superstição religiosa do passado. Eu pensei que a ciência pudesse explorar a mente e a matéria, a alma e o corpo, as emoções e o intelecto, mas em vez disso ela optou por negar aquilo que não conseguia explicar, repudiando

mente, alma, assim como as emoções não só como matérias de investigação mas como realidades em si mesmas. Elas foram consideradas como produtos inexplicáveis na luta pela sobrevivência, ou como posturas imaginativas ou pretensões mentais; contudo, esse mesmo fenómeno subjetivo é o que distingue o homem enquanto espécie, e por conseguinte deveria ter sido do interesse e da preocupação da ciência.

A esse respeito, a psicologia de Freud e as teorias da evolução não foram ciência enquanto tais, que oferecessem a possibilidade de resultados prováveis decorrentes de uma série de experimentos, mas um grupo de hipóteses que basicamente não podiam ser provadas. Tão pouco a psicanálise de Freud produziu um corpo histórico de casos em que as curas pudessem ser definitivamente mostradas em resultado das técnicas de Freud. Tão pouco conseguiu o homem negar a existência da alma, embora a ciência tenha tratado a alma como se se tivesse provado como não existente.

Eu espero provar o contrário, ao buscar na experiência do homem insinuações ou sugestões de uma capacidade dominante que não dependa unicamente dos sentidos ou de outros mecanismos físicos; ou de uma perceção excessiva que tenha operado a despeito do aparente confinamento dos sentidos ao ambiente imediato. Eu estava pessoalmente convencido que uma tal hipótese se aproximaria da verdade com respeito à verdade relativa à posição do homem.

Contudo, uma vez mais, enquanto cientista, eu tive o cuidado de distinguir entre crença e hipótese, embora muitos dos meus colegas da fação contrária não fossem tão escrupulosos. Mesmo agora, tendo sido um cientista no melhor das minhas capacidades, eu hesito em propor a minha contínua realidade subjctiva do estado pós-morte como algum tipo de prova objetiva da sobrevivência, segundo os termos que empregam. Não o farei, mas basear-me-ei em vez disso naqueles argumentos, persuasões e métodos com que vocês se acham familiarizados, só que aprimorados a um tal grau que só o seu vigor, espero bem, expressará o valor da alma e dará comprovação da natureza heroica que possui.

Quer dizer, espero mostrar as características extradimensionais e heroicas da criatividade humana; demonstrar que a evidência delas se encontra disponível na vida física; e sugerir que seja pelo menos possível projetá-las

como existentes aparte do organismo físico. Mais, porventura num excesso de entusiasmo da minha parte e numa sobrevalorização do interesse do meu leitor, espero pelo menos declarar o caso para uma hipótese alterna para a ciência seguir. Não é novo e tem sido mantido num sentido ou noutro ao longo das eras, embora envolto na superstição e no mal-entendido e mantido estático por vínculos de dissensão.

Trata-se de uma hipótese baseada na existência de uma alma não física ou entidade que provê orientação interior e que emerge no tempo e no espaço e tem existência; e na projeção dessa alma ou entidade como existente em todas as espécies seja em que medida for, a dirigir a vida suprema do planeta; e com cooperação em vez de competição conforme o ditado básico.

A mim parece-me agora óbvio que a novidade que constantemente entra entrado no mundo é prova de uma fonte interior que tem existência para além de todos os mecanismos biológicos conhecidos ou organizações orgânicas, e que a ordem das complexas formas dos organismos torna a sua criação acidental uma contradição lógica. Contudo, na vida, a partir do sentido mal orientado do dever da ciência, eu seriamente considerei a possibilidade de uma criação fruto do acaso, assim desperdiçando uma boa quantidade de esforço num absurdo.

Contudo esse mesmo absurdo fala por capacidades criativas dos homens que o conceberam, e é por meio dessas habilidades que eu creio que um tipo de evidência pode ser apresentado para a sobrevivência da consciência do homem depois da morte. Contudo, essas capacidades criativas necessitam ser exercitadas, mas as teorias de Freud e da evolução até certo ponto cegaram o homem quanto às suas próprias capacidades e limitaram a medida em que a própria consciência viva pode perceber a realidade maior em que tem a existência. Essa realidade mais vasta não implica simplesmente nascer por altura da morte, mas é o meio em que a vida ocorre: o viver substitui-a por momentos, mesmo enquanto subsiste na sua fonte.

O mundo do dia-a-dia é aquele em que homens vivos têm a sua experiência, mas claro que é do domínio da ciência explorar esse mundo, torná-lo mais inteligível e previsível. No entanto, as ideias que os cientistas têm acerca da realidade física são elas próprias não físicas e não podem ser

empilhadas quais pedras numa mesa de laboratório, e mesmo para o cientista as ideias que tem devem parecer transparentes e carentes daquelas qualidades de solidez que caso contrário existem no mundo fenomenológico. O mesmo, evidentemente, se aplica aos sonhos dos cientistas.

Não importa o quão vividamente ele perceba no sonho as imagens de amigo, cão, amante, oceano ou montanha, essas imagens não existem em parte alguma tão sólidas, tanto na sua cabeça como no quarto em que ele repousa ou em qualquer dos domínios classificados abrangidos pelas investigações do estado de vigília que empreende. Contudo, o cientista, à semelhança de qualquer outro indivíduo, reage, e se for sincero consigo próprio reconhecerá o quanto subtilmente contudo essas imagens oníricas afetam a sua vida desperta.

Criatura física ou não, é por toda a extensão da sua experiência subjetiva recordada ao homem uma realidade não física. Os objetos da sua perceção deviam ser categorizados, arranjados por padrões previsíveis sempre que possível - um empreendimento de busca digno da parte da ciência - contudo tais objetos não podem ser honestamente considerados sem uma idêntica investigação sobre as propriedades não físicas da mente que dão aos objetos a aparência que têm de solidez.

Porque enquanto o mundo físico seja operacionalmente previsível (mas somente de um modo geral) essa previsibilidade só é operativa quando componentes interiores da mente atuam sobre as propriedades físicas de um modo bem preciso. O mundo físico precisa estar “em ação.” Somente então surgirá com os seus elementos previsíveis. Somente então os objetos têm realidade, as flores crescem, os mares mudam com as suas marés e o esplêndido calor o sol aquece a terra.

Até agora, a ciência apenas examinou os resultados. Pela sua insistência na prioridade e superioridade do domínio da matéria, fica de mãos atadas. O próprio enfoque das suas crenças condu-la a uma interminável categorização pela qual segue diminutas partículas até uma invisibilidade cada vez mais profunda. A hipotética descoberta de cada partícula diminuta exerce um efeito hipnótico cada vez maior que leva o cientista por um caminho autodestrutivo caso ele pense mergulhar naqueles fenómenos que existem por baixo da realidade operacional do mundo

A mente, de tal modo encantada pelo efeito dessas questões, tão desviada, possui ela própria as capacidades de perceber a estrutura interna da vida, só que de um modo diferente. Os velhos métodos de medição não se aplicam a uma realidade não física; contudo, a mente possui os seus próprios valores, os seus próprios métodos e mensurações, e a própria existência da alma constitui a sua própria comprovação. Em relação a tal evidência permanece a ciência cega.

Muitas vezes o cientista diz, impacientemente: "Eu lido com o mundo verdadeiro ou falso. Ou um fenómeno existe ou não existe de todo. Eu trato de factos prováveis." Essa atitude por si só exclui do domínio da ciência a própria imprevisibilidade, a própria criatividade de que o mundo previsível emerge. A ciência com razão se rebelou contra os excessos, os exageros e as superstições da religião e contra um rígido sistema de crenças que encorajaram o homem a interpretar o mundo natural somente à luz dos seus próprios dogmas. Contudo, a ciência passou dos limites para se provar e ao adotar muitas daquelas características e ao negar a existência de qualquer fenómeno que não seja observável de acordo com o seu próprio conjunto de medições limitadas, ou que não concordem com as suas teorias básicas.

Contudo, por qualquer que tenha sido a forma errónea, a religião tentou categorizar as realidades internas, por ter enumerado as suas "variedades" com tanto vigor e presunção e determinação quanto qualquer cientista que apontasse o número e o tipo de rochas e de aves, gases ou partículas. Os demónios, deuses menores, criaturas mitológicas, infernos e céus, tudo era no seu modo resultados desse mesmo tipo de especificação mal aplicada; por na realidade interior tais métodos serem ridículos.

Tanto a religião como a ciência buscam a "verdade," porém, a interpretação literal da realidade física é tão limitativa quanto a interpretação literal da Bíblia. Há cientistas fundamentalistas que discutem a possibilidade do universo sofrer uma expansão sem fim, ou a possibilidade de estar infinitamente a expandir-se e a contrair-se – o que constitui tanto um exercício de futilidade quanto os da era medieval que debatiam o número de anjos que caberiam numa cabeça de alfinete. As atitudes mentais, as infantis interpretações literais são as mesmas, igualmente absurdas caso a questão mais significativa da verdade se ache envolvida. As próprias definições da verdade acham-se em falta.

A ciência e a psicologia devem o seu surgimento ao fracasso que a religião teve em conduzir essa pesquisa da verdade. São cisões da religião, cada uma das quais dotada dos seus próprios métodos, embora em larga medida tenham convergido. Para todo o interesse declarado pela psicologia quanto à natureza subjetiva do homem - que apresentou enquanto mantinha a sua posição objetiva – a psicologia depende cada vez mais da tecnologia e dos instrumentos científicos para aferir os produtos e os comportamentos mentais – uma nova futilidade igualmente perpetuada devido aos conflitos limitativos e mal entendidos respeitantes à busca da própria verdade.

Que quererá, pois, dizer a verdade? Em termos científicos representa um facto provável, tal como: "Amanhã é quarta-feira," ou "Uma maçã é um fruto." Tais factos são operacionais; um categoriza o tempo enquanto o outro, um objeto. Nenhum deles, porém, nos diz nada acerca do tempo ou objetos. De facto, a crença de que hoje, quarta-feira, seja seguida de quinta-feira conquanto operacionalmente verídico, conduz igualmente equívocos drásticos com respeito à própria natureza do tempo, ocultando-o nos termos consecutivos da experiência de todos os dias.

Tal discrepância passa bastante despercebida quando recebem um amigo num encontro de quarta-feira, e o uso conveniente do tempo precisa ser mantido ordenado em qualquer dos mundos físicos. No entanto, os cientistas sabem que o tempo é relativo, e se a máxima "O tempo é relativo" é facto ou verdade, nesse caso será o facto do tempo consecutivo igualmente verídico, ou será falso? Se for falso, nesse caso nenhum dia será quarta-feira, quer a afirmação se mostre operacionalmente verídica ou não. Quanto a isso, a quarta-feira não existe do mesmo modo que a nossa maçã. Com respeito a isso, a assertiva de que a maçã seja um fruto é a "mais verdadeira" das duas.

Mas até a qualidade de fruto da maçã nada nos diz da origem dos frutos, nem explica de que modo uma maçã possui características de fruto em vez de características animais; não importa o quão longe vão com tal tipo de busca da verdade, porque por fim serão conduzidos a um ponto em que um facto contradirá o outro, ou uma outra estrutura de factos, ou simplesmente esbarram com a ignorância - com que não obtêm qualquer resposta.

A razão é surpreendentemente simples. A ênfase excessiva dada à categorização conduz um número de factos infinitamente mais amplo e

crescente, cada um dos quais considerado verdadeiro; e com tal multiplicação, as discrepâncias reunidas ao longo do caminho também se multiplicam. Acabam com diversas disciplinas, cada qual possuidora das suas verdades de facto, mas analisados, os factos de uma disciplina muitas das vezes não se aplicam aos de outro campo – um "facto" que os membros de todas as disciplinas muitas vezes negligenciam convenientemente.

Em todas as escolas do conhecimento tais discrepâncias são invisíveis, e não obstante no geral as pessoas operarem num ambiente razoavelmente previsível e comem maçãs deliciosas, seguros de que todas as quartas-feiras são seguidas de quintas-feiras. Tão pouco de nada serviria dizer que as maçãs não sejam frutas; uma afirmação que seria falsa caso aceitem a qualidade de fruta da maçã. Porém, a verdade ou falsidade de tais declarações é irrelevante com relação à verdade básica., que deveria tratar da natureza inata do tempo ou da natureza inata dos objetos, em vez das especificidades destes.

Em que condições será uma maçã um fruto ou uma cadeira será um assento? Em que condições experimentaremos o tempo enquanto quarta-feira ou como uma série de momentos consecutivos? E em que condições poderá o tempo comportar-se de outro modo? Existirá algum desses fenómenos independentemente da perceção que deles temos? Como será que os objetos do sonho menosprezam tanto dos objetos físicos, chegando mesmo a satisfazer os nossos sentidos durante a experiência, enquanto não têm lugar em parte alguma do tempo e do espaço?

Podemos ver-nos envolvidos na experiência onírica mais extática e horripilante, e os nossos corpos debater-se com os cobertores ou estar imersos na mais doce descontração; podemos estar a reagir às serpentes ou aos anjos que percebermos, ou mesmo a tomar parte numa batalha. Ainda assim, na vida atribuímos maior realidade ao estado desperto do que atribuímos às experiências dos sonhos que nos deixem emocionalmente apreensivos, nos deixem num frenesi de excitação, ou nos encham de paz profunda ou desalento.

O mesmo se aplica à vida do estado de vigília. Os cientistas atribuem realidade aos objetos dos seus experimentos e aos instrumentos técnicos que utilizam, porém, não atribuem qualquer realidade à mente e às suas ideias – a mesma mente que montou os instrumentos a partir de domínios

da imaginação que em lado nenhum terão surgido em termos determinados de facto. É por essa razão que as dimensões interiores dos eventos parece tão sombrias. A densidade psicológica investida por parte da mente sobre os fenómenos é completamente ignorada, por nos domínios da ciência apenas ao cérebro ser concedida realidade.

Por fim, a religião falhou enquanto sistema da crença organizada, por intermédio do qual podia ajuizar a estrutura e a experiência prática. Que a ciência se cuide de não cair na mesma cilada. O cientista é duplamente vulnerável, por alguns dos seus resultados bem-sucedidos ameaçarem o homem com uma destruição física muito mais imediata do que a ameaça religiosa de um inferno depois da vida. Além do mais, um possível holocausto em que toda a humanidade seja destruída pela mão de Deus representa uma coisa para o homem comum; a mesma destruição produzida desnecessariamente sobre a cabeça do homem pelo mau emprego da ciência é outra coisa. O homem comum minará a ciência por formas as mais insidiosas, antes de permitir que ela destrua o mundo que é suposto explorar.

A ciência sente-se insegura em relação à personalidade humana e ignorante quanto às motivações básicas. Enquanto a ciência produzir, o homem comum alinhará com o dispêndio de fundos quase sem limites destinados a objetivos científicos. Mas ele que decida que a ciência serve unicamente a ciência e se dispõe a sacrificar até mesmo a vida planetária a fim de satisfazer apetites inflacionados, fundações e subvenções com incrível celeridade, e a ciência sobreviverá conforme a religião sobreviveu – estilhaçada, despojada da sua fúria, ribombar e eficácia.

A flexibilidade da ciência, conforme praticada torna-se incrivelmente evidente e contribui com um incalculável mal para a ciência, que deveria investigar todas as expressões da vida por igual medida, com imparcialidade e compreensão, incluindo os valores dos homens, determinando quais deles contribuem para a qualidade da vida e quais não contribuem. A ciência não se pode ar ao luxo de inventar armas de incalculável alcance ao se divorciar do estudo dos valores morais ou dos direitos da consciência.

A fé não repousa no domínio da ciência. No entanto, a fé em deus ou no homem, ou na natureza constitui um imperativo ou todos os factos da

ciência serão insignificantes e não passará de parafernália; uma categorização da palha caótica do acaso sem dignidade; uma contabilidade que mais não é que um tipo obsessivo de eventos num universo em que os próprios eventos – homem e animais da mesma forma – não passam de joguetes de um processo mecânico, desprovido de desígnio.

O homem é mais bem capaz de sofrer até mesmo a tragédia, acreditando no malevolente objetivo de um destino caprichoso, do que consegue suportar a felicidade num universo sem sentido, despojado de todos os elementos heróicos que fazem parte da sua herança psicológica. Pode pelo menos ranger os dentes e mostrar desprezo pelo destino caso acredite que controla a sua vida; porém, um universo sem sentido deixa-o sem qualquer paga os sistemas de crença que nutrem tal contrassenso dão por si num dilema insolúvel e no final derrotam o seu propósito, por aqueles que seguem tais hipóteses não encontrarem razão para não continuar a viver, e se verem dominados pela inércia. As teorias não são estimulantes e carecem de vigor, pelo que fenecem.

Contudo, é mais que possível que o "sentido do universo" não possa evidenciar-se unicamente pelas mensurações da lógica e que as próprias técnicas mentais empregues no pensamento lógico – a categorização, a precisão, a separação, a procura da causa e do efeito – possam romper uma unidade suprajacente em que esse significado possa, de outra forma, tornar-se conhecido.

Vocês podem estudar as técnicas empregues em qualquer pintura, composição musical, poesia, ou qualquer outro trabalho criativo; compreender na perfeição de que modo certas pinceladas ou vogais ou notas contribuem para efeitos específicos, e ainda assim permanecer ignorantes quanto a todo "sentido" subjacente à própria arte. Em qualquer campo que seja, o artista emprega as técnicas artísticas, todavia reúne-as de um modo completamente diferente do técnico, combinando, digamos, os componentes de uma válvula de vácuo.

A precisão e a previsibilidade que operam a favor da tecnologia e as produções de uma indústria prática resultam de uma especialização notável: os poderes analíticos da mente apurados e em afinados em direcção a "resultados que funcionem." Não pretendo por forma nenhuma diminuir a importância de tais atitudes ou métodos. Contudo, esses mesmos métodos

não produzem resultados, digamos, em termos de arte, mas tão só as interpretações lúgubres dos robôs ou das pinturas digitais.

Porque na arte, os elementos da surpresa e da imprevisibilidade reinarem, embora num certo âmbito. São usadas técnicas, meios e suprimentos, mas são usadas num contexto mental e emocional diferentes, em que o sentido da arte muitas vezes em lado nenhum se evidencia mas é sentido e emocionalmente percebido. Na realidade os sentidos são atraídos de uma forma diferente. Esta é uma questão da mais alta importância, pelo que aqui gostaria de comparar brevemente o universo ao modelo de um trabalho de arte multidimensional, ao invés, digamos, de um mecanismo cujos componentes, examinados, produzirão inevitavelmente uma compreensão as suas partes e do objetivo geral.

Se usarmos esta analogia, contudo – se comprarmos o universo a uma obra de arte – devemos igualmente referir que seja uma obra de arte em progresso, por nele se verificarem constantemente mudanças. Devemos ainda atribuir a essa arte um recurso multissensorial e outorgar-lhe um plano estético para além de qualquer utilizado por um artista humano. A composição inclui todos os elementos da realidade conforme os conhecemos.

Os relvados não só são descritos por palavras como o podem ser pela literatura; ou pintados, ou evocados por notas musicais; mas combinam as técnicas de todas as artes e vão além. Os relvados apelam a todos os nossos sentidos; a sua cor não só é pintada tingem-nos não só pela pintura mas concorrer para ternos conselhos; sempre a mudar no matiz e no valor, enquanto permanecem numa certa ordem no âmbito da cor.

Enquanto vivos, nós próprios situamo-nos nessa produção criativa, evidentemente, e toda a categorização do mundo falhará na revelação do seu sentido. Um âmbito diferente de pensamento é requerido, um que seja similar aos processos criativos. Por existirem diferentes tipos de “lógica.” Se tiverem o objetivo de mostrar um componente de rádio, então o pensamento objetivo será científico e produzirá resultados; se tiverem a intenção de criar um poema ou uma sonata, então esse outro tipo de pensamento intuitivo será igualmente válido, e igualmente científico, e conduzirá a resultados igualmente certos. Aqui, a imprevisibilidade quase pode ser considerada um método de trabalho previsível.

O “sentido do universo” poderá existir nesse outro âmbito e permanecer invisível ao género habitual de escrutínio e na realidade tornar-se menos evidente quanto mais for examinado de um modo convencional e científico. O mesmo se aplica à pessoa individual nesse universo. Nenhuma informação, conquanto extensiva, inerente ao corpo ou ao cérebro resultará numa resposta à questão: “Que significado terá a pessoa?” Não só isso, como os métodos de investigação – a designação e aferição dos distintos componentes e o traçado de circuitos – podem tornar a própria informação tão enganosa que a transforme em desinformação, conforme foi definido anteriormente: dados que produzem resultados que reduzem o conhecimento.

Não estou a querer dizer que tal compreensão esteja para além do entendimento do homem, mas tão só que se encontra para lá dos métodos erroneamente usados para a alcançar; estou a sugerir que existem pelo menos dois contextos em que a perceção e o conhecimento ocorrem.

Pensar no homem ou no universo como um mecanismo e usar isso como modelo pressupõe certas hipóteses, independentemente do quão longe estendermos as capacidades da máquina. Mas acima de tudo, não inculcamos os poderes da verdadeira espontaneidade, da criatividade básica ou da imprevisibilidade num modelo desses. Usando o pensamento objetivo direto não vemos, o quanto a intuição criativa pode surgir do nada; de modo que dificilmente compreendemos um universo que brote do nada, a “cada instante,” em cada aspeto da sua realidade.

Em vez disso, limitamos o nosso modelo a um familiarizado ao pensamento objetivo e limitamos igualmente as nossas esperanças de compreensão, por um tal modelo constituir a seu modo o resultado de comportamento esquizofrénico: é um modelo produzido unicamente por metade do cérebro, um modelo unilateral, tão limitada quanto a visão quando apenas usamos um olho. Perdemos a perceção da profundidade que faz toda a diferença. De certo modo, a religião usa o outro olho ou lado do cérebro mais do que a ciência. Contudo, na determinação que tem por se relacionar com o mundo do dia-a-dia, a religião comete o mesmo erro fatal no seu domínio que a ciência comete; procura tornar a verdade criativa num facto literal.

Uma vez mais, os seus intermináveis catálogos de demónios, anjos caídos, níveis dos mundos espirituais, deuses e senhores do universo constituem comummente ridículas tentativas de fazer valer um tipo particular de ordem sobre as realidades interiores a fim de as fazer corresponder com o mundo dos factos. Daí a insistência que a religião fundamentalista faz sobre a interpretação literal da criação Bíblica do mundo – e assim a batalha que se verifica entre a ciência e a religião com base numa matéria em que ambas eventualmente sairão perdedoras.

A interpretação literal que a versão da Bíblia faz dos eventos, e a insistência que a ciência faz acerca dos factos Darwinianos encontram-se do mesmo modo fora de questão. A considerável conquista que Darwin fez com o percebimento do inter-relacionamento existente entre criatura, a espécie e o meio ambiente foi completamente mal interpretada. A catalogação que elaborou, dos efeitos, levaram-no a perceber unicamente competitividade, e cegou-o para os empreendimentos cooperativos que se verificam entre as espécies, e entre as criaturas e o seu meio ambiente. O mesmo conjunto de "factos" poderiam ter sido lidos de modo bastante diferente.

O próprio Darwin sentiu os conflitos emergentes: ele acreditou neles, projetou-os no seu próprio trabalho, e sentiu-se torturado por um equívoco com relação à sua própria contribuição. Ele personificou as diversas espécies com a mais lamentável das características humanas, vendo o assassínio e o conflito em vez dos equilíbrios internos elaborados pelas próprias diversas espécies. Por outros tipos de consciências também poderem achar-se individualmente tão ajustadas quanto a nossa, mas serem igualmente capazes de saltar a própria morte aparente por uma série de cômputos biológicos que nos passam despercebidos por completo, em particular quando contemplamos a natureza por uma das partes da nossa mente que é a menos intuitiva, a menos disposta a abandonar a origem ideológica da objetividade.

O trabalho de Darwin assumiu como certa uma certa hipótese com respeito à consciência que, cientificamente, não temos o direito de tomar como certa. Embora negasse aos animais de toda e qualquer variedade uma consciência digna, ele ainda projetava neles as piores tendências do homem. Foi a noção da sobrevivência dos mais aptos (fortes) que foi projetada no mundo natural, e não o contrário. Não há razão porque a

existência da alma não possa constituir uma hipótese científica., mas a ciência em si mesma precisa aprender o quão ridículo é um cientista ignorar a sua própria natureza – a sua realidade emocional e subjetiva – através de cujo enquadramento ele percebe o mundo natural. O ideal seria que todo cientista se envolvesse com uma arte; e todo artista, com uma ciência. Desse modo, as qualidades intuitivas e objetivas fundir-se-iam, as suas capacidades distintas aprofundar-se-iam, cada qual desenvolver-se-ia por meio da aliança que estabelecesse com o outro.

Se a ciência não ampliar os seus enquadramentos temático e teorético, os jovens cientistas abandoná-las-ão, como no vosso tempo, os padres estão a fazer, e pela mesma razão justamente: por sentirem que o treino que recebem é perigosamente assimétrico. Contudo, tendo inculcado nesses estudantes uma objetivação exacerbada, esses cientistas muitas vezes compensam em excesso e passam a adotar atitudes de rejeição da ciência e da tecnologia, e a defender em vez disso uma ênfase igualmente exagerada na "fé destituída e razão."

Estão cansados da competição académica e exaustos por defenderem o ego contra os assaltos dos impulsos instintivos subconscientes de Freud. Nada desejam mais do que a paz de espírito, e assim, muita vez caem presa de teologias ou de sistemas que descartam o individualismo e o desejo, e propõem, ao invés, um conceito distorcido de consciência cósmica. Tudo quanto uma pessoa assim "deve" fazer é abrir mão dos emblemas da sua espécie – as emoções, o intelecto e a ilusão da individualidade.

Mas obviamente que tais políticas psicológicas contradizem os conceitos básicos da democracia política. Para muitos desses, não só a competição é errada, como o próprio trabalho perde o seu valor. Desse modo, uma hipótese exagerada conduz ao seu oposto. Existem, porém, duas formas principais de se relacionarem com o mundo fenomenal; cada uma bastante natural ao homem, tanto espiritual como biologicamente.

Uma tem geralmente dominado desde o berço da história: nós reagimos a eventos e ao ambiente pelo uso do pensamento lógico a fim de interpretar uma realidade que se entende existir no "exterior" independentemente da perceção que temos dela. Assim, uma maçã é uma maçã quer a vejamos ou não, a comamos ou não. Uma estrada é uma estrada quer a percorramos ou não.

A outra abordagem, que não tenho conhecimento de alguma vez ter sido seguida por completo, envolve a identificação com a natureza e os acontecimentos. Aqui temos a crença de que pensamentos e emoções não só têm um efeito direto na matéria, como os acontecimentos diretos, por algum modo invisível ou automático – um modo que no entanto pode ser deduzido pela tentativa e erro. Usando desse metido o homem espia e explora os funcionamentos internos da natureza ao projetar a sua consciência nela, e não examinando-a a partir o exterior.

Este segundo método, creio eu, acha-se intimamente aliado com o funcionamento criativo natural conforme é exibido pela constante criação de células no organismo; e evidencia-se mentalmente nos próprios processos do pensamento e na formação das artes. Este método encontra-se igualmente ativo e envolve a formação criativa de ocorrências pela concentração das forças naturais com uma intenção ou objetivo em mente. Os seguidores de tais crenças tomam como certo que tais forças agem espontaneamente por formas que lhes escapam ao conhecimento, tal como o escritor toma como certo que a intenção consciente que tem evocará os processos criativos que operam sob o seu conhecimento consciente, e desse modo resultam num produto criativo.

Dado que certas ocorrências são mais prováveis do que outras no mundo fenomenal, é possível que tal identificação e concentração mental seja responsável pela experiência de uma ocorrência específica em vez de uma outra provável. Esta força mental e emocional no homem e na natureza, reunida, pode representar a “profundidade de perceção” oculta de que a ciência carece nas suas próprias investigações.

No meu tempo, porém, as teorias de Darwin e de Freud começam a predominar, no entanto a nação manteve quase idêntico vigor aqueles conceitos estimulantes da liberdade individual, das esperanças na boa-fé do homem, da fé em Deus, no homem, e na nação que estavam a ser expressados, por meios simplistas muitas vezes, por cada canto da terra. O que resultou num otimismo quase atlético, pelo menos por um tempo e na crença da vontade humana prevalecer contra todas as probabilidades. Quanto mais os conceitos de Darwin prevaleceram, mais se insinuaram no pensamento nacional: e mais insistente o simples otimismo da nação se tornou, ao tentar contrariar a tendência pessimista.

Quando a psicologia de Freud se fundiu com a ideologia de Darwin, mas mais importante, quando a psicologia se aliou de Freud em vez de Myers, então o equilíbrio do otimismo decaiu abruptamente. Nenhuma das escolas do "a cada dia estou a ficar melhor e melhor de toda a maneira," conseguiram efetivamente contrariar as teorias sombrias que rapidamente se apoderaram de todas as academias, tanto de medicina coo de ciência.

Anteriormente, o Protestantismo e o otimismo fundiram-se com uma certa inquietação, porém, afirmações como "Deus está no céu e tudo vai bem com o munto" não se enquadravam na teoria da sobrevivência de Darwin. Sucintamente o cidadão podia combinar as duas. Caso fosse razoavelmente próspero e saudável, então poderia ver-se enquanto o orgulho da espécie de Darwin e o homem das boas obras do Protestantismo – prova de que Deus ajuda aqueles que se ajudam a si mesmos.

Mas essa aliança não se podia manter, por o homem de Darwin não poder ter uma alma; os seus instintos assassinos não deixavam espaço para as boas obras da honestidade; e o homem de Freud não dispunha de vontade efetiva mas tão só de um subconsciente instintivo que se estendia ao longo do tempo de Darwin até à natureza "selvagem" do animal. Infelizmente, o homem seguiu psicologicamente esse caminho, levando a ciência e a medicina consigo.

MENTE E MEDICINA

Ninguém poderá duvidar de que os mecanismos corporais são práticos; eles funcionam, contudo, o próprio tratamento do corpo como se fosse uma máquina com efeito separa o indivíduo do seu próprio corpo, o seu bem-estar físico dos seus próprios juízos de valor, e os trabalhos do corpo dos seus próprios desejos e intenções. O homem parece, pois ser vítima de doenças que o arrebatam por nenhuma razão. Mas nenhuma pastilha cura a melancolia da alma e em qualquer medida a profissão médica aparta o homem da identificação com a identificação e responsabilidade que tem para com o seu corpo, mas aprofunda essa melancolia, e o paciente afunda em abismos filosóficos em que toda a esperança parece perdida.

No meu tempo, pelo menos, a medicina tinha uma relação individual com o paciente que vinha, porventura abalado e certamente ansioso ao consultório

médico. Esse consultório era muita vez era separado apenas por umas quantas portas fechadas dos aposentos do médico. Fora das janelas de cortinas de renda, a roupa lavada da família brilhava no varal. Os filhos do médico, o mais das vezes podia ser ouvida por entre risos ou a correr pelo salão airoso entre o consultório e os aposentos, para onde tinham sido banidos da cozinha, pela mãe. O paciente podia relacionar-se com o médico como outro membro da família, cuja ceia se encontrava já sobre o fogão, ao lume, os odores misturavam-se com poções medicinais e por vezes substituindo-se a elas com poder. O escritório do médico, com os seus volumes encadernados a couro, sólida escrivaninha, tapeçarias e banquinhos para os pés forrados a veludo afinal não faziam muita diferença do escritório do burguês ou do professor, exceto nas características técnicas.

E no meu tempo tais características eram relativamente escassas; um estetoscópio, um termómetro, um aparelho de medir a pressão arterial, algum feno barbital em líquido ou sob a forma de pastilhas, ataduras, iodo, luvas para problemas dentais, clorofórmio – mas principalmente, um ouvido atento e modos atenciosos, com os instrumentos mais sofisticados a pertencer ao cirurgião, que na realidade era o único especialista. A difteria e a tuberculose eram as maiores queixas, uma causada pela reação da criança às "indisposições dos pais" e a outra pela melancolia que afetava os próprios mecanismos da respiração.

Diagnósticos simplistas porventura, no entanto o médico dava poções calmantes a um, junto com palestras severas aos pais; e prescreviam descanso ou uma visita às montanhas no caso do outro; e esses "remédios" funcionavam bem, se não melhor, do que as técnicas mais sofisticadas que mais tarde foram adaptadas.

Os males mudam com os temperamentos e crenças dos tempos. As teorias darwinianas e Freudianas altearam as filosofias anteriores da medicina e mudaram as crenças dos pacientes com respeito a eles próprios relativamente à doença; e no meu tempo, as contraditórias escolas do otimismo e do pessimismo revelavam-se no comportamento do médico assim como no do paciente. O homem enquanto o animal da sobrevivência tinha que ser tratado de uma forma sensata: era melhor ser corpulento do que magro e esguio, o que significava ser excessivamente sensível ao mundo – tubercular – e possuir características atribuídas às mulheres, aos

artistas e a outra "gente temperamental" que não poderia lidar bem no mundo conforme os outros. Em resultado disso, pais recheavam os filhos com comida, aqueles que eram suficientemente afortunados para dispor de meios adequados ou emprego. Crianças gorduchas eram prova da própria sobrevivência económica e os pobres tornavam-se uma reprovação para os processos democráticos, exemplos de quantos caiam pelo caminho na batalha da competição, os membros fracos da espécie que não conseguiam bem manter-se.

Infelizmente, a escola que designei como otimista não teve tempo para amadurecer antes de ser suplantada, contudo haviam sinais de maturidade e de desenvolvimento que não foram seguidos, pelos quais eu próprio tive o maior dos interesses. A pesquisa psíquica era sem dúvida ingénua em muitos aspetos, e talvez demasiado diligente e exultante, no entanto tivessem-na usado num ponto de encontro e a ciência e a psicologia teriam prosperado e impedido a rigidez filosófica que se desenvolveu em ambos os campos subsequentemente.

Porque enquanto a ciência e a psicologia cada uma parecesse estar a mover-se à frente após o meu tempo, e enquanto a ciência em particular produzisse feitos tecnológicos espetaculares, o movimento filosófico era muito limitado. Nem esses campos usaram de qualquer lógica na escolha daquelas crenças que decidiam aceitar ou rejeitar. A ciência, claro está, foi forçada a admitir os princípios de Einstein, mas a psicologia agiu com se os conceitos de Einstein não tivessem qualquer relação com o ambiente maior em que cada pessoa tinha o seu ser.

O "eu subliminal" de Myers, por exemplo, enquadra-se na perfeição na física Newtoniana, enquanto o eu de Freud constitui um fenómeno muito local, mas a existência da precognição podia igualmente dar-se bem com a relatividade do tempo de Einstein. A psicologia, contudo, ignorou essas mesmas teorias científicas que poderiam ter dado uma base teórica à exploração da alma, e ter-se, ao invés, estabelecido no dever bastante prosaico e entorpecente de erguer o ego de Freud com um subconsciente de Darwin numa sociedade industrial. No meu tempo, pelo menos, alguns homens de orientação científica estavam dispostos a investigar a existência da alma, uma tarefa que, mesmo então, exigia considerável atrevimento. Mas depois tais tentativas foram interrompidas, pois quem precisa investigar a realidade de uma ficção?

Exceto no caso das igrejas, pois, a alma não foi oficialmente reconhecida, e as próprias religiões, embora falassem bastante do assunto, firmemente se recusaram investigar a sua realidade e rotularam de heréticos todos quantos se mostrassem determinados a fazê-lo. Pelo menos no meu tempo, o telepata e o clarividente e o sonhador eram encorajados a falar aos cientistas; agora eles encontram-se silenciados, as suas faculdades encaradas como exemplos do pior tipo de indulgência emocional; o resultado da histeria. Os termos "fraude subconsciente" tornaram-se rótulos da mais triste das duplicidades, porque o indivíduo a quem se aplicavam foram estigmatizados como mentirosos por disposição subconsciente, incapazes de ver através das suas fantasias.

Mais pertinente, contudo, a natureza deixou de ser vista como a trabalhar para o homem ou com ele e o seu corpo, mas como ativamente trabalhando contra ele. O indivíduo foi contraposto a uma interminável batalha pela sobrevivência no mundo exterior – contra a terra e os seus próprios companheiros – e contraposto numa batalha mais horrenda ainda contra um subconsciente instintivo que aparentemente o condenava a agir por certas formas contrárias, por causa de um condicionamento psicológico instalado na infância.

As doenças, agora rotuladas ainda mais meticulosamente do que alguma vez antes, assumiram o seu próprio aspeto de minúsculo demónio: os vírus e outros elementos que tais presentes na natureza parecem não existir por nenhuma outra razão do que a de atacarem o corpo humano; e as predisposições para a doença elas próprias resultantes de eventos há muito enterrados pela mente, cada um dos quais despoleta uma resposta inconsciente para a qual o indivíduo se achava instantaneamente vulnerável.

Mas os efeitos de um comportamento de previsão pessoal fizeram-se eles próprios conhecidos, por os hábitos das doenças mudaram para se encaixar nas teorias. Com o desenvolvimento da tecnologia médica e com o tratamento do corpo como se se tratasse de uma máquina, o homem perdeu o seu sentido de identificação com a sua natureza e o seu sentido de ter qualquer controlo sobre a sua própria saúde.

As ciências médicas podiam orgulhar-se pelo abandono da superstição, por a doença não mais ser vista como uma punição de um Deus irado para o

pecador. Contudo, o pecador pelo menos tinha a opção do arrependimento e da salvação final, ao passo que o cidadão iluminado se via rodeado por um meio natural hostil e um interior estranho, igualmente físico – um corpo que nadava por entre vírus malignos que a qualquer altura podiam, sem razão alguma, erguer-se para atacar todo o seu sistema, e uma consciência que seguia os ditames caprichosos desconhecidos de um subconsciente reprimido enlouquecido.

Em face de tais factos novos da vida, de tais conceitos iluminados e modernos, como parecia ingénua a ideia de um eu subliminar bem-intencionado, ou mesmo a ideia de um corpo naturalmente equipado para promover a saúde e possuir os seus próprios processos de cura. Porquanto embora a crença posterior persistisse filosoficamente, ela foi efetivamente neutralizada, e decerto ninguém iria apoiar-se nela – não o médico, que se relacionava com os seus instrumentos mais do que com os seus pacientes, nem os pacientes, que aprenderam a ficar mais apavorados com os seus próprios corpos do que com os médicos.

A medicina profilática muitas vezes tem as suas raízes na crença pessimista de que o corpo sem dúvida contrairá qualquer doença se não for inoculado contra ela, enganado pela aceitação de um pequeno ataque, em vez de um de dimensões críticas, da doença. A pesquisa medicinal também é feita sobre a doença. Ninguém questiona aqueles que permanecem saudáveis, que não visitam os hospitais. Ninguém busca os segredos dos saudáveis ou procura promover formas de os tornar globalmente conhecidos.

Ninguém mais do que o médico é diretamente confrontado com as incongruências da vida. O seu treino envolve-o em estudos da anatomia, em que cadáveres precisam necessariamente ser usados. A sua experiência torna-o íntimo tanto da vida como da morte. Quem mais verá de perto os contrastes da vida: os processos de trazer à vida do nascimento por entre as dores e a agonia; o corpo em todos os seus aspetos, com as suas requintadas capacidades tanto de dor como de prazer; o arquejo final do último suspiro à medida que o paciente escapa a todos os auxílios terrenos.

Quem se encontrará mais familiarizado com o estado, poderes e vulnerabilidades do homem? Ou com a falta de conhecimento do homem? Por ser cliché falar daqueles pacientes que morrem a despeito de um tratamento excelente e de um prognóstico favorável, enquanto outros muito

mais desesperados vivem contra todas as regras do conhecimento médico. No entanto o médico é um homem de aspeto prático acima de tudo, um que se vê confrontado com os exemplos alarmantes do fracasso do homem em compreender-se e ao seu corpo. O homem saudável não tem qualquer necessidade dos serviços do médico, pelo que será bastante natural que o médico seja muita vez dotado de temperamento pessimista. Ele vê o homem no seu pior, e assim parecer-lhe-á que a doença seja e deva ser uma constante na vida do homem.

De facto, parecerá temerário e perigoso sugerir o contrário, porquanto quem saberá que doença poderá estar a incubar-se agora na mais salutar das pessoas? A ideia da saúde torna-se uma qualidade quase tão ficcional quanto a existência da alma; dificilmente existirá alguma coincidência, por eu acreditar que as mesmas habilidades criativas que comprovariam a alma fossem aquelas que promoveriam pelo menos uma saúde razoável ao longo da vida do homem.

Para que isto não seja encarado como a mais positivista das afirmações, permitam-me que acrescente alguns enfeites. Primeiro, nenhuma estatística foi conseguida no vosso tempo ou no meu quanto aos números das pessoas saudáveis, nem qualquer estudo foi conduzido que correlacionasse os hábitos e crenças dos saudáveis. Registos médicos e hospitalares, conforme mencionado anteriormente, tratam necessariamente de pessoas enfermas.

Estudos psiquiátricos são do mesmo modo formulados e realizados da mesma forma preconceituosa. As próprias sugestões referidas pela medicina profilática para incentivar a saúde promovem temores, nervosismo e angústia – condições que em si mesmas conduzem à doença. Ensinando-se o indivíduo a procurar sintomas utiliza-se a sugestão de uma forma que conduz á antecipação da doença. Contudo, a antecipação da doença parece irrealista, perigosamente otimista e enganosa.

Contudo, mesmo no meu tempo, o estudo da hipnose mostrou claramente a importância da sugestão, e realçou as ligações íntimas que existem entre a sugestão, o comportamento e a saúde. A medicina, que nunca utilizou oficialmente a hipnose, usa-a bem – e frequentemente da forma mais negativa. Frases tais como “a importância e mistério do magnetismo” eram pronunciadas com frequência na minha geração, afastando muitos homens que se não fosse isso seriam dotados de uma mente aberta da sólida

pesquisa nesse campo. É certo que os proponentes e anteriores praticantes da hipnose muitas vezes dramatizavam em excesso os seus casos, alegando não só curas com milagres, contudo o trabalho substancial feito por respeitáveis homens provou sem sombra de dúvida dois aspetos principais: Primeiro, a existência de um poder no homem, latente mas apreciável, para melhorar a sua própria condição, corrigir o seu rumo, curar o seu corpo, acelerar a aprendizagem e o insight, e segundo, a suscetibilidade do seu poder de sugestão.

Este poder ou energia, pois, pode ser despertado e aproveitado por intermédio da sugestão, quer por intermédio da hipnose estruturada ou por vezes pela própria pessoa, por meio de uma autossugestão espontânea. A hipnose pode ser induzida por meio de técnicas de relaxamento ou pelo uso de um estímulo súbito surpreendente. Daí, sem dúvida, a confusão dos primeiros praticantes, a dependência dos gestos teatrais, das técnicas bizarras, e a comédia resultante dos erros por que se supunha que este poder natural residisse apenas no hipnotista, em vez de igualmente no seu sujeito.

É tão dificilmente surpreendente que tais precursores no campo fossem eles próprios dramaticamente propensos, cheios de energia e de vitalidade e dados a excentricidades de conduta. Contudo, talvez acima de tudo numa democracia sejam as excentricidades que muitas vezes apontam de forma teatral o caminho para as invenções criativas e as molduras de pensamento que outros, menos ousados usarão cuidadosamente pelos anos mais próximos. Os maiores homens e mulheres não são necessariamente os mais equilibrados.

Eles não se enquadram nas normas psicológicas, e em vida seriamente questionei as vantagens das escolas de pensamento equilibradas. Por nenhuma pessoa se assemelhar a nenhuma outra, e ser precisamente nessas peculiaridades da expressão ou tendências mentais originais que a nossa individualidade se evidencia mais. A democracia deveria ser suficientemente ampla para conter e promover tais diferenças, em que a nação pode beneficiar de um reservatório de diferentes talentos e capacidades individuais de cunho excêntrico que no seu conjunto acrescentam variedade e vigor a todos os campos da vida nacional.

A psicologia de Freud lançou tais diferenças à mais desfavorável das luzes, ensinou o indivíduo a desconfiar dos seus próprios impulsos e a afastar-se da voz interior da intuição Os conceitos de Freud situaram-se basicamente em oposição direta ao eu subliminal de Myers. Myers não negou as confusões, distorções, temores e culpas que podiam surgir na experiência humana - os terrores subjetivos - mas não os considerou como a mais básica divisa da humanidade. Encarou-as, ao invés, como lamentáveis exemplos da ignorância humana que serviam para ocultar do homem a existência do seu poder subliminal, a fonte do ser de que toda vida individual brota.

À medida que a profissão médica se orientou mais no sentido da técnica e passou a tratar os pacientes de forma cada vez mais impessoal, os pacientes começaram a desertar. Os chamados charlatães* surgiram aos milhares no meu tempo e continuam a prosperar no vosso. Quão fácil não será repudiá-los, por muita vez serem meio-letrados e não terem credenciais académicas; impostores repletos de dramático improviso e de balbuciações místicas.

Contudo, frequentemente cobram muito menos do que os médicos, enquanto proporcionam ao paciente atenção pessoal, esperança, e muitas vezes um tratamento que funciona pela utilização da sugestão no afastamento dos sintomas para dar ao paciente algum tempo para respirar. Em muitos casos, os próprios médicos não podem fazer mais. Não estou a desculpar os mais perniciosos desses profissionais, mas decerto que alguns concorrerão num tratamento com os registos de um tratamento bem-sucedido dos médicos mais convencionais.

Tão pouco está um bom número desses médicos isentos de fundarem a sua própria autoridade às custas do paciente, ao aumentarem a sugestionabilidade do paciente para com a mais inócua das afirmações do médico. A profissão médica revela uma notável falta de perceção acerca da natureza da sua própria combinação de "misticismo" e de drama, por os seus ambientes confundirem o paciente com instrumentos estranhos ao seu conhecimento, com o vasto misticismo da ciência, e evocar a autoridade do médico e enfatizar o desespero do paciente.

Curiosamente, a descoberto do equipamento de raios X muito contribuiu para estabelecer tal aura. Anteriormente, os médicos tinham que se fiar nos sentimentos do paciente sobre o interior do seu corpo. Aí, pelo menos,

médico e paciente encontravam-se unidos na sua ignorância, por nenhum deles conseguir ver através da pele do paciente. Com os raios X, contudo, o médico pode perscrutar as partes mais íntimas das entranhas, e permitir-lhe um conhecimento de um tipo que o paciente não possuía. O paciente dependia do médico para interpretar tais imagens e traduzi-las em termos compreensíveis. As sensações tornaram-se menos importantes. Alguns médicos chegaram a mesmo a repeli-las como irrelevantes, mas os médicos esquecem que os seus próprios instrumentos são igualmente importantes enquanto ferramentas de sugestão e de confirmação simbólica. Decerto que em muitas ocasiões o emprego físico de tais instrumentos pode ser minado pela sugestão negativa que seja feita.

Mais para a frente, neste livro, explicarei de forma considerável acerca da relação que a mente tem com o corpo e a sua saúde a partir do âmbito alargado do conhecimento que tenho agora ao meu dispor. Até agora, eu contive-me propositadamente de fazer certas declarações acerca da minha própria situação e condições da minha própria existência para não suscitar ideias de primazia. De facto estou deliberadamente a falar em tempos contemporâneos a fim de estreitecer o fosso existente entre nós e, vez de o ampliar, nesta altura em qualquer caso, ao realçar elementos da minha própria experiência com que não deverão estar familiarizados.

No entanto, essas peculiaridades da minha existência trazem-me vantagens definitivas assim como uma afirmação adicional, que me sentiria negligente se não revelasse. Isso inclui "factos," certos para mim, que permanecerão no domínio do hipotético para os vivos. Esses serão claramente indicados mais à frente. Contudo, não tirarei partido deles, para engordar os meus próprios argumentos às vossas custas. Caso contrário estarei a confinar as minhas observações a áreas que se denotam bastante na vida quando são apontadas, e comentários respeitantes a capacidades e tendências da alma que se evidenciam por meio do agente da personalidade viva.

A NATUREZA DA PERCEPÇÃO,

A CONSCIÊNCIA E O AMADOR DOTADO

O homem pode conjuntar a sua consciência por incontáveis métodos e consequentemente perceber-se e ao seu mundo por diferentes formas. O mais provável é que a natureza subjetiva da realidade tenha sido percebida muito diferentemente em civilizações anteriores. Mas não há necessidade de designar uma como superior à outra, porque cada uma representa um enfoque particular e mistura psicológica, e expressa um relacionamento único entre o homem e a natureza, mente e matéria. A consciência pode assumir incontáveis matrizes. Cada civilização, na verdade cada geração, agarra-se a uma e mantém-na enquanto postura psicológica oficial.

Não é apenas que o homem percebe uma realidade objetiva por intermédio dos matizes de tais moldes de consciência, tanto quanto esses matizes mancham a realidade de determinado modo; de tal forma que certos efeitos espirram da mente e caem sobre a paisagem objetiva, como se imagens sombra da mente mal-formadas atingissem uma certa "janela" que exista invisível entre a mente e a matéria. E à medida que o sol é refletido a partir do exterior sobre uma sala de inverno, também na direção oposta as imagens da mente, ao esbarrarem com essa janela invisível, subitamente ganham vida e brilho, e lançam os seus reflexos de modo vivo sobre o mundo objetivo.

Ou seja, esses "moldes" de consciência operam sobre o mundo no seu próprio jeito peculiar, de modo que a experiência objetiva constitui uma mistura de imagens na mente e de material objetivo no exterior. Grande parte da nossa perspetiva percetiva do mundo é cultivada, mas num instante podemos mudar as alianças, e ver folhas de relva num caso -- os olhos divertem-se com as encantadoras pontas soltas - ou ver, em vez disso, um relvado regular lustroso que apenas incidentalmente é composto por relva. As lâminas individuais da relva tornam-se quase invisíveis no amplo quadro da perceção. O leitor poderá pensar em diversos exemplos desses.

Os mundos do músico e do artista são sem sombra de dúvida amplamente diferentes, por cada um projetar no exterior essas nuanças particulares do desejo e do interesse que programam a perceção; e embora ambas

partilhem do mesmo universo físico, as diferenças representam aquelas características únicas que tornam a consciência particular, específica, e pessoalmente significativa. Cada pessoa possui, pois, a sua própria consciência, que serve de plano interior que existe na mente, que depois, a determinada altura, se reveste por intermédio da experiência objetiva.

Decerto que deve existir "alguma coisa por aí" a ser tratada, moldada e experimentada, mas esse "algo" é muito mais plástico e passível de ser manipulado e cedido, do que a psicologia prática os levará a crer. É como se a consciência privada operasse sobre a paisagem do mundo objetivo dando-lhe a sua forma final, privada, e definida; como se antes que o indivíduo perceba os objetos, exista ao invés um campo de pseudo formas flexíveis e maleáveis. As próprias perceções põem isso em foco e forma, acrescentando-lhe todas as dimensões da atualidade, profundidade, cor, etc. - que são projetadas externamente na paisagem de acordo com a consciência particular de cada indivíduo.

As plantas (modelos) interiores estão elas próprias em sintonia com essa “substância” maleável, ligadas a ela pelo cérebro de modo que todas as mudanças na planta parecem “exteriores” e vice-versa. Assim operam a imaginação e o pensamento no mundo. O processo é de tal modo regular e automático, tão lindamente executado que raramente o homem dá por si no ato desta múltipla criatividade, à medida que a mente molda o padrão do mundo dos objetos e dos eventos.

Contudo, o ato criativo pode dar pistas do processo envolvido, por aqui o homem propositadamente formar um objetivo – um ato na imaginação – o focar por meio da vontade, e aguarda na fé de que resulte numa obra de arte. Ele encontra-se equipado com os métodos da produção, objetivamente falando, por ele ter aprendido o seu ofício, quer se trate da escrita, da pintura, da escultura ou seja o que for. Mas frequentemente ele não sabe de onde veem as ideias, nem compreende como uma inspiração inicial que dure porventura apensa uns instantes venha a explodir numa obra de arte sustentável. Mais do que outros homens, o artista vive e trabalha com base na fé. A contínua perceção que o homem tem do mundo também representa faculdades criativas que ele usa, neste caso sem o saber.

Eu aludi aos moldes da consciência porque, enquanto cada um é como uma tela, é uma tela dotada de dupla função. No lado mental ou psicológico ela

projeta ideias e crenças no exterior onde, no ponto de contacto, estas operam ou deslizam sobre o flexível mas incompleto campo da objetividade, dando-lhes a sua forma final. O exterior da tela, o cérebro, percebe o produto acabado. Aqui temos imagens interiores e exteriores transpostas uma sobre a outra de tal modo inteligente que se torna impossível distinguir entre as duas.

Muitos são os ajustamentos automáticos que têm lugar antes da fusão final ou consolidação dos acontecimentos, por os requisitos necessitarem de uma certas correlações; e assim enquanto cada consciência forma o seu próprio quadro, esse quadro é composto pelas mesmas propensões físicas ou campo físico de que as outras formam igualmente as suas realidades.

Deste ponto de vista, o universo objetivo seria um banco de potenciais físicos; não um campo objetivo já rígido mas mais uma propensão gelatinosa com tendências para uma série de prováveis formas – que são formadas à sua precisão, através dos seus moldes, à medida que a consciência opera nele. O cérebro, ao constituir o "exterior" dessa tela, é física, uma parte desse campo objetivo, e precisa conformar-se às suas características enquanto a mente ou a alma seria o lado mental interior. Esse lado projeta as suas imagens no exterior – incluindo o cérebro, que talvez seja a primeira projeção – mas não é dependente das características do campo objetivo basicamente.

Contudo, precisa usar tal campo para experimentar a existência física. A consciência jamais está estacionária. A natureza mercurial dos vossos próprios pensamentos deviam tornar isso imediatamente evidente. A própria mente é inquieta e curiosa. Concentrar-se num assunto só por apenas alguns instantes mostra a tensão que resulta ao tentarem atar ou confinar os vossos pensamentos. Considerando esta propensão para o movimento, pode parecer bastante surpreendente que a consciência se foque por tanto tempo quanto o faz no campo físico, por meio do corpo.

Na vida certamente que a intensidade dessa atenção flutua. Nos sonhos, por exemplo, a consciência concede a si própria uma enorme liberdade, não tendo que confinar a sua experiência às regras estritas da perceção desperta. Aqui, a mente ou alma é vista como existindo basicamente aparte do campo objetivo da realidade. Contudo, dado que o campo físico é pelo menos localmente contínuo, parece lógico que o campo da mente o seja

igualmente, mesmo enquanto se acha focado ou é experimentado pelas mentes individuais.

Para mim, pelo menos, é evidente que todos os pontos hipotéticos do universo são conscientes ao nível da mente. Contudo, não creio que a alma seja um simples ponto de consciência individual no vasto campo da mente, mas um potente ativador com a sua inviolada casta de peculiaridades por meio da qual eu experimentarei qualquer realidade. Sei por experiência própria que nos movemos pelo campo da mente como nos movemos pelo físico e que, num dado momento saímos da realidade normalmente aceite.

A minha presença no vosso mundo deveria ser uma condição alucinatória, nos vossos termos, por os mortos não se acharem em "sintonia" com a "paragem" mostrada na vossa tela de realidade. Ainda temos imagens mentais, embora estas não mais coincidam com as vossas coordenadas de tempo e espaço, e formem ângulos de experiência em certos aspetos adjacentes às vossas mas não mais se encontrem. Podemos experimentar eventos que são bastante físicos para nós, mas eles não aparecem no vosso contínuo nem são impressas aqui.

Por outro lado, torna-se-me impossível dizer onde o mau "aqui" se situa, recorrendo à utilização das referências do mundo. Antes de mais, a orientação estrita da consciência física, uma vez mais, é em larga medida obtida – a consciência é infinitamente adaptável – de modo que o bebé aprende a focar a consciência por meio do sistema nervoso, e é capaz de localizar eventos no tempo e no espaço. Porém, esses são inicialmente eventos interiores, que de certo modo afetam o campo objetivo, e formam referências espácio-temporais. Tais locais e tempos requerem o sistema nervoso para a fixação objetiva através da projeção no exterior nesse meio externo. Os mortos não podem voltar a intrometer-se de novo sem um outro nascimento nesse sistema.

Os sonhos dos vivos estabelecem uma igualmente conexão imperfeita com o espaço-tempo, por exemplo, disparando igualmente num ângulo vertical, só que numa inclinação mais suave, de modo que os eventos mentais apenas causam ondulações no espaço-tempo que indicam ou sugerem formas nesse meio enquanto os impressionam de forma demasiado leve para chegarem a afetar a realidade prática do dia. O "ângulo" das ocorrências oníricas acha-se "deslocado," não é tão preciso, de modo que

as ocorrências oníricas atingem o contínuo espaço-tempo de uma forma inclinada.

Contudo este meio – o campo objetivo - pode ser considerado passivo, por estar disposto a deixar-se impressionar pelo estímulo mental, suscetível a elas, enquanto em si mesmo careça do estímulo da ação. Estou a estabelecer esta distinção por conveniência vossa, já que pensam que o campo objetivo exista em separado, e como matéria independente da mente, quando a matéria na verdade constitui uma manifestação da mente. Nesses termos, porém, cada estímulo forma um hábito separado, ou induz o facto de o espaço-tempo ser mais suscetível a outros estímulos similares.

Portanto, as imagens oníricas impressionam o espaço-tempo de forma demasiado, leve para a vossa perceção neurológica do estado de vigília, e o campo objetivo é preenchido de formas impressas nele pelo pensamento; porém, não forte o suficiente para serem atualizadas. No entanto, tais impressões oníricas servem de cunhos iniciais, que predispõem o meio objetivo a tomar determinados padrões e não outros, e servem para "preparar o terreno" para uma manifestação física posterior. Imagens oníricas e atos da imaginação, pois, preparam o caminho para os físicos, ao impressionarem vastas áreas em formas pré-moldadas que são mais tarde "preenchidas."

É como se a mente procedesse a testes padrão preliminares que são projeções no espaço-tempo, só que de uma forma fantasmagórica. Contudo, essas imagens oníricas, são sulcadas em campos iniciais de probabilidades que são características do próprio meio físico. Dessa forma, certas imagens "pegarão" melhor que outras ao se enquadrarem mais facilmente nos limites da probabilidade, e ao possuírem mais das muitas condições de pré-requisito necessárias para uma plena materialização de um objeto ou experiência de um acontecimento. Outras imagens que tais escassamente farão qualquer impressão.

Uma ocorrência enquadra-se mais precisamente no tempo e um objeto no espaço; ou seja, uma ocorrência clica primeiro na sua ranhura de tempo, e um objeto primeiro na sua ranhura de espaço. Contudo, dá-se um considerável dar e receber, e os blocos de construção da matéria são todos "intensidades mentais" – intensidades não físicas - cuja impressão finalmente se tornam agudas e poderosas o bastante para formar "nós de

energia" que são interpretados como objetos e eventos. Os mosaicos dos eventos necessita da mais requintada sintonia e da tecelagem interior de intensidades, uma com a outra, de modo que elas até certa medida correlações interiores da estrutura de células e da matéria animada.

O campo objetivo é, pois, um meio propenso a tender para a objetividade; ele aceita o estímulo mental que o impressiona – a cunha – e que o molda nos habituais sulcos das formas da natureza. É manobrável, como gelatina, e composto de inclinações para os padrões prováveis em que as especificidades dominam.

Tudo isto soa bastante árido, contudo a intensidade das emoções, dos desejos e das intenções governem em tudo, e constitui a consideração primária na consolidação das probabilidades em ocorrências percetíveis. Estados emocionais são característica de toda a consciência. "Estados de sensação," porventura, explicarão melhor o que quero dizer, por não presumir que uma rocha ame ou odeie, mas que todo objeto físico se encontra "vivo," cheio de consciência, e tenha estados de sensação. Tais estados atraem certas impressões ou cunhos e repelem outros.

Eu posso, por exemplo, projetar as minhas próprias imagens mentais no vosso campo objetivo, só que elas não "pegam." Em vez disso farão o mesmo tipo de impressão que as imagens dos vossos sonhos fazem; ficam registadas mas não impressionam o meio o suficiente para chegar a formar uma atualidade física de plena expressão. Por um lado, na minha morte o meu "cunho" ou marca (deixada pelo meu sistema nervoso) tornou-se inoperante, e eu deixei de poder imprimir a realidade física da mesma forma.

Por outro lado, a minha própria experiência disparou pela tangente, por assim dizer, de forma que em relação ao vosso mundo o meu enfoque se encontra num ângulo diferente que não permite uma intersecção direta com o vosso campo de objetividade. Esse campo situa-se na periferia do meu enfoque. A minha experiência permanece aí como, digamos, memória de fundo, importante para mim como a vossa infância é para vós, mas não minha preocupação atual.

Eu sou o William James que fui, mas não mais sou o William James do mesmo modo que o adulto não mais é a criança. Além disso, aprendi muito mais sobre a consciência no geral, e sobre a minha em particular. Talvez

mais importante, reconheço os limites das definições com respeito à identidade e à natureza da pessoa, por estarem destinadas a basear-se em equívocos confusos impossíveis e interpretações erróneas que surgem em resultado da própria experiência terrena. A existência no contínuo espaço-tempo programa a memória e, claro está, a própria experiência. Quando vivos só temos consciência dos seres que somos no tempo. Vemo-nos com vida e envelhecemos com o tempo.

Experimentamos os momentos e identificamos a nossa realidade objetiva com a continuidade no tempo. Mas mesmo em vida, por vezes quase temos consciência de pensamentos e de imagens que passam por nós a uma velocidade demasiado rápida para as seguirmos, e noutras ocasiões, temos consciência de eventos tão poderosos e lentos que parecemos unicamente despertar para elas uma ou duas vezes na vida.

Tais experiências sugerem a verdadeira natureza da identidade, ao indicar aquela parte de nós próprios que não pode ser comprimida nas coordenadas reconhecidas do espaço-tempo. Na vida temos consciência apenas de determinados pulsões da nossa própria consciência, e formamos a nossa identidade pela organização da memória e da experiência de acordo com tais pulsões. Somos bastante inconscientes de tudo quanto ocorra entre eles, ou de tudo quanto ocorra na "outra" extremidade do "polo" da nossa identidade maior. Existem experiências de tal modo distanciadas no tempo que não as conseguimos acompanhar. Assim, na vida, o sentido que temos de nós próprios deve ser bastante limitado.

"Intimações de imortalidade" veem chegam até nós, mas através de sonhos, da inspiração e da criatividade – por meio do campo da mente anteriormente mencionado e através de imagens que nos impressionam mas que não intersectam diretamente a experiência física prática. Dessa forma, de novo o meu aparecimento no vosso mundo (certa vez meu!) não passaria de um estado alucinatório; mas deixem que explique o que quero qui dizer com clareza. Teria que impressionar uma mente e um sistema nervoso com o retracto da minha imagem, e confiar na intenção e desejo da pessoa viva para projetar com suficiente clareza a imagem no exterior sobre a qual a pessoa a perceberia como uma aparição.

Tivesse eu conhecido em vida aquilo que conheço atualmente e teria buscado outros elementos nas minhas investigações, e comprovação da

sobrevivência da alma seguindo outras direções mais promissoras. Teria pesquisado de forma mais ambiciosa a prova da existência da alma em vida em vez de procurar evidência da sua existência depois na morte por meio de comunicações com os mortos.

As faculdades que a alma tem em vida, claramente definidas, deveriam em vida revelar-se independentes das limitações físicas do corpo. Consequentemente, eu teria pesquisado com um vigor ainda maior acelerações e extensões das faculdades criativas tal como se evidenciam na telepatia, na clarividência, nas curas e na viagem fora do corpo, e teria examinado aquelas características da mente (ou alma) que expõem o controlo da mente sobre a matéria, mas tal controlo assemelha-se ao controlo inconsciente que o artista tem da sua técnica. No entanto, embora o artista deva aprender o seu ofício, nós nascemos com o conhecimento instintivo de como criar a matéria, como instintivamente sabemos como respirar.

Agora, admitindo a confusão decorrente das definições, eu usaria o "aspeto subliminal" de Myers como análogo à alma, na representação daquela parte do homem que forma e amortece o seu viver, simultaneamente regula a complexidade dos sistemas involuntários do organismo e lhe trás informação de origem extraordinária. Terei mais a dizer acerca dessa informação mais tarde, mas ela inclui, creio bem, o conhecimento inconsciente da formação de ocorrências no ambiente de probabilidades assim como informação respeitante a acontecimentos que se dão à distância do local em que o corpo se encontra.

Esse aspeto subliminal é o aspeto do ser que forma a dupla tela da mente e do cérebro e, personificada, provavelmente constitui a origem dos anjos da guarda das religiões. As suas faculdades, assim que as buscarem, tornam-se percetíveis em toda a vida, juntamente com as características que vão além do natural.

Tal aspeto subliminal do ser constitui o eu interno benigno, bem-intencionado e criativo que busca as melhores realizações da espécie, não por intermédio da sobrevivência dos mais aptos mas pelo desenvolvimento cooperativo das faculdades individuais que sempre contribuem para a versatilidade do homem. Não reage aos eventos cegos do acaso e do ambiente mas em resposta aos padrões internos do desenvolvimento

projetado para o campo provável da objetividade -- padrões que atuam como simuladores da natureza mais ideal.

A espécie humana e todas as espécies reagem "no tempo" aos padrões das probabilidades difundidos em tudo que as aliciam rumo ao seu melhor e mais vantajoso desenvolvimento - contudo, desenvolvimento esse que não é definido, rico em alternativas. Isso apresenta um mundo em que todas as espécies se acham relacionadas entre si, em que nenhuma prospera às custas da outra mas em que cada uma contribui para a representação do mundo em qualquer altura num empreendimento cooperativo em relação ao qual o homem se tornou relativamente cego.

Por um lado, a ciência objetivou de tal modo os animais que chegou a fechar os olhos para a realidade que eles têm do sentir, assim como a do sentimento. Enfatizando as teorias da evolução convencional e as suas considerações objetivas, a ciência negligenciou por completo o maior fator da vida da criatura: as próprias sensações da condição de criatura e as vastas comunicações que existem por entre todas as espécies.

Não é minha intenção romancear em excesso, contudo isso constituiria um erro bem menor do que a objetivação excessiva que repudia a qualidade do sentimento da vida como despropositado e justifica a crueldade para com os animais ao citar conceitos evolutivos distorcidos. Enquanto por um lado nega a realidade emocional aos animais a ciência despreocupadamente atribui as piores tendências ao mundo animal quando isso se enquadra na preferência da ciência e sem pestanejar. Ela zomba da "humanização" dos animais ou da atribuição de qualidades de afeto ou de compaixão que lhes é feita, enquanto projeta neles e no seu mundo adjetivos como egoísta, agressivo, competitivo, etc.

Por a ciência se ter comprometido desde o meu tempo, e enquanto outrora fora o ancoradouro do verdadeiro buscador que escapava aos ditames e aos dogmas da religião, agora o verdadeiro buscador necessita manter-se firmemente aparte da ciência e da religião ao mesmo tempo. Será, pois, mais provável que ele seja um proscrito no vosso tempo do que no meu, e ele encontra-se igualmente em resultado dessa razão menos informado, para falar em termos gerais, dado que dispõe de menor acesso às revistas científicas e menos voto nos princípios reconhecidos.

Contudo, o amador dotado muitas vezes inicia desenvolvimentos em muitos campos, uma vez que não tem um conhecimento demasiado estruturado. Não se acha sufocado por uma profusão excessiva de factos que agora brotam nas ciências como ervas daninhas, para amanhã serem espezinhadas aos pés, e poucas sobreviverão até à maturidade - muitas vezes culturas espinhosas que mal se aguentam numa estação antes de caírem sob um novo grupo de factos igualmente válidos, que por sua vez ficam pela berma antes da última safra.

Desconhecendo tal rica colheita de factos, meios factos e verdades temporárias, o nosso amador dotado não necessita de tratar de um caminho tão cauteloso quanto o especialista académico, que precisa respeitosamente tratar cada colheita seguinte de factos como os únicos aceitáveis, de forma que até a mais imaginativa das suas teorias deve servir como uma cesta mental que também encerra um leito respeitável de velhos factos.

O amador dotado aparentemente guia-se pela ignorância de tais considerações, determinado que está em pesquisar algo que não pode definir ou categorizar, mas algo que ele intuitivamente reconhecerá assim que o encontrar. Um indivíduo ímpar, decerto, muitas vezes desprovido de quaisquer credenciais científicas, instável e excêntrico. No entanto possui determinados ativos que passam despercebidos: não necessita fingir preservar um conjunto de velhos factos que já se encontram parcialmente suplantados por outro;

Não precisa preocupar-se com a humilhação por parte dos colegas, por o mais das vezes o pobre diabo não tem nenhuns; e por ele precisar apoiar-se nas intuições que lhe chegam e objetivos que tem, mais do que a maioria das pessoas, ele refina-os e desenvolve-os de modo a compensar em parte o conhecimento oficial que ele não possui.

O faro que possui para a verdade, permite-lhe muita vez seguir fragrâncias teóricas não percebidas por outros, e ele é muitas vezes capaz de descobrir uma nova espécie de verdade dado que se encontra em sintonia com o incomum. O bom académico, contudo, ainda busca por intermédio das categorias conhecidas e não é tão apto a extraviar-se além desses marcos. Não tenho a intenção de ridicularizar o profissional em qualquer campo mas assinalar em vez disso as muitas dificuldades que se apresentam no seu campo; psicológicas, sociológicas e económicas. Muitos desses

impedimentos são causados pelas características de toda organização devotada a um campo específico da investigação. Mais cedo ou mais tarde tal campo acumula o seu próprio corpo de factos ao qual se pode tornar servilmente devotado. Tais factos são normalmente isolados; quer dizer, retirado em certa medida do contexto, considerado unicamente na medida em que se relaciona com uma dada disciplina e não por se achar ligado com outros campos. Tais organizações mantêm desse modo a sua identidade, de modo que a biologia, a psicologia, a física e outras disciplinas, cada uma possuem os seus próprios factos, muito embora os factos de um dado campo possam contradizer os factos de outro em exemplos importantes.

Quando o nosso jovem buscador da verdade terminar a sua escola na área da sua especialidade, ele já se encontrará um tanto comprometido e preconceituoso a favor do corpo de factos acumulados de uma disciplina. A sua educação ter-lhe-á custado bastante tempo e dinheiro. A própria autoridade do seu grau académico e as implicações económicas e sociais dependem das verdades daqueles factos que ele tenha dominado.

Qualquer evidência do contrário, qualquer suspeita da integridade vacilante dos factos evoca sentimentos profissionais da mais profunda consternação – e naturalmente, já que por esta altura o seu estado financeiro e porventura o bem-estar de uma família crescente sejam postos em causa, para não dizer nada do seu respeito próprio e da posição que assume na comunidade.

Se o nosso buscador da verdade for verdadeiro para com ele próprio, ele prosseguirá com a sua busca sob a mais difícil das circunstâncias; ele esperará descobrir uma nova invenção qualquer, ou teoria, ou quadro unificador enquanto espera contra toda a esperança que tal descoberta não venha a contradizer os seus pares ou o respeitável corpo de factos que forma a base da sua disciplina. Ele precisa olhar em frente e para trás ao mesmo tempo, verificar os seus resultados, e acima de tudo, treinar as suas intuições para seguir factos conhecidos de modo que eles não o desviem e rompam a bolha rosada.

O amador não possui bolha rosada que possa ser rompida e é muita vez encarado como um tolo desde logo: não se pode permitir a tais galanteios. O seu sustento não depende do seu sucesso ou fracasso e, como carece de credenciais, ele não receia perder aquilo que não possui. Ele pode lançar um olhar curioso sobre os diversos campos o conhecimento, mordiscar

aquilo que lhe agradar, e seguir até onde as suas intuições o conduzirem, e desfazer-se do que ofenda a sua natureza. Essa natureza, com as suas idiossincrasias e objetivos individuais, possuem a sua própria orientação e objetivo inatos – a sua própria casta original que têm os seus próprios métodos de organização. Assim, involuntariamente, o amador dotado é muitas vezes levado a seguir uma direção precisa. Como um animal ferido busca a sua própria erva para a sua própria cura, de modo que o amador dotado pode ser levado a curar a própria insatisfação que sente com um conhecimento conhecido. A sua própria natureza persuade-o a viajar através de novos territórios do pensamento a fim de descobrir a exata teoria ou ideia que lhe traga desprendimento, e poderá resolver um problema cultural ou filosófico ao mesmo tempo.

Frequentemente o profissional num campo também constitui o amador dotado noutro, contribuindo precisamente para o que o mundo menos espera, e surpreendendo-se ao fazer descobertas num campo que brinca por prazer. Em tais casos, as capacidades criativas recebem permissão de liberdade e não são abafadas. Nos seus estágios de infância, a moderna ciência, claro está, teve razão em voltar-se diretamente para a natureza e em desviar-se dos dogmas da igreja respeitantes ao mundo natural. Porém, a ciência começou com o seu calcanhar de Aquiles, o que determinou a limitação da investigação da natureza a questão de carácter objetivo e a hipóteses prováveis, apoiando-se nos sentidos físicos e, mais tarde, nas suas extensões por intermédios dos seus instrumentos.

Que coisa será uma flor? Não mais a ciência depende de velhos catálogos e classificações, mas ativamente conta os géneros, examinará as próprias flores, desmembrá-las-á, rasgará pétala a pétala de modo que nada escape ao exame e ao escrutínio. Mas como o verdadeiro significado da natureza não pode ser provado, dado que a estética não pode ser esquematizada, dado que a identificação sentimental que o poeta tem para com a natureza não pode produzir factos prováveis, a ciência decidiu-se pelo estudo dos detalhes, das características, e acabou com uma investigação muito limitada da natureza.

A ciência perdeu de vista o “facto” de que um ceto conhecimento sempre escapam as categorias dos factos, existindo por completo numa ordem diferente, uma tão válida quanto demonstrável, mas num tipo de equação emocional ou psicológica que a própria validade dos factos deve em última

análise percorrer. Os factos são necessários e úteis, pertinentes, mas existem formas de se organizar a realidade que não passa *exclusivamente* pela dependência nos factos; que unem em vez de especificarem, e que respeitam variantes enquanto também os percebem enquanto parte de um campo mais amplo de que tais variantes emergem.

Na medida em que a organização psíquica está em causa, os factos são "fabricados." São classificações da informação com respeito ao conhecimento direto, muito úteis mas de segunda mão. É óbvio, claro está, que todos os factos acumulados com relação às rosas não podem contribuir para o sentido do encontro direto de uma pessoa com uma rosa, ou abordar a intersecção da pessoa com a rosa que ocorre quando vemos, cheiramos, tocamos e sentimos a rosa. Essa experiência em si não pode ser traduzida diretamente na informação que "conhecemos" com relação à rosa factual. Não estou aqui a negar os factos acerca da rosa mas apenas a dizer que o conhecimento direto deve vir primeiro e depois os factos terão muito pouco significado sem esse encontro.

O encontro direto sucede quando a personalidade intersecta qualquer coisa que não ela própria através dos dados dos sentidos que a personalidade e esse algo mais produzem criativamente em conjunto. Por algo sobre a própria rosa, algo nativo a ela e não a nós, a separar – uma variante num campo generalizado – e devemos aceitar parcialmente esse encontro e fundir-nos psiquicamente com essa variante detetada. Daí que o conhecimento possa utilizar os factos mas não ser delimitados por eles, já que os factos podem estabelecer barreiras entre nós e a nossa experiência ao nos programar para percebermos à luz dos factos conhecidos, de modo que, olhando, vejamos a rosa generalizada e não a flor única individual diante dos nossos olhos.

O AMBIENTE PÓS-MORTE, “POSSESSÃO”,

APARIÇÕES E ESTADOS DE ESPÍRITO

Agora, o vosso mundo, a mim, parece-se quase com o negativo de uma fotografia, descarnado e revelando contornos e definições só que de uma natureza transparente. Preciso de interpretar as perspetivas que lhes parecem tão realistas e coloridas, por os meus sentidos não se encontrarem tão em sintonia com essas soluções neurológicas que fazem com que o mundo brote com vida.

Vez por outra a lembrança e a imaginação provocam uma súbita conexão e eu percebo uma cena particular, ciente porém, de que de certa forma constitui uma réplica de um dado retracto do espaço-tempo, só que não o retracto em si mesmo, e não consigo entrar nele. Quer dizer, muito embora alucine criativamente um ambiente terreno numa certa extensão limitada, ele não satisfaz diretamente o do vosso mundo em absoluto, não obstante a realidade que tenha para mim. A perceção do vosso mundo é possível, mas sob uma fraca visão geral, por agora essa realidade constituir uma realidade fantasma para mim, as suas margens serem incertas, os seus movimentos se encontrarem desfocados, e as suas massas mais sólidas se acharem dotadas de um matiz transparente.

Percebo-o como perceberão um filme obscuro em que as sequências do tempo se misturam, a velocidade se revela incerta, em que ocorrem trespasses de certas imagens para outras e os sons são duplicados, e decorrem por vezes antes e por vezes depois das falas dos atores.

Tenho mais consciência dos desenvolvimentos generalizados que se deram desde a minha época do que dos específicos. Contudo, o mundo físico em que certa vez desempenhei a minha parte ainda me interessa, por as minhas ideias ainda se encontrarem vivas nele; e embora a sua vitalidade se tenha esbatido desde a minha morte, ainda satisfazem respostas nos vivos e estimulam as minhas próprias reações. As ideias que expressei em vida continuam em movimento, sem mim, e despertam-me o interesse. Formam um padrão de energia, de interesse, e de investigação ainda ligado à parte de mim que as deu à luz. Nessa medida, mesmo agora o interesse que sinto por esse mundo é vívido.

Um mundo estranho para os mortos utilizarem, porventura, no entanto as ideias que tenho a esse respeito gozam de uma maior liberdade do que gozaram em vida, e não mais são restringidas pelas experiências da vida diária. Se a agudeza dos detalhes se perdeu, estou bastante habilitado a seguir amplos padrões de pensamento e de emoção com facilidade, percebendo-os um tanto acima da dureza da realidade do mundo, e que se elevam dele como cores multicoloridas de várias formas, cores, e variedades.

Apesar de tudo, pois, não consigo seguir as ideias do mundo nem o clima emocional muito bem. Realidades ligadas à vossa própria experiência, mas invisíveis para vós, tornam-se então bastante nítidas do meu ponto de vista, ao passo que os acontecimentos vulgares de natureza física se tornam incertos e sombrios.

Consigo seguir os pensamentos das massas à medida que se formam acima do mundo, ao se misturarem com outros, e flutuarem em padrões por vezes luminosos, por vezes escuros ou obscurecidos, e consigo perceber a intensidade das emoções que os impelem. Como uma nuvem de chuva seguramente trará um aguaceiro, do meu ponto de vista torna-se óbvio que certos padrões de pensamento produzirão acontecimentos físicos adequados à sua natureza, de modo que é com um interesse considerável que assisto a esses padrões emocionais e mentais que cercam o mundo.

O amanhecer tem um brilho que não mais percebo, por não acordar todas as manhãs em cama nenhuma e não assistir ao despertar do sol por entre cortinas de janela nenhuma; contudo percebo o despertar de novas ideias, o brilho da paz ou da fé ou do contentamento à medida que cercam o mundo, e se elevam por entre as formas escuras da dúvida e do medo. E enquanto descanso, não mais durmo nos velhos moldes, embora possa fazê-lo, em função da experiência. Imediatamente a seguir à minha morte eu dormia por uma questão de hábito, mas gradualmente fi-lo cada vez menos à medida que as sensações que tinha do tempo se alteravam.

Essa alteração também deve ter surgido gradualmente, mas com toda a sinceridade, não me consigo lembrar exatamente como ocorreu. Passei por alguns períodos fantasmagóricos muito agradáveis em que poderão ter ocorrido ajustamentos. Tão pouco para mim se torna fácil descrever exatamente a forma como a minha experiência do tempo difere da vossa.

Se lhes perguntasse como conseguem manter separadas as lembranças que têm, por exemplo, enquanto vivem cada uma em separado hoje, não saberiam como responder, porventura dizendo simplesmente que isso era conseguido por algum modo, e sem muito esforço consciente, baseando-se em determinados processos de aprendizagem que deverão ter tido lugar na primeira e segunda infância. Distinguem muito facilmente o passado do presente, e, com muito pouco conhecimento do futuro, precisam proceder a muitas computações deliberadas nessa área exceto na formação de planos de ação futura.

Da mesma forma, torna-se-me difícil dizer de que modo a minha experiência do tempo foi alterada. Consigo *"ver"* os padrões do pensamento do mundo conforme os descrevi, e as formas emocionais *"a um só tempo"* conforme poderiam ver as nuvens se estivessem acima da terra. Posso igualmente *"ver"* a minha própria vida da mesma forma, na sua inteireza conforme a conheci, mas também por formas com que não estava familiarizado na altura.

Os acontecimentos da minha vida parecem-me a mim estar em aberto; vejo aquilo que fiz, mas também o que poderia ter feito, e posso perceber a energia que emiti em direções que não assumi de uma forma consciente. Consigo, pois, perseguir a influência que causei, ver os milhares – não, milhões – de pessoas que influenciei, tal como cada um de vocês influencia a terra e a sua população em termos muito mais vastos do que percebem.

Cada contacto, direto ou não, conta e propaga-se ao exterior de forma que a vida de cada pessoa emite linhas de contacto que vão intersectar outras a um nível psíquico, mas de forma muito prática em termos psicológicos. De modo que, após a morte, seguir as pistas da influência que exercemos será talvez o mais fascinante dos empreendimentos.

Os olhos dos mortos acham-se efetivamente abertos por meio de experiências dessas, e isso provavelmente representa as contas prestadas nos julgamentos privados que Deus empreende, *"o saldo final de contas,"* etc. Porém, isso não comporta qualquer juízo implícito nesses termos, embora cada pessoa venha, obviamente, a interpretar a sua experiência de acordo com as crenças e características que possua. Talvez os acontecimentos em si mesmos sejam mesmo percebidos de modos completamente diferentes.

É impossível dizer quanto tempo isso leva em termos de tempo terreno, mas as dimensões interiores da experiência situam-se igualmente para além da descrição, por não existir nada na vida que se compare com a profundeza, amplitude, complexidade, ou intensidade de um evento psicológico caracterizado por diversos eventos como esse. Poderia compará-lo ao rastreio de um milhão de luzes a entrecruzar-se simultaneamente num céu noturno enquanto um observador espantado na terra assiste hipnotizado, deslumbrado, a seguir cada tremular distante da luz pelos confins do universo, enquanto ao mesmo tempo sabe que cada tremeluzir – e que o tremeluzir uns dos outros – terá tido origem nos seus próprios pensamentos e terá existido nele e no céu ao mesmo tempo.

Assim são as trilhas da vida projetadas para o exterior e assim se intersectam com as dos outros, formando padrões de energia, produzindo novos relacionamentos, e desencadeando ações que jamais terão surgido à perceção terrena. Agora, por exemplo, parece impossível que eu estivesse tão minuciosamente ciente da energia e da extensão, das vastas consequências da minha própria vida. Não creio que pudesse ter compreendido, e muito menos percebido, que as vidas de todas as outras pessoas tivessem a mesma assombrosa dimensão de grandiosidade.

O mais interessante de tudo, porventura, é que essas linhas de vida começam antes do nascimento e continuam além da morte. Os cursos da minha própria vida ainda intersectam e influenciam os daqueles que se encontram vivos; e por meio do próprio conhecimento que tenho dos meus contemporâneos, os seus cursos de vida misturam-se igualmente com os meus e com as dos vivos igualmente, por as suas ideias ainda estarem relacionadas com as minhas ou são usadas por qualquer forma pelos vossos contemporâneos.

Por regra, do vosso ponto de vista, os percursos de vida dos vivos são mais brilhantes e de uma maior intensidade do que os dos mortos, mas isso aplica-se unicamente no geral. Os percursos de vida dos mortos podiam ser comparados, digamos, a galáxias distantes, enquanto os dos vivos representariam o mundo que experimentam. Mas na realidade muitas vezes a intensidade de certos pensamentos e emoções é tão forte que permanecem altamente voláteis.

Nos vossos termos, a divisão entre vivos e mortos após a morte física tem pouco significado. Existem gradações de consciência, sim; divisões, umas a misturar-se com as outras. E combinações psicológicas tanto de identidade como de perceção que se tornam possíveis fora do sistema físico, mas não nele. Algumas pessoas voltam à vida física muitas vezes. Outras vivem uma vida ou duas de uma enorme intensidade e de seguida dão seguimento a ideias deste lado, e assistem à distância ao brotar das sementes físicas dessa criatividade.

No meu caso, cutuco, por meio deste manuscrito, com os meus dedos na *"torta"* de alguém, embora a meu convite, e acrescento certos ingredientes exóticos que de outro modo estariam em falta numa preparação que deve, não obstante, ter assento no peitoril da janela do vosso tempo (não meu) e ser apresentada e comida à mesa de um mundo em que posso somente passar por um convidado irreal num banquete que terei preparado em parte.

As comunicações entre os vivos e os mortos deverão ser sempre, quando muito, traduções. Nós não podemos intrometer-nos diretamente. O conhecimento, a experiência, e o discernimento dos mortos acham-se disponíveis por toda a parte, por fazerem parte de uma linha de consciência que se acha em constante mudança e que entrecruzam o universo.

Existem, claro está, divisões, e aqui preciso de novo recorrer ao uso de analogias com que estejam familiarizados, por as minhas linhas de comunicação principais se encontrarem *"acima"* da vossa atmosfera mental – sem querer que isso implique superioridade da minha parte, mas sugerindo a necessária separação. Assim existe uma *"distância"* a ser atravessada em tais comunicações; uma que torna as aparições diretas muito improváveis.

Tais aparições assemelham-se mais a imagens projetadas de uma natureza transitória que não conseguem *"ocupar"* tempo nem espaço por muito tempo – traços mentais que não foram preenchidas pela consciência nem carne – mas que esboçam padrões espaciais em resposta a um comunicador que naturalmente existe num tipo de meio psicologicamente diferente.

Esse tipo de encontro torna-se difícil para o comunicador, por ele precisar adotar um personagem ou uma identidade mais reduzida do que a mais completa que adota após a morte, e em que se tem que comprimir num contexto pessoal agora demasiado reduzido, e relacionar-se com os vivos

por formas que lhes sejam familiares, mas que terá superado. Não que o amor tenha sido superado, apenas o contexto mais reduzido em que foi experimentado, e muitas vezes após os detalhes procurados pelos parentes enlutados terem perdido a sua agudeza para os mortos, enquanto os padrões dos relacionamentos foram experimentados de maneiras mais profundas do que aqueles que os vivos conseguirão compreender.

Os mortos podem sentir-se impacientes em tais casos, e desse modo podem preferir encontros oníricos informais em que os vivos não atravanquem o ambiente mental com exigências de provas e detalhes que, para os mortos, sejam irrelevantes e um desperdício de oportunidades. Por certas condições precisarem fazer-se presentes antes mesmo de encontros oníricos poderem ocorrer, e geralmente os mortos satisfazem-se com uma comunicação menos direta, mas também menos perturbadora.

Isso é frequentemente conseguido por meio da manutenção de um interesse geral, distante, e vivo e por mensagens reais de conforto, apoio, ou de inspiração, endereçados de uma forma anónima, geralmente transmitidas quando o beneficiário menos as espera, durante o sono, ou quando a mente se acha ocupada de outro modo. De outro modo, o efeito alarmante de tais encontros muitas vezes apaga a mensagem, exagera-a, ou distorce-a de uma forma ou de outra.

Os mortos ainda amam aqueles que amaram em vida, só que compreendem a emoção muito melhor do que o faziam antes, e de certa forma ainda difícil de expressar, não sentem saudades dos vivos, não se sentem ausentes dos vivos, somente presentes de uma forma completamente diferente que os vivos não conseguem sondar. Nesse sentido, claro está que têm vantagem, e é em prole do alívio da solidão dos vivos que os mortos comunicam, mesmo sabendo que tais comunicações podem deixar os vivos ainda mais ansiosos.

Os mortos a seu modo têm ciúmes da liberdade de que gozam, e por vezes as suas comunicações adotam a forma de uma apressada mensagem do tipo: *"Sim, eu estou bem,"* bradadas por cima de um ombro mental. Certas pessoas esquecem de enviar cartas quando viajam, ocupadas como se encontram nas suas novas experiências. De modo similar, encontram-se de tal modo envoltos nas suas próprias aventuras que ignoram a persistência

dos vivos, cujos pensamentos se elevam como papagaios mentais com lembranças, a dizer: *"Porque não escreveste?"*

Mas as aventuras dos *"mortos"* podem ser muito concentradas. Após a morte, por exemplo, aprendi truques de perceção que agora tomo como dado adquirido. Posso experimentar todas as fases da minha vida de uma forma expandida, usar uma memória intensificada que é capaz de recriar ativamente acontecimentos e de me conceder a perceção de um acontecimento conforme certa vez o tenha experimentado – só que expandida de modo a incluir todos os detalhes pessoais que na altura me terão escapado, e os acontecimentos percebidos a nível subconsciente que davam expressão aos eventos físicos.

Assim como posso ampliar as mesmas fases e experimentar, digamos, um certo Outono que de súbito se torna num ponto de intervenção em que as ações de todos os outonos da minha vida se achem contidas. Tais *"truques"* de perceção ampliam-se somente aos acontecimentos de ordem privada e não à história terrena.

A minha posição, se é que tal termo se presta à descrição da presente posição psicológica que ocupo, resulta dos meus próprios interesses, idiossincrasias e tendências. Nos vossos termos, sou ainda erudito e dado aos meus estudos, ao passo que outros se interessam pelas relações de carácter emocional e se envolvem em diferentes tipos de encontros tanto com o próprio ambiente como com o vosso.

A morte não torna o covarde num herói, nem o idiota num sábio, é verdade; contudo, tais juízos são, desde logo, altamente limitativos, e a morte não conduz um homem ao seu próprio domínio. Quer dizer, ele percebe as próprias características e capacidades com uma maior clareza, e após um choque de surpresa inicial, geralmente ele passa a ver-se por meio de uma compaixão mais generosa e viva, do que a que terá conseguido antes.

Na Terra poucos são os que se acham imbuídos de um propósito maldoso. A maioria dos crimes é cometida por aqueles que pretendem *"fazer justiça,"* e constitui o resultado de ideias e de emoções confusas que sufocam o conhecimento que o homem tem de si mesmo e dos outros, de modo que age com base na ignorância ou se deixa conduzir por uma paixão que é a única que se permite sentir. Essa paixão comporta igualmente todo o poder inibido das demais emoções que clamam no seu íntimo por

expressão, e que à semelhança de um rio represado em época de cheias, irrompem na sua energia de uma forma desenfreada. Poucos são aqueles que cometem um ato maldoso com a intenção do mal; todavia, a menos que confundam o mal com o bem, ou o justifiquem como um meio para atingirem um fim *"bom."* Assim, também na morte não existem homens *"maus,"* e como o entendimento que têm passa por um esclarecimento, não há necessidade de atos ignóbeis.

Tão pouco os mortos possuem os vivos, seja de que modo for. Os mortos acham-se plenamente cientes dos seus benefícios – da consciência que têm num corpo mental que não envelhece nem sofre decadência – e os equívocos que os vivos abraçam com respeito à possessão assentam principalmente na crença paroquial que têm nas vantagens superiores do seu estado sobre o dos mortos. Contudo, morta ou viva, a existência tem lugar inicialmente nos domínios mentais mais do que nos físicos, o que implica antes de mais estados de espírito. Tais estados de espírito assemelham-se a habitações mentais construídas por cada um, que formam uma atmosfera real em que toda realidade é experimentada.

Conforme as habitações de um dado bairro podem assemelhar-se na construção, no estilo, e na idade; e conforme as pessoas numa dada localidade podem sentir-se atraídas para elas devido o facto das características se enquadrarem nas suas, também as pessoas formam *"bairros"* ou atmosferas mentais e fazem alianças a níveis psicológicos e psíquicos, encontram amigos e companheiros mentais, por exemplo, que poderão nunca ter conhecido fisicamente. Em vida, as relações pessoais que temos são mais vastas do que supomos.

Para além dos familiares, amigos, camaradas de trabalho e outros com os quais lidamos mais ou menos diretamente, fazemos amizades com escritores que nunca teremos conhecido – contemporâneos ou aqueles da história passada - e a nossa vida interior torna-se povoada por todos quantos nos tenham influenciado fortemente de um ou de outro modo, por meio da leitura que fazemos ou outras experiências por que passamos. Um verso furtuito escrito por um autor favorito pode exercer um efeito maior em nós e provocar transformações que nos alteram a vida, tão mais vastas em intensidade que quaisquer afirmações feitas por familiares ou amigos. Ainda assim, em vida, ignoramos em grande medida esse tipo de intercâmbio mental.

Essa atmosfera interior da mente possui as suas próprias características e atrai a si outras afins. Uma vez esses ambientes interiores se achem abertos tanto para vivos como para mortos, e não comportem qualquer tempo ou limites de espaço, então sob certas condições os vivos podem dar por si a perambular pelas cercanias mentais que se lhes enquadram na perfeição, o que lhes realça as crenças e os sentimentos que tenham a um grau superlativo, assim como, tal como parece, a uma força sobrenatural.

Em quase todos os casos a obsessão e uma forte repressão terão provocado tais condições. Por a possessão, de uma forma ou de outra ter sido questão relevante nas teorias da sobrevivência e devido ao interesse que nutria por tais matérias, pretendo discutir isso com alguma profundidade. Mas antes de mais, gostaria de fazer certas distinções.

Conforme mencionado anteriormente, não concordo com certas escolas de psicologia *"normativa"* nem tampouco subscrevo teorias que advogam a personalidade sã como objetivo final da realização individual ou social. Dado que as pessoas são comprovadamente distintas por múltiplas formas de ser – nos moldes mentais que adotam, na reação intelectual e emocional que tendem a ter, nos hábitos corporais e na constituição física que adotam – assim pois, agora conforme em vida, mantenho a importância que dava às variantes do comportamento humano. O cultivo das diferenças individuais contribui por inúmeras formas para a resiliência da espécie, conforme será discutido mais à frente. Contribui para o bem-estar espiritual e físico.

Muita gente é unilateral e no meu tempo assim como no vosso, tanto a literatura quanto a conversa corrente falava quer pelo desportista quer pelo professor, pela costureira, pelo playboy, pela meretriz, etc. Cada um relacionado com ideias acerca de si próprio de uma forma individual. Um pai de cinquenta anos de idade pode ver-se essencialmente com um filho, por exemplo, enquanto um outro poderá achar ser O Pai de tudo quanto empreende com os demais, ainda que não possua descendência própria.

Uma mulher pode relacionar-se primordialmente na base da imagem de mãe ou de filha, assim como, e em particular no vosso tempo, realçar a afiliação que tenha com uma profissão acima das demais considerações. Mas é uma idiotice exigir que o introvertido seja extrovertido ou vice-versa; ou exigir que o desportista tenha o amor pelos livros que o estudioso

tem; ou que o erudito renuncie aos seus estudos em proveito do campo de desportos.

Cada pessoa é dotado de tendências e inclinações próprias de natureza idiossincrática e excêntrica a prosseguir e a desenvolver. Tais tendências muitas vezes conduzem aos maiores desenvolvimentos a que se assiste no campo das artes, das ciências e das religiões, tornando possíveis contribuições que não seriam conseguidas por pessoas mais sãs. Em tais casos, o senso-comum, a lógica e as emoções são todas usadas com devoção e carinho e postas ao serviço de um interesse ou propósito primordial, mesmo que tal propósito não seja claramente percebido mas somente pressentido. É seguido sem desvios mesmo que os seus trajetos possam parecer confusos ou intrincados.

No quadro do comportamento obsessivo, por outro lado, o senso-comum, a lógica e as emoções são todas em certa medida reprimidas, excluídas, sufocadas pelo interesse primordial, de modo que esse interesse se torna num beco sem saída e não admite quaisquer cruzamentos bilaterais. É evidente que ambos os casos comportam graus, mas no geral o excêntrico dotado é expansivo, expressivo e utiliza as habilidades que tem com vista ao fim em que acredita.

A pessoa obsessiva, contudo, segue uma ilusão que precisa proteger contra a razão, a lógica e a compreensão emocional, de modo que as nega, e segue um objetivo que é fechado em vez de ilimitado. Qualquer fanático perseguirá este último padrão, e tais pessoas possuem uma atitude de tal modo rígida que as deixa aterradas diante de toda a mudança. Além disso, as pessoas poderão ser fanáticas nas pequenas coisas, no que respeita a certas questões, e ser bastante imparciais e compreensivas noutras.

Há quem se deixe orientar pelo desejo de um ou de outro tipo – pelo conhecimento, pela fama, pela conquista ou pela proficiência - os atributos mais requintados da razão, da discriminação e da emotividade, a fim de defender ou ocultar a finalidade que tenham. Tais pessoas usam, por conseguinte, as capacidades que têm em função dos objetivos próprios, enquanto seguem a tendência original das suas naturezas.

Há igualmente aqueles que se recusam a usar da discriminação, da razão, ou das emoções sinceras, e que reprimem a perceção e as intuições do mesmo modo na prossecução de um objetivo que não lhes pertence por

natureza mas que lhes é impingido por outros. E depois, claro está, que há aqueles em quem um propósito natural se acha atravancado com outras obsessões subsidiárias. Nos casos de obsessão irracional, a pessoa acha-se já *"possuída,"* por assim dizer, por padrões adquiridos que outros, que não lhe são naturais, por aqueles adotados por meio do medo. A vizinhança mental acha-se mentalmente carregada, volátil, pronta a explodir, e a pessoa forçada a percorrer uma linha estreita, uma corda fina, receosa de olhar para a esquerda ou para a direita, ou de se desviar da conduta padronizada minimamente que seja. Toda a vida que decorra *"abaixo"* precisará ser firmemente evitada, todas as demais inclinações naturais da personalidade e intentos precisam ser esquecidos, e devem manter os olhos da razão fortemente cerrados.

Assim, a pessoa obsessiva é muitas vezes espiritualmente cega, mas mesmo quando tem os olhos abertos, não reage aos demais com um olhar vivo mas brilha com a sua própria luz imóvel. Move-se até à periferia do intercâmbio humano, e não me refiro aqui à criança nem ao adulto que se delicia com a solidão, nem àqueles cujos modos naturais tendem para a contemplação, mas às personalidades obsessivas fortemente reprimidas que apagam as inclinações naturais que têm, e que seguem objetivos artificiais que não lhe pertencem. O seu mundo estreitece tanto interior como exteriormente, por lerem unicamente jornais e revistas que concorrem para os pontos de vista que têm, negam todas as contradições emocionais que sintam e censuram toda a evidência conflituosa do senso-comum.

Tais pessoas podem ser dotadas e brilhantes, assim como poderão ser uns patetas intelectuais esteticamente ignorantes. As características e métodos comportamentais que tenham são as questões de importância, em resultado do que o eu interior consegue somente uma triste solidão. A corda retesada é elevada ainda mais a fim de evitar a contaminação da vida diária: e mesmo que uma pessoa assim se veja rodeada por admiradores, não é capaz de permitir nenhuma conversa real.

A natureza opera contra o isolamento e a solidão, e até mesmo a mais inferior das criaturas sente curiosidade pelos assuntos dos outros. Os animais não são reclusos mas participantes animados na comunidade natural em que o isolamento e a relação desempenham cada um a sua parte. Assim, tais pessoas são levadas a buscar aqueles que esperam que venham a compreendê-los, ao se verem impedidas de o fazer, ao mesmo tempo com

receio que a transparência possa arruinar-lhes as fachadas psicológicas elaboradas tão dolorosamente forjadas.

Por conseguinte, tais personalidades possuem caracteristicamente dois comportamentos padrão principais e seguem por vezes um em exclusivo durante prolongados períodos de tempo, que alternam outras vezes com o outro. São inclinadas a tais ações repetitivas de cunho compulsivo, mentais ou físicas; assim como a surtos explosivos de atividade violenta. O comportamento repetitivo é reconfortante e pode seguir-se a uma atenção servil pelo detalhe ou ser alvo da expressão da repetição compulsiva de certos pensamentos ou palavras. A compulsividade poderá parecer tão grave quanto uma atividade explosiva de natureza interior ou exterior que assuma os contornos de uma rutura de apêndice, úlceras, ataques cardíacos e outros que tais, assim como, digamos, mau humor ou uma conduta belicosa.

A natureza repetitiva de certos atos, como o estalar dos nós dos dedos, a conversa incessante dotada de ritmos de pontuação, ou mesmo o ruidoso tamborilar dos dedos nos tampos das mesas, pode igualmente mascarar quaisquer características violentas. Tais atividades levadas a cabo de um modo habitual e irrefletido podem combinar tanto a violência como a repetição. Esses serão os que mais necessitam *"sair de si mesmos."* Acham-se perdidos e em grande medida *"possuídos"* por objetivos e impulsos geralmente adotados por temor numa idade jovem.

Muitas vezes um pai ou outra figura de autoridade é responsável em termos convencionais. Na verdade, uma pessoa dessas muitas vezes receia que a sua própria energia ultrapasse a do pai, e por outro lado, também teme o facto de o pai não ser suplantado. Em qualquer dos casos, os seus padrões de pensamento e linhas de consciência são particularmente intencionados, são relativamente insensíveis aos outros, de uma maneira peculiar e incompatível ao mesmo tempo; ergue-se sem uma fundação adequada nas características naturais da pessoa.

Ao se isolarem a elas próprias por meio da censura das suas experiências, essas pessoas gravitam na direção de certos ambientes mentais; demoram-se em estados mentais semelhantes aos seus, voláteis e carregados, presas entre a repetição do tédio e a libertação da violência.

Com respeito a isso, nada conseguem desses ambientes. Além disso captam e ampliam todas as outras correntes de consciência, quer da parte dos falecidos, quer dos vivos – daí que aparições assustadoras, fantasmas, atividades poltergeist muitas vezes se deem na sua presença – onde os mesmos elementos repetitivos mas ainda assim explosivos podem surgir separadamente ou combinados, e de uma maneira isolada (altiva) com relação à vida comum.

O comportamento incessantemente repetitivo de natureza mental ocasiona certas tensões, como se uma série de explosões de menor grau estivessem constantemente a decorrer numa dada área da consciência que leve a que por fim se dê uma rutura, tal como um deslizamento de terra acompanhado de rochas, poeira, ramos de árvore quebrados e detritos. Só que neste caso nas barreiras profundas da consciência cindida recaem todos esses sentimentos, ideias e considerações que a personalidade tinha até então conseguido suportar. Em auto defesa a personalidade convoca todos os seus recursos – os seus modos característicos de conduta e a sua obsessão – para estar à altura, já que pensa encontrar-se, relativamente falando, no fundo da escada, em vez de em cima da corda retesada.

Essa intensificação de propósito produz uma sobrecarga de atividade psíquica que, por sua vez, busca outro reforço, e se a personalidade se encontrar próxima a uma atmosfera de um estado mental de características correspondentes, passa a atrair esse reservatório. O resultado pode passar pela ativação de uma aparição, de um "fantasma" de conduta ameaçadora, que surge sempre que as condições se repetirem.

Na maioria desses casos, o fantasma não constitui uma pessoa nem uma identidade nos termos usuais, mas a versão de uma reprodução – as linhas de consciência que conduzem a uma identidade tal como o fumo pode conduzir a um fogo – e a personalidade obsessiva amplia e foca-os por intermédio da intensidade momentânea que alcança para de seguida as projetar no espaço/tempo onde, todavia, elas pegam somente sob determinadas condições.

A personalidade terá atraído essas linhas de consciência que se acham em sintonia com as suas, num esforço por reforçar as suas defesas. O comportamento que a aparição adota irá muitas vezes simbolicamente determinar a posição da pessoa obsessiva que inconscientemente se sente

possuída ou morta por dentro. Por vezes uma aparição dessas poderá igualmente ser percebida pelos outros, e certas atmosferas há onde a natureza repetitiva constante dessas atividades pode ser ativada em idênticas situações.

Da parte da personalidade obsessiva, esse é um procedimento terapêutico. Ver a própria situação difícil assim projetada (a sensação de se achar posta de parte e morta para si mesma) pode produzir um reconhecimento de choque do dilema, muito embora isso possa não ser reconhecido conscientemente como tal. O problema foca-se no fantasma aparentemente exteriorizado, em que a pessoa projeta agora a situação. Antes disso, comummente nenhum problema era sequer reconhecido - daí as medidas drásticas tomadas. A ajuda psicológica ou religiosa é geralmente buscada, por essa altura. A identificação produzida e a atenção prestada levam a personalidade a um contacto necessário com os seus contemporâneos, permite que o indivíduo clame por auxílio – não para si próprio, evidentemente, tanto quanto para o fantasma – e todo o assunto serve de catarse.

Isso não significa que apenas as pessoas obsessivas vejam um fantasma, mas os casos clássicos geralmente envolvem contradições que tais - e em particular quando a aparição não representa alguém conhecido para aquele que a percebe. A aparência de fantasmas amistosos e de aparições de membros da família ou de entes queridos podem ter uma base bem distinta, mas em todos os casos precisa haver uma coincidência entre estados de espírito.

A atividade poltergeist que geralmente envolve crianças, segue o mesmo padrão que o adulto obsessivo, à exceção de que a criança não se acha tão conformada na sua maneira de ser. Geralmente a raiva que a criança sente é dirigida a um adulto, que procura levar a criança a seguir outra que não a sua inclinação natural. Nesse caso impera a raiva ao invés do medo, e por vezes a criança pode chegar a ser quase consciente do seu comportamento; ao praticar a deslocação de objetos em segredo, ou ao fazer truques de manha com a própria energia. O padrão repetitivo também se aplica e em muitos desses casos a criança mostra-se excessivamente obediente, mas o comportamento uniforme irrompe espasmodicamente em atos violentos ou em mau-humor em relação aos quais a criança terá sido repreendida.

Mencionei antes presságios ou estados de ansiedade associados aos processos criativos, as fantasias oriundas da própria melancolia de que fui vítima e sonhos precognitivos de desastres. Quando mergulhava em depressões dessas, podiam desencadear-se associações desagradáveis do passado com base nos mais inocentes dos estímulos. Não só imagens de eventos pesarosos que também tivesse experimentado de modo efetivo, mas cenas lúgubres das novelas ou peças que recordasse vir-me-iam à mente, assim como as passagens mais melancólicas de filósofos ou poetas. Tais fantasias acumular-se-iam, povoadas de personagens da vida real e da ficção e aprofundar-se-iam em melancolia, até frequentemente irromperem em presságios desastrosos com respeito ao futuro – à minha própria morte ou à dos outros, à ruína eventual do mundo, ao fim de tudo.

Conforme mencionei, um artista pode pintar uma série de paisagens sombrias ou tristes ou livrar-se, de outra forma, dos receios emotivos que tenha, por intermédio das suas telas. Um poeta pode compor uma ode sombria à morte. Outros ainda, num passo de maior criatividade, poderão inconscientemente buscar a forma desconhecida do futuro, a ansiedade que sentem buscar uma causa, e consequentemente descobri-la através de um sonho que lhe permita prever um desastre futuro. Outros ainda, dotados de tendência mental diferente, irão procurar por meio dos omnipresentes campos da consciência aquelas linhas que se assemelhem à sua, e conectar-se a medos que antes se encontrariam inativos, mas que se encontram latentes enquanto padrões, e aparentemente trazer à vida de novo eventos ou pessoas que na verdade terão terminado tais atividades.

O HOMEM E OS SEUS TEMPOS,

REINCARNAÇÃO,

A PRESENÇA ATMOSFÉRICA E A LUZ OMNISCIENTE

A minha própria morte constituiu um alívio, e encontro-me agora convencido que uma pessoa se enquadra de certo modo no seu tempo. Quer dizer, quer uma pessoa se sinta confortável ou com desconfortável com o seu tempo, ela enquadra-se, encontra-se automaticamente em sintonia com

os desafios e condições gerais, e até mesmo os seus talentos e capacidades são peculiarmente adequados ao seu período histórico.

Passado um tempo, o ajuste deixa de ser tão confortável quanto antes. O tecido do tempo começa a ficar coçado. As costuras invisíveis que ligam a pessoa com o seu tempo começam a desgastar-se.

Durante uma boa porção da sua vida um homem identifica-se de tal modo com os próprios propósitos e as condições gerais do seu período histórico que os dois se assemelham a um só. Em vez disso, os objetivos de um homem deslizam qual fecho de correr para cima e para baixo, ligadas ao seu tempo qual fecho de correr ao casaco, com a mesma mobilidade mas não mais.

O entalhe em que o fecho desliza permite somente uma certa margem e os "dentes" dos propósitos e dos tempos devem enquadrar-se na perfeição para que o fecho corra bem. Mas a tensão existente entre os propósitos do homem e os seus tempos históricos levam os pequenos dentes a separar-se até finalmente o homem ver que os seus propósitos devam ser soltos do casaco elegante dos seus tempos. Torna-se evidente que não mais se enquadram no seu tempo conforme outrora acontecia. Ele terá feito tudo quanto podia nas suas aptidões de costura.

Os seus pensamentos e objetivos não mais engrenam com o seu período histórico com a mesma facilidade do passado. Os seus próprios desejos, crenças e pensamentos assemelham-se a novos botões costurados numa velha blusa; mas eles realmente não casam com as casas.

Tudo isso acontece de forma gradual e por várias formas. Durante o período de uma vida, contudo, as pessoas veem-se em relação às grandes matérias do dia e experimentam a sua realidade através dos detalhes da vida -- as formas e os meios da subsistência os quais, conquanto aparentemente permanentes, mudam constantemente até que as rotinas íntimas da vida, que certa vez faziam de tal modo parte disso cedem lugar a outras.

Os pensamentos e impulsos ligados aos anteriores meios habituais, precisam alongar-se cada vez mais a fim de acomodar as novas condições. A pessoa vê repetidamente que os seus propósitos, à semelhança do fecho de correr, ainda percorrem a mesma linha para cima e para baixo; mas pior,

as novas gerações usam trajes de épocas completamente novas, com relação às quais as suas ideias agora servem de pobres acessórios. Por fim, destaca-se ao não mais usar vestuário que esteja em moda. Ele vê que as suas ideias se desgastaram.

Mesmo os papéis que as pessoas envergam sofrem desgaste. A criança, o adolescente rebelde, o jovem adulto radical, o estudante graduado, o debutante, o jovem pai ou mãe, o estimado diretor de negócios ou da fundação, a avó e o avô - tais papéis desvanecem-se, rompem-se pelas costuras, e a pessoa observa com desânimo - até que a indumentária estimada dos tempos adote todo o desgaste que possa. Na maioria dos casos, as pessoas ter-se-ão de tal modo identificado com os seus papéis que na velhice, quando os papéis desaparecem, ficam espantados com a descoberta do tanto que de si tenha sobrado. Em certas sociedades os idosos são honrados. Têm o papel do velho sábio ou da sábia velha. Mas na sociedade Americana, o papel social detém-se antes da vida terminar.

Optei, pois, por terminar a minha vida antes que o meu papel terminasse, enquanto ainda me encontrava adornado mentalmente para os meus tempos, por mesmo os meus desacordos terem sido adaptados ao meu período histórico. A democracia que eu tanto tinha promovido começou a desanimar-me.

As esperanças que tinha na ciência falharam, e tão pouco conseguia encontrar qualquer evidência real para a existência da alma. Ademais, o quadro do tempo que tanto me tinham sustentado e desafiado mudaram. Eclodiu um novo cenário Novos adereços deslizaram silenciosamente diante dos muros mentais do drama psicológico da vida, pessoas com costumes psíquicos diferentes e novas posturas mentais enquanto eu fiquei com o meu gorro e toga psicológicos esfarrapados, que certa vez estiveram em moda, ligeiramente chocado.

Tinha pensado em conduzir a ciência e a religião para mais perto ao mostrar a realidade objetiva dos estados religiosos e o efeito que tinham na vida e experiência. Tinha pensado que a telepatia e a clarividência poderiam ser cientificamente provadas e retirados do domínio da superstição de forma a poderem ser admitidas nos conceitos dos homens de forma respeitável e a serem levados em conta no campo das hipóteses científicas. Regozijara-me com o facto de um estudo rigoroso das

experiências paranormais do homem poderem produzir uma comprovação da existência da alma, de modo a que a psicologia pudesse levar a natureza heroica do homem e os planos que ele tem para a humanidade em consideração.

Mas os tempos tornaram-se mais ásperos. A religião e a ciência, tendo-me brevemente sido introduzidas enquanto intermediários, separaram-se com sentimentos ruins de ambas as partes. Os cientistas tornaram-se mais reservados e indiferentes, mais teóricos; os religiosos, mais emocionais e menos sensatos. Os espiritualistas e os pseudo espiritualistas tomaram posse da alma, manchando frequentemente a questão toda com sessões obscuras e ectoplasma feito de algodão, enquanto os evolucionistas triunfavam do outro lado, e lavavam as mãos horrorizados com uma alma tão embusteira, enquanto atribuíam ao homem, em vez dela, a inclinação natural de um assassino.

Fala-se a língua dos nossos tempos independentemente do significado que as palavras tenham e do quão à frente no tempo a sua filosofia pareça estar. Contudo, gradualmente os acentos ocultos, as insinuações invisíveis, os ritmos, as pontuações e as inflexões alteram-se até uma pessoa perceber que o seu próprio idioma está fora de moda e não mais falam pelos seus tempos. Não obstante poderem ser futuristas os seus significados, as suas palavras são tingidas pelo mofo e só gerações mais tardias poderão erguer tais palavras de novo das vogais e sílabas empoeiradas que certa vez soaram tão brilhantes.

Por isso, embora tenha falado com clareza - para mim próprio - em anos subsequentes pude constatar que tenha sido como se a minha própria língua tenha sido tingida com pó. Outros escutaram, mas com uma vaga perplexidade, como se as minhas próprias palavras não mais fossem ao encontro direto dos ouvidos dos meus ouvintes, mas tivessem que passar primeiro por um vão de um breve mal-entendido - de modo que, se pronunciasse uma palavra, ela devesse ser traduzida nas suas mentes por outra, por uma nova, ou mudar de inflexão por completo.

Mesmo as minhas frases mais espontâneas pareciam corteses ou artificiais. As próprias palavras tinham mudado de forma tão insidiosa que o significado que eu lhes tinha dado se esvaíra e outros lhes tinham sido atribuídos. Assim, embora falasse a mesma língua Inglesa, eu falava uma

língua estrangeira; os jovens escutavam com respeito, mas os seus rostos ficavam desorientados, uma vez mais, como se a minha língua estivesse coberta de poeira.

Isso era mais percetível nos trabalhos do meu irmão (Henry) por ele lidar com o vernáculo Americano, e mostrar a vivacidade existente na natureza Americana em oposição aos estudos dos clássicos da Europa: contudo, o seu Americanismo, tão fresco e por vezes tão vulgar tornou-se em breve numa ânsia de agradar arcaica. Os seus personagens não mais pareciam ter vida, por as ideias e enquadramentos em que tinham vivido terem mudado, conforme o mais alegre dos cenários dever mudar e cada nova peça se tornar datada. Puxe-se e empurre-se o quanto se quiser, na vida as nossas ideias e objetivos acham-se ligados aos fios do nosso tempo, entrelaçados nele, e progredir após um certo ponto nada resta a fazer senão soltar esses fios, separar-se dos tempos, e tirar a veste apertada que se tornou mais numa camisa-de-forças.

E assim morremos.

Entretanto, porém, têm-se vindo a mexer por muitos anos no vosso brasão dos tempos e por fim descobrimos que existem dentro dele. Percebem que vós e a indumentária estão efetivamente a separar-se pelas costuras, onde antes tanto se identificavam com o capote a ponto de tal ideia parecer demasiado aterradora. Tornam-se cada vez mais cientes de um segredo, cientes de sempre terem existido aparte dos tempos, um que agora se torna fonte de imensa ânsia no abandono; assim como cientes de uma voz interior que os cutuca dizendo: "Tiveste o teu lugar ao sol. Não permaneças onde não mais és desejado ou preciso. Admite que te encontras bastante aborrecido e necessitado de um novo começo. Superaste os teus tempos e não há nada que possas fazer com relação a isso."

Decerto que tomei consciência dessa voz, embora tenha sido sempre um tanto consciente dela mesmo durante o meu auge e antes, na minha infância: uma parte independente de mim bastante indignada por ter que se acomodar de todo à história; mas curiosa, a colocar um pé na vida como que a título experimental e sempre muito indiferente e ligeiramente superior a toda a questão.

Nessa medida, eu nunca me entreguei à vida tão completamente quanto talvez devesse ter feito embora me tenha tardado o suficiente, e muito mais

do que muitos. A curiosidade e o assombro bastante seco eram as minhas características principais, de modo que não experimentava as minhas emoções por completo, por exemplo, mas estudava-as com o mais leve pressentimento mental; e usava a minha melancolia, conforme agora constato, como um clérigo usa o incenso para deslumbrar os sentidos dos outros enquanto criam uma nuvem de fumaça para se apartar da multidão.

Digo isto de bom humor com relação a mim próprio – e ao hipotético clérigo – mas sem a minha melancolia temia poder cair ao longo da vida conforme parecia que outros tinham feito, e esqueci de o examinar conforme inicialmente estabelecera fazer.

Na vida sentimos curiosidade com relação ao que acontece depois. Após a morte, a vida terrena constitui um tão pequena área de atividade que nos surpreendemos como pode conter tal profundidade e dimensões de ação e significado. Eu costumava maravilhar-me com a vida microscópica oculta que fervilhava num charco, ou imaginar o espaço infinito que um lago não deve conter para um girino, ou esforçar-me por compreender quanta relação ativa não deve dar-se entre os menores dos insetos; tudo isso me estava vetado.

Assim, agora a vida terrena parece-me incrivelmente diminuta a esse respeito, contudo imensamente ativa, tão lotada de acontecimentos quanto o charco de pingos de água, cada um dos quais parece separado não obstante estar ligado. Quisera saber se alguma vez me terei situado em tal contexto. Ao mesmo tempo, tal experiência contribuía de uma forma incomensurável para a minha existência, só que não a desejo repetir.

Lembranças de outras vidas permanecem empilhadas na minha mente como livros por ler embora já obtidos, e conquanto me sinto curioso, acho-me ainda demasiado absorto nos estudos que ainda identifico como meus. Identifico-me comigo próprio ainda enquanto William James, pois, ciente de que isso se assemelhe um tanto a uma convenção psicológica que simplesmente torna a experiência mais ordenada, e como me sinto intrigado com as tensões e relações existentes entre a ordem e a criatividade, agrada-me preservar essa peculiar convenção ao ver o quanto posso criativamente forçar as suas barreiras.

Por conseguinte, posso dizer que outras vidas minhas estejam à espera de ser revistas, estudadas, e exploradas como se fossem jornadas que fizesse

por outras terras em que mudasse de nome, de ocupação, e adotasse outras obrigações familiares e relacionamentos que não aqueles que considero meus. Percebo, não obstante, que alguns desses outros "eus" poderão muito bem considerar a minha vida como pertencente a eles, e que bem que podem explorar a vida de William James desde o seu próprio ponto de vista, como periférica aos seus próprios objetivos, e persegui-la conforme poderão estudar, talvez, a vida e os tempos de um parente favorito. Só que neste caso o estudo deveria ser muito mais intensivo, de modo que os tempos chegariam a adptar vida no invisível pergaminho da mente, e não aparecer simplesmente como ilustrações num livro.

Por isso, há muito com respeito às organizações, às afiliações e aos agrupamentos no âmbito da consciência que eu desconheço. Contudo, os mortos em breve ficam a saber que a mente em si mesma constitui um vasto umbral que se estende às infinitas profundezas da experiência. O eu experimentado é tão pequeno quanto um trêmulo mosquito por contraste, pairando à entrada, dourado na sua luz, livre mas incerto, atraído mas atormentado pela fonte iluminada da mente maior.

Tão pouco é possível do meu presente ponto de vista compreender a constante manufatura dos tempos, por cada vida que sinto ter vivido também aguarda para ser explorada, e nos seus limites o tempo constantemente se abre – e com novas combinações. Suspeito, pois, que outros eus meus (do meu ponto de vista) estejam a explorar a minha vida e período histórico, contudo não tenho consciência de quaisquer invasões de consciência que não sejam minhas, além de também suspeitar que a minha vida conforme a conheço tenha contribuído para essas outras vidas por formas que nenhum de nós ainda poderá compreender, embora na vida não tenhamos estado de todo familiarizados com quaisquer interferências na nossa própria consciência por parte dos outros.

Sei que alguns indivíduos na minha posição acorrem de volta à existência física e outros não. Eu próprio sou mais dado à ação por detrás das linhas, a um estudo dos trabalhos de bastidores do que a um lugar central no palco da vida. Por isso permaneci até agora nesta tão favorável situação. Alguns pouco se importam com qualquer estudo sobre o tema da vida mas entretêm-se nos seus enredos, saltando de vida em vida com a maior das agilidades, e tomando parte em todos os eventos dramáticos da história; deixam-se cativar pela ação em função da própria ação. Outros, como eu,

cansam-se com a participação direta na parada da vida e preferem as margens, a partir das quais bradamos incentivos e sugestões, perseguimos os nossos estudos, e procuramos ajudar por detrás dos bastidores ao apontarmos situações que os próprios desfilantes podem ignorar, presos como se encontram no incessante brilho da vida.

Assim, mesmo na minha vida eu tinha esse tipo de temperamento. Digo isto, uma vez mais, ao perceber que outras vidas me poderão ter encontrado com um carácter emocional muito mais volátil. Apraz-me pensar que tenha sido um palhaço na Idade Média, por vez por outra as minhas mãos efetuarem um ato invisível de malabarismo com bolas e pratos na minha mente. Olhando para baixo vejo sapatos com meias cor de laranja e vermelhos, e um saco de carvões variados. Pareço possuído de um humor amargo, completamente desprovido de graça, mas repleto do fogo irado do ressentimento, de tal modo que os sorrisos exagerados da minha representação zombam daqueles que me sorriem de volta.

Isso, creio bem, terá sido num pequeno reino onde, primeiro nas ruas e mais tarde na corte, eu era um bobo cujas graças eram de uma inocência dotada de afeto ou compaixão. Contudo, o vigor que sinto nisso, as emoções explosivas que constantemente disparava em frente, de modo sombrio, despertavam uma excitação remota. De modo que, quando sinto a "hora certa," que uma vida tão diferente da minha possa ser o meu projeto seguinte, para ver onde tenha dado errado – se de facto é que deu – e descobrir que habilidades da mente ou do temperamento mostravam com que pudesse aprender.

Esse palhaço explorará a minha própria vida passada agora? Quisera sabê-lo. Consigo imaginá-lo por vezes no meu velho estúdio, ou a passear com a minha bengala até ao porto para ver os navios. Vejo-o no meu mundo faz de conta, cercado por uma vasta terra de abundância, sem um rei ou corte, e penso que o humor que tinha seria menos mortal, temperado, e que talvez ele pudesse sorrir de modo sincero com um rosto descoberto.

Portanto, se tal for possível, eu poderei situar-me no seu mundo, e vê-lo com os meus olhos de intelectual. Desenvolveria eu o mesmo humor negro? Não creio que não, e ainda assim a melancolia e nostalgia de que padecia achavam-se tingidas de uma estranha ponta de ironia que nunca na

minha vida me tinha deixado. Uma vez mais imagino: terá essa melancolia sido o legado da amargura do palhaço?

As respostas encontram-se por trás da porta acortinada que mencionei anteriormente, simbolicamente falando, que levam do meu camarote a outro lugar. Contudo, até agora a minha atenção acha-se cravada no palco em que os atores, os desfilantes, ainda marcham, enquanto componho estes comentários no meu lazer; ainda assim poderão dizer, o cavalheiro de classe, que sustenta as minhas acalentadas características conforme os cavalheiros fazem com o seu colete favorito, luvas e bengala; ainda envergando o traje da minha alma conforme o conheci. Assim, sinto relutância em deixá-lo de lado, contudo, certo ao mesmo tempo de que o venha a fazer. Contudo, aprecio este interlúdio, este intervalo, e este diário, quais notas escritas entre os atos de um programa de teatro que mais tarde jogarei fora.

Não obstante, de certo modo sinto afastar-me de mim. As características que adotei estão a tornar-se demasiado pequenas para conterem o meu novo crescimento e desenvolvimento, mas certamente que irei seguir em frente para alojamentos psicológicos mais vastos. Não é só ao corpo físico que sobrevivemos, mas ao alojamento psicológico que escolhemos. Primeiro, após a morte, abrimos novas dependências e suites que acomodem a nossa experiência maior, mas em breve se tornará óbvio que toda a estrutura já terá conhecido melhores dias.

Precisamos abandoná-la por completo. Este “diário” será deixado para trás, encontrado na mente de uma outra pessoa como coisa de segunda mão, muito à semelhança de um livro de antiquário descoberto no sótão, por entre as teias de aranha, mas preso por entre os raios do sol do entardecer que são filtrados por entre o sótão, que fazem com que o título do livro brilhe. Por estes pensamentos serem filtrados pela mente de outro, ao tremeluzirem “para baixo” do meu camarote para o sótão da mente, enquanto o escritor terrestre precisa apressar-se pela escada escura acima, aguardar no vazio à procura destas páginas com mãos mentais plenamente abertas.

Eu não sei quando terminarei esta composição, mas terei súbita noção de lhe ter acrescentado os meus últimos comentários, de ter “redigido” as minhas últimas palavras, qual inquilino da presente mansão psicológica em

que me encontro, e passarei então para o quadro mais vasto de mim próprio que sinto estar a ser construído; por isso talvez o ator tenha que esperar que o conjunto mais recente se prepare antes de poder fazer a sua entrada.

Dois elementos no meu presente estado são particularmente significativos para mim, quando os comparo com a vida física. Por um lado, a mobilidade psicológica e "física" que tenho é surpreendente, e o sentido de liberdade de que gozo parece, no mínimo, ilimitado. No começo achei isso desconcertante, por a minha realidade em qualquer momento acompanhar organizações da experiência da minha própria autoria e atenção.

Os limites da condição de criatura – a manhã e o entardecer, o tempo, mesmo a dor, o nascimento, e a morte - impõem uma certa ordem de que os vivos não se podem desviar. Por um tempo o meu estado de espírito foi de confusão. Imaginem se quiserem um cão vira-lata, bastante habituado a vagabundar, de repente com asas, digamos, com o uso de uma mente conceptual, vocabulário, e junto com esses aditivos gratificantes mas surpreendentes, um milhão de novas escolhas onde, antes, o instinto e as exigências da qualidade prática de criatura tinham circunscrito a sua curiosidade num alcance restrito.

Por outras palavras, novos recursos continuaram a brotar da minha mente, cada um mais estranho que o anterior. Um vívido desejo dotado da mais passageira das naturezas aparentemente transportou-me de um sítio para outro, sem qualquer transição ou preparo – emocionante e inquietante. A contrariar tudo isso, contudo, estava o mais delicioso sentido de segurança, de modo que após as orientações iniciais, deixa de existir medo; e por toda a parte o ser parece estar concebido na mais perfeita proteção.

Simplesmente uso a minha mente para "ir" onde quero e o resto de mim acompanha-me. Contudo, o meu corpo, suficientemente real para mim, pode surgir ou desaparecer de um dado lugar, e todo ambiente é formado pela convicção que as pessoas têm nele. Digo convicção que as "pessoas" têm nele, por todos nós parecermos bastante reais para nós próprios, enquanto pessoas reais, na verdade apenas num contexto diferente.

Esta liberdade de que falo não foi inteiramente nova. Ela pode ser facilmente deduzida, em vida, pela extensão imaginativa das capacidades mostradas pela consciência nos sonhos, só que aqui tais extensões constituem os "novos factos da vida," se é que me perdoam o termo, e que

precisam ser dominadas. As condições do pós-morte, conquanto tratadas conscientemente, assemelham-se pois a estados oníricos, enquanto as manipulações dotadas de consciência própria adicionais contribuem com a mais vívida clareza e precisão. O truque está em focar a consciência apropriadamente nas áreas desejadas. Isso geralmente apresenta pouca dificuldade após um breve estágio preliminar.

Poderá parecer que esta minha existência seja mais solitária do que é, devido às minhas próprias predisposições. Existem escolas, colegas, ou o que quer que o morto prefira, mas isso brota em resposta aos desejos e crenças daqueles que se acharem envolvidos.

Eles têm uma existência bastante válida em determinadas áreas de concentração e de consciência, mas noutras áreas são bastante "invisíveis." São construídas pelos focos e propósitos combinados daqueles que nisso estiverem envolvidos, e obtêm uma permanência ao longo de longos períodos por tantos serem os que pendem nessas direções. Eu podia "visitar" tais instituições por ação do desejo, alterando o meu estado de espírito, e assim transferindo-me para um "local" que já exista somente para aqueles que se encontrem no mesmo estado psicológico.

Isso poderá parecer complicado, contudo, até certo ponto vocês dispõem de padrões similares. Uma pessoa viva que sinta um completo desinteresse por instituições de aprendizagem e que de facto as ignore – um nativo do mato mais profundo, digamos – não terá qualquer conhecimento prático da universidade. Mesmo que mais tarde ela viajasse para uma área próxima desse local, ele não teria qualquer realidade para ele. O provável seria que jamais viesse a visitar tal instituição a menos que o seu estado de espírito mudasse e o desejo desse tipo particular de conhecimento o viesse a inspirar. Aqui, os estados de espírito criam a realidade de forma direta.

"Aqui tem início algumas das mais fascinantes descrições da realidade do pós-morte com que já me deparei; não só consegue James conduzir um material difícil com uma graça extraordinária, como à medida que o material prossegue, dá pistas preciosas sobre a forma como poderemos vislumbrar essa "presença atmosférica" na vida. A partir daqui, James plana, a sua curiosidade e intuições buscam as eternas fundações de que todas as realidades brotam.

Fui tocada por todo este material e ele levou-me a tentar sentir a magia e o esplendor das perceções de James na vida do dia-a-dia, na esperança de que, afora este manuscrito, eu pudesse perceber as experiências de que James falava."

Jane Roberts

Em parte alguma encontrei as guarnições de um céu convencional, ou cheguei a vislumbrar a face de Deus. Por outro lado, é certo que habito um céu psicológico pelos padrões terrenos, por em toda a parte sentir uma presença, ou atmosfera, ou presença atmosférica bem-intencionada, bondosa, mas poderosa, e onisciente. Contudo, esta parece ser uma presença psicológica de partes tão deslumbrantes que consigo apontar um local e identificá-lo como existente ao contrário de numa outra parte qualquer. Correndo o risco e minimizar, essas presenças assemelha-se mais a uma condição amorosa que permeia a existência, e de que toda a existência brota.

A sensação de segurança anteriormente mencionada acha-se em definitivo ligada a isto, por eu saber que nenhum mal ou dano me poderá suceder, que cada uma das minhas escolhas me trará benefícios, e que esta condição amorosa me sustenta em todos os meus caminhos. Como em vida eu sempre tinha consciência de uma melancolia subjacente, aqui encontro-me sempre deliciosamente consciente de um extraordinário sentido de segurança que conduz, digamos, a atos de heroísmo e de coragem – naturalmente. Há este constante sentimento do universo existir comigo, para mim, e com e para todos os outros ao mesmo tempo. Não só não conspira ele contra mim, como sempre dá um apoio ativo.

Esta disposição para ajudar torna-se por toda a parte evidente e claro que promove um sentido de conforto que, ao mesmo tempo, estimula as capacidades da personalidade por formas difíceis de descrever. Enquanto menciono esta presença como ela própria, de tal modo ela preenche tudo por completo que qualquer tentativa de a isolar se torna inútil. Todas as teorias teológicas e intelectuais são irrelevantes quanto à realidade deste fenómeno. Eu sei que esta presença ou condição amável se forma a ela própria em mim e em todas as outras personalidades; que se presta continuamente de uma forma ativa na busca do meu bem pelas formas mais

particulares e individuais; contudo, que o meu bem não é por forma nenhuma contrário ao bem de quem quer que seja, mas benéfico.

Toda a pessoa vivente ou morta constitui de algum modo uma materialização ou atualização única, psicologicamente "perfeita," dessa condição amorosa básica ou presença psicológica, atmosférica. Cada um é ele ou ela própria, e um agente do universo ao mesmo tempo. O universo pende para cada direção individual, dá, e é complacente, por cada pessoa fazer parte desse tecido psicológico, que ganha vida.

É como se o universo fosse um pano multidimensional que tenha um infinito número de padrões, e figuras que não ficaram planas mas que brotaram com vida, viveram, mexeram-se, e morreram e voltaram a surgir com vida de novo. Enquanto o tecido de que eram feitos nunca chegou a desagastar-se mas miraculosamente se revitalizou e voltou a tecer as suas partes.

Os padrões e as figuras estão em constante mudança, e os próprios pontos de costura de que são feitas são igualmente compostos do mesmo tecido básico, de modo que a esse nível, há uma comunicação entre todas as partes. Contudo, cada figura muda a qualidade do tecido, contribuindo de uma forma incomensurável para ele através da experiência, por cada vida multiplicar as ações possíveis a todas as outras, nesse nível comum.

Contudo, sem evidência, isso não se me torna conhecido. Tal evidência constitui uma espécie de conhecimento embutido – evidente por si mesmo – e eu percebo que o possuía em criança e que o deixei fugir, de propósito, para o poder descobrir uma vez mais a partir de um ângulo diferente. Isso de algum modo, coloca-me numa nova posição, com respeito ao universo, diferente daquela em que me encontrava antes, acrescentando ao que só poderei chamar "densidade" psicológica.

Toda a pessoa viva passa por esse processo em certo grau, e o que é descoberto não é a mesma verdade que foi momentaneamente descartada, mas envolve uma nova compreensão do próprio de um ângulo de realidade diferente. De cada vez que assumimos uma nova identidade, este processo é um em que o universo se realiza de novo -- como nós e como ele próprio -- e em que a identidade vai de encontro à sua invulnerabilidade a partir de um ponto de vista diferente. Evidentemente que há aqui muito que não aprendi, mas cada nova vida começa com o conhecimento da segurança

básica, a partir de um limite de segurança suficientemente vasto para sustentar a existência física.

Existem, uma vez mais, agrupamentos de consciência, alianças em que identidades se agrupam psicologicamente, conforme as pessoas fazem na Terra, em termos físicos, com as nações. Essas consciências retêm individualidade enquanto se unem com propósitos comuns, centralizam pontos de vista distintos em compósitos psíquicos que eu não tenho a pretensão de compreender.

Os vivos muitas vezes equiparam a morte à escuridão, pois como poderão os mortos ver? Mesmo que o espírito paire ao lado do corpo, os olhos do cadáver encontram-se cerrados. Como poderá o espírito ter vista se está desligado dos órgãos da visão? No entanto aqui encontro-me rodeado por uma iluminação que emana de toda a parte - cores mais reluzentes do que as que conheci na Terra, uma luz dotada de variedades encantadoras, não uniformes nem monótonas mas aparentemente vivas ao seu próprio jeito. Emana do que vejo, mas também parece ser inerente a tudo quanto me rodeia, quer exista ou não alguma coisa a ser percebida de contrário.

Em vida vi luzes brilhantes por vezes com os meus olhos fechados, e de vez em quando pequenos objetos ou formas. Esta luz é similar, exceto que é mais móvel e possui qualidades não normalmente associadas à luz. Eu diria que era uma luz omnisciente que existe por toda a parte ao mesmo tempo, de uma só vez; de qualidade transparente quando existe só ou de forma independente de um objeto ou forma visível. Conquanto me sinta tentado a dizer que se move por ondas devido à natureza móbil que tem, isso não é verdade. Em vez disso, ela surge a partir de si mesma, em todos os pontos concebíveis do universo. A perceção física "vê" somente uma pequena insinuação dessa luz, mas dela brotam todas as luzes e cores fisicamente visíveis.

Suspeito que existam outras formas desta luz, ou feitas dela, que eu próprio não percebo, e por vezes tenho consciência de formas ou de sons para fora do alcance, como um mundo mesmo além do alcance. Mas tudo isso, do meu ponto de vista, poderá ser confuso para vós. Eu ouço, mas como nos vossos termos eu não disponho de mecanismos de audição, os sons devem ser diferentes na natureza ou alcance daqueles com que estava familiarizado na Terra.

Recordo-me de uma experiência similar que tive, quando estava vivo, de escutar uma voz mental, de a ouvir de forma bem definida, mesmo quanto sabia que os meus ouvidos físicos não estavam envolvidos. Por isso, parece-me a mim que, independentemente das propriedades físicas atribuídas ao som, o som em si mesmo nada tem que ver com a sua versão física. Os sons aqui são distintos, claros como sinos, separados, e se cada timbre fosse visível assemelhar-se-ia a um cristal. Todavia, nos vossos termos, isso seria chamado de audição mental, mas estou certo de que o corpo que possuo constitui um tipo de convenção mental destinada ao meu próprio benefício.

Eu esqueço-o, e logo volto a recordá-lo de novo. Quando esqueço o meu corpo opero sem ele; a minha consciência não se vê de forma nenhuma embaraçada mas segue os meus objetivos. Então subitamente, qual professor distraído, percebo que não a minha mente mas o meu corpo tem estado ausente, e sem qualquer transição tenho-o de volta. Assim, o mais provável é que seja criado inconscientemente, devido ao hábito. Não que isso me assuste, apenas momentaneamente desconcertado, quando dou pela sua ausência; eu obtenho-o de novo automaticamente, como na Terra poderia fazer uma pausa à porta, preparado para sair, e lembrar-me do meu chapéu, e colocá-lo sem refletir. Não mais me identifico com o meu corpo, mas claro que não é de carne e osso, embora pareça sê-lo quando quero.

É meu entendimento que alguns dos mortos se identificam com o corpo por períodos mais prolongados do que eu, e que diferentes personalidades variam na comodidade com que aprendem as condições do pós-vida. Essas condições em si mesmas variam, e contam sem dúvida nenhuma para os muitos equívocos criados em torno da morte e do morrer com que frequentemente se deparam na vida por intermédio daquelas comunicações que têm lugar.

Eu associo a luz omnisciente à presença atmosférica bem-intencionada mencionada anteriormente, dado que ambas têm sido uma constante na minha experiência da vida pós morte até agora, e por vezes estudo este fenómeno de uma forma constante, o que me faz lembrar um homem da caverna ou um outro homem pré-histórico a olhar para o sal e a tentar entender as suas propriedades. Não chamei especificamente a esta luz omnisciente uma entidade, em termos de pessoa. No entanto, estou certo de que possui uma psicologia muito mais divorciada de qualquer uma com que

tenha estado familiarizado; mas ela tem consciência da curiosidade que me move e do exame que faço; e não se aborrece, mas convida-me.

Esta presença precisa ser designada por atmosférica. Uma vez mais, não me ocorre termo melhor mas essa presença não pode ser localizada com precisão como existindo em algum "aqui" afastado de ali, mas coexiste em todo o lugar. Nenhuma busca de uma analogia é de utilidade tão pouco. A ideia mais aproximada que tenho é a de comparar essa presença atmosférica à qualidade que já existe no mais ideal dos dias de verão; o delicioso e agradável aroma e toque existente no ar que em si mesmo parece ser comunicada por toda a parte, de modo que flores, árvores, relva, gente, montanhas, vales -- tudo parece repousar no seu encanto e contribuir para ele. Assim, essa presença atmosférica mais a sua luz omnisciente tem o mesmo efeito, tanto psicologicamente como na experiência que faço de tudo o mais que tem existência fora de mim.

Decerto que um dia assim de verão parecerá benevolente, vivo, e possui uma animação que é acrescentada às outras estações. Quer dizer, uma aura extra atraente adicional parece ser transmitida à Terra num dia assim. Sem dúvida que essa será a razão por que muitos espiritualistas se terão referido ao pós-vida como Terra de Verão, só que enquanto psicólogo é outra a coisa que me fascina: eu sei que essa presença atmosférica não possui o que refiro como características humanas, contudo possui características de uma natureza emocional, e é essa exuberância, esta qualidade bem-intencionada, que psicologicamente me supre a sensação de completa segurança que sinto. É como se me aquecesse à luz de uma atmosfera psicológica que corresponde à atmosfera física de um dia ideal de verão.

O dia de verão no entanto, precisa terminar, e o crepúsculo abater-se com uma certa tristeza sobre o homem do mesmo modo que sobre as bestas; a beleza de verão repousa na própria impermanência da sua existência. Eu sempre desfrutei da mudança das estações, imaginando que outros em climas mais amenos não se aborrecessem com a uniformidade do tempo. No entanto, esta presença atmosférica está em constante mudança enquanto de um modo estranho permanece a mesma. Por vezes teorizo que seja a consciência combinada de todo o universo, seja por que descrição for, que existe em toda a consciência, contudo apartada. Ao mesmo tempo tenho a certeza de que mais se acha envolvido. Mesmo assim, nesta luz as condições da existência são as mais solidárias e encorajadoras imagináveis.

O DIVINO ÂNIMO

Lembro-me dos sentimentos que pareciam permear alguns dos dias da minha infância. Mesmo sem suscitar os detalhes particulares de um qualquer dia que possa ter dado origem a tais sentimentos, eles surgem de volta e eu consigo ver que em toda a exuberância que encerravam, ficavam aquém, em comparação com o presente estado psicológico que vivencio. É como se o universo agora possua o seu próprio ânimo invisivelmente transmitido por toda a parte, no qual me movo e raciocino.

Uma vez mais, a analogia que mais se aplica aqui é a dos humores da infância, em que sentia que todas as coisas eram possíveis e eu me achava cheio de uma energia, entusiasmo, e sentido de competência que se desvaneceram cedo demais. Mas esta presença atmosférica, mais a luz omnisciente que a caracteriza, parece estar na posse desse humor a um grau superlativo, ao irradiá-lo sem esforço a partir das boas intenções ou desejo de agradar que tem.

Bom, se um tal ânimo, aqui demonstrado por toda a parte, constitui apenas uma porção de outras caraterísticas superlativas; se eu estou a saborear uma vasta boa vontade de algum tipo de carácter – nesse caso posso unicamente dizer que o poder final de um tal ser é tal que o seu ânimo sustenta mundos. Isto é uma mera conjetura, contudo nenhuma outra explicação satisfatória me ocorre.

Contudo tal hipótese apresenta as suas próprias dificuldades, que sugerem a presença de um deus de tal modo poderoso que a sua natureza bondosa cria e sustenta realidades imensas. Mas e se o semblante de um tal deus mudar? E se o seu ânimo se tornar apenas um pouco sombrio? Que acontecerá se ele se sentir desagradado? Porque o inferno do entendimento convencional nada seria se comparado com os desastrosos efeitos de tal gigantesca bondade voltada do avesso. Esse tipo de furor e esse tipo de poder aniquilaria mundos para além de toda a esperança. Tal ideia recorda-me, claro está, o velho Jeová, com o homem à mercê de um deus caprichoso que num acesso de raiva enviava tempestades sobre o mundo.

Mas de uma forma impossível de explicar, as boas intenções desta presença atmosférica é tal que qualquer má intenção nela se dissolveria, não pela

aniquilação mas pela transformação, e seria automaticamente transformada na sua melhor expressão; e ao mesmo tempo percebo que tal destrutividade não passa da simples expressão inadequada ou mal percebida de uma boa intenção.

A psicologia, se é que se pode usar o termo com respeito a isso, de uma tal presença atmosférica é tal que sempre procura a expressão mais criativa, mais expansiva e amável em termos tão gigantescos que as nossas ideias habituais da motivação nos traem por completo. Basicamente não faz sentido atribuir a tal presença características humanas, e a interpretação que faço do que agora só posso chamar de ânimo divino é provavelmente a tradução de realidades psicológicas tão além da minha compreensão quanto a psicologia do homem está para uma formiga.

Existe uma imensa, conforme posso somente chamar-lhe, permissividade amável que transmite exuberância e entusiasmo tais como nunca conheci, e sinto no meu íntimo a chegada de um começo de um novo tipo de criatividade que envolve todas as minhas características próprias, capacidades e idiossincrasias como se cada canto e recanto do meu ser conhecido estivesse a preparar a sua própria deliciosa surpresa, expansão, e expressão ulterior; um desafio do tipo mais extraordinário, como se na vida pressentissem a aproximação de um tempo em que todas as áreas do vosso viver estivessem para sofrer uma expansão incomensurável, em que o talento mais insignificante fosse ampliado e atingisse um uso prático. Eu achava, por exemplo, que possuía uma certa habilidade musical que nunca usei, e sinto que de algum modo desperta em mim e sinto-me conduzido a expressões que na Terra se encontravam além dos meus meios.

Além disso, esta presença atmosférica parece possuir qualidades que atuam como potentes estimulantes psicológicos da mais profunda natureza. Os termos “meio de crescimento psicológico,” vêm-me à mente, como se esta atmosfera promovesse o crescimento psíquico ao grau mais vantajoso, ou suprisse um meio espiritual e psicológico que despertasse o desenvolvimento criativo até mesmo das mais insipientes sementes da personalidade. Qualidades e características que jamais suspeitei possuir agora afloram em mim de tal modo que me sinto como um jardim em constante crescimento, que contém muito mais flora e fauna do que alguma vez percebera; como se anteriormente tivesse somente identificado uma safra de capacidades que chamasse minha.

Sustenta-me também uma firme confiança e um forte sentido de equilíbrio como nunca conheci, de modo que estas sensações de euforia não chegam a ser instáveis ou opressivas, mas que aceito bastante como uma herança natural que contribui com vivacidade para os meus passos subjetivos. Devo, pois, ter-me transformado num grau extraordinário em contraste com o que ou quem eu era; e seguramente a minha própria conduta reflete pelo menos alguma porção da resiliência espiritual e da boa vontade que constitui o meu quinhão.

De vez em quando dou por mim igualmente possuído por uma nova emoção, ou uma tão diferente das outras em qualidade quase como sentir uma sensação emocional completamente original. Trata-se de uma versão concentrada de amor, compaixão, compreensão e de criatividade dirigida da minha parte para cada um dos meus próprios pensamentos como se fossem a mais preciosa das sementes, psicologicamente embalada por mim, e enviada pelo universo para formar as suas próprias espécies -- adorados bebés psicológicos que brotam da minha mente criativa -- que liberto e envio adiante para que cresçam e se desenvolvam de acordo com a sua natureza, para que cada uma encontre expressão se implante e com sorte prospere. Por conseguinte, ocasionalmente dou por mim de novo a despedir-me dos meus pensamentos quanto eles deixam a minha mente, muito à semelhança de um pai que envia os filhos para o mundo pela primeira vez.

De certa forma parece-me a mim que cada um de nós foi de algum modo expedido do mesmo modo, e que repetimos o processo de novo quer tenhamos ou não consciência disso. Quisera saber, claro está, se será frutífero comparar esta sensação relativa aos meus pensamentos e à boa intenção que tenho para com eles – independentemente da sua natureza - com a presença atmosférica mais persuasiva e a sua atitude dirigida ao universo; e dirigida a mim especificamente.

Por essa magnífica boa intenção se achar estranhamente combinada com elementos pessoais e impessoais, coisa de que estou seguro. Intelectualmente isso implica uma contradição, embora ao nível emocional, nenhuma exista. Essa boa intenção é aparentemente dirigida a mim por eu ser eu próprio; e eu sentir, no mínimo, uma profunda compreensão da sua parte na minha realidade subjetiva, uma compreensão que de longe excede a minha própria compreensão de mim próprio. Por outro lado, caso eu fosse

outra pessoa, essa intenção seria justamente tão poderosa quanto pessoalmente dirigida. De facto todos aqueles com quem entrei em contacto sentem o mesmo relacionamento para com essa presença atmosférica que eu sinto.

Não sei se outros mais, noutros estados da mente, percebem mais ou menos esse ânimo divino ou o experimentam de outro modo. Mas as variedades da perceção são de tal modo ilimitadas que decerto tal deverá ser o caso. Não estou certo dessa mesma presença atmosférica e luz de conhecimento também sustentará a Terra, e agora consigo entender determinadas experiências que durante a vida não conseguia explicar.

Antes de as mencionar, contudo, quero teorizar mais a natureza dessa presença atmosférica, e decerto que não consigo lembrar-me de atividade mais desafiante que a exploração do que posso somente chamar de psicologia divina. As minhas presentes circunstâncias colocam-me nessa posição tão criativa quanto ambígua de observar a presença por forma nenhuma como alguma que tenha conhecido, em que pressinto características originais soberbas – e por isso mesmo misteriosas; essa presença é mais do que um pouco disposta em meu nome, no entanto a posição que assumo é uma em que os meus velhos métodos de exploração e de comunicação são obviamente demasiadamente fracos e insignificantes para a tarefa em mãos.

A natureza impessoal e ainda assim pessoal dessa presença leva-me a fazer certas suposições experimentais sobre a minha natureza intelectual e emocional, por agora pelo menos poder misturar intuições e intelecto por formas impossíveis para mim antes - de usar uma ou a outra separadamente caso o deseje, ou de as misturar por qualquer forma, de modo que, na sua luz combinada uma visão mais expansiva seja possível do que uma só permite.

Ao fazer isso, procedo a ajustamentos automáticos, cada um das quais apresenta um enfoque ou perspetiva diferente do assunto em questão, seja ele qual for, em que cada alteração dessas promove um maior entendimento e me faculta o prazer mais intenso, por com cada nova surpresa ver como mente e intuição juntos sempre abrem novas perspetivas e combinações.

Os meus pensamentos falham-me, contudo quando procuro verbalizar até mesmo para mim próprio as assombrosas implicações da criatividade que

capto pelas minhas intuições, muito embora as minhas perceções emocionais também afrouxem e não consigam ir além de um certo ponto. É como se essa presença atmosférica fosse um repositório psicológico para todos os seres subjetivos possíveis de tal importância que ninguém conseguisse compreendê-los de uma só vez ou por qualquer combinação de "tempos"; e que cada um de nós saca desse repositório o que quer que reclamemos, de acordo com os entendimentos e as circunstâncias, quaisquer que possam ser – enquanto simultaneamente as nossas próprias experiências contribuem igualmente para essa estrutura psicológica de apoio. Nela, pessoal e impessoal misturam-se e formam novas combinações e versões criativas.

Muito de quanto sei e sinto entra em conflito drástico com as ideias de bem e de mal conforme mantidas pela maioria das religiões, e com crenças semelhantes mantidas por muitos dos místicos religiosos. Por eu ver que a repressão constitui uma negação da criatividade; que atos de maldade são os bem-intencionados que entram em curto-circuito, ou atos de boa índole executados de forma deficitária, ou praticados de modo tão distorcido que parecem duplamente grotescos à luz da sua aparente boa intenção contrária.

Porém, afirmar que os atos de maldade sejam o resultado de um bem distorcido ou defeituoso deveria ter-me soado a um positivismo exacerbado a mim, durante o meu tempo de vida. Um filósofo que evite lidar com o bem e o mal não é filósofo nenhum. Contudo, a profunda verdade está em que não existe mal com que lidar, e tal profundidade requer a compreensão mais compassiva da humanidade e o exame da natureza do homem à luz da sua melhor em vez da sua pior interpretação.

Somente uma tal explicação satisfaz a busca inata do homem de ordem e de significado, de modo a que o mal não seja encarado enquanto força negativa em si mesmo, ou como ausência de bem, mas como a tentativa mal orientada ou distorcida de alcançar o bem. Somente nas superiores dimensões das atualidades e expressões do bem têm as qualidades inferiores do mal e da falta qualquer significado. Foi dito, por exemplo, e nos meus livros acentuei-o igualmente, que a religião muitas vezes serviu de bandeira da má vontade. É certamente óbvio que mais atos de assassínio foram cometidos na religião em nome de deus do que em nome da vingança ou do ódio. Mesmo guerras conduzidas pelas nações, umas contra as outras, são disputadas sob o equívoco de que o bem venha a resultar. O

homem agoniza sob os seus maus atos. Ele não gosta de se sentir culpado, e na verdade a culpa não faria qualquer sentido psicológico caso não fosse pela existência da existência da boa intenção inata do homem, não obstante poder tornar-se mal dirigida ou distorcida.

O sentido de liberdade emitido por esta presença atmosférica é de tal modo revigorante e refrescante, tão condutiva á criatividade que se torna impossível não perceber que também na vida, a repressão constitui uma negação da criatividade seja por que razão for. Enquanto os conceitos evolucionistas e Freudianos baseados na duplicidade psicológica inata regerem, então o homem acreditará que o contrário da repressão esteja na licenciosidade e na libertação de impulsos selvagens e primitivos que, por si só, arruinariam a civilização.

O eu-próprio de Darwin não sentiria razão para sentir culpa com relação a nenhum desses atos, por mais assassinos que fossem, se servissem o fim da sobrevivência dos mais aptos; contudo, nenhuma pessoa viva é isenta de culpa. Nem nenhuma explicação freudiana servirá de nada mas a mais frívola das fantasias para explicar a culpa, embora a crença nessas fantasias as reforce e programe a experiência, distorce mais as revelações pessoais sob a psicanálise, e, curiosamente, não produza nenhuma cura verdadeira. Tais teorias foram de tal modo projetadas na experiência humana que termos como “raivas assassinas” são mal empregues em comportamento violento de crianças, e as teorias de Darwin da sobrevivência são acrescentadas ao Freudianismo pressupõem o desejo dos filhos matarem os pais e de possuírem sexualmente as mães.

As crianças desejam possuir as capacidades e poderes dos adultos, imitar os mais velhos em todas as suas áreas de expressão, inclusive as sexuais, mas a energia desse desejo não é por forma alguma assassina, embora isso seja estabelecido enquanto padrão normal de desejo e de comportamento inconsciente.

Os dramaturgos Gregos trataram de tais matérias, por se terem glorificado nos contrastes – no bem e no mal, nos cumes da glória e na tragédia do carácter falho – mas isso era tudo visto a uma luz maior, em que a realidade fervilhava de deuses, seres humanos, demónios e inumeráveis espécies pelo meio, com uma enorme tensão e dilemas e interações criativas; enquanto o eu de Freud se encontra desprovido de todas as ações heroicas ou

possibilidades de grandeza, e provido unicamente de uma natureza libidinosa indigna de confiança que precisa ser reprimido para que não se destrua nem ao mundo civilizado que ele de certa forma explicou, conseguiu alcançar.

Ao comparar atualmente a minha realidade psíquica e a de outros com o estado generalizado que me foi dado conhecer na Terra, sou capaz de ver os erros de interpretação que cometi. Na esperança de que as seguintes sugestões feitas em retrospetiva possam servir para outros, e realçar a necessidade que o homem tem de uma teoria psicológica que encoraje e não limite o seu crescimento psíquico.

Na vida, não são os incidentes ou sentimentos particulares que reprimimos que provocam dificuldade mas o conjunto mental ou hábito da própria repressão, assim como a crença que temos na necessidade de repressão, desde logo. A repressão numa base diária contém-nos e restringe-nos em todos os aspetos, tanto no pensamento como na ação, limita-nos a exuberância e as expressões de amor.

A crença num ser defeituoso, a identificação com uma espécie destrutiva, condenada e que sucumbiu conduz a uma desconfiança básica do eu, a uma sensibilidade exagerada para com a "consciência," e são precisamente tais sentimentos que me causaram o quase constante sentido que tinha de melancolia na vida. Permeou todos os meus dias e permaneceu qual peso pesado sobre o meu coração independentemente dos momentos de alegria.

Toda alegria, cada instante de animação, todo feito era logo pesado de encontro ao que eu sentia ser a maior realidade pragmática – da estupidez do homem e das tendências para o mal – e contra tal montanha negra de escória psicológica falha nenhum ato, por mais heroico, nem feito, por mais brilhante que fosse, poderia parecer mais do que uma esguia flor numa gigantesca pilha de lixo que em breve feneceria e se desvaneceria, que de nenhuma utilidade seria fosse por que modo fosse; e nenhum ato, conquanto bem-intencionado, poderia começar a influenciar o derradeiro peso da situação do homem.

Como poderão criaturas falhas confiar em si mesmas em privado; e em termos de um governo democrático, como poderia o homem esperar governar-se? Assim, parecia que precisava ver-me constantemente, verificar redobradamente as minhas teorias e deduções, ser triplamente

cauteloso quanto às minhas esperanças que tinha quanto ao homem ou à existência da alma. Quanto mais a minha alma ansiava pela descoberta de uma prova da existência da alma, mais a minha mente zombava, por em parte nenhuma conseguir encontrar nos atos generalizados do homem justificação para a sua sobrevivência. Mais, eu temia que uma fé só levasse a um mais profundo desapontamento, que a fé na boa intenção do homem não duraria um momento na realidade do seu mundo prático. Parecia mais seguro não acreditar por assim o coração sitiado poder ficar ferido e não deixar de comparar o homem a um ideal irrealista. Contudo, contra isso, busquei por toda a parte por um ideal.

Mas julgar todos os atos do homem contra o ideal e perceber o pouco escassos esses feitos foram executados, perdi a intenção do homem de vista. Como poderia, pois, eu encontrar superação na ideia de um universo bem-intencionado? Porquanto na altura tudo ia bem com a Terra e com o céu, com as criaturas e as estrelas, e somente o homem se destacava numa insuficiência flagrante e falha. Só ele desfigurava o que de outra forma seria um universo ordenado. Contudo, se não existisse ordem no universo, então de onde teria vindo a ideia dela, que a minha mente e coração tanto procuravam e contra cuja existência implícita julgava toda a discordância?

Pois eu não conseguia crer mais na criação acidental do universo do que podia aceitar a manufatura acidental de uma cadeira que calhava ajustar-se aos contornos do meu corpo de modo tão perfeito que bem que poderia ter sido feita para tal fim. Quão adorável e conveniente que calhasse acontecer que átomos e moléculas se ajustassem de forma tão precisa quanto acidental, e acontecesse que eu tivesse quartos traseiros que pudessem tirar partido de tal configuração cósmica.

Mas para tudo isso, eu não conseguia obter a sensação de um universo bem-intencionado que me apoiasse que se me aconchegasse como a cadeira o fazia, de modo que psicologicamente me sentia sem apoio enquanto a minha melancolia me lembrava constantemente o dilema.

Cresci desencantado e o desapontamento que sentia para com a vida e as suas condições cresceu na proporção das esperanças que antes tivera para com ela. Até mesmo a natureza perdera a sua magia, por a contemplação das suas belezas me levar unicamente a um desejo nostálgico de que o homem e os seus trabalhos pudessem de alguma forma comparar-se a essa

ordem e graça. A atmosfera interior da minha existência era na altura quase o oposto daquele estado de que agora desfruto. Contudo, em vida gozei de algum sentido desta liberdade e de insinuações inteiramente ignoradas, por a facilidade e o movimento com que eu pensei e a ação dos meus próprios pensamentos possuíam a mesma mobilidade veloz, segurança e à-vontade. Ou seja, os meus pensamentos esvoaçavam de mim com tal profusão que jamais conseguia acompanhá-los. A sua vitalidade não possuía limites, e mesmo os mais pessimistas esvoaçavam da minha mente com a mesmo liberdade otimista -- claro que isto é uma força de expressão -- e possuíam tanta agilidade quanto os mais animados.

Agora, contudo, encontro-me rodeado de um sentido de ostentação psicológica (para não dizer luxo) e vejo-me suportado por uma presença atmosférica cujas qualidades achei certa vez como curiosas e familiares. A presença mostra recetividade, atenção para comigo. Estou certo de que reage a mim, no entanto, conquanto esteja por toda a parte não é intrusa mas uma vez mais, como um dia de verão, assemelha-se mais a um meio encantador em que todo o ser vivente é banhado de modo que se torna bastante possível quase esquecer, ou tomo-a como normal.

Digo "quase" por as suas qualidades emergirem em nós lentamente, ou fizeram-no em mim, de modo que passou um tempo antes que eu percebesse a recetividade que apresentava, por exemplo. Por isso, suspeito que as dimensões da sua existência revelam-se ou são reveladas de acordo com a atenção que lhe concedemos.

Uma vez mais, até onde posso dizer esta luz do conhecimento e presença atmosférica são a mesma coisa, o que equivale a dizer que em todos os sentidos hipotéticos esta presença se encontra totalmente aqui e é atenciosa, enquanto retém a sua atmosfera em vez de natureza específica. Sei que posso cortar do mesmo tecido um ser formado em torno de mim como o mais requintado traje concordante com um padrão eterno, costurado com missangas multicoloridas de tempo, carne figurada sem costuras. E cada personalidade é envergada, retirada e usada de novo como um amado artigo de vestuário, nunca descartada nem pendurada limpa num armário escuro mas renovada, mais nova com cada utilização; um traje vivo, amorosamente executado.

Só posso comparar, pois, tal presença atmosférica a um meio psicológico criativo qualquer que possua em si mesmo todas as qualidades necessárias à existência, um repositório de individuação e de capacidades percetivas. Como todos os elementos requeridos para a vida brotam do solo da Terra, que também os nutre, este meio parece desempenhar os mesmos serviços, dando somente origem a entidades psicológicas e ao universo inteiro que as sustenta.

Estou, pois, convencido de que esta presença atmosférica constitui o meio criativo de que toda a consciência brota. Esta mesma luz omnipresente parece atrair a mais diminuta das minhas sementes psicológicas, enterradas ou a debater-se pela liberdade, encharcadas pelo excesso de água da minha melancolia, de modo que cada esperança emerge uma vez mais. O meu coração torna-se cada vez mais leve. Mais, esta luz é seguramente a mesma que de outro modo iluminava os céus de Boston, que amanhecia sobre o oceano e se esparrinhava na porta do meu escritório. Mas a qualidade desta luz do conhecimento difere, por estar dotada de vida e de um desígnio amoroso que é instantaneamente sentido e experimentado de uma forma direta.

Não resta dúvida quanto à sua intenção, mas uma vez mais sinto-me impressionado com a ambiguidade dos seus aspetos pessoais e impessoais. As suas qualidades atmosféricas, por exemplo, o seu comedimento, podem existir somente em determinados níveis da compreensão, por de um modo estranho me ter conformado com o facto desta presença não me procurar, ou examinar, ou tentar sobrecarregar-me por qualquer modo. Em vez disso tranquilamente estende -- o quê? Consolo, apoio, uma leveza em que a minha existência se vê por toda a parte fortalecida, revigorada, e ainda assim levada a perceber a sedução de novos desenvolvimentos, ou melhor sentir-se capaz de se expandir, mesmo de se transformar, em perfeita segurança.

Esta oferta de oportunidade, contudo, invoca igualmente as minhas tendências individuais peculiares, como se essas e não outras fossem de vital importância, a ser nutridas; como se essas fossem as sementes de futuros frutos, de alguma planta exótica ou espécie especial, a ser carinhosamente nutrida; ou como se eu pudesse produzir sementes psicológicas de inestimável valor para o universo, e esta luz do

conhecimento nutre-as com uma maior certeza do que na Terra o sol nutre as mudas da primavera.

No entanto estou igualmente seguro de que uma ou outra pessoa aqui sente da mesma forma e é nutrida da mesma forma; mas sem meio de provar o que quer que seja disso, eu sei que na terra, é igualmente suportada da mesma forma. Não existe qualidade exigente para com a presença atmosférica ou a sua luz, no entanto parece possuída do que poderei somente chamar de uma divina ativa passividade. Ela atrai mas não pressiona, ainda assim a sua força é passiva por parecer existir num estágio de ativa espera ou de convite, sempre acolhedora, com a ternura gigante de poder tido sob controlo, como se fosse tão ciente da sua própria energia que saber que o mais desprendido dos seus afagos poderia levar a sua força a esmagar o objeto do seu amor.

Esta última declaração uma vez mais chega quase a sugerir uma personificação superlativa do género que procurei evitar, o que também acarreta complicações, dificílimas de compreender. As palavras e até mesmo as minhas próprias impressões e perceções limitadas podem ser enganadoras com respeito a isso, por crer que a compreensão desta presença atmosférica é automaticamente atingida de acordo com as necessidades e condições e natureza daquele que percebe.

Uma vez mais, estou reduzido a analogias, mas usando o símile da planta exótica, é como se eu fosse "regado," nutrido, e recebesse luz na exata proporção das minhas próprias necessidades; não – por exemplo - recebo luz em demasia nem sou sobrecarregado de fertilizante (compreensões mais ricas do que os meus pensamentos enraizados conseguem aceitar) mas recebo espontaneamente exatamente aquilo de que preciso.

Isto sugere um aparelho cósmico de plantio qualquer, automático, dotado de natureza impessoal, que conduz às complicações que mencionei anteriormente. Por eu mal sentir que este relacionamento aparentemente automático assente nalgum contacto íntimo de natureza a mais pessoal imaginável, uma mais profunda do que alguma possível no que na Terra é considerado contacto íntimo. Quer dizer, este alimento aparentemente automático, este alcance da compreensão e da luz parece baseado num conhecimento íntimo e carinhoso do meu próprio estado e ser de tal modo completo que espontaneamente proporciona o que é necessário antes que

eu perceba as necessidades que tenha de uma forma mais a característica de uma mãe, digamos, do que de um pai. E tal como a pressão do amamentar na teta de uma vaca faz com que o leite brote, também em algum insondável nutrir psicológico, a pressão das necessidades do homem automaticamente incline esta presença a produzir qualquer força, compreensão ou apoio que for requerido. E tal coo uma mãe se satisfaz por nutrir o filho, também esta presença atmosférica sente ser parte de toda a criatura como a mãe da criatura no ato de amamentar, de modo que o aparente cultivo automático é muito mais íntimo, baseado numa relação incrivelmente complicada.

Estas analogias, que balançam de um extremo ao outro do espectro, de pouco me servem; contudo, não me ocorre nenhum outro meio de dar a entender a natureza desta presença atmosférica. Na criação de homens e mulheres a analogia da amamentação poderá parecer de mau gosto, ao reduzir o adulto a um infante lactente e ao retratar o estado do homem a um de uma dependência passiva; e tal não o meu propósito, pois que voltando às complicações que acabei de mencionar, numa ou noutra medida esta presença atmosférica também deseja ativamente nutrir e trazer à existência tal como, digamos, uma mulher que há anos se viu incapaz de conceber até que por fim um filho e se vê sobrecarregada de amor, e o deseja dispensar a todas as coisas. Ao mesmo tempo que procuro estas analogias, torna-se igualmente difícil atribuir características tanto masculinas quanto femininas a esta presença atmosférica, e percebo que tal apalpação implica projeções da minha parte.

Dando isso como certo, continuemos. À luz desta presença não sinto ser um infante subjetivo tal como o descrito, mas estou ciente de potenciais ou de contornos psicológicos que me cabe satisfazer, conforme uma pessoa poderá estar ciente num amado a estatura completa da personalidade que na Terra, pelo menos, jamais se torna possível atualizar.

O artista não pensa num esboço como num “quadro de um bebé,” mas sente respeito por ele tal como é, embora possa muito bem desenvolver-se uma pintura e ele possa ter executado o esboço como passo inicial para um quadro. Com respeito a isso, o quadro acha-se implícito no esboço, e o artista bem que poderá ver sempre a promessa da pintura sempre que olhar para o esboço. Isto será o que porventura mais se aproximará da relação existente entre a presença atmosférica (o artista) e eu próprio (o esboço). Só

que neste caso, o esboço acha-se dotado dessas possibilidades do próprio desenvolvimento, e na presença da luz do conhecimento ele sente a sua própria existência retirada de um estado para outro mais gratificante.

A anterior analogia do infante vem-nos facilmente, contudo, desde que na infância eu agora ver que aceitamos tal ajuda automaticamente, e a tomamos como nosso direito; e na vida torna-se por toda a parte evidente exceto que o homem tenha cerrado a sua mente seja por que razões for para o que sempre se encontra ao dispor. A própria Terra é dada, assim como todos os requisitos da vida. Homens e animais veem a um mundo que já se encontra equipado com campos, plantas, água, ar – elementos que se ajustam com tal perfeição uns aos outros e que contribuem para a existência uns dos outros – e essa miraculosa construção é de tal modo viável que o homem toma a sua existência por certa.

Mas a Terra é dada. Imaginar que todo esse ambiente constitua um acidente constitui, percebo-o agora, um ultraje intelectual assim como emocionalmente estéril. Também percebo atualmente que as religiões parcialmente entenderam e ignorantemente distorceram as qualidades deste ânimo divino em que a vida material teve a sua existência.

Por o homem se ter apartado da natureza parece-lhe que deva manipulá-la em proveito próprio. Ele não deixa que ela opera seu favor como ela pretende fazê-lo, por a natureza possuir igualmente uma boa intenção, ao emanar como o faz, desta presença atmosférica. Contudo, com respeito às atitudes do homem, resulta que outras pessoas e instituições também parecem operar contra o indivíduo, que então se sente alienado de Deus e do homem, perdido num universo caótico, uma criatura acidentalmente jogada na existência como um carvão vivo de alguma fornalha gigantesca, crepitante por um instante com os estalos e os sussurros do desejo, mas logo reduzidos a cinzas.

Com tais teorias torna-se impossível teorizar acerca da criatividade, do valor do indivíduo ou do valor das suas ações, já que todos os efeitos são em última análise destruídos e mesmo a sua existência não possui significado. A inegável criatividade do homem e os empreendimentos cooperativos da natureza não possuem literalmente qualquer lugar num universo acidental, já que estas são igualmente encaradas enquanto construções casuais de um sistema cujas criaturas possuem um propósito

somente -- o objetivo selvagem da competição para sobreviver, cada um confrontado com o semelhante da sua própria espécie, cada espécie confrontada com outra, cada nação confrontada com outra – provendo um quadro em que de facto somente o mal parece evidenciar-se.

Em tal conceção, não só é o universo acidentalmente formado, como o seu propósito determina cada elemento nele contra o outro e a cooperação tem lugar apenas a partir de um propósito pessoal da natureza mais egocêntrica. Se um tal universo existisse de facto, as criaturas nele ter-se-iam aniquilado umas às outras desde a alvorada dos tempos. Na abordagem mecanicista que o homem usa em relação a tais questões o homem ignora o pleno significado sentido até mesmo pela mais pequena das criaturas e evidente em todas as atividades humanas – a divertida alegria, exuberância da natureza que existe lado a lado com os seus atributos mais "mortais."

Sem tal exuberância, essa mesma alegria do ser, não há razão para que qualquer espécie prologue a sua existência. Contudo, o homem rapidamente cria a ideia de um mundo destituído de alegria, e ao fazê-lo, reestrutura a sua vida emocional para a ajustar aos "factos" conforme ele os concebe, factos esses que em parte alguma se enquadram no esquema da natureza e que parecem ajustar-se somente por o homem firmemente ignorar outras evidências em contrário.

Tal evidência existe na sua própria experiência privada, em todos aqueles domínios que a ciência deliberadamente considera que se situam fora do seu âmbito, por atualmente considerar pouco científico qualquer informação que tenha decidido *à priori* por poder perturbar o seu enquadramento oficial (NT: Alusão aos experimentos ditos "duplamente às cegas"). Tais atitudes, capacidades, características e experiências que podiam e que seriam reveladas quanto à plenitude do sentido da boa intenção da natureza permanecem como informação inaceitável.

Aqui eu incluo o estado do sonhar, as vastas áreas inexploradas dos estados alterados de consciência, a telepatia, a clarividência, e acima de tudo, as próprias capacidades criativas. Por no uso que o homem faz da criatividade, ele se aliar em definitivo do universo significativo e dotado de boa intenção, exuberância de intenção de que brota.

UMA LINGUAGEM SUPERIOR

E UMA "ESCOLA" PARA FILÓSOFOS

Existe um contacto telepático constante entre os vivos e os falecidos embora não nos termos em que por vezes o imaginam. Quero dizer, os pensamentos e os sentimentos dos falecidos acham-se ativos e têm tanta vitalidade quanto aqueles dos vivos, e contribuem para a atmosfera mental, embora a um nível diferente, por esses pensamentos "circularem" da mesma forma que as altas correntes de ar podem circular, fornecendo uma atmosfera geralmente mais estabilizadora.

As ideias e métodos da comunicação natural das espécies depende não só das inclinações e das habilidades que são incorporadas, mas também do conhecimento contínuo de cada indivíduo que ao falecer contribui com a sua experiência para a espécie no seu todo, ou antes, torna-a acessível de uma forma nova.

A aprendizagem em vida tem lugar durante o estado do sono do mesmo modo que no estado de vigília, mas nos sonhos as pessoas aventuram-se mais por aquela atmosfera generalizada, e levam consigo os problemas e a informação do dia, ponderando neles e pesando-os contra uma herança de experiência que pertence a toda a espécie, para a qual os mortos terão contribuído. A aprendizagem ao longo das eras é passada de tal modo, que implementa os métodos mais pragmáticos da tentativa e do erro, do estado de vigília. Nessa medida, a ênfase atribuída à adoração dos ancestrais em certas culturas possui uma base de validade. Tão pouco a aprendizagem se detém por altura da morte mas tem lugar num contexto diferente.

É sabido, evidentemente, que certas culturas passam o seu conhecimento por via oral às gerações mais novas, por meio do canto e do mito. A informação é igualmente transmitida por intermédio deste ambiente interior para que tanto vivos como mortos contribuem, e que pode ser comparado a um campo de informação viável invisível em toda a parte que rodeia a vida. As ideias de vivos e mortos misturam-se como, digamos, o ar dos desertos e das enseadas eventualmente fundem-se umas com as outras contribuindo assim para o clima do mundo, muito embora localmente cada uma apresente as suas características próprias e tenham a sejam aparentemente

opostas. Bom, não me estou a referir à invasão psíquica mas a dizer que os pensamentos e sentimentos dos homens, tanto dos vivos como dos mortos, formam um campo mental de informação e de interação.

Esta espécie não depende inteiramente apenas dos métodos físicos da aprendizagem, mas é igualmente e sempre impelida pelos incentivos internos e abastecida de uma informação adicional, de modo que o conhecimento é transmitido de geração para geração através de sonhos e comunicações interiores. Isso familiariza os povos com a sua herança cultural e realça enormemente o mérito da linguagem, que em si mesma actua como uma estrutura destinada à comunicação de certos símbolos e ao bloqueio de outros.

Diferentes linguagens representam evidentemente diversas características do sentimento, do pensamento e da crença; e dignificam algumas delas por intermédio da expressão e da ênfase, enquanto ignora outras enquanto molduras verbais. As línguas representam tanto molduras verbais quanto, digamos, quadros verbais, e dão expressão a certas imagens e sensações e enfatizam-nas por meio do âmbito da armação verbal, que expressa e restringe ao mesmo tempo.

Basicamente, os pensamentos dos mortos não precisam seguir tais padrões, e a informação recebida desse campo mental generalizado de informação é dada num tipo de "linguagem superior" que cada indivíduo traduz no seu próprio idioma. Tais traduções são automáticas, do mesmo modo que a fotossíntese das plantas constitui um processo automático; de modo que qualquer comunicação que se faça em qualquer língua já constitui uma tradução automática de informação interior, tal como a água vertida numa taça assume a forma do recipiente que a passa a conter. Elas não são distorções mas diversas expressões de realidades interiores, e as línguas representam os recipientes psíquicos que servem para expor informação de modo que possa ser "vertida" de um recipiente para outro de modo mais eficiente.

Em termos básicos, porém, as línguas nascem a cada instante, e essa presença atmosférica de que falava parece ser caracterizada por um conhecimento em que todas as línguas são compreendidas. Ou seja, independentemente da linguagem em que costumarem apresentar uma questão, a resposta é dada no mesmo idioma. E com as conversas mentais

que tenho com outros aqui, o mesmo se aplica. Aqui, pois, a atmosfera em si mesma parece traduzir as minhas palavras da minha para a língua do ouvinte. Isso sucede automaticamente, tanto quanto me é dado apurá-lo. A tradução é menta, instantânea e perfeita, e não dá azo a equívocos de interpretação a esse respeito. As barreiras habituais da linguagem não se apresentam, enquanto me sinto igualmente seguro de que uma língua superior que permanece "invisível" é utilizada, uma vez que as traduções são feitas de modo tão instantâneo.

A informação é específica e faz sentido somente em meio a um sistema de factos em que se enquadre. A sabedoria das emoções não se enquadram no sistema da matemática, por exemplo, e conforme anteriormente mencionado, a informação pode fornecer conhecimento, assim como também pode, sob determinadas condições, na realidade diminuí-lo. Todo o conhecimento intuitivo do homem, as suas bíblias e demais livros sagrados, consistem num conhecimento automaticamente traduzido na especificidade de uma língua, que é por sua vez traduzida pelo homem noutras.

O conhecimento corre para esse recipiente verbal ou escrito, e é exibido de acordo com as imagens, as tradições e os formatos culturais e mentais característicos de um dado idioma. O conhecimento torna-se, pois, específico, porém específico de uma forma necessariamente preconceituosa. Os símbolos de uma linguagem flutuam por cima quais peixes multicoloridos de múltiplas formas, de modo que se torna igualmente necessário procurar por entre as vogais e as sílabas as águas transparentes abaixo, em que os peixes se movem.

A versão que o homem tem de Deus ou dos deuses, ou da vida futura, do começo e do fim do mundo, constituem, pois, traduções -- tal como evidentemente os manuscritos o são -- traduções que encaixam na realidade experimentada até certo ponto enquanto também conduz além dela. Qualquer um saberá que o discurso privado só aproxima do sentimento ou da sensação, e somente um tolo toma, equivocadamente, a expressão que dá a um sentimento pelo próprio sentimento.

Dá-se, pois, o mesmo lapso - que não adquire expressão - entre a experiência que tenho "fora do âmbito do tempo" e as tentativas que empreendo para as explicar. Os mitos são mais verosímeis do que os factos com respeito a isso, mas apenas se não os tomarmos à letra. A minha

natureza não é uma de criar mitos, contudo, pelo que busco correspondências que sejam imaginativas e ainda assim estejam em sintonia com os factos da vossa experiência. Nesses termos, é verdade afirmar aqui que eu me dirija a outros que se encontrem mais ou menos num mesmo nível de realidade ou de compreensão que eu. Esses níveis de compreensão formam os seus próprios ambientes e fornecem certas dinâmicas que estruturam a experiência. Em vez de continentes e outras formações terrestres que estruturam a vida na terra, aqui estados mentais fornecem o critério para os diversos tipos de perceção que enquadram a experiência da mesma forma que a linguagem estrutura o pensamento em termos concretos.

Estou agora habituado a comunicar com pessoas que podem não se tornar visíveis em parte alguma para mim, por exemplo, por o critério da comunicação depender mais das relações complementares dos estados mentais do que da "viabilidade" física. Outros ambientes e circunstâncias estão em relação comigo em tais casos, por intermédio de imagens mentais transmitidas automaticamente. Essas acham-se ao dispor, somente, apenas para aqueles que como eu tenham uma existência "numa mesma frequência" ou que estejam em harmonia com certas frequências deste vasto campo de informação viável.

A minha experiência está da mesma forma relacionada com a do que estão "no meu nível," e nós juntamos o nosso conhecimento, e decompomo-lo numa informação de uma natureza pessoal mais específica para nós próprios, enquanto a nossa experiência pessoal forma parte do campo generalizado que é perceptualmente acessível. Alguns de nós tornam-se visíveis, nesses termos, para os outros, mas as nossas comunicações mais vastas não são restringidas a esse grau. Há aquelas que são caracterizadas mais pela expressão visual, ou pelo som, que em vez da linguagem verbal ou mental comunicam por meio de uma linguagem de sentido cruzado dotado de uma rica complexidade.

De certo modo, toda a vossa inteira ordem constitui um tipo de linguagem por meio da qual a realidade física é pronunciada, uma linguagem adquirida tão cedo na vida e tão sem esforço que se torna automática. Contudo, é conquistada com todas as nuanças, inflexões e pretensões de qualquer língua, só que esta possui verbos biológicos e pronomes mentais e organiza toda a ordem percetiva.

Já que também eu outrora falei essa língua, embora nesses termos atualmente seja bilingue, posso comparar a experiência que faço agora com a de então. Obviamente consigo ainda organizar as ideias à velha maneira a que estava habituado (conforme estou agora a fazer), mas em última análise acho isso tão limitativo quanto pouco prático exceto para a produção deste tipo de manuscritos.

Um viajante inteligente procurará aprender a língua nativa do país que pretenda visitar para poder compreender os outros e fazer-se entender por eles, e a fim de dar-lhes a conhecer as suas necessidades e desejos em termos práticos. Se, e quando viajarem para outros planetas para além do vosso sistema solar, perceberão instantaneamente que aquilo que acabei de referir é verdade: o vosso corpo físico e toda a sua gama de perceções constitui em si mesmo uma língua, que é pronunciada de forma automática. Não só uma diferença na língua convencional os separará dos hipotéticos nativos de outros planetas, como também a linguagem da vossa biologia - os enunciados das moléculas em células, passagens genéticas, ou frases construídas por padrões biológicos completamente diferentes.

Alguns dos que visitam a Terra aprenderam a mudar a sua "língua" nessa forma mais compreensível, ao aparecerem mais como homens quanto possível, de modo a examinarem e entenderem o mundo físico. A estrutura e a forma corporal constituem igualmente uma linguagem, e muitos no ambiente em que existo conseguem alterar essa estrutura, ao criarem formas diferentes que expressem o seu estado de humor ou experiência, conforme vocês poderão fazer, digamos, cantar uma canção, escrever uma sinfonia, enfim. Eu não sou assim tão proficiente, e a partir de agora a experiência direta que faço é com aqueles cujas existências se parecem bastante com a minha, quer por meio de interesses complementares ou da conotação histórica.

Ainda me encontro propenso à filosofia, pelo que me encontro em contacto direto com muitos filósofos tanto famosos quanto desconhecidos, a maior parte de outros períodos históricos que não o meu, e muitos nativos de outras culturas e civilizações que foram desconhecidos em relação à posição que tive no mundo Ocidental. Nos nossos "diálogos," fico assombrado com as histórias de outras civilizações que existiram no planeta Terra, mundos outrora práticos e reais, agora perdidos para a história do mundo, contudo muito vivos -- por, semelhantes a fósseis, as

suas crenças contribuírem com um novo combustível a sucessivos sistemas de pensamento e escolas de conhecimento. Os seus idiomas esquecidos têm existência nas pausas que existem entre as palavras, e ajudam a compor os ritmos das línguas vivas, do mesmo modo que as suas filosofias fornecem ritmos internos em que teorias mais correntes vigoram com tanta segurança.

Agora sorrio, ao pensar com que frequência durante a vida eu falava dos antigos Gregos ou habitantes da Mesopotâmia, porque atualmente e do ponto de vista que tenho as suas culturas existirem quase em simultâneo com a vossa. A era Vitoriana assemelha-se a um sussurro que ecoa por corredores de "som" em que a mais sublime das civilizações representam apenas uma nota; porém, uma nota dotada de infinitas variações, que ecoa e volta a ecoar, só que de cada vez com uma mais significativa mudança de ritmo ou cadência. Assim, esses filósofos já me ensinaram mais do que eu poderia possivelmente chegar a conhecer numa ou numa série de vidas. Por aqui existir um tipo concentrado de experiência de aprendizagem que não consigo explicar, embora tente.

Existiram muito mais civilizações na Terra do que supõem os cientistas, e a Terra é muito mais velha do que os registos que vocês encontram o revelam, ou do que as evidências venham a apoiar. Algumas dessas culturas diferenciaram-se muito daquela com que me familiarizei que as próprias perguntas que eu formulava em si mesmas faziam muito pouco sentido, apesar de concederem a compreensão interior telepática que nos une.

Eu perguntei, por exemplo, a um filósofo: "Poderá explicar a estrutura social que tenha existido na sua civilização," e deparei-me com um silêncio mental intrigado. O filósofo, porém, sorri e tem vontade de me agradar com uma resposta, ainda assim mostra-se divertido com a forma como o bloqueio definitivo que a pergunta que lhe fiz lhe entrava o entendimento. Volto a tentar.

O termo "social" e "sua" são a causa disso. Mentalmente, ele envia-me imagens de um mundo em que não existia palavra para "sua," mas apenas para "nossa," e em que o conceito de "social" tem um milhar de conotações diferentes; um mundo em que homens e animais do mesmo modo são considerados criaturas sociais que se misturam a muitos níveis; como se,

digamos, nas civilizações Ocidentais fosse dada igual consideração aos castores que aos humanos construtores de pontes e ambos trabalhassem em conjunto, os seus fossem aposentos respeitados e as suas necessidades satisfeitas. Mentalmente, transmito imagens do mundo que conheci, em que "sociedade" referia as atividades humanas somente, mas o filósofo abana com a cabeça em descrença, pronto a dispensar aquilo que estou a "dizer" como piada filosófica, sem que, não obstante, revele ser do melhor bom gosto.

Eu persisto: "Quando foi que a sua civilização teve início e terminou?" Ele olha para os outros filósofos interrogativamente: estarei eu a falar sério? No meio deles vejo um filósofo do mundo Ocidental do, creio eu, século dezasseis; mas também ele se limita a sorrir-me, como se tivesse passado pela mesma experiência que este pelo que preciso ficar na minha. A resposta que creio receber é: "A civilização existiu do mesmo modo antes e depois."

Eu digo: "Mas, quando foi que floresceu? Quando foi que as suas artes e ciências atingiram o auge do desenvolvimento?" "Agora," é a resposta engraçada que me dá. Persisto uma vez mais: "Mas, em termos históricos? A civilização desvaneceu-se há milhões de anos, se bem entendo o que me diz." E diante dos meus olhos é lançado de súbito um mundo vivo dotado de óbvia indústria e realização: prédios, cidades, pessoas a passear pelas ruas, um profusão de animais a misturar-se. Eu habituei-me a partilhar as avenidas com cavalos, e ao pensar nisso, o filósofo acena com a cabeça: "Uma aceleração e uma continuidade desse tipo de confluência de homem e animais, só que numa maior igualdade de condições."

Em qualquer aspeto do que diz tem intenção fazer um comentário jocoso mas afeiçoado que não chega a compreender bem, ao empregar o termo latino de cavalo (Equus) e uma piada com a palavra do vocabulário Inglês que refere igual, mas não chego bem a acompanhar a graça. Ele mostra-me imagens resplandecentes de enxames de abelhas ao redor das flores, de insetos a esvoaçar de planta em planta. E então, imediatamente a seguir, brotando dessa imagem, vejo uma nave espacial a mergulhar no espaço profundo de planeta em planeta. "Um e o mesmo princípio. Aprendemos com os animais, com as plantas e com os insetos."

Começo a protestar.

Ele diz: "Tal como as abelhas andam de flor em flor, nós andamos de planeta em planeta."

"Mas eu estou a falar da história passada da Terra," digo. Mesmo da compreensão que tenho da ciência terrena desde a minha morte, a evidência do passado do planeta não inclui a quantidade de tempo que parece implicar. A terra não é assim tão velha."

Mas ao mesmo tempo que lhe comunico isso eu sei que a despeito de todas as evidências do contrário, a terra não é assim tão velha. "Mas, é impossível," digo eu, e os filósofos riem em conjunto e concordam comigo! E enquanto os encaro diretamente, eles respondem quase em uníssono: "É bem verdade." Um estalo na cara da lógica, creio bem, uma lógica que presentemente leva o meu rosto estampado. Eu torno-me mais teimoso e por um instante sinto uma estranha inversão de papéis, ao recordar os estudantes rebeldes que vez por outra protestavam em audiências enquanto eu procurava explicar uma dada matéria. Agora sinto-me como um desses estudantes, e o desconforto do processo.

Diante dos meus olhos voltam a relampejar imagens de mais civilizações do que eu podia contar, cada qual próspera, a usar o que parecia o mesmo planeta de modos diferentes, cada qual com relações diferentes entre o homem e as outras espécies, cada qual refletindo essas características por meio dos seus próprios idiomas e -- o mais esquisito de tudo -- a interpretar o estado de existência do homem em termos completamente diferentes. Quase vislumbro milhões de pontos reluzentes que parecem ligar esses mundos e mantêm cada um intacto enquanto fornecem uma tensão invisível porém que se pressente com que cada mundo se relaciona com o outro, porventura como uma teia de aranha multidimensional. Mas, uma vez mais, não consigo perceber.

"Como poderá qualquer ciência ou civilização compreender tudo isso?" pergunta o filósofo que também fala pelos outros. Ele responde a si próprio: "Na vida material, você só pode examinar a informação fornecidos -- as regras do seu próprio mundo -- e proceder a deduções com base nessa informação."

Este diálogo é imaginativo e ao mesmo tempo não deixa de não ser; quero dizer, é uma reconstrução de um vento real, um processo de aprendizagem com que frequentemente me deparo, só que traduzido para mim por meio

do meu conhecimento dos costumes ocidentais num edifício da imaginação tão fiel quanto possível dos eventos reais. Nesta condição em cada diálogo, quando de uma forma ou de outra me é mostrada a vastidão da realidade, geralmente sucede o seguinte. Fico bastante irritado, e sinto-me como um membro juvenil da assembleia, acostumado como estava a não conceder a mim mesmo poderes irrefletidos de intelecto e perspicácia.

Não consigo identificar exatamente o dilema psicológico, emocional e intelectual; ou a faculdade da minha mente que subitamente se abre assim que a própria frustração que sinto me inunda com uma quase agonizante sensação de incompetência e ignorância. Mas de repente a minha mente estremece com o abalo e torna-se em essência transparente, como se um milhar de véus que previamente a cobriam se tivessem dissolvido.

O que tem lugar não consigo descrever, por dificilmente eu próprio o entender. Talvez a lagarta que se transforma em borboleta os leve a sentir de certo modo o mesmo: tem início um processo de transformação, e por meio da nova abertura reduzida mas limpa da minha mente uma imensamente cálida mas não ofuscante luz brilha.

Quer essa luz tenha ou não algo que ver com a luz conforme a entendi na terra não o sei dizer, mas experimento-a como uma luz viva e dotada de inteligência que faz parte da presença atmosférica que mencionei antes; e ela transmite conhecimento, ou melhor, compreensão, por métodos desconhecidos para mim. Recebo compreensão como, digamos, como uma flor recebe luz do sol. Sou imensamente fortalecido, auxiliado, e as sensações anteriores de frustração e de tatear que sentira desvanecem-se.

Esses diálogos e encontros instrutivos sempre terminam dessa maneira, e não obstante o inconcebível número de visões de outros mundos - com ocasionais reduções do sentido que tenho da importância resultantes, em contraste com a vastidão cósmica que se desdobra diante dos meus olhos mentais - a despeito de tudo isso, essa luz viva do conhecimento parece despertar as mais pequenas porções do meu ser e brilhar de forma cálida através da janelas transparente cada vez maior que se abre na mente.

Após cada experiência dessas, sinto-me tipo uma jovem planta psicológica que está a ser tratada com cuidados à sombra enquanto se expões gradualmente à luz do dia real, quando anteriormente supunha que a sombra representava toda a luz do mundo. É como se uma cortina tivesse

sido posta ligeiramente de lado, de modo que depois não me sinta diminuído pelas visões que me tinham sido dadas, digamos, pelos filósofos. Irracional quanto possa parecer, por vezes interrogo-me se essas visões de certo modo não representam modelos psíquicos de uma realidade tão distante da minha quanto uma semente está para todas as gerações da sua progenitura. Será possível, por exemplo, que me estejam a ser mostradas imagens dos meus estágios completos?

Claro que eu hesito chegar a tais conclusões mesmo por tentativas. Contudo, estou igualmente bem certo de que existe uma ligação entre mim próprio, conforme eu sou, e as imagens que me estão a ser mostradas. Ocorreu-me que porventura os meus pensamentos moldem tais formas e padrões noutros níveis que não no meu; que todos os nossos pensamentos na realidade se encaixam quais quebra-cabeças eternos massivos, que atingem um outro tipo de existência que não a nossa, um outro tipo de perceção; que existem civilizações de "gente-pensamento" cuja realidade parece bem normal e natural para ela, conforme a vida terrena me terá parecido a mim, e ainda parece a vós.

Nesse caso veria universos-pensamento em que os meus próprios pensamentos tomam parte, por de facto não ter qualquer ideia para onde se dirigem os pensamentos quando deixo de os formular. Percebo isso como visões de sociedades povoadas e culturas de uma variedade infinita, objetivos, ciências e artes; nos meus termos, tanto da cultura como do passado, e de épocas paralelas que parecem brotar como estrelas cadentes de um dado momento. Na posição em que me encontro, sei que melhor será que não me interrogue se essas serão realidades físicas, correntemente operacionais. A questão parece-me ser -- em que contexto estarão esses mundos operativos, e estarão eles ligados a mim?

Eles poderão, uma vez mais, representar configurações mentais, aparentes em termos representacionais para minha própria edificação. Por vezes acho que sinto da forma como imagino que uma simples célula sinta, caso subitamente lhe revelassem uma visão do corpo inteiro na sua forma inteira; como se um óvulo pudesse vislumbrar a forma humana agigantada que brotasse do seu próprio desenvolvimento natural.

Estar-me-ão, pois, por alguma forma ainda desconhecida a mostrar um padrão que represente a própria forma de adulto futura que virei a ter, só

que numa escala inteiramente diferente; um equivalente mental do que na terra sejam processos normais de crescimento, mas que ocorram num meio mental, psíquico e espiritual?

Eu pensava que a vida na terra representava enigmas, mas os conceitos problemáticos (estimulantes) que vislumbro afeiçoam-se-me estonteantes. Por exemplo, vez por outra vagamente quando tais visões me são mostradas, sinto uma identificação de mim próprio ou de partes de mim próprio com as imagens espiraladas que vejo. Contudo, quando procuro localizar com exatidão a identificação, ainda o sinto, só que sem que seja capaz de o localizar em mim próprio. Quero dizer, a associação não parece estar envolvida, no entanto, subsiste um sentido irresistível familiar de natureza a mais íntima, a par de uma igualmente reverência estranha, por as configurações representarem uma grandiosidade e uma complexidade que é impossível compreender por completo.

Para tornar as coisas ainda mais complicadas, também sinto que essas visões (reveladas durante os encontros de instrução ou aprendizagem) também representam civilizações válidas do conhecimento dos vários filósofos, de modo que as imagens parecem representar alguma expansão ou desenvolvimento dos pensamentos em realidades discretas. Reflito nessas experiências depois das sessões terminarem, e por fim fico com as minhas ideias confusas quais nuvens a afastar-se de mim e a mudar de forma à medida que as perco de vida.

As nuvens mudam de forma, é claro, ao se misturarem com a atmosfera terrestre, e transformam-se em produtoras de chuva ou de neve, e embora a sua aparência exterior possa ser calma, ventos de enorme intensidade podem começar a rodopiar por dentro; e embora pareçam suficientemente sólidas quando vistas do chão, as suas formas desvanecem-se mais ou menos numa névoa e a sua solidez aparente cede, pelo que também me ocorre que, como as nuvens se combinam em diferentes padrões, em diferentes formas, e provocam condições diferentes, talvez os pensamentos operem da mesma forma.

Devem ter-me passado inúmeras ideias pela mente, contudo recordo apenas a pequena percentagem e identifico-me, evidentemente, com aquelas que mantenho como penhores relativos a mim, por providenciarem um sentido de continuidade. Mas depois dos meus encontros instrutivos, pressinto

igualmente outras ideias, igualmente minhas a zumbir ao meu redor, agrupadas sob determinadas formas se bem que não num contexto de tempo: acham-se igualmente presentes ou igualmente não presentes. Parecem formar configurações, pelo que me interrogo se serei, de forma completamente inadvertida, o centro psicológico de muitos mundos.

A assembleia de filósofos poderá passar por uma experiência similar, mas eu suspeito que não. Creio que eles sejam os professores, por assim dizer. Eles são atenciosos, contudo, cabe-me a mim responder a estas questões, e os outros filósofos simplesmente fornecem o meio através do qual a compreensão poderá ocorrer. Embora eu pareça o único estudante presente, senti frequentemente a existência de outros, tão invisíveis para mim quanto eu para eles.

É como se estivéssemos cada um provido de um cubículo de aprendizagem separado -- talvez para concentrarmos a nossa atenção. Tenho a ideia de que há gestos mentais comparativamente simples que me habilitem a ver os meus camaradas de aprendizagem - maneiras de espreitar por cima ou por baixo das paredes psicológicas que nos separam - mas até agora tenho estado demasiado absorvido nas minhas próprias experiência para o tentar.

Também deveria ser compreendido que estou unicamente a descrever as minhas próprias experiências. Num ambiente terrestre, suponho que isto representasse uma escola para filósofos. Outros poderão pouco se importar com este tipo de desafio com que me estou a deparar e ficar rapidamente maçados com a contemplação das complicações que surgem de tais combates filosóficos. Há outros que mergulham em vez disso em relacionamentos de carácter mútuo, e que realçam as inumeráveis interações emocionais possíveis, e as tecem em diversos tipos de existência e formam ligações psicológicas multidimensionais com outros. Tais diligências têm o seu próprio sabor porém encontrariam em mim um estudante impaciente.

Também poderá ser que a diferente matéria e escolas de investigação sejam apenas várias inclinações ou enfoques em que o mesmo material seja apresentado, concebidos nos termos do interesse principal dos estudantes e assim adaptado de forma a captar-lhe a atenção. Consigo imaginar um psicólogo qualquer amável, astucioso a afagar uma barba vivaz e a dizer aos seus associados: "Aqui o James imagina-se um filósofo pelo que lhe

vamos dar o gosto a conhecer, não é?" Se assim for, terei abocanhado mais do que consigo mastigar.

A FÉ BIOLÓGICA E A ORIGEM DA NATUREZA

Na terra, pensava que devotara muita atenção à natureza dos pensamentos e à ligação existente entre eles e a vida privada e nacional. Agora vejo que todos os eventos naturais terrenos - as suas estações, a diversidade inerente à sua manifestação e expressão - tudo representa uma Natureza interior inesgotável, que é mental ao invés de física, se é que podemos usar tais termos. O dado planeta com toda a surpreendente estrutura de criatividade em que as criaturas terrestres habitam, e que lhes supre todas as necessidades e exigências - tudo isso representa apenas uma faceta dessas capacidades da Natureza mais ampla.

Tal natureza, inicialmente mental impulsiona ideias para se tornarem realidades, regula-lhes o desenvolvimento e crescimento, e fornece a cada uma, uma vez mais, o seu mundo mental, psíquico e espiritual em que, uma vez mais, é expressada de forma natural e em que busca o próprio desenvolvimento. Também aí as exigências e necessidades psicológicas são satisfeitas e um estado de graça é seguramente fornecido em que a ação pode ser tomada sem cuidado; e com isto refiro - sem a antecipação de impedimentos. Isso leva-nos, evidentemente à fé, a qual conforme agora percebo, consiste numa condição de crescimento físico e biológico, assim como numa condição psíquica e espiritual. É como se a fé fosse o agente que desenvolvesse um negativo numa fotografia a cores, definida no compartimento escuro da mente; sem fé, os acontecimentos não "pegam."

O trabalho da minha vida proporcionou-me ideias dessas - só que infelizmente de um modo tão superficial que muita vez fé e intelecto pareciam ser quando muito, adversários, ou completos estranhos destinados a jamais se encontrarem e a descobrirem o seu terreno comum. Aqui, contudo, a fé é tão óbvia e tão sempre presente, os seus princípios são tão claros que me é dada uma visão em grande plano em que a importância da fé e as suas características são em definitivo reveladas como os agentes em que todo tipo de crescimento pode suceder de forma criativa.

Não me estou a referir ao falso otimismo estridente, pretensioso, e quase duro que na terra é por vezes exibido em nome da fé, nem mesmo a fé nesta ou naquela igreja, teoria ou escola, mas a uma fé que existe quer conheça ou não o seu objetivo, quer se encontre ou não associada.

Na medida em que a fé se aplica a tudo, então significa confiança na natural ordem da nossa existência, a sensação de que as condições para a existência conduzem em larga medida a ela; de que as necessidades serão satisfeitas dentro das circunstâncias dessa ordem natural; e que nós estamos aninhados e apoiados na nossa existência por uma Natureza qualquer mais vasta de que a ordem natural brota. Em tal meio crescem os ossos, as rãs, as estrelas e os filósofos.

Falo de um meio pragmático, psíquico e espiritual que se deve achar presente em cada célula, caso deva desenvolver-se com outras; por outras palavras, de um meio em que todos os eventos e ações tenham lugar. A expectativa de movimento está envolvida quer se trate de um movimento físico ou mental, ou de ambos, e uma liberdade de orientação em que a ação possa ocorrer. Quer dizer, a fé move-se por si só, ou promove o movimento e dissolve barreiras.

A fé-cega da criança opera fielmente numa visão interior biológica ou espiritual, desde que contenha a necessária crença na segurança para permitir o crescimento acelerado da criança, de forma que ela se estenda e explore, e seja suficientemente livre para exercitar a sua curiosidade. Por o desenvolvimento da curiosidade estar dependente de uma fé biológica assim cega; e por a curiosidade ser igualmente um dos fundamentos da criatividade.

A fé faz, pois, facilmente uma alegação biologicamente legítima. A carência de fé em qualquer área resulta num vazio de desenvolvimento, numa debilidade em que, por exemplo, a imunidade natural da fé se rompe e desvanece. A presença da fé constitui um agente ativo na promoção da saúde. No meu presente ambiente - uma vez mais semelhante a um dia de verão - a fé rodeia-me por todo lado, de modo que o seu apoio representa um dos elementos mais proeminentes na minha existência. Existe uma inteira ausência de situações de ameaça de todo tipo. Imagino que um estado desses seja igualmente carente em termos de desafio e de criatividade. Em vez disso, sou inundado por um sentimento de assombro,

curiosidade e ímpeto que jamais satura. Tão natural encontro agora esta fé que se torna difícil crer que não tenha feito parte consciente da minha constituição mental durante a vida. Antes pelo contrário, conforme anteriormente mencionei, dei por mim muita vez assaltado pela depressão, e embora me sentisse atraído pela fé também me preocupou que não tornasse num tolo da fé, em particular já que não encontrava qualquer elemento que pudesse de modo justificável associar á fé.

E para mim, independentemente dos sentimentos que tivesse, parecia que a fé estivesse em qualquer coisa.

A Democracia chegou quase a justificar a fé, a esse respeito. Ela era capaz de animar os homens a uma ação construtiva e melhor fundir o bem privado e público. A ciência e a religião no meu tempo cada qual competia pela fé do homem. Porém, a fé que esteja associada a um qualquer elemento, seja a igreja, o governo ou a ciência, sempre está em perigo, por numa ou noutra altura o objeto da fé deixar de a justificar e a própria fé se perder. Assim como certos tipos de homens podem associar a sua fé, tal como o seu amor, a uma série de "objetos" um atrás do outro, assim formando a fé completamente operacional; perdendo-a a cada passo para depois a encontrar de novo.

Em vida eu interessara-me muito por tais questões em particular quando a fé se encontrava associada a sistemas de crenças, por parecer florescer igualmente tanto nos ambientes mais auspiciosos quanto nos menos auspiciosos, assim como bem junto às mais patetas e às mais profundas das doutrinas.

Mas que é que se interpunha no caminho da fé, indaguei eu? E, se a fé possuía um valor biológico, então porque estava tanto em falta na maioria dos meus colegas? Mais que isso, a aparência da fé nem sempre era bem-vinda e muita vez surgia de forma bastante abominável, pois quantas pessoas tinha eu conhecido professavam fé na mais absurda e perigosa das doutrinas? Quantas formas de fé em virtude da sua exclusão?

Por exemplo, havia aqueles cuja fé negavam quer a alma quer o corpo, fixando os seus limites num ou no outro, mas assaltados por tal pequenez mental que os princípios da sua fé se evidenciavam em contraste apenas a área limitada do seu escopo.

Assim, o «Céu» estava fechado aos não cristãos e a crença em Cristo trazia muitas vezes filiação num clube espiritual exclusivo tão snob como o de qualquer londrino. Outros enquadramentos, como os orientais, incluíam uma fé que excluía milhões — os intocáveis — ou exibiam uma insensibilidade perante a própria vida em que o propósito da vida era escapar-lhe ou evitar qualquer repetição.

Assim, voltei a encontrar alívio na minha fé na ciência e na democracia, mas a fé, vejo agora, é uma qualidade mais geral, omnipresente, que é melhor não ficar presa a particularidades, embora possa a qualquer momento incluí-las no seu âmbito mais vasto.

Por outro lado, a fé é pessoal, íntima, e deve brotar do conhecimento inato do indivíduo acerca das suas ligações com a natureza, seguindo a ordem de existência em que nasceu. Cada pessoa nasce com esse otimismo espiritual e biológico, essa aura psicológica de segurança em que a existência tem significado precisamente porque cada indivíduo sente a presença de um universo pessoal no qual ele e toda a outra consciência têm significado, ainda que esse significado não seja intelectualmente compreendido.

Mas onde pode ser encontrada a justificação da fé se ela não reside no objeto do seu apego, ou se o intelecto, sozinho, não a consegue discernir? Pode ser descoberta através do exercício das intuições e capacidades criativas, e através das inclinações e tendências naturais do indivíduo. Pois sei agora, para além de toda a dúvida, que cada pessoa é dotada de fé e de discernimento naturais, com um ímpeto e uma orientação incorporados em que a fé biológica e a espiritual se fundem em igual medida.

Infelizmente, a ciência, a religião e a psicologia, com as melhores intenções, baralharam esse conhecimento interior e separaram o homem do uso prático da direção interna. A prova da existência da alma e da sua imortalidade não pode ser encontrada, como outrora esperei que pudesse, por qualquer ajuntamento de factos, mas sim através de saber direto, de experiência direta, que pode proporcionar uma compreensão desses eventos psíquicos — mas numa ordem de conhecimento inteiramente diferente.

«A prova está no pudim», e tais evidências resultariam, claro, num mundo muito melhor. Mas, mais importante, entretanto, cada homem ou mulher que consiga redescobrir a fé biológica e espiritual recebe evidência dessa antiga herança através de uma regeneração completa do corpo e da mente.

Quando essa regeneração fica aquém da meta, as compreensões não foram autorizadas a exercer-se em pleno. Uma experiência de «consciência cósmica» que negue a importância do desejo, por exemplo, está manchada, rejeitando o impulso que inicialmente a tornou possível, pois toda a criatividade nasce do desejo.

Esse facto é-me gloriosamente patente, embora a espaços, quando a luz inteligente de que falei antes por vezes irradia com uma profundidade de desejo quase para além do imaginável, como se o desejo fosse tão intenso que tivesse de se fragmentar em um milhão de segmentos, cada um formando uma vida, uma consciência, um ser. Esse desejo e a sua chuva de segmentos são eternos. Disso, na minha própria mente, estou segura.

Seguir o próprio desejo, cavalgar a impetuosidade da própria vida, eleva de facto o indivíduo à comunhão com esse desejo e poder muitíssimo mais vastos, não para a aniquilação do desejo individual, mas para a sua ativação noutros níveis de ser. E aí reside um paradoxo, pois aqueles que falam da morte do desejo e da assimilação do indivíduo no todo são muitas vezes as pessoas mais individualistas, as mais fanaticamente alimentadas, as mais excêntricas e unilaterais. Em muitos desses casos, é verdade, as suas compreensões, uma vez iniciadas, são desviadas. Mas, na sua forma mais pura, a fé natural procura a realização das tendências mais individuais e originais de uma pessoa e acelera, em vez de diminuir, o seu desejo.

Segunda-feira de manhã, 30 de maio de 1977

Portanto, a visão de um homem não precisa de ser idêntica à de outro, mas cada pessoa, interpretando a natureza da realidade através das suas próprias experiências e características, refletirá um segmento diferente e brilhará com uma tonalidade única, de modo que todas essas visões, tomadas em conjunto, possam sugerir a figura mais ampla do significado do homem, ao apontar, ainda que de forma exagerada, um aspeto peculiar que de outro modo passaria despercebido. Por conseguinte, cada pessoa deve confiar na sua própria natureza, pois, do mesmo modo, ela tem um propósito, focando de forma brilhante no mundo uma faceta do ser que, no quadro da vida, estava destinada a existir.

O bebé dá os primeiros passos em resposta àquela fé inata, biologicamente e espiritualmente enraizada, que incute confiança, responde à curiosidade e promove o movimento. A criança «sabe» que a sua fé está nas suas

próprias capacidades e intui as propriedades e os poderes dos seus membros, cada um dos quais possui a sua própria motivação para o movimento. As pernas querem pôr-se de pé, correr, usar-se; e cada célula do corpo contém o seu próprio impulso e fé biológica.

Quarta-feira de manhã, 1 de junho de 1977

Estou agora rodeada desse tipo de fé, só que aqui parece aplicar-se de maneira diferente. Isto é, tenho vontade de exercitar as minhas partes psicológicas como se o eu que conheci fosse um bebé em contraste com algum desenvolvimento ulterior pressentido. Sinto-me motivada a viajar por trilhos psicológicos em vez de físicos — cada um, porém, tão estranho para mim como o caminho da frente para o bebé que começa a gatinhar. Ao mesmo tempo, sinto-me suavemente incitada pelo próprio meio psicológico. A luz inteligente atrai-me espiritualmente para fora do mesmo modo que a paisagem de verão chama à terra as populações para piqueniques, desfiles ou simples passeios.

Os meus sonhos e memórias estão agora a ser combinados de maneiras diferentes das que vivi outrora. Existem agora na minha mente como blocos infantis numa sala de brincar, que podem ser feitos para formar mais do que um castelo, ponte ou aldeia de cada vez. É como se esses blocos de memória pudessem encaixar não só uns sobre os outros, ou de lado, mas cada um pudesse caber dentro do outro, e os próprios tamanhos dos blocos pudessem mudar, crescendo ou encolhendo.

Assim, sou encorajada a brincar com as minhas próprias memórias desse modo, ficando intrigada com os diferentes padrões que formam, mas mais — ficando maravilhada com os vários significados que podem ser, com toda a legitimidade, lidos a partir de qualquer um desses blocos. Isto assemelha-se a um alfabeto psicológico em que imagens, palavras e sentimentos sofrem estranhas transformações, de modo que compreendo que nenhuma memória é alguma vez uma coisa acabada, mas um elemento sempre mutável e sempre criativo que altera efetivamente o conceito de tempo passado, presente e futuro.

Mas agora alguma curiosidade desperta em mim, ou melhor, agora estou ciente dela, incitando-me à exploração psicológica, talvez esticando músculos psíquicos interiores; e estou imersa numa espécie de segurança e certeza deliciosas de que tal exploração é possível. Sei, por exemplo, que,

de um modo ou de outro, a mais simples das minhas memórias pode conduzir a um ponto de interseção incrivelmente distante, onde se abre para todas as outras memórias do futuro e do passado raciais do homem.

Estou mais do que ciente da necessidade — e futilidade — das analogias, mas é como se eu viajasse como um girino através da minha própria realidade psicológica, nadando pela corrente das minhas próprias memórias, que são multicolores e cintilantes; e, a certo ponto, chegarei ao mar aberto, à superfície do qual se erguem as linhas de costa psicológicas, as verdadeiras paisagens interiores — falésias e montanhas de tempo, memória e desejo. Nessa altura, talvez eu tenha mudado de forma, como o girino se torna rã. Mas quando alcançar esse oceano aberto estarei equipada com as guelras mentais que forem necessárias e aí a verdadeira mobilidade psicológica permitir-me-á transformar em «tecido vivo» (em quaisquer termos) o produto da vasta criatividade da minha mente; uma criatividade inata em cada um de nós, vivos ou mortos.

Civilizações poderão erguer-se ao meu aceno, pois o meu próprio eu ergueu-se outrora desse modo. Sinto, então, que a herança do homem é esta: que, de maneiras atualmente muito além do meu alcance ou atenção possíveis, o mundo físico e todos os outros são a poderosa emissão da nossa realidade psicológica; que estamos imersos nesta presença atmosférica ou luz inteligente, suave e continuamente estimulados e incitados a áreas adicionais de crescimento, perceção e compreensão; e que viajamos por mundos psicológicos em que as nossas experiências também formam automaticamente outras realidades — uma a girar através da outra, cada uma entretecendo-se cooperativamente com as restantes.

Tudo isto assenta no amor, mas não como ele possa ser definido em parte alguma; todavia, cada ser nasce do amor, quer, por exemplo, uma dada criança seja ou não nascida de pais sem amor. A semente da criança é formada, enfiada, e os cromossomas entrelaçados pelo mesmo amor que é característico desta luz conhecedora. Esse amor, na Terra, pode ser muitas vezes traduzido de modo sombrio, ainda assim, é apenas pela sua luz que a realidade vem à existência.

Quinta-feira à tarde, 2 de junho de 1977

A fé do homem na ciência ardia intensamente no meu tempo e vacila no vosso. Ainda assim, essa fé começou antes e demorará depois; e, tal como a

conheci, essa fé promovia ação, entusiasmo e curiosidade. Era estimulante e, sob os seus auspícios, as nações uniram-se em empreendimentos científicos construtivos. A democracia utilizou o estandarte da fé na ciência. Grandes corporações, como nações em miniatura, produzem bens antes inimaginados — terra, céu e oceanos sendo explorados à luz e através do ímpeto impelente da fé na ciência.

Mas, se é correto dizer-se que a religião assumiu uma posição de divórcio entre a razão e a fé, a ciência divorciou a emoção da razão — e aí residiu a sua maior falha, pois técnicas de investigação empreendidas apenas sob a luz fria da razão não podem ser aquecidas pela compaixão ou pelo amor, e o fim justificará sempre os meios. O fanatismo resulta, cientistas tão desequilibrados do lado da razão quanto qualquer sacerdote do lado da fé intuitiva apenas.

O cientista tem de reprimir as suas emoções e o sacerdote, a sua razão — pelo menos nos quadros institucionais convencionais. A fé acabará então por não encontrar justificação nem na religião nem na ciência; pois cada uma mostrará as suas falhas.

Tantas vezes na minha vida vesti os andrajos de uma fé falhada.

Quinta-feira à tarde, 23 de junho de 1977

Em vida, em parte alguma dentro de mim podia fingir que as tonalidades mais sombrias da vida não detinham demasiadas vezes o domínio, embora tivesse conhecido outros para quem esses matizes mais sombrios desapareceram, para todos os efeitos práticos, numa visão mais vasta e iluminada. Perguntei-me o que afetava o meu próprio temperamento para que os aspetos trágicos da vida me parecessem tão momentosos e o otimismo me parecesse muitas vezes, no melhor dos casos, apenas uma cegueira mais escura — pois, se alguém é cegado pela luz, tal luz é de facto uma zombaria inútil. Portanto, uma fé que encerra os magníficos campos da visão mental ou intelectual, que cega os fiéis a tudo salvo um único preceito, é igualmente traiçoeira.

Uma fé que transforma o seguidor num fanático está certamente alicerçada nas mais profundas dúvidas, pois tem de ser protegida a todo o custo. Tal fé fornece uma embarcação desajeitada, desesperadamente tripulada, ao mar no meio das ondas tumultuosas de crenças contrárias que devem parecer

lançar correntes traiçoeiras por baixo de cada posição de segurança e por toda a parte ameaçar os sobreviventes da fé.

Por conseguinte, não podia aprovar para mim uma fé que negasse a razão ou a tolerância, embora tal fé parecesse muitas vezes prática o suficiente para outros, a um primeiro ou segundo olhar. Ao exame, no entanto, tal embarcação de conceitos transborda do poder desleixado e inesgotável da dúvida não reconhecida, que irrompe sempre em nascentes triunfantes a partir de um inconsciente que percebe demasiado bem as realidades profundas, negadas, do sentimento sobre as quais navega a embarcação da fé. Os seguidores de tais conceitos têm de estar sempre a esgotar água, separando as suas crenças das dos outros e vigiando o herege no meio deles.

Quando, por exemplo, depositei a minha fé na democracia como a solução última, o salvador político da existência humana; quando mais exaltei as suas virtudes, mais alerta me mantive contra o que considerava serem os inimigos da democracia — em termos de outras sociedades ou governos, ou em termos daquelas tendências antidemocráticas que pareciam agir contra a igualdade do homem. Foi quando pus a minha fé na ciência que me pareceu que ela quase me traiu, pois cada atitude não científica surgia como uma ameaça — à ciência — mas, mais ainda, tornava-se um insulto ao meu próprio bom senso. Um homem pode cometer erros ao escolher uma amante, mas, se colocar mal a sua fé no mundo dos assuntos humanos, sente-se um tolo.

Faço tal afirmação com bastante facilidade, mas, ao fazê-lo, ressuscito velhos sentimentos e sacudo-os como quem sacode uma peça de roupa antiga, pois tais atitudes e emoções já não fazem parte do meu traje mental ou espiritual. Estão, no entanto, guardadas, intactas, no amplo roupeiro da minha experiência. E, embora reconheça demasiado bem o seu mau cair, a falta de estilo e os fios puídos, ainda assim eram hábitos de pensamento queridos. Passeio entre eles de vez em quando, escolhendo um para efeitos de exibição que em tempos eu teria envergado como traje normal.

Quando vivia no tempo, conseguia reconhecer tais ideias como o vestuário da mente, quando via outros a pavonearem-se com as mais recentes ideias ou teorias, ostentando-as como uma mulher o seu vestido de festa mais elegante ou um homem o seu melhor colete. Havia outros que vestiam a pobreza da mente com tanta virtude como um monge poderia vestir

andrajos, levando, porém, um letreiro mental que lia «Humildade», mas soletrava «Superioridade». Contudo, os meus próprios hábitos psicológicos permaneciam invisíveis, nem eu me dava conta de que envergava a minha melancolia todas as manhãs tal como o meu casaco, escolhendo o seu grau e qualidade como escolhia a cor das meias.

Era a minha proteção, não fosse a fé fazer de mim um tolo; não fosse, na minha busca do êxtase no homem, encontrá-lo em mim próprio e, portanto, não poder falar dele com voz objetiva. Pois, embora o invejasse e o desejasse à minha maneira, desconfiava do traje desordenado em que muitas vezes era exibido.

Admirei o excêntrico no homem, persegui o incomum, apreciei o bizarro e compreendi a integridade imperecível do indivíduo. Ainda assim, fundir essas ideias com a ação democrática e ver as massas do povo como manifestações separadas de almas imortais — tal foi a meta que estabeleci para mim.

Nos vossos tempos, a fé é ainda mais difícil de obter do que era nos meus. Mais do que nunca, muitas pessoas veem-se enredadas em teias de melancolia, vendo-se relativamente impotentes, não como vítimas heróicas de um destino caprichoso, mas, pior, como proscritos acidentais de um universo formado acidentalmente, no qual cada criatura é lançada contra todas as outras numa batalha pela sobrevivência que nenhuma pode, em última análise, vencer.

Num tal clima mental, como pode a fé ser encontrada ou justificada? Em resposta parcial, pelo menos, termino o meu longo discurso com três ensaios em que um indivíduo hipotético passa da melancolia à fé. Que esse movimento ficcional se torne facto para os meus leitores, e que essa viagem simbólica se transforme numa fé pragmática, prática o suficiente para compreender os factos da alma e sábia o bastante para ver através das ficções que rodopiam pelos corredores da ciência e da religião por igual.

Quarta-feira à tarde, 13 de julho de 1977

Tal como o corpo do homem serve de residência física e cada pessoa se relaciona com essa residência à sua maneira, também na mente os grandes estados de espírito do homem formam uma configuração psíquica que parece ajustar-se aos contornos da sua própria realidade subjetiva. Se essas «residências interiores», esses bairros psíquicos ou espirituais pudessem ser

vistos, então as pessoas atingidas pela melancolia poderiam ser assinaladas num instante, pois a melancolia separa o indivíduo dos seus semelhantes, ao construir à sua volta um fosso de medos e ressentimentos. Aqui não há a alegre casinha de uma alma para acolher viajantes, mas um castelo cinzento de paredes de pedra com janelas de cortinas corridas contra o sol. Lá dentro — assustado, altivo, zangado e só — o homem de temperamento melancólico observa, das mais altas muralhas, o panorama da vida quotidiana tumultuosa que decorre muito cá em baixo.

Bem compreendo o desdém orgulhoso que caracteriza essa meia-noite da alma, e sei como o próprio isolamento sombrio alcança um valor frio mas cintilante para quem assim é constituído. Muito da minha vida foi passada exatamente desse modo, quando a luz solar normal do dia, filtrando-se através dos meus medos, parecia a iluminação mais artificial, berrante, falsamente sedutora, prometendo vitalidade e as boas graças da natureza apenas para pôr em relevo a ganância dos homens e a predominante insensibilidade da natureza.

Os castelos são, pela sua natureza, grandiosos, se bem que húmidos, frios e cheios de passagens secretas, monumentos a gerações há muito mortas ou a tragédias em número demasiado grande para contar. Representam barricadas superiores para os instruídos, tal como, na sombria Idade Média europeia, os nobres nas suas baronias se protegiam contra os camponeses e perpetuavam o seu próprio grande estado.

Em tais edifícios, vestígios do passado alinham paredes e corredores — armaduras de cavaleiros, espadas cruzadas, retratos antigos — e, em gavetas esquecidas, jazem pergaminhos descrevendo guerras ganhas ou perdidas, alianças feitas e desfeitas, reivindicações e contra-rreivindicações de senhorios já inexistentes. Assim o homem de mente melancólica coleciona, meticulosamente, velhos rancores e, a partir deles, ergue monumentos que continuamente lhe recordam amarguras passadas.

Quinta-feira de manhã, 14 de julho de 1977

Esses ressentimentos não têm de ser pessoais, como os que um homem irascível poderia ter contra os vizinhos, pois muitas vezes apresentam um tom grandioso de coloração trágica, representando rancores intensos contra as condições da própria vida. O homem melancólico está zangado com o universo, mas, sem modo de retaliar contra ele, vê-se reduzido a resmungar

e a murmurar por entre dentes. Coleciona exemplos da aparente insensibilidade da vida, da crueldade da vida, das imperfeições do homem e, enquanto o faz, sente a maior virtude. Ao menos está a tomar notas. Alguém está a pedir contas ao universo.

Idiomatismos como «Deus está no Seu céu e tudo está bem no mundo» fazem-lhe ranger os dentes. No olho incandescido da sua mente, vê os pobres sem roupa, os ignorantes, o mundo belicoso dos homens inscrito no cenário mais lúgubre e vasto de uma natureza glutónica que cria espécimes individuais apenas para os destruir, preservando a espécie pela aniquilação das suas partes vulneráveis.

A própria vida parece uma troça, já que há de ser tirada — os estragos da idade enrugando o rosto mais jovem até o reduzir a um oval seco de ameixa-seca, e as sensações de invulnerabilidade da juventude a desfazerem-se demasiado depressa nas areias movediças de medos justificados. Daí retirar-se para o castelo mental, olhando com tristeza dos altos contrafortes enquanto, lá em baixo, os camponeses tratam dos seus assuntos diários, tagarelam no mercado e louvam a Deus, bradando hinos de tolos enquanto os padres engordam à sua custa. Ou assim lhe parece.

Nem consegue ver que a ciência ofereça quaisquer esperanças, uma vez que o cientista está maculado pela sua própria humanidade; tem ele próprio a doença de que o mundo sofre. Como pode o cientista, então, pretender ter mais razão do que os outros homens, visto que está afetado pela lama emocional da humanidade?

Assim pensa o nosso homem melancólico nas suas horas mais negras. Para provar o seu ponto, visita de quando em quando o calabouço do castelo, onde, do passado europeu, obscuras doutrinas da religião e da ciência se fundem para fazer o pior: Frankensteins erguem-se para enfrentar a aspiração orgulhosa da ciência, e o cientista, ao mexer nos desígnios da evolução, traz à luz bestas que não são animais nem homens.

Ainda assim, de vez em quando, mais frequentemente do que admitiria, o nosso senhor do solar é atraído para a companhia dos seus semelhantes. Anseia por se juntar às multidões dançantes lá em baixo. Espia flores a crescerem mesmo nas fendas rochosas do seu refúgio. Deixa-se tocar, apesar de si próprio, pelo calor do sol quando este circunda o castelo como que procurando entrada. Chega até a imaginar, por vezes, que as paredes

interiores estão mornas onde, no exterior, o sol, ainda que por um momento, pára num ponto; e, a sós, tenta aquecer as mãos contra a pedra.

Mas ceder seria derrota, significaria dar aceitação tácita às condições da vida — por isso afasta-se, irritado, para onde, em solidão mais profunda, possa ruminar sobre os pecados de Deus contra o homem, a malícia da natureza e a futilidade do seu próprio raciocínio.

Embora o quadro que pinto seja exagerado, alguns homens são capturados pela melancolia a este grau extraordinário, enquanto outros permitem que as suas vidas sejam ensombradas pela mesma lugubridade que se insinua nos sonhos, apaga as aspirações e transforma a mais acolhedora casinha mental num edifício de pedra escura erguido em bosques ameaçadores.

Nenhuma alegria pode mitigar o seu desespero, nenhuma relação confortar os seus medos enquanto o nosso homem melancólico se amuar dentro dos limites das suas barricadas. Tal sujeito não tem fé nem em Deus nem no homem. Em certa medida, faz eco das dúvidas no coração de cada homem. É um perfeccionista, mas daqueles que procuram as nódoas e ignoram as tendências para a excelência que aparecem com clareza a outros homens menos escrupulosos, que não as comparam tão drasticamente com um ideal rígido ao qual o universo tem de se conformar — ou então!

No entanto, a solidão pode impelir para fora até o mais melancólico dos homens, pois, dentro do castelo do desespero, o coração e os pulsos enfraquecem. O rosto empalidece. As mãos e os membros tremem, até que tudo o que é natural no homem acaba por clamar por luz, calor; e ele é impelido, como um animal da sua caverna, para o mundo, em busca de alimento e contacto com os seus semelhantes.

Com que repugnância emerge o nosso amigo, com que trepidação transpõe o seu fosso enquanto crocodilos das suas piores imaginações estalam os dentes mesmo por baixo dos seus pés. Há de, com toda a certeza, rebentar uma tempestade; acabará a correr de volta para o castelo, com o casaco em farrapos, porque as gentes da vila lá em baixo hão de, sem dúvida, juntar-se para o apedrejar ou insultar. Assim vão os seus pensamentos ao emergir, cobrindo o desconforto com um ar calmo, frio, altivo e digno, e enrolando o cachecol ao pescoço esteja o ar quente ou frio.

Ao princípio, está por toda a parte rodeado de nevoeiro, e compara sombriamente a sua posição à da humanidade em geral — colocada,

isolada, num universo acidental, a mente torta sobre a carcaça da herança animal, mergulhada em superstições de deuses e demónios. Pois, apesar de toda a sua aparente independência de pensamento, o nosso homem melancólico está imerso no mesmo tipo de lama que vê com tanta clareza noutros lugares.

Ele aceitou, da ciência e da religião, as crenças mais nefastas e insidiosas, e não examinou as suas incoerências. Parando, olha para a aldeia, que agora surge através de uma pequena nesga de céu limpa de nevoeiro, e vê seres humanos, formados por acaso, nascidos sem razão e, ainda assim, condenados por um Deus vingativo — ou por uma natureza vingativa —, os seus esforços irrisórios inúteis e até as suas melhores tentativas de raciocínio a mostrarem, por contraste, a superficial idiotice da mentalidade humana.

Ainda assim, a curiosidade, há muito negada, sacode-o para a frente com passos irregulares. Escrutina a cena, que se torna mais nítida à medida que as suas intenções de explorar formam, dentro da mente, um vento ativo, agitado, revigorante. O nevoeiro dissipa-se. Encontra-se nas faldas das colinas e, ali perto, agrupam-se as cabanas dos camponeses e o pequeno mercado. Mas não; à medida que a visão se esclarece mais, apercebe-se de que tem vindo a projetar velhos conceitos românticos e memórias sobre o que é, na verdade, um cenário moderno.

A melancolia não conhece nacionalidade, mas a melancolia de um homem é matizada pela sua nacionalidade, pois é a moldura em que se encaixa a sua composição mental. Assim, parece-me que a melancolia alemã transporta a mais profunda passividade. Os chineses, pelo meu escasso conhecimento dos seus assuntos, dispõem-na com mais graça e refreiam-na formalmente. Os franceses glorificam a sua melancolia, mas a dos americanos é a mais pungente, aguda e imperiosa.

Pois nesse país, mais do que em qualquer outro, os ideais dos homens — recém-nascidos após séculos de dores de parto — encontraram os seus medos mais profundos. As esperanças foram elevadas para além da capacidade humana de as concretizar, e todos os poderes simbólicos do bem e do mal, tal como existem nas mentes dos homens, investiram de frente uns contra os outros.

Assim, o nosso homem melancólico, ao abandonar o castelo, detém-se em espanto. Das suas janelas imaginara os camponeses a tratar das suas rotinas medievais. Em vez disso, eis uma cidade fervilhante: indústria, brados galvanizantes de operários, portos com navios talvez recém-chegados, homens e mulheres a roçar cotovelos nas ruas. Longe de o ridicularizarem, ninguém lhe dá a mínima atenção.

As faces ardem-lhe de humilhação. Ninguém repara. À medida que prossegue, porém, a situação muda. Aqui e ali, algum homem ou mulher sorri-lhe ou deseja-lhe bom dia, como se o mundo fosse razoável, como se aquelas pobres criaturas não soubessem do atoleiro em que a espécie se encontra decerto enredada. Crianças brincam nos passeios e nas sarjetas. O nosso amigo dá por si maravilhado com a ousadia delas, a despreocupação. Uma formiga cruza o passeio, segura de que alcançará o outro lado embora, por todo o lado, sapatos e botas troem para cima e para baixo, ameaçando não só a viagem da formiga como a sua própria existência.

A princípio, toda essa atividade põe os nervos do nosso amigo em franja. Diz a si mesmo, de novo, que o mundo é um mecanismo acidental, à deriva num universo indiferente, e o que ouve e sente agora não passa da azáfama do motor do mundo, que acabará por abrandar. Ainda assim, apesar de tudo, o seu coração acelera. Responde. Se não há Deus nem universo de boa índole, ao menos sente dentro de si uma nova determinação e impulso.

Tendo deixado o seu castelo e não encontrando casa em parte alguma, tornar-se-á viajante. Certamente não será de se juntar a grupos, mas observará o mundo de primeira mão, para ver se justifica ou não a sua baixa opinião dele. E, quando toma essa decisão, a melancolia afrouxa o seu aperto rígido.

Não se torna subitamente jovial nem desenrola o cachecol, mas, de vez em quando, permite-se um sorriso. Além disso, agora olha o mundo diretamente, em vez de por detrás de uma barricada, como antes. Em maior ou menor medida, os acontecimentos do mundo chamam-lhe a atenção, ainda que apenas o escandalizem ou divirtam.

O seu descontentamento já não se alimenta de generalidades: depara-se com incidentes concretos a que pode — e efetivamente — reagir. Continua a colecionar injustiças e a agitar mentalmente os punhos contra o universo. Contudo, apesar de si, descobre compensações que antes ignorara, de modo

que, de quando em quando esquecendo-se de si, pára para ver uma criança ou um animal a brincar, deleita-se com o calor do sol que agora lhe incide diretamente nas faces, ou maravilha-se com um bom almoço ou um bom charuto. Estas «fraquezas» alarmam-no. Redobra a resolução de se manter sóbrio e repreensivo, de não deixar Deus ou o universo escaparem impunes a nada. Mas, apesar de tudo, a sua melancolia já se temperou, e a sua própria boa índole começa a despertar.

15

FÉ E COINCIDÊNCIA

Sexta-feira à tarde, 15 de julho de 1977

A fé é simultaneamente ativa e passiva. Atua ora como estimulante, ora como tranquilizante. A sua ação no corpo promove exatamente as alterações biológicas necessárias para assegurar saúde e vitalidade, de modo que os pulsos podem acelerar-se ou desacelerar-se, as hormonas ativar-se ou aquietar-se. A fé provoca as respostas biológicas mais específicas suscitando um sentimento geral de otimismo, segurança e liberdade. Devolve, assim, o indivíduo, por tempo que seja, à condição primordial de crescimento, curiosidade e aventura em que esteve imerso enquanto criança.

Essa condição é ditosamente livre, porque não reconhece impedimentos. Ai do pobre recém-nascido que viesse ao mundo sem estar munido de fé natural, pois seria travado de imediato, horrorizado com as infinitas manobras necessárias à locomoção, desalentado e em desespero quanto às hipóteses de crescer plenamente, se o seu pequeno tamanho e vulnerabilidade não fossem superados por uma certeza interior de triunfo e pela disposição para aceitar o desafio.

Aos olhos da fé, então, os impedimentos desaparecem — não porque a pessoa seja de súbito acometida por uma tolice de tolo que a cegue a eles, mas porque se esfumam à luz do seu recém-achado sentimento de desassombro, liberdade e certeza. Simplesmente já não tem medo. A cobardia desvanece. Entra na sua verdadeira herança. Como um viajante cansado que repousou, toma de novo a mochila e segue alegremente,

passos mais leves, a cobrir o dobro do caminho no mesmo tempo de antes e a perguntar-se, talvez, que terrores imaginados haviam antes tornado a jornada tão assustadora. Com efeito, a sua anterior realidade psicológica pode agora parecer-lhe destituída de sentido: como pôde preocupar-se tanto com salteadores na estrada, ou com a possibilidade de não encontrar pouso, ou definhar ao pensar na colina que se avizinhava, de tal modo que a sua altura se multiplicava em etapas?

Mas, então, em que pode o nosso viajante encontrar fé? Bem pode sentir que ciência e religião o traíram. Pode ser-lhe impossível, por nada deste mundo, acreditar num Deus convencional personificado, de barba branca esvoaçando nas nuvens e dedo bendito a indicar direções celestes. Na verdade, ao ver tal aparição, o nosso homem moderno talvez caisse logo para o lado, certo de que o demónio do psicólogo, a esquizofrenia, se abatera sobre ele. Pois a voz que outrora se considerava ser o pronunciamento de Deus a falar pelos mortais tornou-se o mais terrível dos monólogos autoenganadores e, se Deus falasse a um Moisés moderno do meio dos ramos de um arbusto e depois lhe pegasse fogo, o nosso profeta chamaria primeiro um psicólogo e, em seguida, os bombeiros.

Assim, o nosso viajante não pode clamar pela ajuda de Deus à maneira antiga e, mais ainda, pode sentir-se embaraçado com o impulso de o fazer. Se lança olhares de lado para uma nuvem particularmente majestosa, não se permite saber as razões do gesto. Se grita — em silêncio — apesar de si, «Ó, meu Deus», precisamente quando está prestes a cair, e depois não cai, mas vê os pés inexplicavelmente firmes, sorri, abana a cabeça e agradece à natureza da coincidência.

É que a psicologia tornou-o receoso do sentimento religioso. O intelecto permitiu-lhe ver através tanto dos gaudy carnivais da religião como das suas soturnas peças de moralidade. Assim, agradece à coincidência a sua salvação e segue caminho. Um viajante num universo acidental precisa, de facto, de ter a coincidência do seu lado, pois é a coincidência que dita que árvore o raio atinge e qual poupa; por isso convém muito que o nosso viajante, correndo para abrigo na tempestade, saiba de que lado está «barrada» a sua coincidência.

As religiões oferecem guloseimas de fé empacotada, vendidas ao longo da estrada por vendedores de túnica. Do outro lado, cientistas de bata branca distribuem doutrinas simples e sólidas — o novo pão-e-manteiga para as

massas — e desdenham as lojas melífluas dos fabricantes de fé. Mas o nosso viajante descobre que nenhum desses alimentos nutre em grande coisa e, à medida que consome as várias ofertas, a fome aumenta em vez de diminuir.

Nem o nosso viajante hipotético está só. Está rodeado por cortejos de semelhantes, queira ou não. Há carros alegóricos, bandeiras, exércitos, plintos cintilantes. Os pavoneados, dançarinos, coxos, risonhos, velhos e novos, todos se veem a esbarrar cotovelos mentais — crenças, fés, dúvidas. Muitos marcham em cadência. Outros, como o nosso viajante, param, perdem o passo, demoram-se em excesso numa ou noutra banca a provar as mercadorias, empanturram-se de todas as teorias embaladas disponíveis para, de novo, se descobrirem mais esfomeados do que antes.

Assim, a fé parece uma impossibilidade, pois, se religião, ciência e filosofia falham, onde colocará o nosso pobre homem a sua fé — se é que ainda resta algum resquício dela? Em desespero e aflição, o cientista pode voltar-se para a religião, o sacerdote para a ciência, o homem emocional para a razão ou o intelectual para o sentimento. O desportista pode, de repente, mergulhar em periódicos eruditos, o académico descobrir o campo de jogo, a freira tornar-se meretriz e a prostituta baixar decorosamente as saias e converter-se em modelo de moralidade. Mas, no fim, tais esforços costumam trazer apenas um otimismo falso e desesperado, uma fé postiça que tem de se defender de ameaças implícitas até nada parecer digno de fé e ela parecer não ter justificação.

Que deve, então, fazer o nosso viajante? Pois parece, com efeito, que percorre uma estrada partilhada com outros, numa viagem sem propósito aparente para um fim que, no melhor dos casos, é inglório.

Antes de mais, pode começar a pensar e a sentir por si próprio. Pode partir da posição presente: afinal, está vivo, numa estrada que vai dar a algum lado; está em movimento. Pode decidir deitar fora todas as teorias que lhe dizem para não confiar nas próprias intuições, sentimentos ou raciocínios e, assim, começar a examinar-se de um modo que antes não era possível.

Se a existência é, com efeito, acidental, pode notar que possui características notavelmente ordeiras. Cada pessoa cresce de bebé para cima, por exemplo, como se toda a coisa tivesse sido planeada. Além disso, o nosso viajante pode notar que, durante todas as suas ruminações e

confusões mentais, o corpo continua a mantê-lo vivo e razoavelmente confortável; transpira quando está demasiado quente e continua as funções normais como se tivesse alguma informação íntima que lhe está vedada. Assim, começa a olhar para o seu próprio equipamento, que é, afinal, pessoal, vivo — não o corpo, mas o seu corpo — e parece saber para onde vai, saiba ele ou não.

Para mais, enquanto dorme à beira da estrada, o nosso viajante é frequentemente despertado por sonhos estranhos, como fogueiras mentais a arder com o conforto mais quente no meio da floresta gelada dos seus medos. Desperta de estalo, aquece-se e fita o círculo do fogo onde, eis senão quando, saltam imagens deslumbrantes. Então questiona: estará a dormir ou acordado? Pois as imagens oníricas podem falar-lhe ou mostrar-lhe, com imensa nitidez, cenas do seu próprio passado. Mas, quando a coisa termina, interroga-se. Os sonhos sugerem-lhe, muitas vezes, que siga em certas direções ou que faça alterações nos planos.

Hesitante, tenta seguir essas sugestões, cobrindo o caminho com racionalizações apropriadas. Pois, se as direções estiverem erradas, ao menos oferecem recomendações ainda não tentadas; e são, afinal, as suas próprias direções. Durante algum tempo, pode atribuir quaisquer resultados corretos ou positivos à coincidência. Mas a coincidência, ao que parece, está mais fiável do que dantes.

O corpo, embora cansado, lá prossegue, e ele repara na sua fiabilidade, quando antes o importunava por não andar mais depressa ou receava que não acompanhasse os demais. Um segundo fôlego parece vir-lhe, e por vezes um terceiro ou um quarto. De quando em quando, do nada, enche-se de uma nova flutuação, energia adicional, exaltação e entusiasmo súbitos — assim renasce a fé num homem, aos saltos e aos arrancos, à medida que começa a confiar na sua própria natureza e nos termos da sua existência privada.

Quarta-feira de manhã, 20 de julho de 1977

O nosso viajante repara finalmente que, quando confia em si próprio e na sua natureza, sente estranhas agitações a puxar e a tugir na consciência; impulsos para fazer isto ou aquilo, para ir mais depressa ou mais devagar, como se, qual puro-sangue de corrida, antes tivesse sido demasiado nervoso e sensível e agora, de repente, sentisse nas costas um novo

cavaleiro que sabia o que fazia, olhava em frente e o preparava para quaisquer barreiras, o desviava em segurança e, no conjunto, melhorava consideravelmente o seu desempenho.

Experiências posteriores revelam, porém, que cavalo e cavaleiro são um só, ou corpo e alma em conjunto. Onde antes um parecia puxar contra o outro, agora ambos estão suavemente sincronizados e, em vez de recear uma jornada desconhecida, o nosso viajante sente-se agora cheio de entusiasmo e ânimo, sabendo que a natureza trabalha com ele e não contra ele.

Além disso, esses estranhos frémitos da consciência parecem levá-lo para além da pista conhecida e, por vezes, a sua perceção sente-se contínua com toda a própria natureza. Os seus movimentos tornam-se tão fáceis, transparentes e sem esforço que começa a compreender outra coisa: a sua consciência não cavalga a sua natureza animal, como por um tempo pareceu, mas, antes, a sua consciência é contínua por todo o corpo e estende-se também ao resto da natureza.

O nosso viajante vê que não está numa jornada nem numa corrida, mas envolvido num curso de ação, e pode pressentir vagamente uma bancada e ouvir vozes que lhe gritam encorajamento e sugestões. Percebe que a bancada é simbólica; ainda assim, quando imagina que a sente, as sugestões e dicas tornam-se mais claras e sonoras — dirigidas, ao que parece, só a ele. E essa assistência não se limita a conselhos.

Por vezes, apanhado por um humor de desilusão ou cansaço, clama mentalmente por ajuda. Espantosamente, vê-se agraciado com um benefício de outro modo inexplicável: energia súbita ou saúde, ou a solução para um problema. E tem quase a certeza de que essa assistência vem de fora do curso normal dos acontecimentos.

Talvez, por um instante, a sua consciência salte para além de si mesma, subindo em rápida ascensão acima da pista da estrada até aquela dimensão superior. A posição privilegiada permite-lhe visões vertiginosas de vastidão nunca antes entrevista, e sente-se na pista e acima dela ao mesmo tempo, no decurso dos acontecimentos e fora dele simultaneamente. Mais do que isso, sente uma Natureza extraordinária, sobrenatural, na qual a sua própria existência se acolhe com segurança, e um curso de acontecimentos de proporções gigantescas do qual emergem os eventos comuns.

Nada disto é realmente assim tão simples, claro, e o nosso viajante nem sempre está exuberante, mas, no geral, sente menos medo e é mais arrojado. Pois, se os sonhos mais privados de um homem podem trazer mensagens que o apontam na direção certa, se os seus palpites podem por vezes revelar-se valiosos no mundo objetivo, então parece haver algo de natureza salvadora na sua própria realidade subjetiva, um poder que, ao menos ocasionalmente, o eleva acima dos seus erros.

Começa a dar maior atenção às coincidências e apercebe-se de que elas são instâncias isoladas de um tipo diferente de ordem, parcialmente invisível, representando, talvez, interseções daquela dimensão superior pressentida com a física. Suspeita que, concentrando-se em tais instâncias, poderá descobrir que representam aqueles padrões de ação mais vastos que o ligam à sua bancada simbólica e ao público que por vezes o aclama.

E, se um sonho pode ser significativo, iluminado de boa intenção, como pode o universo — a estrada, ele próprio e os outros viajantes — ser acidental, surgido do nada sem motivo e avançando para o nada? Em teste, chama pela bancada. Musas, personagens imaginativas ou imagens projetadas que espelham alguma desordem mágica da alma — ainda assim, sente uma resposta, um alívio da ansiedade, uma exuberância de coração.

Mas o que mais o impressiona é a sensação de que alguém ou algo no universo o está a incentivar, de que existe algum tipo de poder fora do seu curso presente de acontecimentos e de que, quando o invoca, esse poder pode inserir-se no mundo, transformar a sua realidade até certo ponto, operando através da própria natureza.

No fervor de encontrar respostas, o nosso viajante começa a ignorar todas as autoridades com as quais já desperdiçou tanto tempo. Ao fazê-lo, repara em coisas que antes lhe pareciam triviais ou laterais às suas preocupações. Um esquilo pode, por exemplo, disparar pelas copas das árvores ali perto, a recolher nozes para armazenar para o inverno. O nosso viajante maravilha-se de como o instinto cego prevê tão bem a neve da próxima estação no meio do clima ameno do dia e, se ainda lhe resta uma centelha de emoção viva, fica tomado de um humor maravilhoso perante este e outros incidentes semelhantes.

Sexta-feira à tarde, 22 de julho de 1977

As visões que os homens têm da fonte da natureza podem variar. Podem ser pobres ou sublimes, pois serão como instantâneos tirados pela câmara visionária das intuições e nenhuma câmara é igual a outra, variando os nossos viajantes também na proficiência como fotógrafos. Além disso, essas visões de Deus devem aparecer sobrepostas num filme já predisposto, como que por substâncias químicas mentais, a captar certos tipos de imagens em detrimento de outras.

O desportista pode imaginar um Deus vencedor; o soldado, um Deus da guerra; o medroso, um Deus de retaliação. O homem interpretará esse poder, então, através da sua própria natureza individual e as suas conceções evoluirão com a sua experiência e compreensão.

Os que viajam para países estrangeiros são muitas vezes inveterados tiradores de fotografias. Pessoas tão amadoras que se envergonham das próprias fotos querem, ainda assim, ter algumas para mostrar ao regressar a casa; assim, talvez comprem bonitos postais, tirados por um fotógrafo profissional nas melhores condições: o sol a brilhar, o céu de um azul puro. Tudo será pitoresco, mas faltará tristemente o toque de autenticidade patente até na pior fotografia do próprio viajante. No dia da visita dele, o céu pode ter estado nublado ou a chover, e os edifícios podem ter sofrido alterações várias desde a altura da fotografia do postal.

Assim, embora exista uma ligação geral entre a experiência do viajante e a fotografia do fotógrafo, o nosso viajante, ao regressar, saberá a diferença, mesmo que tente convencer-se de que o que viu coincide com a imagem do postal.

Pois, «por acaso», o inverno voltará mais uma vez, seguindo as folhas alaranjadas do outono com progressão perfeita. «Por acaso», as aves iniciarão as migrações com uma pontualidade quase miraculosa. Os animais engrossarão as pelagens para a vaga de frio, sem lerem boletins meteorológicos. E, sem precisar de deliberar consigo mesmo, o viajante sabe que o seu próprio sangue se tornará mais espesso. O corpo humano, sem penugem, adotará procedimentos internos contra o frio que se aproxima, conservando o seu calor. E, apesar de tudo o que ouviu em contrário, fica num relâmpago convencido da boa intenção do universo, do seu lugar legítimo nele, e pressente que a sua existência e o mundo

irrompem de outra fonte que está dentro e fora do quadro natural ao mesmo tempo.

Como pôde ele, antes, acreditar no «eu pecador» da religião, nas histórias de um Deus vingativo, ou no universo mecânico e acidental da ciência? A fratura entre intuição e intelecto fecha-se; estão unidos, a sua atração mútua consuma-se e as diferenças esquecem-se. Todos os frêmitos e agitações da natureza parecem agora encontrar resposta dentro dos seus próprios sentimentos.

Sabe que ele e o universo estão unidos e, ainda assim, são distintos; que alguma força extranatural está simultaneamente dentro do mundo e aparte dele, e o casamento do intelecto com a emoção gera uma descendência de máxima consequência: o nascimento de uma fé que é, de facto, gémea da primeira fé com que o nosso viajante foi em tempos dotado. Esta fé, porém, é fé-com-conhecimento, ao passo que a fé do bebé não precisa de contender com as maneiras do mundo do mesmo modo que o adulto indubitavelmente tem de fazê-lo. Esta fé, como o segundo, terceiro ou mesmo quarto fôlego do corredor, é ainda mais exuberante, pois existe apesar do conhecimento do curso ordinário do mundo e dos impedimentos erguidos pela ignorância ou pelo erro.

O mesmo mundo material rodeia agora o nosso viajante tal como nos seus tormentos anteriores. Continua a caminhar pela estrada, cercado pelos seus semelhantes e, de ambos os lados, alinham-se os vendedores de várias doutrinas. A rua está ladeada por lojas, universidades e igrejas. Ainda assim, o que lhe chama a atenção são os acontecimentos simples, não autoritativos, que deleitaram a sua infância: o gozo direto e a experiência do corpo e da mente, a confiança nas suas realizações, a constante vivacidade dos animais e todo o comércio cooperativo do mundo natural.

Esse mundo natural, e a sua própria experiência subjetiva dentro dele, bradam com vozes múltiplas que a sua existência e a dele não podem ser acidentais, mas partilham uma solicitude, uma boa intenção, que é patente em toda a parte. E essa fé promove no nosso viajante exatamente as condições necessárias ao seu sustento. A comida não lhe aparece milagrosamente do ar — uma mesa posta com um banquete —, mas sabe com igual certeza prover a si próprio como o esquilo, e reconhece essa verdade, não precisando mais de se preocupar. Limita-se a seguir os ditames da sua natureza, confiando em que o mesmo poder que o pôs na

estrada — mente e corpo num só pacote vivo — não é menos benévolo para consigo do que é para com as outras criaturas vivas do mundo.

Nesse momento de confiança, ele e a sua experiência transformam-se. Olhando em redor, vislumbra sinais dessa confiança a tentar despertar-se nas religiões e nas ciências por igual, mas percebe que, apesar dos seus méritos, as instituições só podem falar em termos gerais a qualquer indivíduo, e que a vida de cada homem o envolve num confronto direto com o universo, em que ele tem de, em última análise, confiar tanto na própria natureza como na fonte desconhecida de onde ela brota. Essa fonte maior dá-se a conhecer através da pessoa viva no seu viver e no seu morrer, e fala diretamente através da sua própria natureza. Só essa verdade pode iluminar e dar sentido aos factos do mundo conhecido. É, em última instância, impossível confiar em Deus e desconfiar do eu, ou vice-versa.

Tal fé não é cega, porém, pois a experiência demonstrará que é mais factual do que qualquer fórmula matemática. Ficará patente através das mudanças benéficas que traz à vida de uma pessoa, pois a fé não promove apenas saúde, vitalidade e compreensão, mas um tipo de realização que produz uma transformação global, trazendo a florir capacidades e características da mais heróica natureza que antes permaneciam latentes e por usar.

16

AS VISÕES DA FÉ

Sexta-feira à tarde, 22 de julho de 1977

As visões que os homens têm da fonte da natureza podem variar. Podem ser pobres ou sublimes, pois serão como instantâneos tirados pela câmara visionária das intuições e nenhuma câmara é igual a outra, e os nossos viajantes variam na proficiência como fotógrafos. Além disso, essas visões de Deus devem surgir sobrepostas num filme já predisposto, como que por reagentes mentais, a captar certos tipos de imagens em detrimento de outras.

O desportista pode imaginar um Deus vencedor; o soldado, um Deus da guerra; o receoso, um Deus de retribuição. O homem interpretará esse poder, então, através da sua própria natureza individual e as suas conceções evoluirão com a sua experiência e entendimento.

Os que viajam para países estrangeiros são muitas vezes inveterados tiradores de fotografias. Pessoas tão amadoras que se envergonham das próprias fotos querem, ainda assim, ter algumas para mostrar ao regressar a casa; assim, talvez comprem bonitos postais, tirados por um fotógrafo profissional nas melhores condições: o sol a brilhar, o céu de um azul puro. Tudo será pitoresco, mas faltará tristemente o toque de autenticidade que é patente até na pior fotografia do próprio viajante. No dia da visita dele, o céu pode ter estado nublado ou a chover, e os edifícios podem ter sofrido alterações várias desde a altura da fotografia do postal.

Assim, embora exista uma ligação geral entre a experiência do viajante e a fotografia do fotógrafo, o nosso viajante, ao regressar, saberá a diferença, mesmo que tente convencer-se de que o que viu coincide com a imagem do postal.

Do mesmo modo, as imagens convencionais de Deus distribuídas pelas várias religiões representam versões posadas, formais, embora pitorescas, generalizadas e estilizadas, destinadas àqueles que não confiam nas suas próprias capacidades em tais matérias. Servem de diretrizes úteis, representando as personificações da fonte da natureza tal como vislumbrada em certos «lugares espirituais, mentais ou psíquicos». Mas têm de permanecer gerais e produzidas em massa.

Além disso, porém, os «postais» religiosos convencionalizados foram tirados, por norma, muito antes da vida do nosso viajante e estão flagrantemente desatualizados face à sua própria experiência. Ao vê-los, hesita em comentar o sentimento de estranheza que o invade, sabendo intuitivamente que as imagens se vestem de um tecido espiritual há muito esfiapado, embora tenham sido retocadas, nas próprias fotografias, para parecerem em bom estado.

Assim, o nosso viajante acaba por começar a tirar os seus próprios instantâneos psíquicos ou fotografias espirituais, sabendo perfeitamente que é amador. Tem de aprender a operar a sua câmara visionária e a mantê-la pronta para aqueles momentos em que, de súbito, vislumbra esse poder extraordinário, por mais fugaz que seja. O seu álbum fotográfico privado poderá, portanto, ser de dimensão limitada, mas cada imagem representará a sua visão particular num dado momento, e as fotografias podem não ser semelhantes entre si, antes vastamente diferentes umas das outras.

Ao princípio, isto pode confundi-lo, pois, sem querer, poderá ainda estar a comparar as suas próprias fotografias com as mais padronizadas. As suas visões podem, então, não fazer sentido algum de início. A caminhar um dia, por exemplo, pode de repente sentir um turbilhão interior de energia extraordinária.

O céu toma um tom de luz que nunca notara. As vacas num prado próximo ficam dotadas de uma majestade placidez e de um poder antigo. Fica imóvel. As vacas parecem possuir uma sabedoria que nunca viu nem sequer no rosto de um padre ou de um monge. Essa sabedoria espalha-se como uma brisa de verão dos animais para si, penetrando-lhe invisivelmente a alma até que, por um momento, já não sabe se é ele quem observa as vacas ou as vacas quem o observa a ele. Sabe apenas que está a sentir intimidade com alguma força que move e forma vacas e homens, um espírito mais antigo do que os prados e tão novo quanto o momento da sua experiência.

Quarta-feira de manhã, 27 de julho de 1977

Ele tira um simples cenário.

A sua fotografia é inocente de representações convencionais. Não mostra estátuas nem igreja e não exibe qualquer sinal de que seja outra coisa que não a cena mais corriqueira. Os contemporâneos podem troçar se ele lhes contar a história da imagem: «Então Deus é uma vaca? Ou um rebanho de vacas? Blasfémia!» Ainda assim, teimosamente, o nosso viajante, o nosso fotógrafo amador, sabe que a sua fotografia é significativa, que insinua verdades que não se mostram em parte alguma na própria cena.

Ao longo da viagem, tira muitas dessas fotografias, cada uma significativa para si, cada uma diferente das outras, cada uma contendo algum elemento indescritível que parece tocar-lhe a alma, embora não apareça de facto em parte alguma nas próprias fotografias. Todavia, esses intangíveis espirituais acrescentam qualidade e profundidade incalculáveis às imagens, de modo que, sempre que o nosso amigo volta a olhá-las, enche-se da inspiração, pasmo ou assombro que sentiu originalmente quando as captou.

Pouco a pouco, essa aura de significância parece espalhar-se pelo próprio mundo físico. Em certa medida, cada cena de quinta ou rua da cidade, cada encontro quotidiano, fica imbuído de uma riqueza extra, de modo que os acontecimentos parecem ser o que são e, ainda assim, de algum modo, mais

do que são. O nosso amigo sente como se houvesse outro mundo a cintilar dentro e em redor do natural, invisível apenas porque não sabe o que procurar. Não é apenas fotógrafo amador; começa a suspeitar que é também um «verdor» amador. Para além da visão, pressente que o mundo natural se completa, ou é de algum modo mais inteiro do que a sua visão presente lhe permite apurar.

Quase sem dar por isso, o nosso viajante começa a mudar o foco da consciência, tentando espreitar essas outras dimensões pressentidas que envolvem o mundo. Mantém a câmara visionária sempre pronta. Aqui e ali, vive um acontecimento muito estranho: embora não veja no mundo natural nada que não visse dantes, sente um pormenor interior intangível entrar em foco juntamente com um natural. Uma folha, por exemplo, a pender de um ramo, parece possuir magnitude interior além da forma e cor; um rosto anónimo no elétrico cintila com uma presença que não se confunde com a expressão.

Em outra ocasião, está simplesmente de novo a caminhar pela estrada. Mas há uma diferença. Agora sente esse outro «eu» à sua frente ou à sua volta e, inconscientemente, tenta ajustar os seus passos a esses «passos gigantes» pressentidos. Não são passos gigantes, claro, mas assim lhe parecem.

Esses passos, sendo de algum modo os seus, que ele não compreende, ainda lhe parecem mais seguros do que os seus próprios, mais firmes e, ao mesmo tempo, mais leves, e ele começa a pensar que se movem com toda a coragem, sabedoria e conhecimento que sente dentro de si apenas raramente e que, ele próprio, parece incapaz de usar. Enquanto, ainda um tanto inconscientemente, caminha desta forma nas suas próprias passadas ampliadas, repara que o caminho é definitivamente mais fácil. Sente-se sincronizado consigo.

Percebe que é também «mais» do que julgava ser. Ao compreender isto de verdade, sucede algo mais e surge um movimento novo no mundo. Sente o mundo natural, com todo o seu esplendor e variedade, a vir sem cessar-à-existência a partir de uma super-natureza ou de uma Fonte Natural que lhe dá nascimento. E consegue pressentir, embora tenuemente, esse mesmo movimento em si: energia a precipitar-se para o seu ser, a inundá-lo como maré, de modo que a sua existência não se confina às bolhas de pensamento que lhe eram familiares, mas está repleta de profundidades e de um poder a rodopiar por baixo.

Essa energia toma a forma da natureza! Ao compreender isto, olha para as suas fotografias com um novo entusiasmo. O que vislumbrou ao captá-las foi essa força sobrenatural a assumir forma natural; a super-natureza a entrar em foco natural. Vê que, em cada ponto da sua vida, está presente no nascimento do universo. O início da estrada, a posição presente e o fim existem todos agora. Só o seu foco o impediu de o ver antes.

Embora o nosso viajante compreenda isto, por mais que se esforce apenas vê a estrada normal à sua frente, a estender-se para o futuro. Mesmo que se vire, avança para o futuro, apenas sem ver para onde vai. Por um tempo, volta a ficar frustrado. Todavia, todas estas questões absorvem-no de tal modo que ignora como triviais impedimentos que antes lhe teriam parecido momentosos, e repara, de vez em quando, que a sua visão natural se ampliou um pouco. Vê um nadinha mais longe do que os seus contemporâneos, e a visão periférica também abarca mais acontecimentos laterais do que dantes.

Isto acontece com tanta facilidade que o nosso amigo aceita a visão adicional como bastante natural, até que por acaso compara a sua perspetiva do mundo com a dos contemporâneos. Além disso, está tão habituado às mudanças que ocorreram dentro de si que se esquece da visão limitada de outrora, que os outros dão por adquirida tal como a ele próprio um dia lhe pareceu natural.

A esta altura, na verdade, os seus semelhantes podem começar a considerá-lo um espécime muito estranho, já que, pouco a pouco, deixou de seguir muitos dos dogmas convencionais da época. Esse processo também ocorreu de forma tão gradual que ele se interroga sobre como passou da dependência original de crenças sociais, religiosas e científicas ao pensamento presente, bastante independente. Lembra-se de ter prestado vassalagem verbal a muitas dessas convenções muito depois de nelas ter deixado de acreditar. Agora que se mantém resolutamente por conta própria, porém, surgem novos dilemas.

Por vezes, membros das comunidades científica e religiosa, igualmente, aproximam-se dele com deferência artificial, pedindo-lhe opiniões sobre uma variedade de assuntos. Os seus interlocutores trazem respostas prontas com as quais ele não pode concordar. Ainda assim, as respostas intuitivas soam infantis quando vertidas em termos racionais. Dá por si a dizer: «Sim, o tempo é, mas não é», ou «Somos cada um indivíduos para sempre, e, no

entanto, somos para sempre parte de um todo indefinível», ou «Não, claro que a minha fotografia da vaca não é uma fotografia de Deus e, ainda assim, noutros termos, claro que é». Os amigos eruditos abanam a cabeça ou cerram os punhos, consoante as naturezas, e ou o deixam completamente em paz ou atacam-no nas suas revistas. O cientista pode chamá-lo tolo. O sacerdote pode chamá-lo blasfemo.

O nosso amigo, se realmente encontrou a fé e se está realmente atento às visões da fé, consegue ignorar tais interlúdios quezilentos. É que a sua fé está aberta, ainda em formação, e ele sabe que é, acima de tudo, um caminho contínuo. Não precisa, portanto, de se defender. Se tiver juízo, não mostrará o álbum das suas fotografias visionárias a ninguém com o intento de provar seja o que for. Em vez disso, levará um bom almoço, pegará na câmara e seguirá o seu caminho.

EPÍLOGO

O *Diário Pós-Morte* pode ter descrito condições após a morte, mas a sua produção fez parte da minha vida. Foi escrito sob as circunstâncias variáveis do viver diário. Partes foram rabiscadas nos meus blocos de esboços; algumas passagens vieram enquanto eu lavava a loiça, via televisão ou tirava uma sesta. O livro anunciou-se a 25 de janeiro de 1977, título e tudo, e ficou concluído em julho, exceto pela dactilografia final. Durante grande parte desse tempo, a nossa casa esteve tudo menos silenciosa.

Decidimos vedar o alpendre da frente e acrescentar-me uma sala de escrita com o seu próprio alpendre. Os operários chegavam às 7 da manhã e trabalhavam até às 3h30. Eram um grupo excelente de homens, mas, enquanto eu estava a «apanhar o James», martelos retiniam por toda a parte. Os trabalhadores apareciam para beber refrescos. Caminhões, parecidos com monstros pré-históricos, vinham resfolegando estrada acima, a entregar vários materiais, do cimento ao isolamento.

Bastantes estranhos também encontraram caminho até casa. O Rob pintava de manhã e trabalhava nas suas notas para *A Realidade "Desconhecida",* de Seth. Eu andava a mudar a máquina de escrever para a parte da casa que estivesse mais sossegada. E, imperturbável, James continuava a discutir assuntos totalmente à parte desses eventos mundanos.

Eventos mundanos? Maravilhei-me com a competência física dos operários, o sentido de camaradagem, a descontração com ferramentas e medições. Ali estavam eles, no mundo, a bulício com os demais; e perguntar-se-iam eles que diabo estaríamos nós a fazer, às secretárias ou cavaletes, de manhã à noite? Aos poucos percebi quantas das nossas atitudes assentavam nas questões que James discute tão minuciosamente. Ensina-se-nos que é saudável ser extrovertido, focado no físico, competitivo, virado para o desporto, e que é doentio — quase antiamericano — ser introvertido, contemplativo, solitário. Cheguei até a perguntar-me quantos místicos de armário haveria; talvez superassem os alcoólicos de armário.

Não que não haja hoje tantos cultos como no tempo de James. Provavelmente há mais. Mas muitos desses grupos limitam-se a utilizar os princípios da evolução, só que aplicados à alma. A competição vai noutro sentido: a luta para ser mais espiritual e consciente do que o vizinho. Os crentes «seguem o líder» no esforço de serem superdesmaterializados, tal como os «Jones» seguem os seus pares na frenética coleção de televisores ou carros. Na tentativa de evitar trabalho sem sentido, muitas vezes esquece-se o valor do próprio trabalho.

Assim, enquanto toda a azáfama decorria, e James seguia a discutir a democracia americana e a alma, lembrei-me do meu próprio passado: escrever poesia às escondidas enquanto conduzia uma linha de montagem numa fábrica de rádios durante um ano; esconder-me no armazém, a compor odes e a tentar não me sentir culpada por o fazer em tempo da empresa.

Depois, páginas de poesia escritas enquanto fui redatora social de um jornal; e mais enquanto era separadora de stocks numa fábrica; e três romances de aprendizagem enquanto vendia de tudo, de cosméticos a máquinas de lavar, batendo de porta em porta. A minha formação universitária não ajudava muito a ganhar a vida, e, no entanto, recusei-me, então, a usá-la para conseguir qualquer espécie de emprego prestigiante. Recusei muitos: porque tinha medo de me apaixonar pelo pacote inteiro — o dinheiro, a competição, o estatuto — e de deixar de escrever.

Em jovem, o Rob fez bom e duro dinheiro a fazer banda desenhada; antes que a arte erudita «lhe virasse a cabeça». Depois pegou em todo o tipo de trabalhos de pintura de letreiros e de arte comercial medíocre para se safar,

de modo a ter tempo para pintar. Acabámos por decidir um bom compromisso: cada um de nós trabalhava em empregos a tempo parcial. Às vezes achávamos que éramos loucos, como quando recusei um lugar de chefe de publicidade feminina numa estação de rádio — depois de me dizerem para entrar na Igreja Episcopal, mudar o meu modo de vestir para algo mais digno e tornar-me membro de quase todas as organizações comunitárias que se possam nomear. Em vez disso, aceitei o trabalho de separadora de stocks; e nem sequer sabia o que era uma separadora de stocks.

O que tem tudo isto a ver com James? Muito. Os nossos senhorios, amigos e famílias acharam-nos, durante algum tempo, bastante estranhos. Pintar e escrever eram aceitáveis se trouxessem pão para casa, para que tu e os teus pais pudessem erguer a cabeça diante dos vizinhos. Sentíamos sempre que íamos, de algum modo, contra a corrente; e ir com a corrente significava seguir todas as ideias de que James fala com tanta eloquência — seguir Darwin e Freud à risca.

Até Afterdeath Journal, porém, eu não via realmente a ligação entre tais atitudes culturais e as nossas próprias vidas. Não me dava conta do quanto tínhamos interiorizado essas teorias que julgávamos ter deixado para trás. Seguramente isto aplica-se a muitos dos meus leitores.

Alguns, como eu, foram criados numa religião que abandonámos quando «os olhos se abriram» para as falácias e simples injustiças que ela implicava. Outros, como eu, olharam com «olhos abertos, inteligentes, modernos» para a ciência, que se tornou, em lugar da religião, a nova esperança — para descobrir, claro, que a ciência também era falível. Não sei o que esperávamos ou por que motivo pensávamos que qualquer agência humana poderia ser infalível. Ainda assim, insisto que a nossa falibilidade não significa que sejamos criaturas defeituosas.

Aliás, não tenho queixas profundas. Este país, quaisquer que sejam as suas doenças científicas ou religiosas, continua a fornecer um quadro em que pessoas de intenções e capacidades inteiramente diferentes podem sobreviver. Mas as pessoas não sobrevivem apenas suprindo as necessidades práticas do corpo. Sobrevivem realmente por entusiasmo, desejo, amor — e fé. Mas fé em quê? Foi a essa questão que James se dirigiu de modos que, por vezes, me tiraram o fôlego.

Nas suas descrições da presença atmosférica e da luz conhecedora, encontrei uma imagem de Deus que «pegou»; que se manteve e fez sentido; um Deus muito mais miraculoso do que o Deus masculino dos antigos, um Deus suficientemente grande para conter todos os mundos que podemos conhecer ou imaginar. Assim, a fé torna-se uma herança biológica, substituindo uma Terra maculada ou um mundo acidental por um universo bem-intencionado, e ainda com um Deus ao nosso alcance, parte da nossa própria estrutura.

Essas ideias opõem-se diretamente ao que tem sido a corrente dominante do pensamento americano, porque, logo após o tempo de James, a psicologia freudiana, o darwinismo e o protestantismo «encaixaram» uns nos outros. Não que algumas religiões não tenham protestado contra o dogma da evolução — pelos motivos errados —, mas, por toda a América, o protestantismo organizado acompanhou. A «norma» da psicologia calhava coincidir com o macho branco protestante, que se tornou o modelo darwinista do mais apto. Outras nacionalidades, mulheres, artistas, homossexuais, lésbicas e quem quer que não tivesse a cor «certa» sentiram demasiado bem o mau cair psicológico e social.

Mas todos sofremos, e todos caímos nisso, e, nesse grau, todos contribuímos. É fácil dizer que agora estamos atentos a tais questões, mas o facto é que todo o nosso mundo ocidental é moldado segundo essas teorias que negam efetivamente o heróico na espécie e desconfiam da grandeza. É possível que o homem possa não querer sobreviver num universo acidental, sem significado, em que todos os seus valores psicológicos parecem redundar em nada.

Enquanto este livro era produzido, por exemplo, os meus próprios humores seguiram o fluxo e refluxo habituais, e comecei a perceber que muitos dos meus «baixos» estavam ligados, de um modo ou de outro, a conceitos freudianos ou darwinistas que ainda persistiam e afetavam o meu comportamento.

E irritava-me o uso automático que James fazia de «homem» para designar a personalidade humana, embora o seu conceito de Deus evitasse tais preconceitos. Ainda assim, quando, em resultado do manuscrito de James, tive uma visão pessoal de uma Deusa Mãe (em vez de um Deus, significando masculino), fiquei algo surpreendida. As nossas crenças preconceituosas tornam-se quase invisíveis, embora o seu conteúdo

fantasmático esteja presente até nas nossas línguas — por defeito. Não apenas muitas vezes queremos que Deus seja um super-humano (em vez de, claro, um superanimal ou — ha! — um supermacaco), como o sexo e a cor também têm de ser os «certos».

A minha visão ocorreu ao fim do dia. Tinha acabado o Capítulo 13. Os operários tinham ido embora. Eu não conseguira usar o pequeno quarto nas traseiras durante o dia porque ficava mesmo ao lado da construção; por isso, com tudo silencioso, fui para lá, para a minha secretária. Era o lusco-fusco; tinha o meu café e os meus cigarros do costume e ouvia o Rob a datilografar no estúdio. A fé biológica de James intrigava-me. Quis vivenciá-la eu mesma, à minha maneira. Isso, ou a presença atmosférica, disse mentalmente.

Então, pela janela, vi uma luz, distante no céu da tarde. Estava virada para mim, como um projetor. Tinha os olhos abertos, mas percebi que a luz era uma visão mental; que o Rob não a veria se entrasse na sala — nem ninguém, aliás. A luz percorreu-me o corpo e, depois, mentalmente, subi através dela, até à origem. Aí a luz era uma flor cintilante e eu surgia das pétalas como um bebé.

Não me lembro, de facto, de ter sido primeiro pegada por alguém, mas, de repente, estava a ser segurada, bebé, nos braços de uma mulher. Ela não parecia particularmente jovem segundo as nossas ideias de juventude, mas o rosto era liso e sem rugas: nunca o vi com nitidez; e a cabeça estava coberta por um véu, de modo que não lhe vi o cabelo. Era real e irreal, porque a cabeça erguia-se longe no espaço e a figura estendia-se para baixo através da Terra, as pregas da sua túnica tornando-se os continentes, oceanos e outras feições do nosso planeta. Senti-me como o bebé nos seus braços, enquanto, da minha cadeira, via a visão como um cortejo no céu distante. Do meu ponto de vista terrestre, a figura da mulher tornou-se transparente, sobreposta à paisagem.

O meu sentido do tempo estava distorcido porque parecia haver um período bastante longo em que a mulher alternava entre pegar em mim, bebé, segurar-me, depois pousar-me suavemente e voltar a pegar-me, como que para mostrar que eu não estava a ser abandonada. Então ouvi a mulher falar-me mentalmente, dizendo: «Se precisares de mim, eu estarei lá.» Tudo desapareceu. Abri os olhos, apercebendo-me pela primeira vez de que, na verdade, os tinha fechado.

Acabou depressa demais. Havia tantas coisas que eu poderia ter perguntado, pensei. Depressa anotei o que acontecera e depois disse mentalmente: «Bem, se falas mesmo a sério, preciso de ti agora.» Instantaneamente a mulher surgiu de novo, cintilante no céu noturno, muito para além e acima do horizonte. Disse mentalmente: «Sou a tua mãe-pai ou pai-mãe, o teu progenitor divino, o progenitor do teu ser, sempre presente.» Com estas palavras, foi-me mostrado um conjunto de imagens luminosas que eu via da cadeira e nas quais também participava. Isto é, vi-me como uma criança pequena a partir do meu ponto de vista na cadeira, e também percebi os acontecimentos enquanto criança.

A mulher pousou-me. À nossa volta havia grupos de estrelas. Indicou-me que corresse e brincasse, que explorasse as estrelas, tal como uma mãe poderia dizer a uma criança para brincar num campo de flores. Tenho aqui uma falha de memória, retendo apenas sensações de liberdade, descontração e expectativa. Lembro-me de ter pensado que as suas instruções deviam ser simbólicas e, enquanto me sentava na cadeira, um ligeiro irritação atravessou-me: o que é que ela me estava a pedir para fazer? Mentalmente disse algo no sentido de que não era assim tão fácil. Eu tinha chatices como toda a gente.

Instantaneamente, as imagens mudaram enquanto ela dizia: «Quaisquer problemas que tenhas são apenas dores de crescimento. Tiveste apenas um dia mau e apanhaste uns arranhões. Vai ficar tudo bem.» Os seus tons eram de tal forma reconfortantes que, por um lado, me apetecia chorar; mas também pensei: «Ela está a tratar-me como se eu fosse uma criança pequena, que chega a casa em lágrimas para ser consolada pelos adultos.» Perturbada, comecei a dizer: «Agora vê—»

Instantaneamente, no céu, vi-me a várias idades: a aprender a andar, a cair e a levantar-me de novo, a patinar, a saltar à corda. Houve outras imagens que esqueci, todas mostrando vários processos de aprendizagem que eu dominara. De novo tive a sensação de que tudo aquilo envolvia profundidades de tempo, que decorrera durante séculos — enquanto eu me sentava na cadeira. Seguiram-se outros episódios, que esqueci quase de imediato. Saí da minha falha de memória para me encontrar a caminhar de mãos dadas com a mulher pelo espaço. Ela sorriu e disse: «Vês? Até o céu sustém.» A sensação mais deliciosa de segurança e proteção encheu a minha consciência, bem como o conhecimento de que a mulher

representava de facto a minha versão da atmosfera amorosa na qual eu, pessoalmente, tinha o meu ser e que formava a minha vida e carne.

Essa sensação de segurança durou intensamente talvez durante um mês e agora perdura, embora muitas vezes me esqueça dela. Escrevi toda a experiência, lembrando-me da comparação de James entre os atributos da presença atmosférica e os de uma mãe cuidadosa, e compreendi a mecânica interior da visão. Era a minha visão, a minha imagem ou instantâneo da fonte da natureza, tal como o viajante de James, no seu último ensaio, tem a sua visão pessoal. Era também uma visão de mulher, e perguntei-me quantas mulheres estruturaram a sua experiência mística segundo o conceito masculino de Deus. Lembrei-me também de que, masculino ou feminino, animal ou humano, vegetal ou mineral — cada um encontrará o seu reflexo nessa fonte maior de onde a natureza dimana.

Lembro-me de outra coisa. Por uns momentos, na minha visão, eu colhia estrelas com a mesma facilidade com que uma criança colhe flores, tão à vontade num campo celeste como alguma vez estive num campo físico. Pensei: simbólico, claro. Mas suponhamos que as estrelas são flores noutra realidade, vivas apenas uma estação, enquanto, do nosso ponto de vista, nos parecem características relativamente permanentes dos céus? Pensamento idiota? Não mais idiota do que imaginar que todo o universo — tu e eu e todos os nossos antepassados, animais, oceanos e montanhas — foi produzido por algum processo acidental em que as emoções e o sentimento são rebentos de reações químicas.

Em qualquer caso, a minha visão levou-me de volta ao manuscrito de James, e compreendi realmente as implicações de algumas passagens que antes tinha simplesmente passado por alto. Estas questões são vitais: Deus estar na natureza e, ao mesmo tempo, à parte dela; a super-natureza ser uma fonte de experiência extra e salvadora e, portanto, uma fonte de transformações talvez quase impossíveis de outro modo; a super-natureza atuar sobre ou através da natureza, alterando as regras ou ajustando a natureza quando, através das nossas próprias crenças, cometemos erros. Compreendi de facto a afirmação de James de que a presença atmosférica dá novos entendimentos, energia, ou o que quer que seja necessário. James esmiúça tudo isto, mas é preciso uma segunda leitura. James está na realidade a dizer que, como a presença atmosférica não se intromete, temos de pedir, de declarar as nossas necessidades ou intenções e elas serão

atendidas, porque a super-natureza ou a presença atmosférica (ou o universo) é responsiva e quer ativamente dar apoio. Isto está a anos-luz da nossa crença habitual de que a vida tem de ser dente e garra.

Agora compreendo a insistência de James em que a fé promove ação e é transformadora; que a confiança na boa intenção do nosso próprio ser pode produzir entendimentos vitais que nos salvam das nossas crenças negativas — entendimentos que podem emergir no estado de sonho ou em qualquer outro estado de consciência. No entanto, para muitos de nós, a fé é difícil de alcançar.

Como James, em vida, temos medo de ser o «tolo da fé». Ensinámos a nós próprios a questionar constantemente, determinados a não voltar a ser desviados. E, como James no seu tempo, vemos à nossa volta pessoas que professam praticamente todas as fés concebíveis: crença na razão à custa do sentimento, ou no sentimento à custa da razão; crença no corpo mas não na alma, ou vice-versa.

Sempre mantive o que considero um ceticismo saudável em relação aos meus próprios produtos intuitivos e psíquicos. Por isso, embora me identificasse, vezes sem conta ao longo do manuscrito, com os sentimentos de James, pensando «Sim, James, sim!» e acompanhando o ímpeto da sua visão, também me perguntava: «Agora, será este o James? O verdadeiro James? Ou será, como Seth diz, a combinação da minha consciência com uma consciência-James. Ou—»

O tolo da fé. Qualquer coisa menos isso, bradamos. Durante os meses envolvidos com o manuscrito, tive de tirar tempo para rever provas de A Visão do Mundo de Paul Cézanne e do Volume 1 de A realidade "Desconhecida", do Seth. Seth terminou a ditar *A Natureza da Psique* em abril de 1977 e imediatamente começou outro livro. Todos esses livros emergiram da realidade desconhecida, claro.

Apesar de todas as minhas perplexidades e interrogações, eles dão testemunho da minha fé na boa intenção última das nossas naturezas, do meu sentimento de que a consciência individual tem acesso a conhecimentos e fontes que ultrapassam em muito qualquer coisa disponível segundo as teorias freudianas ou darwinistas; e testemunham a minha convicção de que, apesar da nossa falibilidade, não somos criaturas defeituosas.

«Não somos criaturas defeituosas?» Como posso escrever isso, com a evidência das nossas imperfeições à nossa volta? Com a religião a gritar que estamos manchados pelo pecado original e a ciência a insistir que a nossa própria existência é destituída de significado? Só posso responder que alguma parte de mim sabe; alguma parte de cada um de nós, nos nossos momentos privados, salta acima da aparente evidência para um reino de conhecimento em que o homem é abençoado e em que as suas boas intenções superam a sua ignorância.

James diz que as nossas consciências privadas são contínuas com a fonte da natureza. Numa noite de junho, quando este manuscrito estava quase concluído, sentei-me no meu estúdio e dirigi-me mentalmente ao «progenitor do meu ser», perguntando acerca do meu trabalho com Seth, porque me impressionavam as diferenças de perspetiva entre o ponto de vista de James e o ainda mais abrangente de Seth. Quase imediatamente recebi a passagem seguinte:

«Alguns [indivíduos] dão fala aos antigos sussurros da Natureza. Há uma comunicação constante e multitudinária entre todas as células, as dos homens e mulheres, as que se erguem nos animais e plantas e em todas as coisas do vosso mundo; sussurros eternos mas vivos de conhecimento, amor e desejo — os murmúrios interiores da mente e do corpo da Natureza tornados vivos. Estes, por vosso intermédio e de acordo com a vossa essência, recebem voz; distintos, refletidos e amplificados pela ordem do vosso próprio ser, traduzidos pelo vosso viver em termos que podeis compreender.

«Mas mais do que uma voz, uma personalidade monta os ecos da natureza. A sabedoria das próprias células forma uma entidade tocada mas intocada pelo tempo; uma mente conhecedora que é o espírito da compreensão, fundida mas separada: é a parte de vós que sai do trilho do vosso ser presente, para fora, ruidosamente e com confiança, em direção à arena da eternidade.

«Pode uma árvore impedir as suas próprias folhas de sussurrar ao vento? As suas próprias folhas de crescer? Negará abrigo aos esquilos? Seth é o espírito da árvore do vosso ser, raízes e copas alcançando através do passado e do presente. A sua personalidade representa a plenitude da vossa alma tal como vem antes e depois do tempo que conheceis.

«Os frutos da vossa árvore são alfabetos, mais naturais do que maçãs ou peras. Seth representa o Si para o qual cada pessoa procura, a sabedoria que está em cada um, e as suas palavras despertam em cada pessoa a voz ecoante da Alma Mundo na qual Terra e espírito se contrabalançam.»

Se assim for, então cada um de nós pode, em certa medida, seguir os filamentos da própria consciência para fora (ou para dentro), para aquelas realidades psicológicas e plenamente válidas vislumbradas por James nos capítulos finais deste livro. A experiência de cada pessoa variará, mas, de uma maneira ou de outra, cada indivíduo pode pressentir essa abertura da consciência para outras realidades; essa interseção do eu conhecido com a sua fonte.